Serafim Leite S. I.

NOVAS CARTAS JESUÍTICAS

(De Nóbrega a Vieira)

Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 194

Biblioteca Pedagogica Brasileira

"BRASILIANA"

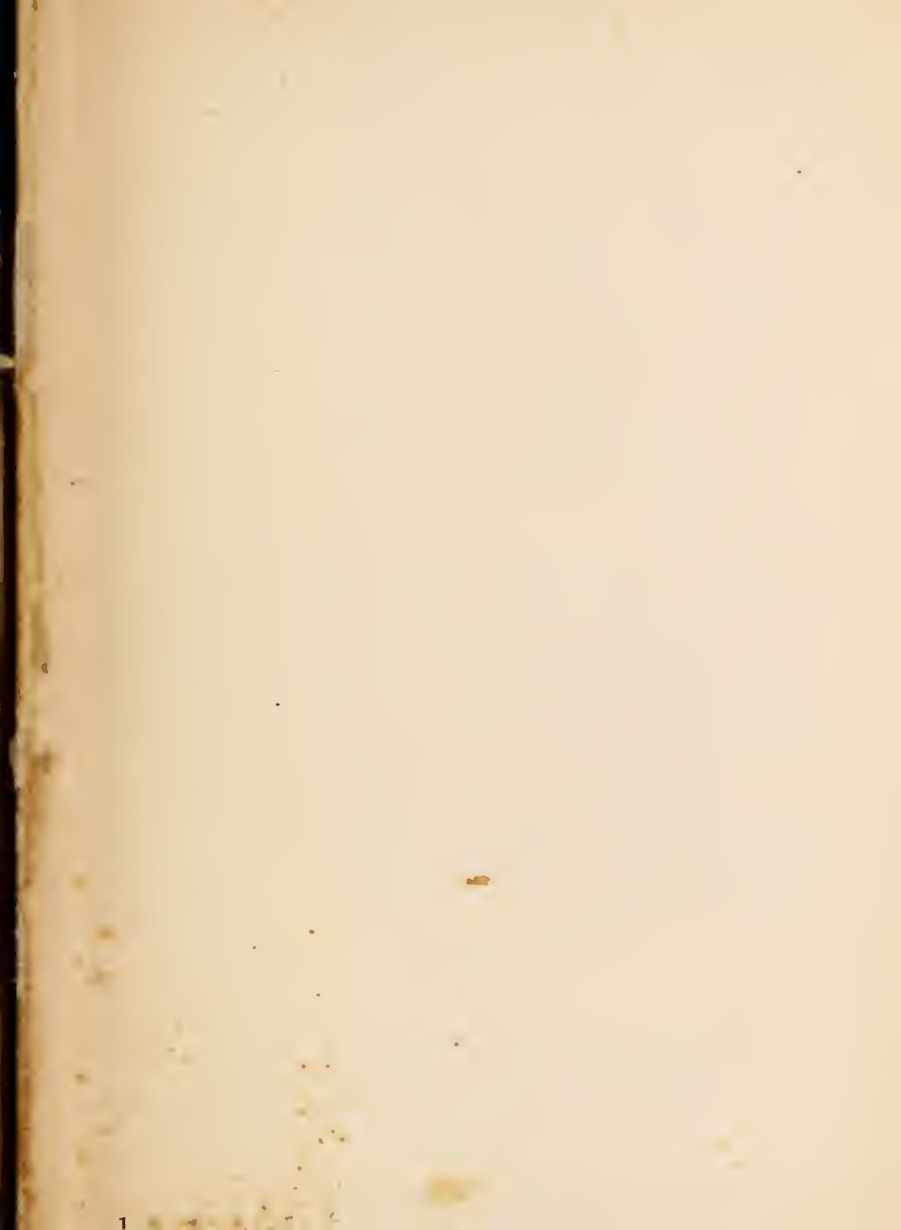
5.ª Série da

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

A 5.ª serie, que figura na B. P. B. com o titulo de "Brasiliana", é a mais vasta e completa coleção e sistematização, que se tentou, até hoje, de estudos brasileiros. Esta serie compõe-se de ensaios sobre a formação historica e social do Brasil; de estudos de figuras nacionais e de problemas brasileiros (históricos, geográficos, etnológicos, políticos, econômicos, etc.); de reedições de obras raras e de notorio interesse e de traduções de obras estrangeiras sôbre assuntos brasileiros.

Todos os que se dedicavam a estudos sôbre o Brasil eram unânimes em reconhecer as grandes dificuldades criadas, para as suas investigações pela raridade de obras de informações e de consultas, muitas já esgotadas, outras por traduzir, quasi tôdas dispersas. A C. E. N. propôs-se a coligir estas obras, reeditá-las ou traduzí-las e a promover e estimular a produção dêste gênero, reunindo, em uma série, não só os livros clássicos e os novos trabalhos sobre o Brasil e seus problemas, como todo o material de valor documentário. A aceitação pública que granjeou desde logo a "Brasiliana" veio provar a utilidade e o alcance desta iniciativa de coordenação e de sistematização de estudos e de pesquisas sôbre assuntos e problemas nacionais, encarados sob todos os seus aspectos.

Mais de 190 volumes publicados; perto de 30 programados.

EDIÇÕES DA
Companhia Editora Nacional
SÃO PAULO

BRASILIANA

QUINTA SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

Volumes publicados:

ENSAIOS

1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição
6 — Batista Pereira: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.
26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas.**
41 — José-Maria Belo: **A inteligência do Brasil** — 3.ª edição.
43 — A. Saboia Lima: **Alberto Tôrres e sua obra.**
56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
70 — Afonso Arinos de Melo Franco: **Conceito de Civilização Brasileira.**
82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil Visto Pelos Ingleses.**
105 — A. C. Tavares Bastos: **A Província** — 2.ª edição.
116 — Agenor Augusto de Miranda: **Estudos Piauienses** — Edição ilustrada.
150 — Roy Nash: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.
151 — A. C. Tavares Bastos: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
190 — E. Roquette-Pinto: **Ensaios Brasilianos** — Edição Ilustrada.

FILOLOGIA

25 — Mário Marroquim: **A língua do Nordeste.**
46 — Renato Mendonça: **A influência africana no português do Brasil** — Ed. ilustrada.
164 — Bernardino José de Sousa: **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** — 4.ª edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".
178 — Artur Neiva — **Estudos da Língua Nacional.**
179 — Edgard Sanches: **Língua Brasileira** — 1.º Tomo.

FOLCLORE

57 — Flausino Rodrigues Vale: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro.**
103 — Sousa Carneiro: **Mitos Africanos no Brasil** — Edição ilustrada.

CARTAS

12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.
38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — 2.ª edição. Vol. ilustrado.
61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
109 — Georges Raeders: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).
142 — Francisco Venâncio Filho: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.
194 — Serafim Leite, S. I. — **Novas Cartas Jesuíticas** — (De Nobrêga a Vieira).

*

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catalogo completo das obras da "Brasiliana", em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

Novas Cartas Jesuíticas

(De Nóbrega a Vieira)

Serie 5.ª ★ B R A S I L I A N A ★ *Vol. 194*
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERAFIM LEITE S. I.
Da Academia Brasileira de Letras.
Da Academia Portuguesa de História.

NOVAS CARTAS JESUÍTICAS

(De Nóbrega a Vieira)

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio — Recife — Pôrto Alegre
1940

PREFÁCIO

QUANDO se empreende a fábrica de um monumento como esta "História da Companhia de Jesus no Brasil", cujos dois primeiros majestosos tomos já apareceram, e antes dos outros quatro que virão, a seu tempo, sempre, na oficina, ao artista, se depararão fragmentos de obra prima, canto de pedra, mármore sem emprego, bronze sem colocar, figura já esculpida, troço de coluna, volutas ou métopes, que, desaproveitados embora, têm seu preço de prestigio e admiração... Tal este livro.

Dos seus documentos, que não instruem as páginas do seu livro mestre, reuniu o Dr. Serafim Leite S. I. estes que são entretanto dos maiores, pois que são cartas inéditas de Jesuitas e que têm, por si sós, valimento, para um livro. E' este. Vêm elas de Nóbrega a Vieira, do primeiro estadista-missionário ao primeiro artista-escritor do Brasil... Não é preciso dizer mais.

*

Os estudos jesuíticos no Brasil começados faz muito tempo, e fragmentariamente, tiveram a primeira fase, que se poderia chamar a de Capistrano de Abreu e seus continuadores. Com efeito, êle puxou a fieira com as "Informações", de Anchieta. Depois, vieram as "Cartas" de Nobrega, reunidas por Valle Cabral,

que tambem publicou as "Cartas Avulsas", de vinte e tal Missionarios, as quais, esperando anotações, foram consumidas por incendio da Imprensa Nacional. Teixeira de Mello ia publicar as "Cartas" de Anchieta, algumas saidas nos "Anais da Biblioteca", mas o livro não veiu. As publicações da Academia Brasileira acorreram, décadas depois. Tornaram a sair as de Nóbrega, com prefácio e novas notas de Rodolfo Garcia. Um milagre fez encontrar folhas das "Cartas Avulsas" e nova impressão se fez delas, agora preservadas na sua conservação. O volume de Anchieta preparado, em vez de treze, conseguidos vinte e oito documentos, couberam as anotações ao malogrado Alcantara Machado, de tanta bênção. Agora, ultimo tempo dêsse periodo, "Novas Cartas Jesuiticas" de Nóbrega a Vieira, que nos dá o Pe. Serafim Leite por êle achadas e transcritas dos Arquivos da Companhia, que sua benemerita "Historia" já anotou, em sua maioria, tornando desnecessario tal aparato critico.

*

Não é tudo. Agora será o mais. Numa edição próxima, que prevejo, êsses quatro volumes desmanchados, e não mais a obra individual de cada Padre, seja êle o principe Nóbrega, o heroico Navarro, o ubícuo Leonardo Nunes, o incansavel Luís da Gran, o sábio Blásquez, o extrênuo Antonio Rodrigues, o santo Anchieta... senão todos, impessoais, informativos, edificantes, fazendo historia sem o saber, dispostos cronologicamente, numa sequencia de memórias, história do Brasil, dos primeiros tempos da conquista espiritual, pelos Padres Jesuitas que a fizeram... Porque não será o mesmo Dr. Serafim Leite, o último desses Jesuitas de outróra,

no tempo de hoje, o que os evoca na sua monumental "Historia da Companhia", o que nos dará a procissão de todos, numa outra "Historia do Brasil" pelos Padres da Companhia? Será a segunda fase das Cartas de Jesuitas.

*

A terceira esperará alguns anos. O monumento da "Historia da Companhia de Jesus no Brasil" se concluirá, na mesma maravilha, em mais um lustro... Os quatro volumes, delineados, estudados, todas as pesquisas feitas, demandam apenas esforço e saude para se realizarem na escrita definitiva... Quando o Pe. Serafim Leite puser por fêcho de sua obra, na testeira do fundo da ábside, as quatro letras do principio A. M. D. G., não o deixaremos descançar... Retomará o corpo das "Cartas", como estão, e pesquisará nos Arquivos os originais e as copias fidedignas, corrigirá aqui, emendará adiante, acrescentará acolá, e, expurgado, um "Corpus", *um texto certo, exacto, puro, teremos a terceira fase das "Cartas", na sequencia do tempo uma "Historia do Brasil", pelos seus Autores... tal como êles a fizeram, sem cuidar que a faziam, milagre de amor e de ciencia, vindo de antes de Capistrano de Abreu, até êsse abençoado e predestinado Dr. Serafim Leite, que chegou, milagrosamente, para cumprir a maravilha...*

*

O que anuncio se ha de realizar... Diz-m'o o amor ao Brasil e aos Jesuitas. Que demore uns anos: esperaremos! Hoje é um dos trechos do caminho. Um terço da emprêsa, agora, se conclue. Que a maravilha

de conjunto não nos privc de gozar, entretanto, esta recolta dc cartas incditas, quc nos dizem tanto, a seu modo um livro que resume os tres anteriores, porque são cartas dos mesmos padres do Primeiro Seculo e, a mais, de Vieira, o Padre-mór de todos os séculos... Isto escusa qualqucr palavra dc preconicio.

Estou aqui apenas para dizer ao Dr. Serafim Leite S. I.: Bem haja pclo bem quc já nos fez... Pelo que nos fará ainda, concluindo o monumcnto dc sua "Historia", emprecndido e comcçado. Pclo que agora mesmo faz, com reliquias (sim, reliquias, nos dois sentidos: material e etimologico, espiritual e piedoso) de sua oficina, êstc bclo livro. Pelo que hade fazer com a edição prévia e conjunta das "Cartas Jesuiticas" e com a edição dcfinitiva dessas certidões de batismo do Brasil. Amen.

AFRANIO PEIXOTO

INTRODUÇÃO

Quem tiver lido a *História da Companhia de Jesus no Brasil,* no século XVI, e compulsar as cartas inéditas, referentes ao mesmo período, que publicamos hoje, encontrará ainda novidades, porque o âmbito das cartas ultrapassa a história de uma Instituição, por importante que seja. A homogeneidade e fidelidade ao assunto exige coordenação. Sucede isto até no caso, como o nosso, em que utilizamos referências que se estranhariam na história da Companhia nos países europeus, como de-facto estranhou o notável hispanista francês Robert Ricard. Explica-se. O aparecimento da Companhia de Jesus na Europa é um episódio, relevante sem dúvida, mas enfim episódio, da civilização cristã, já feita; o estabelecimento dos Jesuitas no Brasil coincide com a propria formação da nacionalidade. Aqui está a diferença. O que na Europa se menosprezaria por minudência material, topográfica, económica, semelhante a muitas outras, assume no Brasil proporções de origem. E tudo são sugestões da vida que começa...

O presente volume consta de três secções: *Cartas de Nóbrega, Cartas Avulsas, Cartas de Vieira.* As notas são diminutas nas duas primeiras secções, mais nutridas na terceira. O comentário natural daquelas está nos dois tomos publicados da *História;* as cartas de

Vieira, tratando de matéria ainda pouco estudada, requeriam notas mais amplas, janelas abertas para os assuntos novos. Empenhados na coordenação, interpretação e redação destes assuntos do século XVII, para a continuação da história geral, o compasso de espera, que representa a preparação e publicação destes documentos, não podia ser longo. Recorremos naturalmente a amanuenses, no trabalho material das cópias. Conferimo-las, não quanto à ortografia, mas com a preocupação da fidelidade à morfologia e ao texto. Quem nos garante ainda assim, que se não tenha dissimulado, na leitura ou transcrição de tantos inéditos, alguma inadvertencia? Contingencias da arte, que só poderão surpreender quem de-todo a ignore. Parte das cartas de Nóbrega, Luiz da Grã e outros encontram-se pelos Arquivos em castelhano. Escreveram-se originariamente, quando o autor a sabia, ou verteram-se nessa lingua, para mais facil compreensão dos Padres Gerais hespanhois, os três primeiros. Traduzimo-las ou retraduzimo-las. Para um publico de lingua portuguesa não fazia sentido aparecerem em lingua estranha.

Perguntar-se-á porque incluimos aqui também as cartas de Vieira. Por dois motivos. Porque António Vieira tem para o norte do Brasil, de formação tardia, só no século XVII, papel idêntico ao dos primeiros Jesuitas no centro e no sul. Quisemos conglobar na mesma obra documentos aparentados no espirito e no objectivo: defesa dos Indios e crítica de costumes. Manuel da Nóbrega e António Vieira são, efectivamente, os mais altos representantes, no Brasil, do criticismo colonial. Viam justo — e clamavam! E ainda quando o zêlo lhes

ampliava a visão, o próprio encarecimento era profícuo, em geral, para contrabalançar abusos.

Outro motivo, este todo circunstancial do tempo, nos leva à impressão agora das suas cartas. E' o terceiro centenario da Restauração de Portugal, que o apanhou a ele na Baía, indo logo para Lisboa. Recordamos assim, de maneira concreta, útil e nova, o nome de quem tanto fez para consolidar essa Restauração. Avultava tanto a sua actividade, que envolveram com o seu nome o de toda a Companhia, coisa inverossímil, porque teriam entrado os Jesuitas de Castela como parte no todo... O facto é que se guarda em Roma um documento com este titulo singular, homenagem, quanto mais não seja, ao lealismo de Vieira: *Arbitrios que el P. Antonio Vieira y toda la Compañia dieron al Duque de Bergança por haverse de conservar en el Reyno de Portugal* (Barberini, Cat. 42, XLIII, 106, ff. 220-238).

Como Vieira, Nóbrega era Português. Estas cartas, excepto uma, são todas de Portugueses. Não excluimos a dos meninos da Baía, portuguesa também pelo menos na inspiração; e sobre os Indios do Brasil versam todas.

Na época decisiva da formação das nações, os germes de civilização são como a vida: deixam herança. Os dois polos onde gira a nacionalidade brasileira são Indios e Portugueses. Outros elementos se lhes vieram conglutinar depois, em proporção maior ou menor, quer europeus, quer africanos, esta ultima contribuição valiosa com certeza, não tanto como se exagera modernamente. Aqueles, porém, tendo por si o tempo e o número, constituem a massa substancial da nação brasileira.

Isto quer dizer o seguinte: que estas cartas pertencem pela origem e pelo assunto, em pleno, à história do Brasil. Pertencem pela origem, porque são daqueles Portugueses que fizeram essa história; pertencem pelo assunto, porque "o primeiro tópico de que havemos de tratar na história do Brasil é o dos Indios". A advertencia é de Gonçalves Dias *(Obras Posthumas,* Maranhão, 1868, 206).

As cartas tratam dos Indios, dos seus interesses temporais e espirituais, mas sobretudo do que eles têm de mais essencial, que é a alma e do seu atributo humano mais nobre, que é a liberdade. Nóbrega defendeu-a desde o primeiro dia. Vieira ainda aos 87 anos propugnava por ela. Ardentes, lógicos, defendem-na contra tudo e contra todos. Até contra os seus próprios Irmãos em religião, um Caxa, um Gorzoni, como se verá destas páginas, no Brasil; e na Europa contra outros mestres de gabinete, sem contacto nem conhecimento directo dos Indios.

Nóbrega e Vieira eram Jesuitas Portugueses e não é licito separar estas duas noções. Jesuitas, dedicavamse a uma grande causa, a maior, que é a glória de Deus; Portugueses, possuiam as caracteristicas da sua raça e resgataram por si sós a falta de muitos outros. Mas nisto desfaçamos um equivoco, evidente, e que no entanto corre ou se faz correr. A escravatura dos Indios do Brasil começou cedo, não se operou porém em grande escala, com os primeiros povoadores, oriundos de Portugal; é obra dos fins do século XVI e sobretudo do século XVII, no periodo que se convencionou intitular *ciclo da caça ao Indio.* Quem fêz esta caça? Os Portugueses, de Portugal? Os já nascidos no Brasil, em particular os Paulistas?

Dá-se, como consequencia deste ciclo, o alargamento das fronteiras do Brasil. A história do norte não o confirma. Concedamo-lo contudo para algumas regiões.

A caça ao Indio, ainda que tenha a sua explicação social e económica, é um facto detestavel; a expansão territorial um titulo de glória. Sendo as personagens as mesmas, os dois factos imbrincam-se. E temos que, se para alargar as fronteiras do Brasil esses homens se dizem Paulistas ou Brasileiros, só para escravizar os Indios se hão-de chamar Portugueses? Reciprocamente, se para escravizar os Indios se chamam Portugueses, só para engrandecer o Brasil se hão-de chamar Brasileiros? Quem nos dera a nós que, no nosso passado comum, houvesse apenas motivos de glória! Ha-os de sobejo, felizmente. O que não pode haver é subtileza dialectica que dê um corte absurdo no que é indivisivel.

Houve por bem o Dr. Afrânio Peixoto apresentar este livro ao Brasil. Homenagem implicita nossa ao grande escritor, a cuja diligência, operosidade e direcção se devem os três volumes das *Cartas Jesuiticas*, editadas pela Academia Brasileira de Letras. Este quarto, de inéditos, porque não havia de ter a honra de passar também por suas mãos?

Na sua insuperável elegância de sábio e de amigo, Afrânio Peixoto desejaria contar connosco para a eternidade... Se lhe não correspondermos não será deficiencia da vontade, senão crueldade do tempo: A *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, nos séculos XVII e XVIII, que falta ainda escrever, é de tal magnitude, — insuspeitada — que talvez nos não baste a vida...

A publicação das cartas e mais documentos jesuiticos do Brasil não pode ser empresa de um só, nem de poucos.

As cartas, essas, ainda se publicarão, ao menos as principais, feito o cotejo original, na *Monumenta Historica Societatis Iesu,* secção brasílica. (E que trabalho não se nos teria forrado, se estivesse já feito!...) Mas a publicação das cartas e mais documentos, em conjunto: crónicas, tratados, vocabulários, gramáticas, catecismos, sermões, poemas; livros ascéticos, misticos ou pedagógicos; questões teológicas, morais, filosóficas e juridicas; biografias, informações, catálogos, mapas, roteiros, etc. — que lista sugestiva e imponente! — a publicação de todos estes escritos dos Jesuitas do Brasil, insistimos no que dissemos na Introdução à História da Companhia: tem que se fazer, um dia, em grande, — e no Brasil, para honra sua. Um dia... Porque, por intenso que tenha sido o progresso em vários sectores das Ciencias e das Letras, o Brasil, possuindo homens de cultura sólida, competentes e capazes, não possue ainda hoje, dotada dos indispensaveis apetrechos cientificos e económicos, nenhuma Instituição, Fundação ou Universidade capaz de realizar tal obra, com espirito de sequencia, homogeneidade e responsabilidade, dentro dos moldes rigorosos e longânimes da diplomatística moderna. E no entanto urge...

Quando virá o dia em que se incorporem num todo, sistemáticamente, os escritos jesuiticos de valor (e quasi todos têm algum, segundo o aspecto que se tome), desde a primeira carta de Nóbrega até à última da perseguição pombalina, passando pelas figuras fundamentais de Anchieta, Luiz da Grã, Inácio de Azevedo, Fernão Cardim, Rodrigues (mais do que um), Luiz Figueira, Vasconcellos, Gusmão, Antonil, Diogo Soares, Cappaci, Bettendorff, Morais, Matos, Fonseca, Vieira e cem outros?

O futuro *Corpus Iesuiticum Brasiliense*, quando se fizer, será uma das mais extraordinárias coleções do mundo, e, para o Brasil, o seu maior monumento no plano da inteligência.

Entretanto, como pode demorar, vamos nós, modestamente, e mais alguns como nós, num acurado esforço individual, não isento de amor, carreando pedras para a obra necessária...

Ao nome de Afrânio Peixoto, o escritor que no Brasil mais incansavelmente promove essa cruzada da inteligência, quereríamos unir, já agora, para os associar também à nossa gratidão, o de tantos outros, e dos maiores, que em Portugal, no Brasil, Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados-Unidos, saudaram generosamente os nossos trabalhos históricos sôbre a Companhia de Jesus. Persuadimo-nos que existe, constituido pelos principios superiores da religião, da moral e da liberdade, e pela cultura das ciencias, artes e letras, um património comum, supra-nacional; e que a unanimidade de tantos aplausos quis significar simplesmente que a Companhia de Jesus soube aumentar, na grande nação brasileira, esse património comum.

I

CARTAS DE NÓBREGA

As cartas de Nóbrega começaram a divulgar-se muito cedo, ainda em vida do Autor, em diversas colectâneas, quer em português, quer traduzidas em espanhol, italiano e até algumas em latim. Não se publicaram todas, apenas as que tinham carácter informativo geral. Causaram admiração na Europa pelas coisas do Novo Mundo. Depois, sobreveio a catástrofe e a sonolencia do século XVIII. Só na segunda metade do século XIX tornaram os estudiosos do Brasil a reparar nesses monumentos da sua história. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro *e os* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro *reproduziram as que iam achando. Até que enfim Capistrano de Abreu, o grande mestre da história do Brasil, pensou pela primeira vez em reuni-las em volume. Outro grande do Brasil, José Maria da Silva Paranhos, que celebrizaria o nome de Rio Branco, bateu palmas e prestou o seu auxilio literário. Nóbrega principiava outra vez a causar a admiração, agora não já da Europa, mas do Brasil, que se ia redescobrindo a si-mesmo...*

As cartas de Nóbrega possuem já a sua bibliografia histórica, que se deve a Vale Cabral, homem de cultura sólida, colaborador de Capistrano. Não é aqui o lugar de a refazer mais ampla. Assinalemos contudo que a Academia Brasileira de Letras, em 1931, reproduziu todas as Cartas do Brasil, *de Manuel da Nóbrega, até então conhecidas. Rodolfo Garcia acrescentou algumas eruditas notas às de Vale Cabral; e, com elas e com uma* nota preliminar, *iniciou Afrânio Peixoto a série de* Cartas Jesuíticas, *dentro da notavel coleção de Publicações da Academia Brasileira, que leva hoje, com toda a justiça, o seu nome benemerito.*

A publicação da Academia coincidiu, quási, com o inicio das nossas pesquisas prévias para a história da Companhia no Brasil. Nas peregrinações pelos Arquivos da Europa, depararam-se-nos em Roma e Portugal 15 cartas ou documentos inéditos de Nóbrega. E' conta respeitavel. Constando as Cartas do Brasil *de 31 documentos, êstes 15 novos são quasi a terça parte. Aqui ficam. E, assim, com êles se enriquece, de um terço, o tesouro epistolar do glorioso fundador da Provincia do Brasil.*

1.

Ao P. Simão Rodrigues, Provincial de Portugal

Da Baía, 10 de Julho de 1552 (1).

OS COMPANHEIROS DE NÓBREGA — ASSUNTOS ECONÓMICOS — ESCRAVOS DA GUINÉ — GADO — COLÉGIOS NAS CAPITANIAS — PROJECTO DE ENTRADAS AO SERTÃO — IGREJA DA BAÍA — S. VICENTE — NECESSIDADE DE MAIS JESUITAS.

Pax Christi: O Bispo (2) determina ocupar-nos em visitações das Capitanias e agora neste navio encarrega ao padre Antonio Pires, que está em Pernambuco, algumas coisas até que êle vá visitar; e considerando eu a obediencia, que manda que lhe tenha, e dizer-me que com V.ª R.ª e com El-Rei (3) o tratou assim e em nos não ocupar em mais que inquirir e não julgar nenhum, e a falta que nesta terra há, e por esta primeira vez ser toda por amôr e por misericórdia, me determinei

---

(1) Archivum S. I. Romanum, *Brasilia 3 (1)*, 47-48. (Daqui em diante, *Bras...*). Apógrafo, em castelhano. E' a mesma que se encontra em *Cartas do Brasil*, 128-132, sem data explícita. Omite porém as referencias à chegada do Bispo e ao Governador Tomé de Sousa. Em compensação, esta tem, nova, toda a última parte.

(2) D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Bispo do Brasil.

(3) D. João III.

fazê-lo. Se a V. R. lhe parecer que não é bem, escreva-lhe que não no-lo mande.

Vicente Rodrigues era muito doente e sempre se queixava da sua cabeça: mandei-lhe que não fosse mais doente e assim o fez. Já não o é há um ano para cá, e ajuda-nos muito bem em tudo. Salvador Rodrigues tem cuidado de os meninos e fá-lo bem e se acha já melhor. O padre Navarro está em Porto Seguro e faz o seu oficio. Afonso Braz tem cuidado do Espirito Santo e tem grande colégio de paredes. Manda-me pedir meninos para o principiar. Leonardo Nunes e Diogo Jácome, com alguns novos, estão em S. Vicente; há dias que não tenho noticias dêles. Este ano mandei o Padre Paiva e alguns meninos visitá-los, por eu não poder ir; agora irei na armada. A fama dêles é grande. Antonio Pires está em Pernambuco, Francisco Pires está agora aqui comigo, todos servem a Nosso Senhor e empregam bem os seus talentos. *Pater quos dedisti mihi no perdidi ex eis quemquam* (4) por suas virtudes e orações de V.ª R.ª ainda que o meu mau exemplo bastava bem para destruir tudo, e quando regidos por mim são tão bons, que fará se V.ª R.ª mandar um que dêles e de mim tenha cuidado. *Venia Pater, veniat, se amas Jesum Christum* (5).

Já tenho escrito sôbre os escravos, que se tomaram, dos quais um morreu logo, como morreram outros muitos que vinham já maltratados do mar. Tambem tomei doze

---

(4) "Padre, não perdi nenhum dos que me confiaste", alusão a palavras de Jesus (Joan. 18,9), que Nóbrega aplica aos seus primeiros companheiros. Palavras proféticas, pois não só não tinha perdido nenhum até então, mas todos estes, vindos de Portugal nas duas primeiras expedições, perseveraram na Companhia de Jesus até à morte.

(5) "Que venha, Padre, que venha, se amas a Jesus Cristo".

vacas para criação e para que os meninos tivessem leite, que é grande mantimento. De toda a maneira, este ano, tragam os padres provisão de El Rei, assim dos escravos, como destas doze vacas, porque tenho dado fiador para dentro de um ano as pagar a El Rei, e será grande fortuna, se deste ano passar. Nas vacas se gastaram mais de trinta mil maravedis. Tambem me dizem que mandam mais escravos a esta terra, de Guiné; se assim for, peça V.ª R.ª provisão para mais três ou quatro, porque com êles, e com o que esta casa já tem, antes de pouco tempo se manterão cerca de cem meninos dos gentios (6).

Os outros colégios das Capitanias querem fazer os moradores; e escrevem-me cartas sôbre isto e querem dar escravos e muita ajuda. Daqui a dous mêses irá o governador correr a costa, e irei com êle, visitando as casas e darei ordem, como Nosso Senhor me ensinar, para que se comecem a fazer, ainda que algumas estão já bem principiadas. Mande V.ª R.ª Padres, e, com êles, alguns meninos de bom exemplo e boas vozes, para lhes dar bom principio. Nesta terra custa muito pouco fazer-se um Colégio e sustentá-lo, porque a terra é muito farta e os meninos da terra sustentam-se com muito pouco e os moradores muito afeiçoados a isto, e as terras não custam dinheiro; e este da Baía foi mais trabalhoso por se fazer sem ajuda dos moradores e a terra povoada de pouco e os mais dela estarem desterrados e gente pobre (7). Se El Rei favorecer e se fizer igreja e casas e mandar os escravos que digo, será a melhor

---

(6) *Cem* meninos; não *bem* (*Cartas do Brasil*, 130).

(7) Esta carta, enviada a um português, deve ter sido escrita em português. O tradutor ou copista, que a transmitiu para Roma, escreveu em vez de *moradores* a palavra *mayores*, que não faz sentido.

coisa do Brasil. E, assim como agora está, mantém trinta pessoas e mais. Agora mando fazer algodões para mandar lá muito algodão, para que mandem pano de que se vistam os meninos, porque esta é a maior falta que a casa tem e não será necessário que o colégio de Coimbra cá nos ajude senão com orações, antes de cá lhe seremos sempre bons.

Muito desejosos estamos já todos de ir descobrir o sertão, porque nos diz o espirito que está lá grande tesouro de almas, e a nenhuma parte poderemos ir que não haja melhor disposição, para fazer cristãos, que nas Capitanias, por quanto mal têm estas de perto conhecido dos homens brancos, os quais nos não crerão totalmente senão com o tempo, depois de muito experimentada nossa verdade e vida. E ainda que as novas que temos dos gentios nos alvoroçam muito, dilatamos a ida até agora, por causa destas casas dos meninos, que queríamos deixar bem começadas, e em que fique fundamento da Companhia, se porventura nos matarem e nos comerem a todos os que formos. Mande V.ª R.ª logo muitos, para que haja para deixar nos Colégios e levar dos dois ou tres, que cá estão; e com êles e com o Bispo teremos lugar para ir ganhando terra adiante. E não deixe, de toda a maneira, este ano, de mandar muitos padres, pois são tão necessarios, e os prometeu, e sejão tais, quais muitas vezes tenho escrito.

A nossa igreja, que fizemos, cai-nos, porque é de taipa de mão e de palha; agora ajuntarei estes senhores mais honrados que nos ajudem a repará-la, até que Deus queira dar outra igreja de mais dura. Se a V.ª R.ª parecer bem, fale nisto a El Rei, senão os Padres, que vierem, farão outra que dure outros três anos, porque virão com fervores; que nossas mãos já não po-

derão fazer outra, senão daqui quinhentas léguas pelo sertão.

Estando para fechar esta, chegou um barco de S. Vicente que trouxe cartas dos Padres e Irmãos, com que muito nos alegramos, e despertou a minha frieza. Fazem lá grandes coisas, dizem-nos e requerem-nos que vamos lá todos e deixemos tudo isto, pela porta, que está já aberta, aos gentios do mar e do sertão. Têm muitos trabalhos, fazem muito fruto, têm cinquenta ou sessenta pessoas entre Irmãos, servidores e meninos, assim mamelucos como filhos dos principais da terra, de maneira que Leonardo Nunes e Diogo Jacome *fecerunt fructum alium centesimum alium sexagesimum.*

Pedem muito socorro de Padres. Êles devem escrever largo por sua via.

Tambem veio com suas cartas uma de Coimbra com que nos alegramos muito. Mandam-me de S. Vicente pedir pau para se curarem alguns, de corrimentos, mormente Leonardo Nunes, que, pelas muitas águas, trabalhos e frialdades daquela terra, o começaram a apalpar. Hão mister de roupa; favoreça-os V.ª R.ª a êles e a nós de lá. Já que El Rei manda dar de vestir cá aos da Companhia e aqui se interpreta para os que de lá vierem, não mais, haja-o V.ª R.ª também para os que aqui se recebem, porque a todos eu tenho por da Companhia, segundo seu mesmo espirito ensina. O' Padre, vejo-me cercado de angústias por ver como é largo Nosso Senhor em favorecer este negocio da conversão dos seus escolhidos, e quantas portas têm abertas de muito fruto, e quam avarento é V.ª R.ª dêsses irmãos, que la têm. Bem creio que se V.ª R.ª mandasse alguns ao Brasil, êles se cevariam tanto nos trabalhos e em recolher tesouro para Cristo que não lhes viriam as inquietações e perturbações, que vêm a alguns, que já se enfadam de ver paredes do colégio. Eu irei correr a costa e levarei os

mais que pedirem. V.ª R.ª mande quem sustente este pouco, porque ficará tudo mui desamparado; e venham logo juntos os que hão de vir. O mais desta terra saberá V.ª R.ª pela carta de Francisco Anriques (8) e pelas dos Irmãos das Capitanias. *Et semper memento nostri.*

Desta Baía, a 10 de Julho de 1552.

Nóbrega

---

(8) Padre Procurador, em Lisboa, das missões ultramarinas.

2.

Ao P. Simão Rodrigues

Da Baía, Julho de 1552 (9).

CONTRADIÇÕES DO BISPO — DIOGO ALVARES "CARAMURÚ" — CONFISSÕES POR INTERPRETE — PENITENCIAS PÚBLICAS — FALTA DE MULHERES — DOUTRINA AOS ESCRAVOS — CANTIGAS EM TUPI — COSTUMES INDIGENAS — CRÉDITO DA COMPANHIA.

Pax Christi: Depois da chegada do Bispo aconteceram algumas coisas, de que darei breve conta a V. R. para saber o que passa, para tudo encomendar a Nosso Senhor e nos avisar sempre no que poderemos errar. Porque haverá pouco mais de um mês que veio e eu já temo.

Nesta casa estão meninos da terra, feitos a nossa mão, com os quais confessamos alguma gente da terra, que não entende a nossa fala, nem nós a sua, e assim escravos dos brancos e os novamente convertidos e a mulher e filhos de Diogo Alvares *Caramelú,* que não sabem nossa fala, no qual a experiência nos ensina haver-se feito muito fruto e nenhum prejuizo ao sigilo da confissão e não meti o costume senão polo achar escrito, e ser mais comum opinião como relatou Navarro *in c. frẽs de pœnitent. dist. 5.ª n. 85,* alegando Caetano e outros.

---

(9) *Bras. 15,* 62-63. Cópia, em português.

Contrariou-nos isto muito o Bispo, dizendo que era cousa nova, e que na igreja de Deus se não acostuma. Acabei com êle que o escrevesse lá, e que, pela determinação de lá, estivessemos. Esta é coisa mui proveitosa e de muita importancia nesta terra, entretanto que não ha muitos padres que saibam bem a lingua, e parece grande meio para socorrer as almas, que porventura não têm contrição perfeita para serem perdoados e têm atrição; a qual, com a virtude do sacramento, se faz contrição. E privá-los da graça do sacramento, por não saberem a língua, e da glória por não terem contrição bastante e outros respeitos que lá bem saberão, devia-se bem de olhar. Nem me parece novo o que por tantos doutores está escrito, posto que se não use porventura, por pouco olhar as coisas. Mande-nos a determinação por letrados, porque não ousaremos senão obedecer ao Bispo. Eu cuidei que, com a vinda do Bispo, ficássemos quietos com a determinação dos escravos salteados e que vendem os parentes; e agora estamos em maior confusão e ainda esperamos a resposta do doutor Navarro, (10) deixando-nos as mesmas dúvidas.

Nesta casa dos meninos de Jesus há disciplina muitas sextas feiras do ano, s. quaresma, advento e depois de *Corpus Christi* até a Assunção de Nossa Senhora. Faz muita devoção no povo. Disciplinam-se muitos homens e toda esta casa, com Padres, Irmãos e meninos. Não vêm a ela senão homens, que ninguem conhece quando se disciplinam. Não pareceu bem ao Bispo; e o seu pregador nas primeiras pregações repro-

---

(10) Martim de Azpilcueta Navarro, tio do P. João de Azpilcueta Navarro, de quem adiante se publica uma carta. De suas mãos, em Coimbra, tinha Nóbrega recebido o grau de bacharel em cânones.

vou muito penitencias públicas, por donde tôda a cidade entendeu dizê-lo pela disciplina, não olhando que para pessoas públicas, como somos os da Companhia, suas obras hão de ser públicas quanto mais que não é pelas praças. *Facta est divisio* no povo, uns diziam bem e outros não. Nestas partes, o mor trabalho que temos é não podermos socorrer alguns amancebados com suas escravas, de que têm filhos, porque, para se apartarem é grande fortuna, para se confessarem e absolverem não são capazes para isso. Esperão mulheres do reino com que casem. Escandalizam-se pelos não absolvermos, dizendo-nos grandes misericordias de Nosso Senhor e sabem-nas melhor que eu. Em tôdas as prègações do pregador do Bispo, que lhe eu ouvi, não achou outros pecados que estranhar na terra, nem outra cousa, que dizer, senão as mesmas razões e palavras que nos os amancebados pregam, o que faz assegurar os homens em seus costumes maus e causou desprezo da Companhia. Disse-o ao Bispo, em sua câmara, com a mais humildade (posto que hipócrita) que eu pude, avisando-lhe estas coisas e que a terra não queria aquilo. Fez-se muito agastado, de que fui muito triste; e foi bom, para eu saber sua arte melhor e casar-me com o meu bom propósito. Não se me dá nada, porque será menor mal.

Os escravos desta cidade tinham missa e prègação nesta casa nossa aos domingos e à tarde doutrina: fazia-se muito fruto. Desde que veio, nos escusou disto. Manda fazer doutrina cada dia por António Juzarte e não vai lá quasi ninguem. A missa não lha dizem. Andam os escravos mui desconsolados; vêm-se à nossa igreja, aqueixando-se. É para mim grande dôr. Disse-o ao Bispo. Diz que proverá; não sei o que será.

Os Padres, que o Bispo trouxe, não edificam nada êste povo, porque cá faziam-lhe tudo de graça e agora vêem outro modo de proceder. O Vigário desta cidade,

que agora é chantre, mandou-o prender o Bispo, por uma paixão, porém soltou-se logo dali a 10 ou 12 dias. E teve outras paixões com o cabido s. duas dignidades e um cónego. Mandou-os prender e estiveram seis dias na cadeia da cidade. Êles foram-lhe desobedientes; e êle, que não sabe fugir a dar ocasião que lho não sejam; e porém aproveitará para que o temam os seculares, quando virem que assim castiga os seus.

Os meninos desta casa costumavam cantar, pelo mesmo tom dos Indios e com seus instrumentos, cantigas na língua, em louvor de Nosso Senhor com que se muito atraíam os corações dos índios; e assim alguns meninos da terra traziam o cabelo cortado à maneira dos Indios, que têm muito pouca diferença do nosso costume, e faziam tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muito o Bispo, e na primeira pregação falou nos costumes dos gentios muito largo, por donde todo o auditório o tomou por isso; e foi assim, porque a mim o repreendeu mui asperamente, nem aproveitou escusar-me que não eram ritos nem costumes dedicados a ídolos, nem que prejudicassem a fé católica. Obedeci-lhe e assim o farei em tudo porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

Este negócio dos meninos e sua confraria favoreceu-o muito mal, e soltou palavras por donde se ficou entendendo não levar disso muito gosto. Sou eu tão mau que suspeito que não há por bem feito senão o que êle ordena e faz, e tudo o mais despreza. Diz muitas vezes ser Mestre e ensinar a Mestre Inácio e a V. R. em Paris. *Neque magnificit societatem nostram; mordet quum vult & potest*, posto que nos exteriores comigo me faz muito gasalhado e eu peço a Nosso Senhor me ensine a ganhar-lhe a vontade sempre. Julgue agora V. R. a minha maldade que sei escrever estas coisas e

não as sei chorar. Escrevo-as para que V. R. as chore por mim, se bem sabe chorar e encomende muito isto a Nosso Senhor e me avise sempre do que devo fazer nisto, que tenho escrito, e no mais que a prudência ensinar a V. R. que cá sucederá; e pois sabe quam mau filho tem em mim, mande outro que melhor se saiba haver nestas coisas. As nossas mortificações entende pouco o espirito delas e repreende-o muito. O que me alegra muito no Senhor é obrigá-lo a fazer grandes obras, pois faz pouca conta das nossas e teremos ocasião de nos estender pola terra, coisa tão necessária e proveitosa e de nós desejada.

É muito bom prègador e muito aceite ao povo. Vive muito desgostoso por ser a terra pobre. Temo que se vá cêdo. Favoreça-o V. R. de lá, pois lá não tem outrem nenhum e já que V. R. foi seu princípio será meio e tudo e incenda carvões sôbre a sua cabeça para que nos ame. Está tão acreditada a Companhia nesta cidade que não poderá nenhum resalgar fazer-lhe mal, nem sinto tanto não nos amar muito por respeito da Companhia, quanto por respeito do pouco crédito, que êle ganhará com suas ovelhas, se lhe enxergarem qualquer coisa destas.

Posto que digo a V. R. na outra que aceitarei visitar, agora me parece pelo que minha maldade entende de seu coração, que fugirei muito disto por não dar ocasião de coisas que podem suceder e estou muito arrependido de o mandar ao Padre António Pires, a Pernambuco, para que o faça. Tudo atribuo a meus pecados e a mofina do Brasil que até nisto lhe impede. Consola-me que tôdas as coisas grandes, que Nosso Senhor obrou, custaram muito trabalho e tiveram outros maiores contrastes.

3.

Ao P. Mestre Simão Rodrigues

De S. Vicente, Dominga da Quinquagesima de 1553 [12 de Fevereiro] (11).

PEDRO DOMÉNECH — O GOVERNADOR TOMÉ DE SOUSA — S. VICENTE — PROJECTO DE FIXAR-SE NO INTERIOR — ATITUDE DO BISPO — P. LEONARDO NUNES — LUIZ DE GÓIS — PEDRO DE GÓIS — DIVIDA AO COLEGIO DE COIMBRA — IR. PEDRO CORREIA — LEGADO PIO — IR. JOÃO DE SOUSA.

Pax Christi: Porque não tenho ainda visto a resposta de V.ª R.ª das cartas que este ano temos escrito, e tambem porque escrevo ao Padre Pedro Domenech (12) as coisas que às casas pertencem, nesta não haverá muito que escrever, sómente como fico nesta Capitania de S. Vicente, depois de haver corrido as outras com o Governador, porque Nosso Senhor assim me parece que foi servido.

Achei grande casa e muito boa igreja; ao menos em Portugal não a temos ainda tão boa. Achei 7 irmãos

---

(11) *Bras. 3 (1)*, 106-107. Cópia, em castelhano. Caindo a Páscoa, em 1553, a 2 de Abril, a Dominga da Quinquagésima corresponde ao dia 12 de Fevereiro.

(12) Pedro Doménech, fundador, em Lisboa, da Confraria dos Meninos Órfãos. Cf. Carta sua sobre *o primeiro embarque dos meninos órfãos para o Brasil*, em *Páginas de História do Brasil*, 71-80. A êle foi dirigida a carta dos Meninos da Baía, que se lê adiante.

grandes e muitos meninos orfãos e outros filhos dos gentios, dos quais não queremos ter senão filhos dos grandes e principais por não termos com que os manter, que quanto ao vestido sofre-se os meninos andarem nus. Achei aqui o Padre Leonardo Nunes e o Padre Paiva, e trouxe comigo o Padre Francisco Pires, deixando nas Capitanias muitos orfãos com esperança dos padres, que do reino esperamos; e apronto-me com alguns para assentar daqui a 100 léguas, onde mais conveniente for, e mais fruto esperamos. Toda esta gentilidade se queixa já de nós, por tardarmos tanto e temo que se queixem ainda melhor a Nosso Senhor, dizendo *nemo nos conduxit.* Levamos uma tenda de ferreiro e todos os meios com que melhor os possamos atrair. Se vierem padres, como temos por certo, e com êles Préposito, deixar-me-ei estar lá até ver o seu recado e senão ser-me-á forçoso tornar, deixando tudo assente, a ver as Capitanias.

Desta Capitania se deve de fazer mais fundamento que de nenhuma, porquanto por esta gentilidade nos poderemos estender pela terra dentro, e, por isso, vindo irmãos, a esta Capitania deveriam vir, porque nas outras já creio que se fará pouco mais que ensinar meninos, porque o Bispo leva outros modos de proceder com os quais creio que não se tirarão pecados e se roubará a gente de quanto dinheiro puderem ganhar, e se destruirá a terra. Seus clérigos absolvem quantos amancebados há e dão-lhes o Senhor e o seu prègador, que é o visitador, prega que pequem e se levantem fazendo-lhes o caminho do céu mui largo e Cristo Nosso Senhor diz que é estreito, e por outra parte leva-lhes de penas o que têm. A evitar pecados não veio, nem se evitarão nunca, senão depois de cá haver tantas mulheres que as não queiram.

Outras coisas vejo fazer que V. R. e eu deveriamos chorar. O Bispo no principio desacreditou-nos muito e pôs-se muito bravo, mas logo veio a cair um pouco, tanto que tinha só os da Companhia.

O povo, tanto da cidade do Salvador como o das Capitanias, ao ver que lhe levam seu dinheiro, ganharam grande odio ao Bispo e a seus visitadores, e tudo redunda em crédito da Companhia, ainda que muitos, a quem não absolvemos e acham quem os absolva, querem-nos pouco bem *quorum testemonium perhibemus quod opera eorum mala sunt & ideo non possunt non odisse nos.*

Eu que escrevo a V. R. não tenho conta com mais que falar-lhe por carta como em presença, sem ter respeito á ordem nem ao que escrevo se é mal se bem.

Temos muita confiança de pela terra dentro se fazer muito fruto e o irmão Pedro Correia, que nisto é mais prático que nenhum de nós, promete-nos muito, se assim for. Parecia-me bem que viesse um Padre de lá nosso, feito Bispo de anel, sem nenhuma outra coisa mais que qualquer Padre, somente a ordem de Bispo, para ordenar Irmãos nossos, e crismar e fazer outra coisas, que só à ordem episcopal pertencem, porque a Baía está longe e ás vezes é mais facil ir a Portugal do que lá.

Muito desejo saber o que agora ai se costuma fazer com Irmãos, que tenham feito votos da Companhia e não são para ela, ou, se são, querem sair, porque, alem do que pelo Instituto da Companhia coligi, folgaria de saber a prática, se por ventura não vem pessoa que o declare e também o que hei de fazer, se caso *contigerit aliquem ex nobis infamari ex crimine scandalum generante quamquam non sit manifestum,* que é coisa que poderá acontecer por meus pecados.

Aqui pagam-nos muito mal o mantimento e vestiaria, que El Rei manda dar; seria melhor dar-se aí e

enviá-lo aqui como mais largamente escrevo ao Padre Domenech.

Aí enviou o Padre Leonardo Nunes, desta Capitania, cinquenta mil maravedis, por letra, e porque quem agora veio não ficou contente da letra e me parece poder ser não se pagar, fiz mandar essas duas a V. R. as quais cobraria e se a outra não se pagou, de aí se entregará ao Colégio de Coimbra, da sua divida, que são cinquenta mil maravedis, e o mais guardará para dar a Luiz de Gois, a quem se manda dar; e se já tiver cobrado a outra letra, todavia cobre esta, e faça guardá-lo a Luiz de Gois e dá-lo a seu certo recado; e irá por duas vias, e esta primeira leva Pedro de Gois, a quem muito devemos todos por quam nosso devoto e amigo é.

O Irmão Pedro Correia é aqui grande instrumento para por êle Nosso Senhor obrar muito porque é virtuoso e sábio, e a melhor lingua do Brasil. Tem partes para se haver de ordenar de missa, mas tem impedimento, que não pode ser sem dispensa, e os nossos poderes não se estendem aos seus casos, que são morte voluntária de alguns Indios gentios desta terra. Se o bispo não os tem, como se dizia que esperava por êles, faça V. R. havê-los, porque sendo de missa fará muito mais fruto nas confissões.

Um Alvaro de Magalhães, morrendo, deixou a sua fazenda ao primeiro convento de Santo António, que se nesta Capitania fizesse. Sobre que já Leonardo Nunes escreveu a V. R. É fazenda grossa e desejam dá-la a esta casa, se do Nuncio ou de quem isto pertence se houver licença para se poder comutar. Não se deixe perder por falta de alguma deligência.

Lá está uma mulher pobre que tem cá um seu filho que se chama Sousa, e é uma alma bendita. Dê

V. R. cuidado ao Mestre João de consolá-la algumas vezes e ajudá-la com alguma esmola.

Luiz de Gois, irmão de Pedro de Gois, fez aqui um grande movimento de si, e em fervor de espirito fizeram os votos da Companhia êle e a sua mulher, estando para tomar o Senhor. Determinam desembaraçar-se e ela, que é já de dias, servir Nosso Senhor num mosteiro ou como nós lhe ordenarmos, e êle pedir que o recolhamos. Não sei o que o tempo nisto mostrará (13). Dêle recebeu sempre esta casa muita caridade; parece-me que lhe temos muita obrigação de o ajudar a salvar.

Ao presente não se me oferece outra coisa para escrever. O que faltar por outra via irá. Da Baía escreverão largamente e das outras Capitanias. Nosso Senhor nos ensine a fazer sempre a sua santa vontade, amen.

Deste S. Vicente, Dominica Quinquagesimæ 1553.

---

(13) Mostrou bem, porque, efectivamente, veio a ser Jesuita, na India. Luiz de Gois foi quem primeiro deu a conhecer o tabaco na Europa. Pero de Gois, seu irmão, é o conhecido primeiro capitão-mor da costa do Brasil.

4.

Ao P. Luiz Gonçalves da Câmara

De S. Vicente, 15 de Junho de 1553 (14).

TOMÉ DE SOUSA — PROJECTO DE CASA NO INTERIOR — GENTIO DO SERTÃO — LEONARDO NUNES — PERO CORREIA — O PARAGUAI — AS ALMAZONAS — CAMPO DE PIRATININGA — ESTUDOS — GRAMÁTICO DE COIMBRA — FALSOS TESTEMUNHOS — JOÃO RAMALHO — PEDE-SE VISITADOR — POBREZA — DEMANDA ENTRE PEDRO CORREIA E BRAZ CUBAS — O BISPO — O CLERO — O IRMÃO FERREIRO — OFICIOS MECÁNICOS — RIO DOS PATOS.

Pax Christi: Êste ano de 53, véspera de Páscoa, chegou um navio a este S. Vicente, em que vinham algumas cartas para o Padre Leonardo Nunes, e para os Irmãos e algumas para mim. Entre elas vinha uma de V.ª R.ª, com a qual fui mui consolado e porventura mais que com nenhuma outra, que nestas partes tivesse

---

(14) *Bras. 3 (1)*, 96-98. Cópia, em castelhano. Poucas folhas antes, 93v-94, depara-se-nos um trecho desta mesma carta, na mesma lingua. Lê-se na primeira: "Despues de partida *daqui* la armada day a pocos dias llegaron *unos* hombres que eran Jdos *ala* tierra *firme*". Diz a segunda: "Despues de partida *de aqui* la armada day a pocos dias llegaron *muchos* hombres que eran Jdos *por la* tierra *dentro*". Estas e outras diversidades não se justificam, senão admitindo que são traduções diferentes dum mesmo original, em português, escrito por Nóbrega.

recebido de lá, vindo nela coisas que pareciam que deviam muito entristecer e fazer chorar muito um coração ainda tão duro como o meu, porque *non est discipulus super magistrum.* Se entre os 12 verdadeiros apostolos houve um Judas, entre 200 razão é que haja 20 (15). O que eu temo e receio é poder ser deixar-me Nosso Senhor e ser ainda um dêles, porque não posso emendar-me de meus pecados, e vão-se já fazendo muito em hábito e levo já principios que outros levaram. Queira Deus Nosso Senhor que não seja tal o fim.

Eu vim correndo a costa com o Governador Tomé de Sousa, visitando as Capitanias e os Irmãos delas, até chegar a esta de S. Vicente, que é a última, onde achei uma grande igreja feita, a melhor que há na costa, e muitos Irmãos e meninos do gentio, mas a mais pobre e mais mal provida de todas, por razão que a terra tambem foi até agora de todos muito esquecida, assim do senhor dela, como dos mais.

Ajuntamo-nos quatro Padres aqui e alguns Irmãos e depois de feitas muitas orações a Nosso Senhor, com jejuns e desciplinas, nos determinamos em Nosso Senhor de entrar pela terra dentro, porque esta Capitania é a mais conveniente que todas as outras.

E considerando a qualidade destes gentios, que é ter pouca constancia, em deixar os costumes em que são

---

(15) Alude-se à questão levantada entre S. Inácio e o Veneravel P. Simão Rodrigues, ocasião para muitos se desligarem da Companhia, em Portugal. O próprio P. Luiz Gonçalves, a quem esta carta se dirige, foi boa parte na contenda e deveria carregar as cores ao contar o caso a Nóbrega. Cf. Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal,* Tomo I, vol. II (Porto 1931) 193-197, Tomo II, vol. I (Porto 1938) 321.

criados, assentamos ir cem leguas daqui a fazer uma casa, e nela recolher os filhos dos gentios e fazer ajuntar muitos indios em uma grande cidade, fazendo-os viver conforme a razão, o qual não fora muito dificil, pelo que da terra já havemos sabido e vemos por experiencia e o Ir. Correia obrigava a isso a vida, pelo que dos indios conhece.

Não se pôde isto esconder a Satanaz, porque havendo-me o Governador dito que lhe parecia bem entrarmos, desde que soube que levávamos capela e cantores, e que haviamos de fazer casa, o estorvou por todas as vias, dizendo que se acolheriam lá os malfeitores, e outros homens devedores fugiriam para lá, e que quando os Indios fizessem alguma coisa mal feita, que não poderiam vingar-se dêles, pelo perigo em que nos púnhamos. As quais todas e outras muitas parecem ter alguma côr, mas não deviam bastar; e a principal causa de todas foi fechar-se o caminho, por razão dos castelhanos, que estão pouco mais de cem leguas desta Capitania, e dizem que na demarcação de El-rei de Portugal. E tem-se por certo haver muita prata na terra e tanta que dizem haver serras delas, e muita noticia de ouro, pelo qual fechou e atalhou o caminho, até Sua Alteza prover a isso. E que, pois o cortava aos outros, não parecia bem irmos nós, nem bastou dizer que iriamos a parte de tudo desviada, onde não houvesse ouro nem prata, nem caminho para lá. O que muita tristeza causou a todos os Irmãos, por razão dos muitos fervores que tinham de empregar os seus trabalhos e vida no serviço de Nosso Senhor.

Depois de partida de aqui a armada, daí a poucos dias chegaram uns homens, que tinham ido à terra firme dentro, a descobrir a noticia de ouro, onde anda-

ram passante de dois anos, (16) e nos contaram grandes novas da gentilidade e do que dêles souberam; e entre outras coisas dizem que a gentilidade não come carne humana; e aos contrarios, que lhes fazem muito mal e os comem, se acertam tomar algum não o matam nem comem e tratam-no muito bem e lhes dizem que como comem sua semelhança? Têm grandes povoações e têm um principal a que todos obedecem. Este reparte as mulheres aos outros e cada dia ante-manhã, de uma parte alta, manda a cada casa o que há-de fazer aquele dia. E devem de viver em comunidade. São lavradores e fazem mantimentos. E porque destes há muitas gerações, uma delas, que está mais perto das Almazonas têm guerra com elas. E são estas Almazonas tão guerreiras, que vão à guerra contra êles, e os mais valentes que podem tomar, desses concebem. E se parem filho dão-no a seu pai ou o matam, e se filha criam-na e cortam-lhe o peito direito por razão do arco. Entre estas Almazonas dizem que está a noticia do ouro. De maneira que o que tenho alcançado é que tirando esta geração ou gerações da costa do mar, todas as outras pela

---

(16) Homens que foram ao sertão e andaram por lá "passante de dois anos". A 13 de Junho de 1553 chegou a S. Vicente Ulrico Schmidel. Af. Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas* (S. Paulo 1924) 168, referindo-se a este facto não fala doutra bandeira nesta época. Teriam ido alguns vicentinos ao interior, voltando de lá com Schmidel e Antonio Rodrigues? A dúvida vem daqueles "dois anos", pois tanto Schmidel como Rodrigues, tendo ido na armada de Mendoza, andaram por lá não dois, nem doze, mas perto de 17 anos. Como quer que seja, as notícias que Nóbrega dá a seguir provêm das que lhe subministrou Antonio Rodrigues, já Irmão da Companhia. (Cf. *Antonio Rodrigues, soldado, viajante e Jesuita Português na América do Sul, no século XVI* em *Páginas de História do Brasil*, 117-136). Confronte-se esta carta de Nóbrega com a de Leonardo Nunes, de 28 de Junho de 1552, adiante publicada.

terra dentro, muito poucas se comem uns aos outros, a não ser uns que andam sempre nos matos e não têm casas, e são de todo selvagens.

Há grande disposição para se hazer neles grande fruto. E não sei já quais são as cadeias que detêm os Irmãos. Se por esta gentilidade se pudesse andar sem levar resgates e ferramenta, já não esperáramos tanto, porque para passar despovoados que há é mister levar indios e guias, que ensinem o caminho, e que matem caça e pesquem e tirem o mel das arvores, porque não há outro sustento, e para levarem cargas do que se leva e para o mais sustento, porque sem o pagar não o farão.

Eu, por achar esta casa com muita gente e por me parecer em nenhuma outra ser mais necessario, me deixei ficar nela e enviarei o Padre Leonardo Nunes à Baía, com Pero Correia para repartir os Irmãos do Reino como Nosso Senhor lhes mostrar e Pero Correia visitará a costa e as casas, por razão da muita autoridade e crédito que tem com a gentilidade de todas as partes; e se ordenará de missa, se o Bispo já tiver poder para dispensar com êle sobre homicidios voluntarios, que tem, dalguns indios desta terra. E se o Bispo não tem tal poder, da Baía escreverão para que o alcancem do Papa, para êle e para todos os mais destas partes.

Eu me fico fazendo prestes até à sua vinda, para logo entrarmos. O que temo muito é que a cobiça assim dos castelhanos, como dos portugueses meta a sizania entre a gentilidade de maneira que prejudique tudo, com grandes escandalos e com maus exemplos; porque isto mesmo tem prejudicado a gentilidade da costa e criado odio e rancor nos corações contra os cristãos.

E no Paraguai, cidade dos castelhanos, 500 homens têm sujeitos aos gentios carijós, que têm mais de 300 leguas de terra. E não os sujeitam ao jugo de Cristo

mas à sua cobiça e tirania, maltratando-os e fazendo-os servir pior que escravos, tomando-lhes as suas mulheres e filhos e filhas e quanto têm.

Diga V.ª R.ª a Sua Alteza que se aquela cidade ficar sua, mande prover, em breve, de justiça. E se mandar gente pela terra dentro levem a Nosso Senhor consigo e um capitão zeloso e virtuoso.

Todo este Brasil é mui facil coisa sujeitá-lo a Jesus Cristo Nosso Senhor, porque, quando 500 homens castelhanos, e todos divididos entre si, tiveram poder para sujeitar a tão grande gentilidade, que é a maior de todo o Brasil, que fará onde entrar boa ordem e bom zelo da gloria e honra de Deus?

Também devia Sua Alteza lançar mão desta Capitania de S. Vicente, pois é a entrada para dentro da terra, e provê-la de justiça de que está muito falta (17). E o Governador da Baía em vinte dias que aqui está não pôde fazer quasi nada.

A gentilidade desta capitania alguma vantagem tem à das outras, ainda que tem os mesmos costumes. Dão os filhos de boa vontade e, se tivéssemos com que os manter e criar em Cristo, todos os dariam. Mas não se tomam senão os que se podem sustentar de comer, porque de vestido muito poucos o andam e todos andam nús.

E pelo Campo, daqui doze leguas, se querem ajuntar tres povoações numa, para melhor aprenderem a doutrina cristã e mostram grande fervor e desejo de aprender e que lhes preguem (18). Com eles gastaremos o tempo até vir o Irmão Correia, da Baía, para entrarmos.

---

(17) Pensamento constante de Nóbrega: a centralização de poderes, conducente à unificação do Brasil.

(18) Pródromos da fundação de S. Paulo.

Nesta casa tem-se feito muito fruto com a gentilidade da terra, filhos e filhas de cristãos, mamalucos, que ha muitos, e com a escravaria. Vai muito fervor nas confissões e muitos vêem chorando, pedindo confissão e com grande dor de não se saberem confessar. Todos sabem a doutrina melhor que muitos velhos cristãos de nação. E casam-se muitos escravos que estavam em pecado; outros se apartam; muitos se disciplinam com tão grande fervor que põe confusão aos brancos.

Nesta casa têm os meninos os seus exercícios bem ordenados. Aprendem a ler e escrever e vão muito avante; outros a cantar e tocar flautas; e outros, mamalucos, mais dextros aprendem gramática, e ensina-a um mancebo gramatico de Coimbra, que cá veio desterrado. Têm suas praticas de Deus Nosso Senhor e modos com que o louvar. E muito mais se faria se já houvesse muitos obreiros; mas como só Pero Correia é o prègador não se pode fazer mais. Estes que se criam hão-de ser os verdadeiros, pela muita esperança que nos dão os seus bons principios. Da Baía mandarão alguns dos que lá menos necessarios forem, porque nos ajudam cá muito e são as linguas e os nossos prègadores e a alguns não lhes falta senão a autoridade e a idade, porque o saber e o zelo lho dá Nosso Senhor.

Quando cheguei a esta Capitania achei umas indias, parte forras e livres, parte escravas, solteiras e casadas, as quais serviam a casa e traziam lenha e agua e faziam mantimentos para os meninos e ainda que estavam bem apartadas da conversação dos Irmãos, contudo por estarem na mesma rua, davam escândalo aos de longe em lhes parecer que estavam muito familiares. Mas os da vizinhança, que sabiam e viam a verdade, não se escandalizavam. Eu todavia desde que cheguei ordenei a Confraria do Menino Jesus e lhe entreguei todo o temporal

para a sustentação e serviço desta casa. Há dois mordomos e um provedor. Ela tem toda a gente que serve a esta casa para que fiquemos livres de inconvenientes e somente nos ocupamos no espiritual, ensinando e doutrinando aos meninos, assim aos de casa como a quantos querem aprender. Porque esta terra está tão estragada que é necessario levar alicerces de novo.

Nesta terra está um João Ramalho. É muito antigo nela e toda a sua vida e a dos seus filhos é conforme à dos Indios e é uma *petra scandali* para nós, porque a sua vida é principal estorvo para com a gentilidade que temos, por êle ser muito conhecido e muito aparentado com os indios. Têm muitas mulheres. Êle e seus filhos andam com irmãs e têm filhos delas, tanto o pai como os filhos. Vão à guerra com os indios e as suas festas são de indios e assim vivem andando nus como os mesmos indios. Por todas as maneiras o temos provado e nada aproveita, até que já o deixamos de todo. Este estando excomungado, por não se confessar, e não querendo os nossos padres celebrar com êle, disse que também os Padres e Irmãos pecavam com as indias, o que fez presumir ser alguma coisa e ajuntando-se com isto estarem as indias na mesma rua. Pelo que, quando cheguei, por me Nosso Senhor assim ensinar e com eu já conhecer o que tinha nos Irmãos e saber a verdade do que podia haver, contudo por cumprir com o mundo e tirar alguma presunção despedi-os a todos quantos aqui achei desses que andavam por fora e tirei, com o Vigario, quasi quantas pessoas há nesta Capitania por testemunhas do que sabiam, sem achar coisa nenhuma, e fiz a verdade pública a todos e ganhou-se tirar dos corações alguma presunção, à custa de muitos me julgarem por mal atentado; e os Irmãos ganharam coroa de paciencia e deram muito bom exemplo de si até que os tornei a recolher.

Estou muito alegre com as noticias que com a sua me dá, quasi por esperar que estarão já na Baía Prepósito com os Padres; e esta foi uma das causas porque não voltei a correr a costa e também por esta casa estar com mais gente que nenhuma, nem creio que voltarei tão depressa. Porque daqui queria ir adiante e não voltar atrás. E, portanto, com escrever isto agora me satisfaço com Deus Nosso Senhor, para deixar o sentido de lá.

Se ainda não veio, venha este ano quem possa governar estas casas, porque eu pode ser que já não viva tanto com dar a vida por quem ma deu; e menos é visitarem-se as Capitanias, do Reino do que de cá, por razão das embarcações, que poucas vezes as há e tais que é necessario fazer conta de morrer afogado mais que desejar de ser comido por estes indios. E ainda que não venham mais que a visitar é muito necessario, porque sempre há coisas que por cartas não se podem escrever; e creia V.ª R.ª que é necessario à honra da Companhia e gloria de Jesus Cristo em cada Capitania estar um Padre dos mais seguros, que na Companhia houver, porque onde ha muitos virtuosos bem se sofre quem-quer; e onde há maior perigo aí ha-de ser maior o socorro. Por amor de Nosso Senhor que cesse já o costume de mandar a estas partes de infieis o rebotalho como eu, porque mais importa a Nosso Senhor Jesus Cristo fazer-se cá uma casa de palha onde se ensine a doutrina a dez moços, que não em Portugal mui suntuosos colegios. E contudo isto, não sei o que digo, porventura direi isto, porque o de cá me fatiga mais.

Esta casa de S. Vicente é a mais pobre de todas e padecem os Irmãos e Padres e meninos muita fome e frio e é maravilha não fugirem para os seus pais. Agora me parece que sou pobre de veras, porque antes quando o mundo pensava que eu o era, fartava-me de

carneiro e vaca e bebia bom vinho e não faltava vestido; agora se não é de laranjas e cidras poucas vezes me farto. Nós vivemos de esmolas. E do que têm os meninos não usamos, antes lhes damos das nossas esmolas, e contudo não parecemos pobres, porque administramos o que tem os meninos. E porque esta casa há-de ser a melhor de todas, as que aqui pela terra se fizerem, devia ser abastada para partir com as outras.

Eu achei nesta Capitania uma demanda em aberto que trazia Pero Correia com Braz Cubas antes que entrasse na Companhia; e quando entrou concertou-se o Padre Leonardo Nunes com Braz Cubas, e, antes que se assentasse o concerto, foi-se Braz Cubas fugido para Portugal por coisas malfeitas nesta terra, sendo capitão. E agora, que veio, negou o concerto a Leonardo Nunes; e, sendo êle o que devia, se andava queixando que lhe deviam. A cujas vozes mandei eu saber a coisa como passava e achei que Pero Correia lhe demandava dois mil e seiscentos cruzados de toda a sua fazenda que lhe destruiu evidentemente, pelo qual fez Pero Correia uma doação aos meninos de tudo quanto tinha; e os mordomos seguiam a demanda. De maneira que conveio a Braz Cubas vir com lágrimas a pedir misericórdia ao mesmo Pero Correia. E onde antes o Padre Leonardo Nunes se contentava com nada, agora, por concerto, deu os escravos que tinha tomado a Pero Correia e mais dez vacas para os meninos ter leite e outras coisas e creio que lhe tirariam toda a sua fazenda, porque ainda que é o mais rico da terra, nem tudo bastara para pagar a demanda se se acabara. E disse que será verdadeiro servo dos meninos. Eu consenti no concerto por forrar a nossa vexação e outros trabalhos grandes e não destruir um próximo: e é melhor um com paz que vinte com contenda.

Não escrevo ao Padre Mirão, porque ainda não vi a sua carta nem a resposta do que escrevi o ano passado, nem a resposta do que escrevi ao Dr. Navarro: quando as vir responderei.

Eu fico nesta capitania de S. Vicente. Aqui me escrevam e se ainda lá estiver o Vigario de cá, por êle pode vir tudo bem. As mais noticias escreverão os Padres da Baía mais largamente.

Se lá não parecer tão mal fazer casas entre a gentilidade, haja de Sua Alteza recado para não o impedir ao menos se formos à gentilidade contraria desta, onde os cristãos têm suas povoações para cessar alguns respeitos que cá me pôem. Porque a estarmos encerrados nas Capitanias, teremos pouco que fazer, daqui adiante. E os pecados ganham maior fôrça na terra e os clérigos do Brasil destroem tudo ainda que muito se fizesse e edificasse. Já cansamos de clamar, já os que nos haviam de ouvir dos cristãos nos ouviram; não nos fica mais que a gentilidade e se esta nos impedem, não faremos nada. Os homens comumente não têm respeito senão ao seu proveito e próprio interêsse e um pouco ao serviço de El-rei: e para Nosso Senhor não há respeito nenhum.

A esta casa deu Nosso Senhor um Irmão ferreiro, mui bendita alma (19). Êste mantém êstes meninos com o seu trabalho, porque faz algum resgate com o qual compram mantimento. Esta terra é muito pobre e não se pode conversar este gentio sem anzois e facas para os melhor atrair. Faça enviar o mais ferro e aço que puder, para dar que fazer ao Irmão.

Mando ensinar alguns moços da terra para o sertão, a ferreiros e a tecelões; e de lá deviam de mandar

---

(19) Mateus Nogueira, o humilde "ferreiro de Jesus Cristo", fundador da metalurgia paulista.

dois meninos orfãos ensinados a oficiais para cá, porque isto achamos ser nesta terra uma grande parte para a conversão dêstes infieis.

Se V.ª R.ª cá vier a peregrinar como na sua diz, assim me parece que lhe parecerá.

E porisso tudo o que mandar venha direito a esta Capitania, digo a esta casa.

E quanto mais fôr, tanto mais ajuda a salvar.

Agora não se oferece mais. Todos estamos de saude, salvo Leonardo Nunes, que veio muito doente do Rio dos Patos, aonde foi a fazer vir umas senhoras castelhanas, vindas numa armada que ia para o Rio da Prata e se perderam ali, porque o Governador o enviou. Esta Capitania é a mais sã de todas.

Vale, mi Pater, et ora pro me. Deste S. Vicente, a 15 de junho de 1553.

5.

Ao P. Luiz Gonçalves da Câmara

Do sertão de S. Vicente, 31 de Agosto de 1553 (20).

ALDEIA DE PIRATININGA — PRIMEIROS CATECÚMENOS — PEDRO CORREIA — JOÃO RAMALHO — SUA SITUAÇÃO FAMILIAR — IMPEDIMENTOS MATRIMONIAIS — RECURSO AO PAPA — OS MESTIÇOS.

Pax Christi: Esta escrevo a V.ª R.ª estando no sertão desta Capitania de S. Vicente, onde fiquei este ano, vindo na armada.

O fruto que nesta terra se faz, pelas cartas dos Irmãos, que estão em S. Vicente, o saberão, porque escreverão de mais perto.

Ontem, que foi o dia da Degolação de S. João, vindo a uma Aldeia, onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem, e onde pus dois Irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecúmenos, dos quais tenho boa esperança de que serão bons cristãos e merecerão o baptismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora.

---

(20) *Bras. 3 (1)*, 99-99v. Cópia, em castelhano. Lemo-la em público, pela primeira vez, no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, na sessão de 5 de Junho de 1934. Logo se tornou famosa, e foi transcrita, de então para cá, em muitos jornais, revistas e livros. Cf. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 381.

Eu vou adiante buscar alguns escolhidos que Nosso Senhor terá entre êstes gentios: lá andarei até ter novas da Baía dos Padres que creio serão vindos.

Pedro Correia foi já adiante a denunciar penitencia em remissão dos seus pecados. Levou todos os modos com que mais nos parece que ganharemos as vontades dos gentios. Os moços principalmente vêm-se para nós de todas as partes.

Neste Campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui aparentados em todo êste sertão. E o mais velho dêles levo agora comigo ao sertão por mais autorizar o nosso ministério. João Ramalho é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principais homens desta Capitania e todos êstes filhos e filhas são de uma índia, filha dos maiores e mais principais desta terra. De maneira que, nele e nela e em seus filhos, esperamos ter grande meio para a conversão destes gentios.

Êste homem, para mais ajuda, é parente do Padre Paiva e cá se conheceram. Quando veio da terra, que haverá 40 anos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos anos. Deseja muito casar-se com a mãi destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negócio. Portanto é necessário que V.ª R.ª envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e da parte de Nosso Senhor lho requeiro: porque se êste homem estiver em estado de graça, fará Nosso Senhor por êle muito nesta terra. Pois estando êle em pecado mortal, por sua causa a sustentou até agora.

E pois isto é coisa de tanta importancia, mande V.ª R.ª logo saber a certa informação de tudo o que tenho dito.

Nesta terra há muitos homens que estão amancebados e desejam casar-se com elas e será grande serviço de Nosso Senhor. Já tenho escrito que nos alcancem do Papa faculdade para nós dispensarmos em todos êstes casos, com os homens que andam nestas partes de infieis. Porque uns dormem com duas irmãs e desejam, depois que têm filhos de uma casar-se com ela e não podem. Outros têm impedimentos de afinidades e consanguinidade e para tudo e para remedio de muitos se deveria isto logo impetrar para o sossego e quietação de muitas consciencias.

E o que temos dito para os gentios se deveria também ter e haver para os cristãos destas partes, ao menos até que do Papa se alcance geral indulto. Se o Núncio tiver poder hajam dêle dispensa particular para êste mesmo João Ramalho poder casar, não obstante que houvesse conhecido outra sua irmã e quaisquer outras parentes dela. E assim para outros dois ou três mestiços, que querem casar com índias de quem têm filhos, não obstante qualquer afinidade que entre êles haja.

Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor. E se isto custar alguma coisa, êle o enviará de cá em açucar. Haja lá algum virtuoso que lho empreste, porquanto me achei nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas.

Escrevo isto a V.ª R.ª para na primeira embarcação mandar resposta a esta Capitania de São Vicente.

O demais escreverei para a ida dos navios, se me achar em parte para isso; e senão os Padres e Irmãos

suprirão. A uma carta que neste São Vicente recebi tenho já respondido. As que vieram por via da Baía ainda as não vi. É mais facil vir de Lisboa recado a esta Capitania do que da Baía.

Vale, Pater. Deste sertão a dentro, último de Agosto de 1553 anos.

Filho inútil de V.ª R.ª.

Nóbrega

6.

A Santo Inácio de Loiola

De S. Vicente, 25 de Março de 1555 (21).

PROFISSÃO SOLENE — LEONARDO NUNES — CARÊNCIA DE PADRES — COLÉGIOS — PARAGUAI — PAZ COM OS COLONOS — MESTIÇOS — DISPENSAS MATRIMONIAIS PONTIFICIAS — DEGREDADOS — CARIJÓS.

A suma graça de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nosso contínuo favor, amen.

No ano passado de 1554, depois de partir o Padre Leonardo, vieram dois navios a êste S. Vicente, onde há dois anos que resido, pelos quais recebi uma de V. P. escrita por duas vias, com a qual *exultavit spiritus meus in Deo salutari meo,* porque a caridade paternal que nela conhecemos *erat oleum effusum in cordibus nostris.* Nela me dava faculdade, e me mandava fazer minha tão desejada profissão, de mim tão mal merecida, e de que sempre me reputo indigno, *sed Dominus fecit mihi magna, qui potens est de lapide isto suscitare unum filium Abrahae,* mas não a fiz até ao presente, por não haver pessoa, em cujas mãos a faça. Esperamos aqui pelo Bispo, e se não vier, irei eu buscá-lo à Baía ou onde estiver.

E porque das coisas desta terra V. P. será informado pelo Padre Leonardo Nunes, que para êste efeito

---

(21) *Bras. 3 (1),* 135-136v. Autógrafo, em castelhano.

de cá mandei o ano passado, (22) e pelas mais cartas que, assim desta Capitania de S. Vicente, como das outras, irão, não me resta a mim dizer outra coisa, senão avisar a V. P. que tem cá muita obra, esperando pela Companhia, de gerações sem conta, mui dispostas para todo o bem, porque tanto guardam a lei natural, que creio que, a muitas, pouco mais falta que conhecer a Cristo Nosso Senhor; mas eu até agora não ouso acometer tão grande emprêsa, *quia hominem non habeo,* nem tem a Companhia cá até ao presente soldados para tão grande conquista, porque os Irmãos que cá há, não são para mais que para se conservar juntos num corpo, e ainda com trabalho, e se se dividirem como é necessário, para fazer bem nosso ofício, alguns se perderão, e Cristo Nosso Senhor perderá sua glória, e a Companhia diminuirá seu crédito; e porque nêste S. Vicente achei mais fraqueza e muitos Irmãos, me pareceu ha dois anos residir aqui. E saiba V. P. que até agora não tenho a quem encomende êstes Irmãos, para que possa ir visitar as outras Capitanias, nem sequer me tenho avistado com o Padre Luiz da Grã, meu colateral, havendo já cerca de dois anos, que êle veio a estas partes, porque êle veio à Baía e não conveio eu ir até ao presente, nem poderá ser estar sempre juntos, como V. P. pensara, porque nenhum outro sinto de quem se deva confiar uma casa de muitos irmãos, as quais nestas partes são duas até ao presente, esta de S. Vicente, onde há mais gente, e a da Baía, e nestas duas nos convem estar divididos; e, portanto, é necessário que V. P. proveja de três ou quatro Padres, e tais que se-

(22) Leonardo Nunes naufragou durante a viagem, no dia 30 de Junho de 1554. Como se vê, nove meses depois ainda se ignorava, em S. Vicente, a infausta noticia. Cf. infra, a carta de Luiz da Grã, de 24 de Abril de 1555.

jam fortes colunas, que possam sustentar êste fraco edifício dêstes filhos da Companhia, que V. P. cá tem. Disto levou o Padre Leonardo Nunes principal memória. Cremos que seremos socorridos depressa, esperamos por as Constituições, e por quem nolas declare, e quem nos reforme em melhor proceder no serviço do Senhor.

Estas partes tôdas são muito apropriadas para fazerem-se colégios da Companhia e se sustentarem mais fàcilmente que em nenhuma parte muitos irmãos pela bondade da terra e ser mui sã; e ao menos deviam fazer-se aquí colégios que servissem de enfermarias de tôdas as casas da Companhia, e isto se a terra se povoar de boa gente, como esperamos que será, pois Nosso Senhor nela descobre metais como todos afirmam, e com o favor dos Príncipes, assim de Portugal como de Castela. Também se podem ordenar casas grandes de moços dos gentios catecúmenos, onde se ensinem na doutrina e bons costumes; o modo e ordem destas coisas Nosso Senhor o mostrará e descobrirá a V. P. e com a informação que tiver desta terra, e da vontade dos Príncipes, principalmente del Rei de Portugal, nos avisará do que devemos fazer e pretender.

Até agora se costumou mandar a estas partes os Padres e Irmãos que no colégio eram para menos, com lhes ver qualquer aparência de bondade, o qual poderá julgar, pois me mandaram a mim por pastor dêles, que de tôdas as partes foi inutil e em mim, e nos outros, que cá viemos, se cumpre o de S. Bernardo *Sup. cant. serm. 18, quod nostrum erat spargimus et perdimus, quia ante quam infundamur festinavimus semi pleni effundere aliis, contra legem aramus in primogenito bovis, & ovis primogenitam tondemus, & modo geniti infantes, qui adhuc lac concupiscunt, huc mittuntur qui adhuc gustare minime possunt solidum cibum, & ideo ut stulti*

proferimus spiritum nostrum, simul cum sapiens reservet in posterum. Tal costume faça V. P. tirar, porque em nenhumas partes são tão necessárias a prudência, fortaleza, ciência, espirito e tôdas as outras virtudes, como aqui, para o negócio da conversão dos infieis, porque de contínuo sucedem coisas que requerem homem *undequaque perfectum,* e todavia para estar em casas e colégios recolhidos, em companhia de outros, menos é necessário.

Desta Capitania de S. Vicente, a cento e cinqúenta léguas, pouco mais ou menos, está edificada uma cidade de castelhanos chamada Paraguai os quais teem subjugado cem léguas em redondo muito número de gentio, de diversas gerações. Êste é o mais maduro fruto para se colher, que há agora nestas partes *& omnes hi tam castellani quam gentiles petunt panem & non est qui frangat eis,* porque os obreiros que lá tem não são senão de maldade. Eu sou importunado cada dia assim dos espanhois por cartas que me mandam, como dos mesmos índios, que veem de muito longe com grandes perigos, buscar-nos. Até agora, por não ter pessoa suficiente e por outros respeitos, não mandei. Espero pelo Padre Luiz da Grã e com seu conselho determinarei, e creio que se vão ordenando coisas, que será lá a minha ida necessária; e a certeza escreverei por outra via a V. P., depois que de todo estiver determinado e resolvido.

Quando a esta Capitania cheguei haverá dois anos achei nela alguns escândalos nos próximos, que nasceram de algumas espécies de mal, ainda que na verdade não havia coisa verdadeira, mas o zelo indiscreto o havia causado, por onde tivemos trabalhos, mas como se cortou e tirou tudo e a verdade apareceu, gozamos já de paz e tranqúilidade no Senhor, e todos os Padres e Irmãos estam agora bons em Cristo Jesus Nosso Senhor. O Padre Leonardo levou apontamentos para dar dêles conta a V. P. e entre êles era um, se aceitariamos

alguns votos de obediência, de alguns leigos casados que por sua devoção querem servir, de fora, às casas fundadas pela Companhia, e porque depois se me ofereceram alguns inconvenientes me parece agora que ao menos ao presente não convém.

De alguns mestiços da terra, que nesta Capitania de S. Vicente se receberam, escolhi um ou dois êste ano e mando-os ao colégio de Coimbra, dos quais tenho alguma esperança que serão de Nosso Senhor e que serão proveitosos para nossa Companhia se lançarem boas raízes em virtudes; e para êste efeito os mando e para aprender, se isto lá assim parecer, e isto *ante quam malitia mutet intellectum* nesta terra, que é mui ocasionada para mal, e assim se fará adiante se assim parecer a V. P. daqueles de que se tiver boa esperança, desde que cheguem à idade do perigo, e assim se fará troca, que do colégio nos mandarão os mal dispostos dos corpos, e de cá os da alma. De tudo nos avise V. P. e a maneira que teremos se algumas casas se fundarem da Companhia, principalmente na cidade do Paraguai, terra do Imperador, da qual somos importunados, e todos nos esperam, e prometem fazer tudo o que à Companhia parecer serviço do Senhor, e bem da conversão dos infieis. E ali é necessário e muito conveniente fazer-se uma grande casa, de que manem a todas as partes que estam já conquistadas, e mais preparadas para receber a palavra do Senhor, mas será necessário que seja favorecida aquela casa e que tenha calor por via de Sevilha, do conselho das Indias, e do Principe, por ser em outro reino, e que de lá seja visitada da Companhia, de tempo em tempo, e terá comunicação com estas casas do Brasil.

Nestas partes poderemos obrar pouco na vinha do Senhor, se Sua Santidade não alarga a mão a concedernos as dispensas de todo o direito positivo, mórmente

para os que se convertem à fé de Christo, e para os mestiços, filhos dos cristãos, porque de outra maneira não se poderá dar remédio a muitas almas. Isto, e o mais que o Padre Leonardo Nunes leva por apontamento, proveja V. P. com brevidade.

Torno a dizer a V. P. que se esta costa do Brasil não se povoar de melhor gente, do que até agora têm vindo a ela, a qual faça viver os índios em razão e justiça, não se pode fazer mais conta dela que de sustentar-se alguns Irmãos da Companhia em Colégios, e ganhar-se alguns filhos dos índios, alguns dos quais, depois de grandes, não são seguros de voltar aos costumes de seus pais e por isto nos parecia bem mandá-los, mas não nô-lo deixam fazer os que mandam a terra, por não suceder coisa de que os índios se possam enfadar, ainda que seus pais os deem de boa vontade, como aconteceu quando o Padre Leonardo Nunes partiu, o qual levava quatro ou cinco ao colégio de Coimbra, e não lho permitiram, ainda que era vontade de seus pais. A causa porque nestes Índios, de tôda esta costa onde habitam os Portuguêses, se fará pouco fruto ao presente é porque estam indómitos e a esta terra não vieram até agora senão desterrados da mais vil e perversa gente do Reino, e se algumas aparências de bem, e alguma esperança nos têm dado nêstes seis anos, que aqui com êles tratamos, têm-no causado mais o interêsse e a esperança do que êles têm, do que o fervor da fé que em seus corações tenham. E por isso disse acima que os infieis da costa não estam tão maduros para colher-se dêles fruto, como os infieis que confinam com o Paraguai, terra do Imperador, os quais estam já sujeitos a seu jugo. Assim que me parece que com êstes gentios da costa se fará pouco, e com aquêles onde não chegou a conversação dos cristãos, um pouco mais e com aquêles que estam já sujeitos e do-

mésticos se fará muito fruto, e êstes são os que chamam Carijós, que é uma geração muito grande que chega até ao Perú, ainda que no meio delas se metem outras muitas, as quais não são menos boas, e até algumas cremos serão melhores como temos por informação certa.

Pelo Padre Leonardo requeria ao padre Provincial de Portugal, a quem até agora tive obediência, me tirasse êste cargo, para o qual me sinto *ex omni parte* insuficiente, e sou-o na verdade, e creio que se Nosso Senhor aí o levou, e V. P. fôr informado da verdade e das muitas faltas e erros, que faço cada dia, no que me é encomendado, me tirara a mim do perigo de minha perdição, e à Companhia, de quem é pai, de grande perigo de se diminuir e apoucar seu crédito, e por certo tenho, que se V. P. conhecera de mim um pouco do muito que Nosso Senhor conhece, nunca me daria o tal encargo. Portanto peço-lhe pelas entranhas de Cristo Nosso Senhor, *ut loces vineam tuam alii colono, qui tibi in tempore uberiores fructus referat, & dimittas me, ut refrigerer paulum* e mui confiado de ser assim o espero, *& haec erit unica spes mea.* Nada mais por esta, senão que eu e todos êstes seus filhos pedimos ser encomendados em suas orações, e assim pedimos humildemente sua benção *in Christo Iesu Domino Nostro.* De S. Vicente, 25 de Março de 1555.

De V. P. filho inútil

Nóbrega

7.

Ao P. Miguel de Torres, Provincial de Portugal

Da Baía, 2 de Setembro de 1557 (23).

MEM DE SÁ — PROCURATURA EM LISBOA — D. DUARTE DA COSTA — TOMÉ DE SOUSA — FORTALEZAS DO BRASIL — SÍTIO DO COLEGIO DA BAÍA — IGREJA — ASSUNTOS ECONÓMICOS — RENDAS DE EL-REI — NEGROS DA GUINÉ — CARIJÓS — PROJECTO DE IDA AO PARAGUAI — CAPITANIA DE S. VICENTE — DOENÇAS DE NÓBREGA — COLÉGIO DE PIRATININGA — MARTIM AFONSO DE SOUSA — SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO — ESPIRITO SANTO — FRANCESES — INFORMAÇÕES DOS PADRES E IRMÃOS — CARTAS A EL-REI.

A graça e paz de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossas almas, Amen.

Depois de ter escrito por esta mesma via, de Porto Seguro, chegou uma caravela da armada, que vinha com Mem de Sá, a qual o perdeu dous gráus antes de chegar à linha, e chegou aqui com a nau da India, que vinha em sua companhia. Por esta caravela recebemos cartas da segunda via, com tudo o que elas diziam que a caravela nos trazia, às quais responderei o melhor que puder, porque a brevidade do tempo não me dará lu-

---

(23) *Bras. 15*, 41-44. Carta original, quási metade autógrafa. A primeira parte é da mão de António Blasques, que serviu de secretário a Nóbrega.

gar a fazê-lo como era necessário. Mas, no que nesta faltar, suprirei pela mesma caravela, a qual diz o Governador que mandará, quando de todo em todo não vier Mem de Sá, de cuja vinda estamos já desconfiados por êste ano, e presume-se que por falta de água arribaria ás Antilhas. Isto é o que comunmente cá se trata.

Quanto ao que diz o Padre Francisco Anriques, que, por falta de miuda informação se não requerem lá nossas cousas, como convém, é assim, porque variamse lá tantas vezes as pessoas que connosco cá têm conta, que quási cada ano se mudam. E cá não consideramos ser necessário de novo tornar a repetir o que por muitas vezes está escrito, porém daqui avante o farei o melhor que puder.

Acêrca do apartamento dos moços pratiquei cá com os Padres e no que mais comunmente nos resolvemos foram as seguintes conclusões. A primeira é que, por mais propício que Dom Duarte nos seja, nem Tomé de Sousa, nem nenhum de cá ha-de mover El-Rei a que gaste de sua fazenda em nos fazer colégio, antes todos lhe hão de dizer que bem estamos, o que cá bem entendemos e bem se vê, pois não apareceu lá a traça e debuxo que cá o Governador mostrava mandar com tanto gosto. A razão disto é porque, posto que mostrem ser nossos devotos, não entra em seu entendimento dever-nos El-Rei fazer o Colégio, estando a Sé por fazer e assim um engenho que El-Rei mandou que se fizesse, que todos julgam ser muito proveito da terra, e muitos ordenados por pagar (muitos dêles escusados) que o fazer-se o colégio (24). E para tudo isto

---

(24) Frase de Blasques, mal construida. Entende-se que todas aquelas obras, segundo a mente dos Governadores, deviam fazer-se antes do Colégio.

não há cá com que se fazer, nem de lá se manda o terço, do que para tantos gastos é necessário, além de outros gastos de outras Capitanias, e todos julgam ser mais importantes como são fazer fortalezas no Rio de Janeiro, na Birtioga de S. Vicente e socorrer ao Espírito Santo, que são todas coisas em que todos mais trazem os sentidos que em colégios nossos.

A segunda conclusão é que as casas, que temos, não lhes vemos maneira para nós e moços estarmos nelas apartados, salvo se rompermos o muro da cidade e fizermos algumas casa da banda de fóra no sítio que para o colégio está deputado. E para isto não temos possibilidades para as fazer, nem sei se nos darão licença para romper o muro. As casas, que agora temos são estas, s. uma casa grande de setenta e nove palmos de comprido, e vinte e nove de largo. Fizemos nela as seguintes repartições, s. um estudo e um dormitório e um corredor e uma sacristia por rezão que outra casa que está no mesmo andar e da mesma grandura não serve de igreja, por nunca, depois que estamos nesta terra, sermos poderosos para a fazer o que foi causa de sempre dizermos missas em nossas casas. Neste dormitório dormimos todos, os Padres como Irmãos, assaz apertados. Fizemos uma cozinha e um refeitório e uma dispensa que serve a nós e aos moços. Da outra parte está outro lanço de casas da mesma compridão. Em uma delas dormem os moços, em outra se lê gramática, em outra se ensina a ler e escrever. Todas estas casas, assim umas como outras, são térreas. Tudo isto está em quadra. O chão, que fica entre nós e os moços, não é bastante para que repartindo-se êles e nós fiquemos agasalhados, maiormente se nêle lhes houvessem de fazer refeitório, dispensa e cozinha, como será necessário. Todas as mais casas necessárias a uma comunidade nos faltam a nós e a êles como são

umas necessárias, casa da água e de lenha, e outras desta maneira, que cá são muito necessárias. E no sítio não há maneira para se fazer. E sobretudo não lhe fica serventia para a fonte e coisas necessárias, ultra de não terem igreja senão a nossa.

A terceira é que nos parece que repartindo-nos não faltará quem diga a El-Rei que bem estamos e assim nunca nem nós nem êles estaremos agasalhados como convém, pelo qual nos parece que se devia de dizer a Sua Alteza como estamos apertados, e que não é possivel cabermos neste chão. Portanto que a êles ou a nós dê agasalho. Para nós, agora, abastam-nos estas casas, que nós, com muito trabalho nosso e com pouparmos essa pobre esmola de El-Rei, fizemos, respeitando a pobresa da terra e aos muitos gastos que cá tem Sua Alteza com pouco proveito, mas há-de ser com tirar daqui os moços para outra parte, ou não querer que os haja, nem casa deles que seria de todo perder a esperança de se frutificar nesta terra alguma cousa; e, por isso, o melhor seria dar-lhes êste sítio, e a nós fazerem-nos um pobre agasalhado da banda de fora do muro, no lugar que para isso se escolheu, e vendo, entretanto, que não vem resposta trabalharemos quanto fôr possivel por haver alguma maneira de apartamento. A quarta é que nos parece bem, além da superintendência espiritual dos moços, convir muito que o Provincial ou Reitor de nosso Colégio sómente, tenha também a superioridade em o mais, para pôr e tirar e ordenar as coisas dos moços, escolhendo quem dêles tenha cuidado e do seu, e êsse tirando e pondo, quando lhe parecer. Porque se de todo os alargarmos, em breve tempo será tudo tornado em nada, segundo o que por experiência alcançamos. E não tem êles mais ser e vida, nem sua casa, que quando nós assopramos, maiormente sendo os mais ou todos moços do gentio de quem a gente desta

terra tem muito pouco gosto e devoção, pelo muito ódio que comunmente se tem a esta geração, e por isso de duas uma devemos escolher: ou não fazer conta dêles que podem permanecer, ou ter-se com êles e suas coisas a superintendência que digo.

O que os moços cá têm, para sua mantença, são quarenta mil reis cada ano, bem mal pagos, e tudo o mais que nós lhe quisermos dar. Minha intenção, quando esta casa se principiou, foi parecer-me que nunca meninos do gentio se apartariam de nós, e de nossa administração, e o que se adquiriu foi para nós e para êles. Dos moços orfãos de Portugal nunca foi minha intenção adquirir a êles nada, nem fazer casas para êles senão quanto fosse necessário para com êles ganhar os da terra e os ensinar e doutrinar e êsses haviam de ser sómente os que para êste efeito fossem mais necessários e de cá se pedissem. E todavia nos parece bem dar-lhes as terras, porque se pediram para os meninos dos gentios por não haver escândalo e dizerem que com título de moços adquirimos para nós; e para o nosso colégio se devia pedir a el Rei uma légua ou duas de terra, onde nos melhor parecer, em parte onde não fôr ainda dada, posto que já agora não pode ser senão longe, por ser tudo dado, e bastará escrever Sua Alteza ao Governador que, onde fôr mais conveniente, as dê.

Uma igreja temos principiada há três ou quatro anos, e por esperar recado de el Rei e também por não sermos poderosos para acabar, nem nos pagarem cá nossa esmola, não se acabou, o que é causa de termos pouco encerramento, pois é necessário fazermos igreja do que se fez para dormitório, e desta maneira estamos muito devassos e apertados, como já disse. Determinamos cubri-la como quer, porque esperamos ao diante não haver de servir de igreja por algumas razões: a uma é porque nossa possibilidade, como digo, não nos deixa

fazê-la como convém para igreja, a outra que esta casa está tão pegada com a Sé, que, por manso que falem, se ouve em uma igreja o que se faz em outra; e, portanto, nos parece bem que se faça da outra banda dêste sítio, em que estamos, por estar mais afastada da Sé, o que esperamos que Sua Alteza mande fazer, se todavia êste sítio houver de ficar connosco.

Quanto ao que diz o Padre Francisco Anriques que mande certa e larga informação do que se pode ordenar para dote e mantimentos das casas: quanto a esta Capitania, digo que El Rei tem nela, de renda dos dízimos, o seguinte. s. as miunças rendem cento e vinte mil reis. Nisto andam arrendadas em cada um ano. O peixe, mandioca, e algodão que andam arrendados sôbre si rendem setenta ou oitenta mil reis em dinheiro. O acuçar de um engenho, que até agora não há outro na terra, anda em cento e cinquenta arrobas de açucar que vale a cruzado a arroba. Todos êstes dízimos se espera que vão crescendo, segundo a terra se fôr povoando. De aqui podia El-Rei dar o que quisésse, contanto que fôsse perpétuo. A nós mais nos servem os dízimos das miunças, porque entram neles as criações. De S. Vicente escrevi, conformando-me com o Padre Luiz da Grã, que nos parecia não se haver de aceitar de El-Rei terras nem escravos para grangearia; agora, conformando-me com o que de lá escrevem, e com o parecer dos Padres daqui, digo que se aceite tudo até palhas; e digo que se Sua Alteza nos quisesse mandar dar uma boa dada de terras, onde ainda não for dada com alguns escravos de Guiné, que façam mantimentos para esta casa, e criem criações, e assim para andarem num barco, pescando e buscando o necessário, seria muito acertado, e seria a mais certa maneira de mantimentos desta casa. Escravos da terra não nos parece bem tê-los por alguns inconvenientes. Dêstes es-

cravos de Guiné manda êle trazer muitos à terra. Podia-se haver provisão para que dos primeiros que viessem nos desse os que Sua Alteza quisesse, porque uns três ou quatro que nos mandou dar, há certos anos, todos são já mortos, salvo uma negra que serve esta casa de lavar roupa, ainda que não o faz mui bem escusa-nos muitos trabalhos. A mantença desta casa foi até agora muito trabalhosa e quási miraculosamente se mantém nela tanta gente, sem ter escravo que pesque, nem que traga água e lenha e coisas semelhantes; e fôra-o muito mais se não nos repartíramos pelas Aldeias dos Indios, que nos mantinham e daí muitas vezes se proviam os desta casa.

Desde que fui entendendo por experiência o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e ela ser uma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente racional, e ser gente servil que se quer por mêdo e sujeição, e conjuntamente ver a pouca esperança da terra se ensenhorear e ver a pouca ajuda e os muitos estorvos dos cristãos destas terras, cujo escândalo e mau exemplo abastara para se não converter, posto que fôra gente doutra qualidade, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quais estão senhoreados e sujeitos dos castelhanos do Paraguai, e mui dispostos para se nêles frutificar, e em outras gerações que também conquistam os castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de lá instância grande por muitas vezes, s. o Capitão e os principais da terra, prometendo todo o favor e ajuda necessária, para bem empregar nossos trabalhos, assim antre os cristãos como entre os gentios.

Tive também cartas de pessoas que esperavam nossa ida com desejos de servirem a Nosso Senhor, nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto ver

que a Capitania de S. Vicente se vai pouco a pouco despovoando, pelo pouco cuidado e diligência que nisto El-Rei e Martim Afonso de Sousa têm, e se vão lá passando ao Paraguai pouco a pouco, e considerar eu os muitos irmãos que há em S. Vicente e o pouco que se faz aí, e parecer-me que seria bom ter lá a Companhia um ninho onde se recolhesse, quando de todo S. Vicente se despovoasse, ajuntava-se a isto parecer-me que estando lá os da Companhia se apagariam alguns escândalos que os Castelhanos têm dos Portuguêses e, a meu parecer, com muita razão, porque usaram muito mal com uns que vieram a S. Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata, vivendo eu com êste desejo o deixei de pôr por obra, por não ter quem mandar e algumas vezes estive determinado de eu mesmo lá ir a saber o que se poderia fazer; nisto chegou o Padre Luiz da Grã o qual desejei muito que fosse, mas porque o achei de opinião contrária *acquievi consilio eius*. E tive o meu espírito por suspeitoso. Depois, vindo eu agora há um ano a esta Baía, achei cartas do Provincial, o doutor Torres, em resposta do que sôbre isto lhe tinha escrito; depois de as ler aos Padres, que aqui estavamos, pedi a todos seu parecer, os quais mandei com as cartas ao Padre Luiz da Grã, tirando-me a mim afora, sem dar parecer de sim nem de não, dizendo-lhe que fizesse fazer oração e aconselhando-se com as cartas que lhe mandavam de Portugal, e, com o parecer dos Padres e irmãos, se lá parecesse bem, entrasse *in nomine Domini*. Agora recebi carta sua em como, feito o que lhe escrevi, todos os Padres e Irmãos, tirando um só, eram em opinião que fosse àquela terra; e por isso estava determinado de ir, se o caminho (que àquele tempo estava perigoso) se assegurasse. Mas, tornando ao propósito, o que sempre nos deteve foi parecer-nos que S. A. poderia disto ter algum desgosto, e esta foi a principal ra-

zão que isto estorvou até agora. Se lá o sentirem podem-no escusar como lhes parecer melhor. E, além da tal ida ser muito de serviço de Nosso Senhor, convinha para se ordenarem lá cinco ou seis irmãos de S. Vicente com o Bispo que já lá é. E é muito mais conveniente ordenarem-se lá que virem à Baía, quanto mais que não há Bispo nem sabemos quando o haverá nesta costa.

Escreve-me o Padre Luiz da Grã que agora não pode levar mais que um Irmão por companheiro para se lá ordenar que é o Irmão Chaves, muito boa coisa, e pede-me que mande quem daqueles irmãos tenha cuidado pelo qual será forçado ir lá um Padre de quatro que aqui estamos, que aqui ha de fazer muita falta. Portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem socorro logo, ao menos de um Provincial e alguns Padres e Irmãos, que ajudem, porque a mim devem-me já ter por morto, porque ao presente fico deitando muito sangue pela bôca. O médico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que pode ser da cabeça: seja donde for, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco (25).

A Capitania de S. Vicente, como digo, vai piorando e cada vez as rendas de el Rei valem menos; e por isto me parece que não há que falar nisso nada; sòmente se podia pedir a Martim Afonso de Sousa sete ou oito léguas de terra para o colégio de Piratininga; e as mais convenientes, que me pareciam, eram começando no porto que agora chamam Piratinim, junto de uma lagôa, pelo Rio Grande abaixo, à mão esquerda, sete ou oito léguas de comprido e outras tantas de largo, e não é grande data, porque é no sertão, onde não está dado a ninguem, e servirá isto para quando em algum tem-

(25) **Daqui em diante a carta é do punho de Nóbrega.**

po aquilo se povoar, o que se espera, se a terra melhorar, porque é a melhor cousa que há no Campo. E não tenha por muito Martim Afonso dar isso a um Colégio, pois há homens particulares em S. Vicente, a quem se dá muito mais terra; e creio que, se alguma coisa pode fazer que os moradores não despovoem aquela Capitania, será estar ali aquela casa. Também me parece que se devia dizer a Martim Afonso e a Sua Alteza que, se quer que aquela Capitania se não despovoe de todo, que deem liberdade aos homens para que os do Campo se ajuntem todos juntos, no rio de Piratininga, onde êles escolherem, e os do mar se juntem também todos juntos, onde melhor for, por estarem mais fortes, porque a causa de despovoarem, é fazerem-nos viver na vila de Santo André à Borda do Campo; onde não têm mais que farinha e não se podem ajudar do peixe do rio, porque está três leguas daí, nem vivem em parte conveniente para suas criações; e, se os deixassem chegar ao rio, teriam tudo e sossegariam. Os do mar vivem em mais trabalho, porque, posto que tenham peixe em abastança não têm terras para mantimentos, nem para criações e sobretudo vivem em grande desassossêgo, porque são cada dia perseguidos dos contrários e o mantimento que comem vem do Campo, dez ou doze léguas de caminho o mais mau que se pode imaginar. Parece-me que se El-Rei não provê de maneira que aqueles contrários percam tanta soberba que deem lugar aos moradores se estenderem pela Britioga, que dizem que é boa terra, o que podia bem ser se o Rio de Janeiro se povoara, como sempre se desejou, e se se pretendesse nesta terra senhorear os indios, como melhor pudessem. Se nisto se não provê com brevidade a mim me parece que aquela Capitania se perderá, e, porque destas coisas devem ser melhor informados pela via de S. Vicente, cesso.

Do Espírito Santo tenho boas novas do fruto que se faz com o gentio, que chamam os do Gato, e com a escravaria, posto que por serem poucos moradores e não se ir melhorando nada, está em perigo dos mesmos contrários, que a S. Vicente chegam, e dos outros da terra, e dos francêses; e de tudo irá mais larga informação nos *Quadrimestres* que irão na primeira embarcação, que desta Baía for, porque até agora não foi nenhuma êste ano.

Quanto ao que diz que mande dizer quem há cá para fazer votos de coadjutores espirituais e temporais, parece-me que todos os que de lá vieram, tirando algum, que cá se pode ver. Dos que cá se receberam, também haverá quatro ou cinco que o Provincial que vier poderá escolher, o qual em tôda maneira venha êste ano, antes que tudo se perca, e não lhes pareça que por humildade digo isto, senão por necessidade, e bastam estas palavras para entenderem o que cá pode ir, e digo que me parece que nem um bom Provincial bastará se não trouxer alguns que o ajudem. De tudo o que tenho dito se lhe parecer que se deve dar aviso ao Geral, se lhe dê, para que proveja com brevidade.

E se querem mais clara informação dos que cá há, digo que o Padre Luiz da Grã, já professo, é servo de Nosso Senhor mui fiel. O Padre Ambrósio Pires é ainda o mesmo que de lá veio, em sua condição, mas é muito aceito do povo e fizera mais fruto se tomara mais por vontade empregar seu talento. O Padre Antônio Pires é bom filho e ajuda-me cá muito bem, merece bem coadjutor espiritual. O Padre João Gonçalves é minha alegria e consolação. Antônio Blasques é virtuoso, posto que ainda mal mortificado em algumas coisas. No Espírito Santo, Braz Lourenço, posto que o conversei pouco tempo, parece mais confiado do necessário. Fran-

cisco Pires é bom filho. Em S. Vicente, o Padre Paiva é virtuoso e zeloso e apraz muito àquela gente, mas tem pouco saber natural. Afonso Braz é todo bom, mas mui simples e escrupuloso. Vicente Rodrigues tem boa maneira e é edificativo e honesto juizo, mas mui idiota e ignorante. Diogo Jácome tem mansidão natural, mas foi cá muitas vezes tentado de ir ganhar de comer a sua mãe e parece que não está bem fundado ainda. O talento dêstes parece que deve ser de coadjutores espirituais, nesta terra, onde abasta qualquer confessor e qualquer sacerdote para a doutrina e confissões do gentio, o que em outras partes não bastar. Dêstes todos, que tenho dito, se não é o Padre Luiz da Grã e o Padre Paiva um pouco, e o padre João Gonçalves, que têm muita caridade, todos os mais têm muito pouco gosto do gentio.

Dos que cá se receberam, Simão Gonçalves, que foi o primeiro soldado que cá se tomou, merece bem coadjutor temporal. Manuel de Chaves é bom filho e muito humilde e que tem servido muito a seus irmãos e a melhor língua que temos, trabalhei de o encaminhar a ser clérigo, pois sabia o latim da terra: se o for, será mui idiota, mas entre outros que mais saibam, se sofre. Êste poderá ser coadjutor espiritual, depois de ordenado. O irmão Antônio Rodrigues é outrosim língua, que veio do Paraguai, bom filho, e para com o gentio mui zeloso, sabe honestamente para o clérigo. Eu o trouxe comigo de S. Vicente para o ordenar e não achamos já o Bispo. Mateus Nogueira, ferreiro, deve ser coadjutor temporal. Dos outros mais novos e dos estudantes não há ainda para que falar, alguns procedem bem outros não. Nosso Senhor nos tenha a todos de sua mão. Esta é a gente que cá tem a Companhia e a mim

o mais desaproveitado de todos e que *iam morior* (26). Por a carta que escrevo a António Pinheiro poderá ver o que mais faltar. A El-Rei não escrevo agora pela pressa; fá-lo-ei pela caravela, quando fôr, pois mo mandam. Eu o comecei a fazer no princípio e mandava as cartas abertas, para lá se julgar se se deviam de dar, e escreveram-me que o não fizesse, a tempo que eu tinha recebido uma de El-Rei, em resposta de outra, que lhe eu tinha escrito; e porventura que estranharia não lhe tornar a responder. Agora não se oferece mais, o que faltar trabalharei por ir por outra via, que esperamos será a caravela, quando Mem de Sá de todo não vier. Resta pedir a sua benção, para mim a para todos êstes seus filhos e irmãos, com desejos de sermos encomendados em suas orações e sacrifícios. Desta Baía, a dous dias de Setembro de 1557 anos.

Filho de V. R. em Cristo

Nóbrega

---

(26) Todos estes Padres e Irmãos vieram a falecer na Companhia, excepto Ambrósio Pires, e todos eram Portugueses, excepto António Blasques. Nóbrega não cita Anchieta, englobando entre os mais novos, de quem "não ha ainda para que falar". Esta página pertence ao regime interno da Companhia de Jesus. Informações habituais que precedem a incorporação definitiva dos que a ela se acolhem. São boa amostra da singela sinceridade de Nóbrega e do seu sentimento de responsabilidade. Nomes quasi todos cheios de prestigio e que prestaram ao Brasil incalculaveis serviços, na segunda metade do século XVI. As suas vidas, os factos essenciais dela, estão já nos dois primeiros tomos da *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Supérfluo refazê-las aqui.

8.

Apontamento de coisas do Brasil

Da Baía, 8 de Maio de 1558 (27).

TROPELIAS DOS INDIOS — ANTROPOFAGIA — PLANO COLONIZADOR DE NÓBREGA — SUJEIÇÃO DO GENTIO — LEGISLAÇÃO PARA OS INDIOS — MENINOS DO GENTIO — MOÇOS ÓRFÃOS DE PORTUGAL — MEM DE SÁ — D. DUARTE DA COSTA — ALDEIAS — PARAGUAI — CARIJÓS — COLÉGIO DA BAÍA — SUA MANTENÇA — LEGADO DE DIOGO ALVARES "CARAMURÚ" — S. VICENTE — PROJECTO DE IDA AO PARAGUAI.

Primeiramente o gentio se deve sujeitar e fazê-lo viver como criaturas que são racionais, fazendo-lhe guardar a lei natural, como mais largamente já apontei a Dom Leão o ano passado (28).

Depois que o Brasil é descoberto e povoado, têm os gentios mortos e comidos grande número de cristãos e tomadas muitas naus e navios e muita fazenda. E trabalhando os cristãos por dissimular estas coisas, tratando com êles e dando-lhes os resgates com que êles fol-

---

(27) Arch. S. I. Lus. Em português.

(28) D. Leão Henriques, reitor do Colegio de Evora e confessor de D. Henrique, Cardial Infante (Cf. Francisco Rodrigues, *Hist. da C. de J. na Assistencia de Portugal*, I, 2.°, 334). Este titulo nobiliárquico de *Dom* usaram-no, nos começos da Companhia, os Padres que a ele tinham direito por privilegio de familia. Depois suprimiu-se tal costume.

gam e têm necessidade, nem por isso puderam fazer deles bons amigos, não deixando de matar e comer, como e quando puderam. E se disserem que os cristãos os salteavam e tratavam mal, alguns o fizeram assim e outros pagariam o dano que êstes fizeram; porém há outros a quem os cristãos nunca fizeram mal, e os gentios os tomaram e comeram e fizeram despovoar muitos lugares e fazendas grossas. E são tão crueis e bestiais, que assim matam aos que nunca lhes fizeram mal, clérigos, frades, mulheres de tal parecer, que os brutos animais se contentariam delas e lhes não fariam mal. Mas são êstes tão carniceiros de corpos humanos, que sem excepção de pessoas, a todos matam e comem, e nenhum beneficio os inclina nem abstem de seus maus costumes, antes parece e se vê por experiencia, que se ensoberbecem e fazem piores, com afagos e bom tratamento. A prova disto é que êstes da Baía sendo bem tratados e doutrinados com isso se fizeram piores, vendo que se não castigavam os maus e culpados nas mortes passadas, e com severidade e castigo se humilham e sujeitam.

Depois que Sua Alteza mandou Governadores e justiça a esta terra, não houve saltearem os gentios nem tomarem-lhes o seu como antes, e nem por isso deixaram êles de tomar muitos navios e matarem e comerem muitos cristãos, de maneira que lhes convem viver em povoações fortes e com muito resguardo e armas, e não ousam de se estender e espalhar pola terra para fazerem fazendas, mas vivem nas fortalezas como fronteiros de mouros ou turcos e não ousam de povoar e aproveitar senão as práias, e não ousam fazer suas fazendas, criações e viver pola terra dentro que é larga e boa em que poderiam viver abastadamente, se o gentio fosse senhoreado ou despejado, como poderia ser com pouco trabalho e gasto, e teriam vida espiritual, conhe-

cendo a seu criador e vassalagem a S. A. e obediência aos cristãos e todos viveram melhor e abastados e S. A. teria grossas rendas nestas terras.

Êste gentio é de qualidade que não se quer por bem, senão por temor e sujeição, como se tem experimentado e por isso se S. A. os quer ver todos convertidos mande-os sujeitar e deve fazer estender os cristãos pola terra adentro e repartir-lhes o serviço dos índios àqueles que os ajudarem a conquistar e senhorear, como se faz em outras partes de terras novas, e não sei como se sofre, a geração portuguesa que antre todas as nações é a mais temida e obedecida, estar por toda esta costa sofrendo e quasi sujeitando-se ao mais vil e triste gentio do mundo (29).

Os que mataram a gente da nau do bispo se podem logo castigar e sujeitar e todos os que estão apregoados por inimigos dos cristãos e os que querem quebrantar as pazes e os que têm os escravos dos cristãos e não os querem dar e todos os mais que não quiserem sofrer o jugo justo que lhes derem e por isso se alevantarem contra os cristãos.

Sujeitando-se o gentio, cessarão muitas maneiras de haver escravos mal havidos e muitos escrúpulos, porque terão os homens escravos legítimos, tomados em guerra justa, e terão serviço e vassalagem dos índios e a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas

---

(29) Na carta a Tomé de Sousa, de 5 de Julho de 1559, dirá Nobrega, a propósito do caso de Ilhéus, em que os colonos, só porque os Indios queimaram uma casa, largaram engenhos, casas e tudo: "nem parecem da casta dos Portugueses que lemos nas crónicas e sabemos que sempre tiveram o primado". O conselho de Nóbrega é ou que se largue tudo ou se senhoreie tudo. Nisso só haverá vantagem para os mesmos Indios, para a terra, para o Reino e para Deus. Tomé de Sousa, "faça socorrer este pobre Brasil". (*Cartas do Brasil*, 216-217).

almas e S. A. terá muita renda nesta terra, porque haverá muitas criações e muitos engenhos já que não haja muito ouro e prata.

Depois desta Baía senhoreada será facil cousa sujeitar as outras Capitanias porque sómente os estrondos que lá fez a guerra passada os fez muito medrosos e aos cristãos deu grande ânimo, tendo-o antes mui caido e fraco, sofrendo cousas ao gentio que é vergonha dizê-lo.

Desta maneira cessará a boca infernal de comer a tantos cristãos quantos se perdem em barcos e navios por toda a costa; os quais todos são comidos dos Índios e são mais os que morrem que os que vem cada ano, e haveria estalagens de cristãos por toda a costa, assim para os caminhantes da terra como para os do mar.

Êste parece tão bem o melhor meio para se a terra povoar de cristãos e seria melhor que mandar povoadores pobres, como vieram alguns e por não trazerem com que mercassem um escravo com que começassem sua vida não se puderam manter e assim foram forçados a se tornar ou morrerem de bichos e parece melhor mandar gente que senhoreie a terra e folgue de aceitar nela qualquer boa maneira de vida como fizeram alguns dos que vieram com Tomé de Sousa, tendo mui pouca razão de se contentarem dela naquele princípio, quando não havia senão trabalhos, fomes e perigos de índios, que andavam mui soberbos e os cristãos mui medrosos e por isso muito mais, se virem os Índios sujeitos, folgarão de assentar na terra. Nem parece que para tanto gentio haverá mister muita gente, porquanto, segundo se já tem experiência dele por outras partes, poucos cristãos bastarão e pouco custo e porventura que com pouco mais do que S. A. gasta em os trazer à fé por paz e amor e outros gastos desnecessários, bastaria para su-

jeitar toda a costa com ajuda dos moradores e de seus escravos e índios amigos, como se usa em todas as partes desta qualidade.

Devia de haver um protector dos índios para os fazer castigar quando o houvessem mister e defender dos agravos que lhes fizessem. Este devia ser bem salariado, escolhido polos Padres e aprovado polo governador. Se o governador fosse zeloso bastaria ao presente.

A lei, que lhes hão de dar, é defender-lhes comer carne humana e guerrear sem licença do Governador; fazer-lhes ter uma só mulher, vestirem-se pois têm muito algodão, ao menos despois de cristãos, tirar-lhes os feiticeiros, mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos; fazê-los viver quietos sem se mudarem para outra parte, se não for para antre cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem, e com êstes Padres da Companhia para os doutrinarem. Isto começou a executar D. Duarte e agora Mem de Sá o faz com maior liberalidade polo Regimento, que trouxe de El-Rei, que está em glória, mui copioso e abundante, mas todavia será mui conveniente ser nisso alembrado de lá e fazer que lhe escrevam agradecimentos do que faz.

Meninos do gentio não ha agora em casa. A razão é porque os que havia eram já grandes e deram-se a ofícios, mas destes os mais fugiram para os seus, e como não havia sujeitá-los lá se andaram até agora que Mem de Sá os começa de fazer ajuntar, outros por não se poderem aquí sustentar por causa da fome que ha dias que anda por esta Baía (não por falta de terra nem dos tempos senão por falta de quem faça mantimentos e haver muitos ociosos para os comer) foram mandados para a Capitania do Espirito Santo, não se tomaram outros, nem se fez por isso, por não se poderem sustentar, todavia já agora começaremos de ajuntar alguns de

melhores habilidades nesta casa e tenho um homem muito conveniente para ter cuidados dêles (30).

Que nos parece bem, além da superintendência espiritual dos moços, convir muito que o provincial ou Reitor de nosso colégio sómente, tenha também a superintendência em todo o mais para ordenar as cousas, pondo e tirando e escolhendo quem dêles tenha carrego e do seu, por que se de todo os alargarmos, em breve tempo será tudo tornado em nada, segundo a experiência nos tem ensinado e não tem êles, nem sua casa, mais ser que quanto nós ajudamos, maiormente por serem filhos dos gentios de que a gente desta terra tem mui pouco gosto, antes comumente se tem grande ódio a esta geração, e o que lhes pode fazer maior mal é se cuidar que salva melhor [a] alma e por isso se não escusa a superintendência que digo ou de todo alargá-los. Minha tenção quando se esta casa principiou foi parecer-me que nunca meninos do gentio se apartariam de nós e de nossa administração e o que se aquiriu foi para êles e para nós. Dos moços orfãos de Portugal nunca foi minha tenção adquirir a êles nada nem fazer casa para êles, senão quanto fosse necessário para com êles ganhar os da terra para os doutrinar e êstes haviam de ser sómente os que para êste efeito fossem necessários e de cá se pedissem.

Torno a dizer que é tão grande o ódio que a gente desta terra tem aos Índios que por todas as vias os toma o imigo de todo o bem por instrumentos de danarem e estorvarem a conversão do gentio porque de Mem de Sá, Governador, ajuntar quatro aldeias em uma e querer

---

(30) Rodrigo de Freitas, como se lê no post-scriptum desta carta. Este homem importante, natural de Melgaço, entrou um ano depois na Companhia e veio a ser Padre e a desempenhar diferentes cargos de confiança. Faleceu na Baía com 95 anos de idade, em 1604.

ajuntar outras em outra parte, não saberei dizer quanto o estorvam por todas as vias, mas neste caso parece-me bem o que faz Mem de Sá, e eu e D. Duarte assim lho aconselhamos, porque doutra maneira não se podem doutrinar nem sujeitar nem metê-los em ordem e os Índios estão metendo-se no jugo de boa vontade, *sed turba quae nescit legem* e não têm misericordia nem piedade, e têm para si que êstes não têm alma, nem atentam o que custaram, não têm o sentido senão em qualquer seu interêsse.

Duas gerações estão aquí junto as quais de pouco tempo para cá se comem depois que cá somos e estão tão junto de nós e perto uns dos outros que é impossivel poderem-se doutrinar nenhuns deles e todos sujeitos ao que o Governador lhes quer mandar e sofreram atego-ra grandes agravos dos cristãos até lhes tomarem filhas e mulheres e os matarem. E porque Mem de Sá lhes manda a uns e aos outros que não pelejem nem tão pouco se entrem, lho contradizem por se temerem que serão amigos e far-se-ão mais fortes contra os cristãos. Desta opinião era Ambrósio Pires e eu tambem a tive muitos anos até que vi e soube a experiência que se tem em outras partes, scilicet no Perú e Paraguai onde está uma cidade de cristãos no meio da geração Carijó que é maior que todas as desta costa juntas e achega até as serras do Perú, tem mais de trezentas léguas. Destes, cem léguas ao redor, senhoreia aquela cidade donde não ha mais gente que do que agora há nesta cidade. E quando começaram a senhoreá-las foi com trinta ou quarenta homens sómente. E não sómente se contentam com terem esta senhoreada mas outros que estão antresachadas e fazem amigos uns com os outros e os que não guardam as pazes são castigados e fazem deles justiça os castelhanos como poucos dias ha aconteceu que

fizeram aos índios de São Vicente que confinam com os Carijós por quebrantarem as pazes que o Capitão do Paraguai havia feito uns com os outros, e outras muitas experiências que se têm tomado desta geração, que eu tenho ouvido e lido e alguma cousa visto, mas os Portugueses destas partes como ategora estiveram sujeitos e medrosos dos índios *illic trepidant timore ubi non est timor,* porque não ha perigo propinco nem longinquo tão pouco. E' gente a desta terra que desejam a terra senhoreada e sujeita e terem serviço dos índios, mas isto que seja sem êles aventurarem nem uma raiz de mandioca. A êste estorvo tão grande não sinto remédio se não se mandar gente que senhoreie a terra como me dizem que a Cámara desta cidade pede e senão ao menos devem animar muito nisto a Mem de Sá o qual parece que nisto é alumiado por Nosso Senhor e está bem na cousa, mas comumente estão todos contra a sua opinião e minha. Tambem se devia de haver uma carta de SS. AA. para a Cámara, em que declare quanto pretende a conversão do gentio, na qual não estorvem tanto, porque se isto vai como foi atequí eu sou de voto que será escusado Colégio da Companhia e deviam-nos dar licença para ir ao Perú ou Paraguai porque nem com cristãos nem com gentios aproveitaremos nada desta maneira ou se aquí aportar alguma nau da Índia passarmo-nos lá porque ha doze anos que cada ano vem uma.

Acerca do apartamento dos meninos já tenho feito apartamento antre êles e nós, posto que apertadamente. Como houver que dar-lhes de comer recebê-los-emos.

Não me parece bem apertar agora muito por Colégio porque por mais propício que D. Duarte vá ha-de dizer que se acuda a outras maiores necessidades da terra e que nós estamos bem agasalhados, e na verdade se

a terra não for em maior crecimento, êles têm razão; e para os Padres e Irmãos que houver, haverá bem honesto agasalhado maiormente que hão de residir nas povoações dos Índios os que não estudarem.

Êstes quatro anos, que dura a provisão, parece bem que não se deve lá pedir vestiaria a qual cá se não paga como verão pela certidão do escrivão da fazenda e mandarem-nos uma esmola de pano e o mais como mandaram este ano e *sufficit nobis*, salvo se lá virem tão bôa conjunção que haja algum dote perpétuo para o Colégio ou de dízimos ou do que parecer, segundo informação do P. Ambrósio Pires que vai.

A renda, que El-Rei cá tem nesta Baía, é esta, scilicet: as miunças que rendem cento e vinte mil réis em que andam arrendadas; o peixe e mandioca e algodão andam em cento e trinta mil reis pagos em ordenado que é um terço menos: pode valer em dinheiro oitenta mil reis; o assucar do engenho anda em cento e cincoenta cruzados.

Nestas rendas manda El-Rei pagar aos cónegos da Sé seus ordenados.

A melhor cousa que se podia dar a êste colégio seria duas dúzias de escravos de Guiné, machos e fêmeas, para fazerem mantimentos em abastança para casa, outros andariam em um barco pescando, e êstes podiam vir de mistura com os que El-Rei mandasse para o engenho, porque muitas vezes manda aquí navios carregados deles.

Para os meninos se podia negociar sua mantença segundo os quisessem ter. Êles têm agora trinta mil reis que abastarão a uma dúzia deles para se manterem afora vestido que de lá deviam mandar desses alambeis e outros panos que lá se perdem. Afora esta dúzia quer o governador Mem de Sá manter à sua custa outra dúzia deles e já os começo de ajuntar.

O que em todas as casas é já mui necessário é estanho lavrado, tachos e caldeirões de cobre e alguidares de cobre para fazer farinha como o Padre dará a menção.

Para a Igreja virá o sino aquí à Baía, e o relógio para São Vicente, campas para as aldeias e os ornamentos convenientes como o Padre dirá ser cá necessário.

A doutrina da cidade nos tirou o Vigário, não por se lá fazer melhor, nem por ser maior glória de Nosso Senhor, porque cá além da doutrina tinham práticas e declarações na sua língua, que eram de que se mais aproveitavam, o que agora se não pode fazer tão comodamente. O mesmo usou o Bispo que Deus haja connosco e veio tudo a tanta frieza que a alargaram; nós agora se êles a largarem torna-la-emos a tomar.

O Padre dará relação do que cá passamos com os clérigos da Sé acerca de um legado que nos deixou um Diogo Alvares *Caramelú,* o mais nomeado homem desta terra, o qual por nos ter muito crédito e amor nos deixou a metade da sua terça, o que êles tomaram tão mal e fizeram uma petição de muitas falsidades como lá verá polo treslado [que] dele vai; e se algum do cabido não queria assinar por lhe parecer tudo falsidade, o vigário geral o fazia assinar com dizer que era obrigado a assinar, o que a maior parte assinava, de maneira que por experiência temos visto, danar-nos e desacreditarnos o que pode.

Eu e todos os mais da Companhia tratamos com êle ategora simplesmente e fielmente e sempre no público e no secreto acreditamos e escusamos suas cousas, mas a êle sempre o amoestei fraternalmente do que me parecia, mas êle nunca tomou meu conselho, nem emendou cousa que lhe eu dissesse, antes tomava ocasião de meter zizânia antre nós e aquelas pessoas que lhe eu dizia; e como disto era muito, avisando-o do escândalo e mau

exemplo dos seus clérigos para êle remediar, não sómente o não remediou, mas contra nós os encendia e amotinava; e porque disto o Padre Ambrósio Pires sabe muitas particularidades, dele poderá V. R. saber o necessário.

Muito necessário nos será cá um conservador nosso, porque pois cá fazem conta de colégios, não podem deixar de nascer cousas por onde êle seja muito necessário; e porque cá não sabemos o estilo que nisto se deve ter, mandem-nos disto larga informação.

Depois que foi entendendo por experiência o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e pouca esperança de se a terra senhorear, por ver os cristãos desta terra como sujeitos ao mais triste e vil gentio de todo o mundo e ver a pouca ajuda e os muitos estorvos dos cristãos destas partes, cujo escândalo e mau exemplo é bastante para não se converterem, posto que fôra o melhor gentio do mundo, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quais estão senhoreados e sujeitos dos Castelhanos do Paraguai e mui dispostos para se neles frutificar, e em outras gerações que tambem conquistam os castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de lá instância grande por muitas vezes o capitão e os principais da terra, prometendo-me todo o favor e ajuda necessária para bem empregar nossos trabalhos, assim com cristãos como com os gentios. Tive tambem cartas de pessoas que esperavam nossa ida com desejos de servirem a Nosso Senhor nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto ver que a Capitania de São Vicente se vai pouco e pouco despovoando, polo pouco cuidado e diligência que El-Rei e Martim Afonso de Sousa nisso põem e considerar eu os muitos irmãos que ha em São Vicente e o pouco que se faz aí parecia-me

devia a Companhia ter lá alguma entrada donde se fosse, quando de todo São Vicente se despovoasse. Tambem me parecia que estando lá a Companhia se apagaram alguns escândalos que os castelhanos têm dos portugueses e a meu parecer com muita razão porque usaram mui mal com uns que vieram a São Vicente que se perderam de uma armada do Rio da Prata. Vivendo eu com êste desejo, o deixei de pôr por obra por não ter quem mandar e algumas vezes estive determinado para eu mesmo ir a saber o que lá se poderia fazer. Nisto chegou o P. Luiz da Grã, o qual desejei muito que fosse, mas porque o achei de opinião contrária *aquievi consilio eius* e tive o meu espírito por suspeitoso. Depois que vim a esta Baía achei cartas ao que sobre isto eu tinha, as quais depois de lidas aos padres que aquí estavamos, pedi a todos seu parecer os quais mandei com as cartas ao P. Luis da Grã, tirando-me a mim a fora, sem dar parecer de sim nem de não, por me sentir nisso mui afeiçoado, dizendo-lhe que fizesse fazer oração e aconselhando-se com as cartas que lhe mandava de Portugal, e com o parecer dos Padres e Irmãos, se lhe parecesse bem entrasse.

Agora pouco ha recebi carta sua em como se determinara com os Padres e Irmãos, se o caminho que em aquele tempo estava perigoso, se segurasse mais. A ida me parece de muito serviço de Nosso Senhor e tambem por se ordenarem alguns irmãos de São Vicente que serão cinco ou seis com o Bispo que já lá é; e é muito mais conveniente ordenarem-se lá que virem a Baía, quanto mais que não sabemos quando cá teremos Bispo.

Até o presente não tenho certeza da sua ida; espero cedo por recado certo, o qual mandarei em outro navio que se espera que irá.

As roças que os Índios da nova vila de São Paulo agora roçam é nas terras do conde da Castanheira, as

quais lhe servem de pouco, por não ter água nem maneira para fazer engenho. Parece-nos cá bem pedi-las ao Conde, para êstes Índios desta nova povoação. Com a informação que o Padre disso der, verão lá o que se sobre isso deve fazer.

Agora não se me oferece mais que pedir a benção de V. R. e ser encomendado a suas orações.

Desta Baía, a 8 de maio de 1558 anos.

Rodrigo de Freitas homem honrado, criado de El-Rei, escrivão do tesouro: êste deu sempre de si boa conta e bom exemplo em sua vida e depois da morte de sua mulher e sogra entrou Nosso Senhor muito nele de tal maneira que está determinado entrar na Companhia se o quiserem e porque tem alguns embaraços e obrigações eu o tenho tomado para ter cuidado dos meninos, ficando leigo e provido o seu ofício até o trespassar a um seu irmão que manda chamar, o qual quer deixar com o mesmo carrego dos moços.

Filho inútil.

Nóbrega

9.

Ao P. Geral, Diogo Láinez

Da Baía, 30 de Julho de 1559 (31).

NOVO PADRE GERAL — NOVO PROVINCIAL — LUIZ DA GRÃ — DOENÇA DE NÓBREGA — S. VICENTE — COLÉGIO DA BAÍA — REGRAS E CONSTITUIÇÕES — CHEGARAM AS DISPENSAS — ENTRADAS NA COMPANHIA — PADRES FALECIDOS — NECESSIDADE DE OPERÁRIOS.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em contínuo favor e ajuda de Vossa Paternidade.

Recebemos as de V. P., as quais ouvimos com tanta alegria de espírito como vindas do trono da Majestade divina, como na verdade vinham tão saborosas palavras, que o Espírito Santo Paráclito nos enviava por mãos de V. P. para consolação dêstes filhos da Companhia, desterrados nestas partes por seu amôr, e tanto mais nos alegramos quanto mais desejosos estávamos de saber a quem Nosso Senhor se dignava dar-nos por pai e pastor. Demos-lhe graças por nos dar a V. P., a quem já em nossas almas tinhamos por tal, ficando com êstes nossos desejos efectivados.

V. P. me mandava que eu atendesse ao ofício de Provincial, e foi, segundo penso, por não ter manifesta

---

(31) *Bras. 15*, 64-65. Original, em castelhano. Letra de António Blasques, cláusula e assinatura autógrafa de Nóbrega.

e clara informação de quam pouco eu era para êle, mas de Portugal, onde conheceram minhas enfermidades corporais e espirituais, usaram comigo de misericórdia, e me relevaram do cargo e me mandaram abrir a primeira sucessão na qual o dá ao nosso verdadeiro Padre Luiz da Grã, e com muita razão, porque eu era abortivo ante tempo, enviado com o cargo a estas partes, e me mandam que resida em S. Vicente, para onde partirei, quando tiver embarcação, posto que temo me seja contrária aquela terra por causa de ser mui fria, e minhas enfermidades antigas haverem-se resolvido em corrimentos e apostemas de sangue fleugmatico, que por todo o corpo me sairam, por onde purguei muito, e me acho bom louvores ao Senhor, porque Êle mesmo assim o quis, pelas orações de V. P. e de meus padres e irmãos em Cristo. Eu antes quisera ajudar aqui ao Padre Luiz da Grã, sujeito a tão doce e prudente Padre, assim porque aqui se abrem as portas da conversão por causa da sujeição em que se mete a gentilidade, como também por residir aqui o Governador de El-Rei, o que lá em S. Vicente não há, como verá pelas cartas das novas que de entre ambas partes lá irão.

O que escreve o Padre João de Polanco, por comissão de V. P. se cumprirá mui à letra. Neste Colégio reside agora mui pouca gente, porque os Padres e irmãos estão repartidos pelas igrejas que estão entre a gentilidade, fazendo seu ofício, somente residem os que atendem ao estudo e doutrina desta cidade. Também estão aqui em casa alguns indiozinhos, filhos dos gentios, ainda que poucos, por haver falta de provisão para sua sustentação; mas nas casas, onde residem nossos irmãos, há muitos, e tão acrescentados na fé e mandamentos e lei do Senhor, que é uma glória vê-los. Eu procurei mandar fazer muitos mantimentos nas terras dêste Co-

légio, por um homem casado, que lá fora tem cargo dos escravos e de tôda a mais gente desta casa, e a causa porque ordenei isto foi para recolher aqui os moços de melhores engenhos e habilidades, que se achassem por nossas casas, e a êstes ensinar-lhes gramática e tudo o mais, e, se andando o tempo, algum mostrasse ter graça para servir a Nosso Senhor, mandar-se a Espanha, por espaço de algum tempo, para ver e aprender aquelas virtudes que fossem mistér para um bom operário nestas partes. O Padre Luiz da Grã o fará agora melhor por ter mais prudência para todo o bem.

Deu-nos Nosso Senhor, mui a propósito, um homem de muito respeito para ter cargo dêstes meninos, o qual depois de viúvo se entregou todo a êste cargo, posto que serve um ofício de El-Rei, honrado, que tem com pouco trabalho, com desejos de ser recebido na Companhia depois de se desembaraçar de suas obrigações e trespassar o ofício, que tem, a um seu irmão, que também queria que sucedesse em seu lugar no cargo dos meninos. E para ser mais hábil para o receberem na Companhia estuda agora latim. E' pessoa de muita edificação assim a nós como aos de fora, e dêle me ajudo agora muito nos negócios temporais dêste Colégio (32). Para êste e para os meninos fiz uma divisão das casas, entre êles e os irmãos, ainda que por êles serem até agora poucos, e os irmãos não muitos, e não haver quem a êles e a nós sirva, não se tem podido de todo fazer apartamento, antes nos ajudamos uns aos outros. Comem todos no nosso refeitório, em mesas separadas, por causa de ouvir a lição que se lê. Todos temos um cozinheiro e uma dispensa, porque não foi possivel haver aparelho para outra cousa até agora, mas na habitação e exercícios estam separados.

---

(32) Rodrigo de Freitas. Cf. supra, p. 69.

Quanto ao dispensar das regras, se guardará o que manda. Eu não sinto cousa em que as regras e Constituições de lá não se guardem também cá, a não ser em admitir êste homem dentro dêste Colégio, emquanto que se prepara para de todo renunciar ao mundo, posto que viva separado dos Irmãos, o que eu fiz, porque edificavam muito suas virtudes aos Irmãos e a mim é mui útil e bom ajudador, e em outras cousas que, antre poucos como aqui estamos, se podem mal guardar.

Quanto à eleição dos consultores para o Provincial, me parece bem que onde há muitos Padres êle os eleja ou se elejam em Portugal, onde são mais conhecidos os que aqui estão, como será aqui nesta Baía onde parece que haverá mais gente, que nas outras partes e residirá o Provincial, e para as outras partes onde há menos, o Provincial, que agora é, Luiz da Grã, proverá como melhor lhe parecer.

As graças impetradas vieram a mui bom tempo, e com elas temos feito muita obra entre os novos convertidos e dado remédio a muitas almas; o que mais houver para pedir, o tempo e a necessidade o mostrará.

Quanto ao escolher-se da gente que nasce cá para a Companhia, assim mestiços como brasileiros, sempre me pareceu que seriam mui uteis operários por causa da língua e ser dos mesmo naturais, mas êstes se devem escolher cá e enviarem-se à Europa, novos, e lá serem por tempo largo doutrinados em letras e virtudes, primeiro que cá voltem, porque aqui pela muita ocasião que têm, tenho por mui dificultoso solidificar-se nenhum.

Quanto ao prover de operários estas partes. V. P. deverá mandar prover, porque dos que viemos de Portugal faleceram quatro (2), e parece que tomam outro

---

(33) Padres Salvador Rodrigues, Leonardo Nunes, João de Azpilcueta Navarro e João Gonçalves.

que de cá enviei, que é o Padre Ambrósio Pires, que vale por cinco; e dos outros há mui poucos, e a messe é muita e cada vez será muito mais, prazendo a Nosso Senhor. Agora não mais que encomendarmo-nos todos nos sacrifícios e orações de V. P. E pedimos sua bênção em Cristo Jesus Nosso Senhor. Desta Baía, a 30 de Julho de 1559 anos.

Filho de V. P. muito inútil.

Nóbrega

10.

Ao P. Miguel de Torres

De S. Vicente, 14 de Abril de 1561 (34).

O IR. JOSÉ DE ANCHIETA — SIMÃO JORGE — CASO DE BIGAMIA — DISPENSAS CANÓNICAS.

Êste navio, que leva a 2.ª via, arribou o que despois havia que escrever a V. R. se escreve ao Padre Francisco Anriques o que toca aos negócios, porque do mais o Irmão Joseph dará larga informação. O que resta, para nesta dar conta a V. R., é fazer-lhe saber como êste ano entrou na Companhia nesta capitania de São Vicente um homem, de mediocres partes para nosso Instituto por nome Simão Jorge, o qual tendo voto de religião se casou com uma viuva, e foi dispensado, uma vez para pedir o débito. Falecendo esta primeira mulher, casou-se a segunda vez, mas antes de consumar o matrimónio, por ella ser ainda de pouca idade e não consentir, movido de contrição, pediu ser recebido na Companhia, mas como se temesse escândalo do sogro e dos parentes não se quis aceitar, mas antes se tornava a dispensar com êle *circa petitionem debiti,* para maior abastança. Mas, como quisesse fazer vida com sua mulher, seu sogro e parentes e ela não consentiram, antes lhe

---

(34) *Bras. 15,* 114-115. "Copia de um capitulo doutra carta do mesmo Padre [Nóbrega] pera o P. Miguel de Torres, 14 de Abril de 1561".

ganharam tão grande ódio, que se temiam mortes e grandes escândalos, o que êles faziam por saberem não haver ele consumado o matrimónio nem ella o consentisse ora fôsse por ela não ser para isso, pola pouca idade, que tinha, ora por nunca consentir no casamento, de que há algumas presunções, porque naquele tempo nunca falou as palavras, senão importunada e forçada do pai e da mãe, como ela mesma o disse sempre. Estas cousas acrescentaram tanto os desejos dêste homem de servir a Nosso Senhor e deixar o mundo, que por muito tempo importunou e pediu receição, e isso mesmo desejava o sogro e parentes, por ver sua filha livre dêle. Parece-nos a todos ou aos mais que devia ser recebido, assim por nos parecer que será bom operário, como por aquietar muitos alvoroços. Faz agora sua provação e dá boas mostras, fundando-se na humildade, obediencia e desprezo do mundo. Sabe a língua da terra honestamente e sabe para se poder ordenar, e ser clérigo que abaste para esta terra. Se a V. R. parecer bem recebê-lo, devia de fazer profissão de três votos, para a mulher se poder casar sem escrúpulo, posto que ela dizia que nunca consentiu nele porque ao menos para o foro exterior é necessário; e, porque os sete anos que as nossas Constituições dão para os tais votos solenes, é muito tempo para ela aguardar, sem se casar, lá o verão, se convém dispensar-se, ao menos em tantos; e também haverão a dispensação da bigamia, que incorreu, para não se poder ordenar (35). Tambem recebi, por conselho,

---

(35) Este Simão Jorge deve ter sido admitido com a condição da sua entrada ser aprovada na Europa, como se diz, mais abaixo, dos mestiços. Como quer que seja, não ficou na Companhia (Cf. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 453).

a dous mestiços da terra, que têm boas partes, assim de criação, como de boa habilidade, para estudar, esperando por resposta do padre Geral se quer que os mande lá a Evora a êles e a alguns outros, que para isso parecerem aptos, como me êle cá escreveu. E quando lá não provarem isto facilmente se poderão cá despedir, sem escândalo, porque, por entretanto, fazem sua provação e estudam.

11.

Ao P. Francisco Henriques

De S. Vicente, 12 de Junho de 1561 (36).

DOTAÇÃO DO COLÉGIO — CRIAÇÃO DE GADO — INDÚSTRIA DE LACTICINIOS E CORTUMES — OPINIÃO DO P. LUIZ DA GRÃ.

Esqueceu-me de avisar a V. R. que me parecia que o melhor dote que se pode juntar nestas partes para os colégios é grande criação de vacas, porque nesta terra custa pouco criá-las e multiplicam muito. Êste Colégio tem cem cabeças agora, de sete ou oito, que houve, e muitas mais poderia haver, se o Padre Luiz da Grã me não fora sempre à mão a isso. O Colégio da Baía terá outras tantas, de seis novilhas, que lá tomei, das que El-Rei mandou. Esta é a melhor fazenda sem trabalho, que cá ha, e dão carnes e couros e leite e queijos, que sendo muitas poderão abastar a muita gente. Se me a mim derem licença que tome a esmola de El-Rei em gado êstes anos que se dará, elas multiplicarão tanto que baste a prover o Colégio, ainda que não haja outra cousa de El-Rei; mas eu não sei o que faça, porque conheço da vontade de meu superior, o Padre Luiz da Grã, não ser esta, posto que também me parece que

---

(36) *Bras. 15,* 114. "Copia de um capitulo de uma carta que o Padre Manuel da Nóbrega escreveu de S. Vicente do Brasil ao Padre Francisco Anriques a 12 de Junho de 1561". Em português.

lá vossas R. R. serão contentes. Em tudo provarão, e declarem de lá com suavidade.

E o mesmo se pode fazer na Baía, posto que lá não as darão de tão boa vontade, mas podem para lá haver provisão para que se pague a esmola dos dízimos, das vacas, posto que também isto não sei se pode ser, porque o Bispo e cabido tem os dízimos da Baía, de que se pagam seus ordenados. Os rendeiros de cá folgarão de nos pagarem nisso, porque vai multiplicando o gado muito, nesta Capitania, mas abastará lembrar ao Padre Luiz da Grã, que deve de se pagar nisso, se fôr possivel, ou havê-lo por tôdas as vias lícitas, que se oferecerem.

12.

Ao mesmo P. Francisco Henriques

De S. Vicente, 12 de Junho de 1561 (37).

TERRAS DE IGUAPE — MARTIM AFONSO DE SOUSA.

Um irmão nosso entrou agora na Baía, que tem nesta Capitania boa fazenda, e não tem mais que um filho, que lhe aqui temos, o qual êle deseja que também sirva a Nosso Senhor, e que fique tudo a êste Colégio de São Vicente (37a). Êste deixou encomendado aqui ao seu procurador que lhe pedisse uma terra para trazer seu gado, mas, como são amigos do mundo, pediu-a para si. Aqueixando-me eu disto ao Capitão, o qual nos é afeiçoado e devoto, me aconselhou que a mandasse pedir a Martim Afonso, nesta forma: que a dêsse, se a podia dar por direito, e que êste, que a tem, não a pode agora nem dentro de tempo da sesmaria aproveitar, por estar longe daqui, adonde se não permite ninguem morar, por temor dos Indios, mas, se fôr nossa, assim por rezão, por que não se perderá, por não fazer bemfeitoria, pois temos alvará para isso, como porque poderemos lá logo trazer o gado, pois nos é lícito andar entre os índios, nos ficará esta terra para as criações do gado do Colégio, porque a melhor cou-

---

(37) *Bras. 15*, 114-114v. "Capitulo doutra do mesmo Padre [Nóbrega] de S. Vicente do Brasil pera o Padre Francisco Anriques 12 de Junho de 1561". Em português.

(37a) Aquele Ir., depois Padre, era Adão Gonçalves; o filho, Bartolomeu Gonçalves.

sa de que cá se pode fazer conta, para renda dos Colégios, é criações de vacas, que multiplicam muito e dão pouco trabalho.

Ater-se tudo a El-Rei não sei quanto durará ou se bastará pera manter tanta gente, como a conversão de tanta gentilidade requere. E o mesmo aviso se devia dar à Baía ao Padre Luiz da Grã para que acrescente e não diminua a criação do gado, que lá deixei.

E a terra que ha-de pedir a Martim Afonso é esta *nempe*: ao longo do mar do Rio de Iguape até o Rio de Ubaí, légua e meia pouco mais ou menos da costa, e para o Sertão 3 ou 4 leguas; e, se Martim Afonso fôr propício, podem pedir mais, nempe: do rio de Iguape três ou quatro léguas, ao longo do mar e outras tantas para o sertão de largura; e se fôr caso que esta seja dada, que nos encham esta dada, ao diante donde não estiver dado.

13.

Para o mesmo P. Francisco Henriques

De S. Vicente, 12 de Junho de 1561 (38).

PRODUTOS AGRICOLAS E MEDICINAIS — REMESSAS PARA PORTUGAL — O AÇÚCAR, MOEDA DA TERRA.

O mestre leva estas conservas para os enfermos. s. os ananazes, pera dor de pedra os quais posto que não tenham tanta virtude como verdes, todavia fazem proveito. Os Irmãos que lá houvesse desta enfermidade, deviam vir para cá, porque se achariam cá bem, como se tem por experiência. Vão também marmeladas de ibas, camucis, carasazes, para as câmaras, uma pouca de abóbora. Disto podemos cada ano de cá prover a nossos irmãos, se fôr cousa, que lá queiram. Açuquere podiamos mandar também, mas não o permitiu o Padre Luiz da Grã, porque lhe parece que será tratar; a mim me parece que até dous pares de caixas, que vão para nossos Irmãos, que não haverá escândalo, pois sabem todos que estão lá muitas casas, em que hade haver enfermos, que o hão lá mistér. Disto nos avise o que se fará.

Eu, segundo sou pouco escrupuloso nisto, não tivera de ver com o escandalo, se alguem o tomara por mandar de cá, não somente para os Irmãos enfermos

(38) *Bras. 15*, 114v. "Copia doutro capitulo do mesmo Padre [Nóbrega] de S. Vicente do Brasil pera o Padre Francisco Anriques 12 de Junho de 1561". Em português.

de lá, mas também para com êle se mercar lá cousas para os enfermos de cá, maiormente que a moeda, que nesta Capitania corre, não é senão assuquere; nele nos pagam a esmola de El-Rei. Se isto lá aprovarem, podê-lo-emos mandar desta Capitania de S. Vicente.

E com isto cesso, encomendando-me muito nos santos sacrifícios e orações de V. R. e de todolos nossos irmãos. Deste São Vicente, a 12 dias de junho de 1561 anos.

14.

Ao P. Geral, Diogo Láinez

De S. Vicente, 12 de Junho de 1561 (39).

O GOVÊRNO DE NÓBREGA — DIVERGÊNCIAS DE LUIZ DA GRÃ — NECESSIDADE DE UM VISITADOR — ÓRFÃOS DE LISBOA — CONFRARIA DOS MENINOS DA BAÍA — OS SEUS BENS — S. VICENTE — FUNDAÇÃO DE S. PAULO DE PIRATININGA — ESPÍRITO SANTO — NÓBREGA MANDADO RESIDIR EM S. VICENTE — RESULTADOS DO ENSINO DOS MENINOS — VANTAGENS EM OS ENVIAR À EUROPA — OS FRANCESES MANDAVAM-NOS A CALVINO — DIFICULDADES DE RECRUTAMENTO PARA A COMPANHIA — MENINOS ÓRFÃOS, BONS OPERÁRIOS — A POBREZA DO P. GRÃ — PROVIDÊNCIA DE NÓBREGA — CASAS PARA EDUCAR MENINAS ÍNDIAS — ESTADO ECONÓMICO DA TERRA — DISPENSAS MATRIMONIAIS.

A suma graça e amor de Jesus Cristo Nosso Senhor seja sempre em nosso contínuo favor, amen. O modo de proceder o tempo, que eu fui Provincial nesta Provincia do Brasil, se tem variado de muitas maneiras, quanto ao seu govêrno, porque eu seguia um caminho, e depois por cartas e avisos que tive de Portugal, e muito mais depois da vinda do Padre Luiz da Grã, por seu conselho, caminhava por outro, em algumas cousas, e noutras duvidava e comunicava-as a Portugal, e dava a informação que havia, e respondiam-me, tanto de

(39) *Bras. 15*, 116-118. Autógrafa, em castelhano.

Roma, como de Portugal, e êste caminho seguia depois. Agora que o Padre Luiz da Grã tem o cargo de Provincial (40) não se satisfaz com as determinações que vieram, e é de opinião, que não se podem de cá dar informações bastantes por cartas, e desejava, que viesse um visitador ou comissário, para que de mais perto pudesse julgar as cousas, que têm dúvida, e levava propósito de escrever da Baía largo a V. P. Parecia-me a mim que desejaria V. P. ter também de mim informação, como de pessoa por quem todas passaram pela mão, e ha mais tempo, que com elas trato, assim no entendimento, como na execução delas. E assim, nesta, darei conta, do que se duvida, ainda que sejam cousas antigas, e que já por vezes se tem escrito, para que, não faltando informações de tôdas as partes, possa escolher e prover como *in Domino* lhe parecer.

No ano de 49 fui enviado, por o Padre Mestre Simão, a estas partes com os meus cinco companheiros, o qual me deu entre outros avisos êste, que se nestas partes houvesse disposição para haver Colégios da nossa Companhia, ou recolhimento para filhos dos gentios, que eu pedisse terras ao Governador, e escolhesse sítios, e que de tudo lhe avisasse.

No primeiro ano não me pude resolver em nada, mas sómente corri a costa, e tomei os pulsos à terra. Logo no seguinte ano mandaram quatro Padres com alguns rapazes orfãos, e isto me fez crêr a minha opinião, e que Nosso Senhor era servido de haver casa para rapazes dos gentios, e aquêles vinham para dar princípio a outros muitos de cá da terra, que se recolheriam com êles, e começei a adquirir alguns com muito trabalho, por estarem naquele tempo muito indómitos, e pedi sítios para casas e terras ao governador, e houve alguns

(40) Desde 1559.

escravos, e entreguei-os a um secular para com êles fazer mantimentos a esta gente. Logo no seguinte ano vieram mais orfãos com bulas, para se ordenar confraria, o que logo se fez na Baía, e na Capitania do Espirito Santo, e nesta de São Vicente, repartindo os rapazes por as casas os quais eram aceitos na terra, por a gente portuguêsa, por causa dos ofícios divinos, e doutrina, que diziam, e com êstes se juntaram outros dos gentios, e orfãos da terra, mestiços, para a todos remediar e dar vida.

E desta maneira caminhamos até a vinda do Padre Luiz da Grã, do qual soube como em Portugal não se aprovava termos nós o assunto destes rapazes, e menos ordenar as suas confrarias. Com isto me veio uma carta de António de Quadros, escrita por comissão do Provincial, que naquele tempo estava em Portugal, em que me avisava não se dever adquirir nada para rapazes, nem fazer dêles tanto caso. Como na verdade o que se adquiriu, assim de terras como de vacas, não era minha intenção, ser sómente para rapazes, mas para que a Companhia dispusesse disso, como lhe parecesse mais glória do Senhor, quer fosse nos nossos colégios, quer em casas de rapazes, quer em tudo junto; e, por não haver estudantes nossos, se gastava com os rapazes assim da terra, como com os que enviaram de Portugal. E posto que eu tinha contrária opinião, e me parecia que as causas por onde em Portugal se deixavam os rapazes, não tinham cá tanto lugar, contudo comecei a desandar a roda, que tinha andado, e a diminuir os meninos, e a tirar confrarias, quanto pude, sem escândalo, mórmente depois que vieram as Constituições, as quais, nas regras do Reitor, diziam que não se recebessem em casa nem mesmo infieis para doutrinar, e pareceu ao Padre Luiz da Grã, que naquele tempo era meu

colateral, e a todos os mais Padres, que aquilo também tinha cá lugar.

Nesta Capitania de S. Vicente adquiriu o Padre Leonardo Nunes, naquele tempo, mais moços dos Indios, por meu mandado, que em nenhuma parte. Êstes pus em casa de seus pais, *em Piratininga, onde por sua contemplação principalmente fiz aquela casa* (41), para que nós os doutrinassemos, e seus pais os sustentassem, e com êles ganhássemos a todos os mais. Mas sucedeu que seus pais, como têm de costume não viverem numa parte mais de 4 ou cinco anos, e êles cresceram, nem êstes nem outros se adquiriram, e assim se perdeu tudo. E aconteceu a um dêstes, pedir-nos com palavras de piedade, não o apartassemos de nós, e todavia se apartou por obedecer, posto que com assaz compaixão minha e dôr, porque muitos filhos dos indios sabiam ler e escrever, e oficiavam as missas, que era muita edificação para todos, assim Portuguêses como Indios.

O mesmo se fez nas outras partes, e tiraram-se as confrarias, excepto no Espírito Santo, onde por devoção da gente a sustentaram, dizendo as missas seu vigário homem devoto, e os moradores os sustentaram com esmolas, dando cargo dêles a um homem. Mas isto também durou pouco. Na Baía também se diminuiu tudo, os rapazes, que deixei deram-se a ofícios e não se recolheram outros, assim por isto, como por não haver sustento para êles, porque os escravos que eu deixei, e mantimentos, tudo feneceu, e não se procuraram outros, e quando voltei lá desta Capitania de S. Vicente, onde residi por três ou quatro anos, achei que de Portugal haviam enviado alguns vinte orfãos, e com êles recolheu o Padre Ambrósio Pires outros da terra, e fiquei perplexo, por parecer que tinham já outro conselho, e por

---

(41) Sublinhamos a frase: é a fundação de S. Paulo.

isso conservei-os até que tive carta do Padre Mestre Polanco escrita por comissão de V. P., em que parecia aprovar a obra, e pedia que o avisassem se se poderiam criar filhos desta terra na Europa, o que concordava com o que de Portugal depois me responderam a minhas cartas; e com isto entrei mais de propósito, e dei-me pressa de recolher rapazes de boas habilidades dos indios, e dei ordem a se fazerem mantimentos, assim para o nosso colégio, como para a casa dos rapazes, aos quais fiz fazer um aposento apartado da habitação, tanto quanto a pobreza da terra dava lugar.

Êste ano de 60 sendo-me mandado de Portugal que residisse neste S. Vicente, onde estava o padre Luiz da Grã, e comunicando-lhe tudo, não lhe parece bem o que se gasta com rapazes, nem a ocupação de olhar por êles, e algumas razões, que dêle pude coligir porei aqui. Êle escreverá as mais.

A primeira: êstes rapazes, depois que crescem, voltam à mesma vida dos seus pais, que antes tinham, em partes, onde não têm sujeição, nem ha possibilidade na terra para se lhes dar, como é esta Capitania de S. Vicente; e onde tem sujeição basta ensiná-los nas suas próprias povoações, onde temos igrejas, como se faz; e assim em nenhuma parte parece serem convenientes casas de rapazes.

Item êstes rapazes, sobretudo os dos Indios, não são aceitos à gente portuguêsa, que muito os queriam para seus escravos, e se nós não os sustentamos, e olhamos por êles assim no temporal, como no espiritual, perde-se a obra; e fazermos nós isto é muita inquietação, e faz-se injúria à santa pobreza, porque se requere buscar escravos, e ter fazenda, a qual ainda que se gaste com êles, o nome que tem é ser nossa.

Estas razões e todas as mais, não me concluem meu entendimento, porque ainda que muitos rapazes voltam atrás, para seguir os costumes de seus pais, onde não têm sujeição, ao menos isto se ganha: que não voltam a comer carne humana, antes o estranham a seus pais, e no entendimento saem capazes e alumiados para poder receber a graça, e têm contrição dos seus pecados, estando em perigo de morte, e sabem procurar melhor a sua salvação, como a experiência tem mostrado em alguns, que é ter grande caminho andado. Porque conforme êstes são brutais, se não vão doutrinados, quando pequenos, dos grandes nunca homem se satisfaz da sua fé, nem de sua contrição, para os batizar, ainda à hora da morte, nem têm capacidade, para entender o que se lhes prega, embora algum de nós, por sua bruteza, fosse de opinião não se dever batizar nenhum dêles grandes, por não serem capazes para o batismo, se não se doutrinam e criam de pequenos, que é outro extremo. A qual opinião ainda que eu de todo não a aprovo, a refiro a V. P. para que saiba que alguma razão tem esta opinião. E todo o seu tornar atrás, é seguirem o caminho da carne, e andarem nus, e por isso com vergonha não virem à igreja. Como filhos de Adão, fogem da igreja porque costumavam andar vestidos quando os tínhamos, e depois não têm industria para ter outros vestidos e os que a têm andam vestidos. E dos que se recolheram, não se perderam todos, porque alguns morreram durando a inocência, outros deram-se a ofícios, outros passaram a outras partes, onde perseveram na fé recebida. Nem tampouco se deve ter por mal empregado o trabalho, que se toma, por livrar almas de perdição, de todo perdidas, e que não têm outro remédio, e estão em extrema

necessidade dêste; nem seu assunto é tão dificultoso, porque como andam nus, e em pequenos não se estranha tanto, escusam muitos dêles vestidos. O seu conduto também o escusam, porque êles têm tempo depois de sua lição, para ir a pescar sua comida aos rios, que têm muito pescado, e ao mar. A farinha da terra lhes hão de dar, a qual podem fazer poucos escravos para muitos deles, se houver um homem, que por sua devoção, ou assalariado, tome conta disto. Nesta Capitania de S. Vicente, as rêdes que são suas camas, é mais dificultoso alcançá-las por serem caras, mas podiam vir de outras Capitanias, onde são muito baratas; mas ao padre Luiz da Grã parece isto espécie de mercancia. Também poderíamos dar a êstes o que sobrasse de nossos Colégios, como as Constituições permitem dar-se a estudantes pobres. Eu quisera suscitar esta obra nesta Capitania, onde se poderiam sustentar com o que nos sobra da esmola de El-Rei, e outras ajudas a quantos eu puder ajuntar, mas ao padre não lhe pareceu bem.

O mesmo se devia fazer em partes onde têm os índios sujeição como é agora na Baía (42), e outras partes, porque muita diferença há de doutriná-los nas suas povoações, estando conversando com seus pais, a doutriná-los, estando êles em tudo à nossa obediência. Quanto mais que, além destes há outros muitos, a quem não é possivel acudir, nem fazer-lhes lá casas e igrejas, que seria muito serviço de Nosso Senhor entretanto ter-lhes os filhos. Mórmente que eu não pretendia recolher nas casas, senão os de maiores habilidades, para lhes ensinar também latim, e depois de desbastados aqui um pouco, poderem em Espanha aprender

(42) "Agora": Depois da chegada de Mem de Sá e da Guerra do Paraguaçu.

letras e virtude, para voltarem depois homens de confiança: o que parece mui conforme ao espirito de V. P., e se uns herejes francêses, que povoaram certa terra dêste Brasil (43) usavam isto, e enviavam muitos meninos a Calvino, e a outras partes para que, ensinados em seus erros, voltassem à terra, quanto mais razão será fazermos nós o mesmo?

Êste modo seria também útil, para segurança da terra, porque os índios tivessem êste penhor de seus filhos em nosso poder, não se temeriam tanto os cristãos dêles, quando alguns se arruinassem, como aconteceu êste ano nesta capitania de S. Vicente, que parecia que queriam os Indios dar guerra aos Portuguêses.

Nesta terra, Padre, temos por diante muito número de gentios, e grande falta de operários. Devemse abraçar todos os modos possiveis de os buscar, e perpetuar a Companhia nestas partes, para remediar tanta perdição de almas. E se aqui é perigoso criá-los, porque têm mais ocasiões, para não guardar a castidade, depois que se fazem grandes, mandem-se antes dêste tempo à Europa, assim dos mestiços, como dos filhos dos gentios, e de lá nos enviem quantos estudantes moços puderem para cá estudar em nossos Colégios, porque nestes não há tanto perigo, e êstes juntamente vão aprendendo a língua da terra, que é a mais principal ciência para cá mais necessária, e a experiência tem mostrado ser êste util meio. Porque alguns dos órfãos, que de Portugal enviaram, que depois cá admitimos na Companhia, são agora muito uteis operários. Esta troca queria eu fazer ao princípio, e enviei alguns mestiços, e deles um está agora em Coimbra, mas fui avisado que não mandasse mais. Se não se ha-de fazer conta, senão dos operários, que se enviam de Espanha,

(43) A Ilha de Villegaignon.

segundo veem poucos, e se acabam os que cá estão, muito devagar irá a conversão desta gentilidade.

O Padre Luiz da Grã parece querer levar isto por outro espírito muito diferente, e quer edificar a gente portuguêsa destas partes, por via de pobreza, e converter esta gente da mesma maneira que S. Pedro e os Apóstolos fizeram e como S. Francisco ganhou muitos por penitencia e exemplo de pobreza, e esta opinião me persuadiu sempre, quando eu tinha o cargo, e ainda agora desejava introduzi-lo, quanto fosse possivel, e sempre teve escrúpulos, porque é êle muito zelador da santa pobreza, a qual queria ver em não possuírmos nós nada, nem haver grangearias, nem escravos, pois éramos poucos, e sem isso com as esmolas mendigadas nos podiamos sustentar, repartidos por muitas partes e desejava casas pobrezinhas. E isto foi causa, que, partindo eu desta Capitania para a Baía, e deixando escravos e escravas entregues a um homem, com mantimentos para os Irmãos, alcançando de mim licença, para fazer o que lhe parecesse, se concertou com aquêle homem, deixando-lhe tudo, com lhe dar certo mantimento, tirando os escravos muito necessários para o serviço da casa, o qual acabado, ficasse a casa sem escravos, e sem mantimentos, e sem criação, excepto das vacas. O mesmo propósito levara para fazer agora na Baía, onde ficou muito mantimento feito assim para os nossos como para os meninos, e alguns escravos, de que um homem tinha o cargo porque tem êle por melhor comprar o mantimento, que ter quem o faça. Bem creio que os padres da Baía lhe irão à mão, senão mudarem sua opinião, conformando-se com a de seu Provincial.

Também me deixou mandado agora, partindo para a Baía, que eu não mercasse escravos, nem mesmo para trabalhar nas obras do Colégio, que êle deixava man-

dado, que se fizesse, mas que se alugassem, que é coisa muito custosa, e requere muita renda, e não há cousa dessa maneira, que baste. Tem também o Padre por grande inconveniente, ter muitos escravos, os quais ainda que sejam todos casados, multiplicarão tanto, que será cousa vergonhosa para religiosos, multiplicando muito sua geração, além da pouca edificação dos cristãos. Esta razão não me conclue muito, porque como um homem leigo os tem a cargo, sem nós entendermos com êles, por mais inconvenientes tenho ter dous ou três necessários para o serviço da casa, de que a casa tenha cuidado, que ter muitos mais, sem nós entendermos com êles, porque todos confessamos, não se poder viver sem alguns que busquem a lenha e água, e façam cada dia o pão que se come, e outros serviços, que não é possivel poderem-se fazer pelos Irmãos, sobretudo sendo tão poucos, que seria necessário deixar as confissões, e tudo o mais.

Esta opinião do Padre me fez muito tempo não firmar bem o pé nestas cousas, até que me resolvi, e sou de opinião (salva sempre a determinação da santa obediência) de todo o contrário, e me parece que a Companhia deve ter e adquirir justamente por meios que as Constituições permitem, quanto pudesse para nossos Colégios, e casas de rapazes, e por muito que tenham, farta pobreza ficará aos que discorrerem por diversas partes, e não devemos de querer, que sempre El-Rei nos proveja, que não sabemos, quanto isto durará, mas por todas vias se perpetue a Companhia nestas partes, de tal maneira, que os operários cresçam e não minguem. E mesmo que fôsse tanto, não teria por desacertado adquirir-se para casa de meninas dos gentios, de que tivessem cargo mulheres virtuosas, com as quais depois casassem êstes moços que doutrinassemos. E temo que fôsse isto grande invenção do inimigo, ves-

tir-se da santa pobreza para impedir a salvação de muitas almas. Estamos em terra tão pobre e miserável, que nada se ganha com ela, porque é a gente tão pobre, que por mais pobres que sejamos, somos mais ricos, que êles.

Não é poderosa tôda a gente do Brasil, a sustentar-nos aos da Companhia de vestido, ainda que seja mais vil que de frades de S. Francisco, e se adoece um da Companhia se não tem remédio de Portugal, na terra não há, quem lho dê, antes o esperam todos de nós, e não sòmente gentios, mas tambem cristãos. Aqui não há trigo, nem vinho, nem azeite, nem vinagre, nem carnes, senão por milagre, o que há pela terra, que é pescado, e mantimento de raizes, por muito que se tenha, não deixaremos de ser pobres, e mesmo isto não o temos, se não se trabalha, porque nem disto há esmolas, que bastem. Quem aqui ha de trabalhar na vinha do Senhor, tem mistér sustentar o sujeito, porque os trabalhos são muito maiores, que em outras partes, e os mantimentos são muito fracos, e posto que a caridade e juventude não os façam sentir tanto, todavia deve-se ter respeito, a conservar-lhe a saude, e é grande perca perder um da Companhia a vida e saúde, com que muito se serve Nosso Senhor.

As graças e faculdades recebemos, de que usamos. Uma dúvida nos ficou, e é se se entenderão também as dispensações *circa matrimonia contrahenda,* com os filhos dos cristãos mestiços, porque alguns dêles são tais, que deles aos mesmos gentios ha pouca diferença. Nosso Senhor Jesus Cristo nos dê sua copiosa graça para conhecer sua santíssima vontade, e aquela perfeitamente cumprir. Dêste colégio de Jesus de S. Vicente, a 12 de Junho de 1561 anos.

Filho de V. P. indigníssimo

Nóbrega

15.

Se o Pai pode vender a seu filho e se um se pode vender a si mesmo [1567] (44)

[OPINIÃO DO P. QUIRÍCIO CAXA]

Quanto à primeira digo que *o pai pode vender o filho, estando em extrema necessidade,* conforme a lei 2.ª c. *de Patribus.* E pois a rezão da lei é acudir à necessidade do pai, rezão parece estender a lei a outra qualquer necessidade extrema, como Saliceto, sobre a dita lei, a estendeu à necessidade de resgatar, dos que injustamente lhe querem tirar a vida. E pois êste

---

(44) Bibl. Pública de Évora, cód. CXVI/1-33, ff. 145-152. Em português, mas de leitura e interpretação extremamente difícil. Publicamos este documento, pela primeira vez e na íntegra, pelo que toca a Nóbrega, no *Jornal do Commercio*, do Rio, a 20 de Novembro de 1938, estando nós em Lisboa. Algumas incorrecções com que saiu, por falta de revisão nossa pessoal, ficam aqui, quanto possivel, ressalvadas.

Nóbrega revela-se neste documento em toda a plenitude de inteligencia e de coração. Em vista das decisões da Mesa da Consciencia sôbre a liberdade dos Indios, pôs-se em consulta entre os Jesuitas do Brasil *se o pai pode vender a seu filho e se um se pode vender a si mesmo.* Conservam-se as respostas de dois Padres, Manuel da Nóbrega e Quiricio Caxa. Este, como Professor que era, devia ser consultado. É pela afirmativa. Responde-lhe Nóbrega. E do seu breve tratado, dialectica de que não está ausente o sentimento, deve partir a história das ideias juridico-morais no Brasil.

doctor se atreveu a alargar a outra necessidade fóra da lei, por a regra que diz *casus exceptus a regula extenditur ad similem et ubi eadem est ratio idem debet esse ius* (45), não é muito que o Principe alargue o direito comum nisso, como em outras coisas faz, a que procede havendo necessidade grande, como fizeram os Senhores da Mesa da Consciência, com autoridade real, pois isso não parece ser contra direito natural.

A 2.ª proposição é que *um maior de vinte anos se pode vender a si-mesmo.* Para provar esta, pressuponho duas coisas: a primeira é que o homem livre é senhor da sua liberdade, porque não há ninguém que diga o contrário; e porque, se o não fôra, em nenhum caso fôra lícito aliená-la, nem para salvar a vida, como consta, da vida, na fama, nos que têm que o homem não é senhor dela, como Caetano, que, nem por tormentos nem outro modo, diz que é lícito infamar-se a si-mesmo, como êle diz, verbo *Detractio.* Isto é falso, porque *sáltem,* com necessidade extrema, pode, como consta de José, que comprou a liberdade, dos Egípcios, estando êles em necessidade extrema; a 2.ª coisa é que aquele bocardico, *non bene pro toto libertas venditur auro* (46), não se deve entender de maneira que a liberdade não seja estimável a dinheiro, porque isso ser falso consta das vendas lícitas, que dela se podem fazer, e porque o mesmo diz o Sábio de *bono nomine*, que é a fama, e porém vemos que se recompensa com dinheiro.

Destes pressupostos provados, se segue claramente que *um se pode vender a si mesmo,* porque cada um é senhor da sua liberdade, e ela é estimavel, e não lhe está vedado por nenhum direito: logo pode-a alienar e vender.

---

(45) "A excepção à regra estende-se à semelhante e onde é a mesma razão deve ser o mesmo direito".

(46) "A liberdade não se vende por dinheiro nenhum".

Resposta ao sobredito, do Padre Nóbrega (46a)

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO: SE UM PAI PODE VENDER O FILHO ESTANDO EM EXTREMA NECESSIDADE.

A — Em direito: interpretação da extrema necessidade.

Tratando da questão *quid juris,* porei as palavras da lei 2.ª, *qui filios distraxerit,* que parece ser o fundamento da maior parte de tudo o que se ha-de dizer. E diz assim: "Si quis, propter *nimiam* paupertatem egestatemque casu, valente", etc.. Na qual lei não achará dizer extrema necessidade, mas sómente grande pobreza e necessidade de comer; e, todavia, todos comumente a entendem falar da extrema necessidade, porque qualquer outra, que não seja extrema, não basta, segundo a mente, a meu parecer, de quantos escrevem, o que se pode coligir de Soto (47) e de Acúrsio sobre a mesma lei (48).

E considerando na razão sôbre que tudo se deve fundar, ocorre-me haver ouvido e lido que, quando concorrem duas leis naturais, uma contrária da outra, a que tem mais fôrça prevalece. Manda a lei natural e

---

(46a) Este título está no *ms.* Os sub-títulos seguintes abrimo-los nós para mais fácil distinção do assunto.

(47) *De Iust. et Iure,* lib. 4.º, q. 2, ibi vendi tantum pro vita fas est, etc. (*No texto*).

(48) Diz: non tamen id patri licebit ob aliam utcumque similem causam, dist. in reg. in arg. de reg. iuris in 6.º mercaturae post alios in lib. 2 de Rh. significat. col. 48 ex hoc asseverans non liceret patri, etiam principi, filium invitum obsidem hosti dare etiam ut se redimeret. Ita Con. Variarum resolu., o qual sobre a lei invitum. Cf. de Contrahenda empt. 229 (*No texto*).

divina não furtar, mas quando a necessidade é extrema, a lei e obrigação natural de conservar a vida faz tudo comum (49), e esta prevalece.

Bem permite a lei natural que, para um conservar sua vida, perca sua liberdade, mas que perca sua liberdade para outra pessoa não perder a vida, sómente a equidade da lei segunda, na necessidade extrema do pai, e ainda se me antolha ver trabalho nos doutores pela defenderem, que não contradiga a verdadeira e recta justiça.

Lícito é furtar com extrema necessidade, como tenho dito; mas, como desce daí, ainda que seja grande necessidade, peca, e lhe manda o capitulo *si quis per necessitatem de furt.* dar penitencia; e o que se diz que, *propter nimiam necessitatem,* é licito furtar, entende-se da extrema (50), porque, como passa daí, logo é pecado e injustiça.

Desta conclusão, assim rudamente, tiro os corolários seguintes:

SEGUNDO A MESA DA CONCIÊNCIA, GRANDE É O MESMO QUE EXTREMA

O 1.º Que os Senhores da Consciência, no caso sobredito, em dizerem que o pai, constrangido de *grande* necessidade, possa vender o filho, falam pelos mesmos termos da lei 2.ª. E assim como a lei recebe interpretação, que fala em extrema sómente, a mesma recebem seus casos, *sive* grande *sive* extrema. E desta fala Soto,

(49) O que parece da mente de S. Tomaz, 2ª 2ae, q. 66, art. 7 (*No texto*).

(50) Panor. in Cap. Quoniam, de Simonia, et Sylvester com os mais que ele alega, n., v. furtum, q. 5. Da mesma maneira, posto que a nossa lei 2ª não diga mais senão *si quis propter nimiam paupertatem* etc., declara-se de extrema (*No texto*).

donde êles o tiram à letra, no lugar acima declarado, e sua mente bem se vê em dizer *vendi tantum pro vita fas est, quasi dicat* [só é permitido vender-se para viver, como se dissesse] por outra alguma necessidade, não; e pela regra que se alega também que *casus exceptus firmat regulam in contrarium* [a excepção confirma a regra].

E não me parece haver aqui lugar a outra regra, que diz, que *casus exceptus a regula extenditur ad similem ubi est eadem ratio* (51), porque Saliceto, que se alega, sai fóra da extrema necessidade da conservação da vida do pai, mas é conclusão tirada da mesma equidade da lei.

E dêste 1.º corolario se segue não ser intenção dos Senhores da Conciência fazerem lei nova com a autoridade do Principe que têm. Porque, além de não haver palavra por onde tal coisa se presuma, se êles ordenassem que abastasse qualquer outra necessidade e matéria, por lei injusta, por não ter as condições da boa lei, (52), outrem poderia achar [boa] a dita lei, e dizer que concorrem as sobreditas causas. Mas eu, de todas, não vejo outra, senão dizer que é a favor dos Portugueses e a êles proveitosa (53), com total destruição da gente natural destas partes.

Do qual se torna a seguir que quem se encosta aos Senhores da Mesa da Conciência, entendendo o seu caso,

---

(51) "A excepção de uma regra estende-se a regra semilhante, onde a razão é a mesma".

(52) Que diz o Cap. 4ª dist. erit autem lex iusta et possibilis secundum naturam et secundum consuetudinem, patriae, loco, temporique conveniens, necessaria et utilis, nullo privato commodo, sed pro communi civium utilitate conscripta (*No texto*).

(53) *A favor.* No manuscrito está *é fazer*, que não faz sentido; mas já faria sentido, idêntico ao texto, a leitura seguinte: que é fazer aos Portugueses a lei proveitosa, etc.

como V.ª R.ª o quer entender, não tem bom encosto, pois êles sómente declararam o direito comum, e não fazem lei nova. E falam pelas mesmas palavras, que a lei 2.ª sobredita fala. Nem faz a nosso propósito dizer que quem segue a opinião dalgum doutor famoso é capaz de absolvição, pois neste caso, nem os Senhores da Consciência, nem outro nenhum famoso doutor o diz.

O 2.º corolário, que tiro, é a declaração do que se disse, falando umas vezes por extrema, outras por grande, porque extrema e grande tudo entendo extrema, por pressupor que, nesta matéria, o que as leis e doutores chamam grande, não se entende senão da extrema, *ut dictum est.*

A ESCRAVATURA DE CAM E ESAÚ

O 3.º corolario, que tiro, é que me espanto de ouvir que poder o pai vende ao filho, fora de extrema necessidade, não é ir contra a lei natural com tão pouco fundamento como é dizer que Noé fez a seu filho Cam escravo de seus irmãos, pois está visto que a causa porque todos entendem a sobredita lei segunda, sómente falar na extrema necessidade, a principal é por não prejudicar a lei natural *et contra naturam est homines hominibus dominari* (54) como diz S. Gregório; e todas as mais leis, que Soto alega e podia alegar no sobredito lugar, o provam manifestamente. E não é dado à patria potestade, por lei natural nem humana, podê-lo fazer. E o texto do *Génesis,* assim do cap. 9 como do 27, em que Noé fez escravo a Cam, de seus irmãos, e Isac a Esaú, de seu irmão Jacob, não fala desta maneira de

(54) "É contra a natureza os homens serem senhoreados dos homens".

escravos de que tratamos, mas declara em espírito de profecia a sujeição que uma geração terá a outra por via de benção que lança; porque grande absurdo seria dizer ser toda a geração de Cam escravos das outras gerações *iure perpetuo,* como fora se dos tais escravos falara, maiormente que em vida deles nunca de tal sujeição e servidão estiveram de posse, antes Esaú foi mais poderoso em sua vida e mais rico que Jacob e nunca o serviu antes fugia dêle Jacob como aí aponta a glosa.

E ainda que tal falara Noé, não prova V.ª R.ª seu intento, porque todos dizem que por culpa e delito se pode perder a liberdade, como cometeu Cam contra seu pai, e que o podia castigar como pai e principe e rei, que era sobre toda a geração sua, que era toda a gente que naquele tempo havia no mundo.

A JUNTA DA BAÍA

O 4.º corolário é que a determinação do Senhor Bispo (55) e do Senhor Governador (56) e Provedor-mor (57) e do Padre Luiz da Grã, Provincial, que neste caso tomaram, a qual, segundo pelas palavras da monitoria que, se passou se vê, são as seguintes:

O pai pode vender seu filho com grande necessidade etc., se ha-de entender de extrema e outra nenhuma não, conforme ao que está dito, porque se a entenderem de outra grande necessidade, que não chegue a extrema, seria mui perigoso e contra o que a mesma monitoria acima diz, que todos os letrados, que Sua Alteza mandou ajuntar sobre êstes casos e sobre as

---

(55) D. Pedro Leitão.

(56) Mem de Sá.

(57) Braz Fragoso.

informações que os moradores da Baía e toda a costa lá mandaram, responderam que nas cousas, que eram do direito natural, divino e canónico, não podia haver alteração alguma, da qual determinação do Sr. Bispo com os mais, mal entendida pelos confessores e gente do Brasil, se abriu a porta a muitas desordens, que nisto são feitas.

E porque minha intenção neste negócio não é tratar mais que o que pertence aos casos, que pela costa se praticam, pera manifestação da verdade e segurança das consciências dos penitentes, virei agora a tratar da questão *quid facti*:

PERNAMBUCO, BAÍA

B — Os factos

O 5.º corolario que tiro é que os escravos que eu vi trazer dos Potiguares o ano de 50, que eu fui à Capitania de Pernambuco, segundo minha lembrança, os quais com pura fome sem intervir outra cousa alguma, os pais vendiam os filhos e da mesma maneira me dizem ser êste ano passado nos mesmos Potiguares, os tais podem ser legítimos escravos. E da mesma maneira se em alguma outra parte por esta extrema necessidade o vendem.

O 6.º que todos os que na Baía e por toda a costa dizem vender os pais (se pai algum vendeu filho verdadeiro) desde o ano de sessenta em que esta desaventura mais reinou até esta de 67, mui poucos podem ser escravos, porque é notório a todos poucas vezes terem fome nem necessidade extrema, pera venderem seus filhos em todo êste tempo; nem me satisfaz dizer que

a necessidade do resgate, com que fazem seus mantimentos, é grande, pois êsse podem êles haver, sem venderem os filhos, como sempre houveram com servirem certo tempo, ou suas criações de seus mantimentos, e por grande necessidade, que tinham, raramente chega em extrema, como seria necessario para a venda valer.

Disse: se pai algum vendeu filho, porque, como bem se sabe, com nome de pai chamam êles a todos seus parentes, assim ascendentes como colaterais, e até agora não tenho visto pai verdadeiro vender filho seu nem filha, por sua livre vontade e se alguns na Baía os vendem creio é forçadamente, com mêdo ou engano ou outros injustos modos, que costumam de praticar as línguas e gente desta costa.

Deste corolario se segue que seria necessario aos oficiais de Sua Alteza, quando trazem os tais escravos ao registo, examinarem bem quando disser um que seu pai o vendeu, se era pai verdadeiro e se foi a necessidade com que o vendeu, extrema, porque doutra maneira não vejo como a salve na consciência, e muito melhor seria ordenar-se, e, mais conforme a lei natural divina e humana, tirar-se totalmente o tal resgate do pai vender o filho, ou ao menos declarar-se bem, assim por evitar muitos males e pecados, que os línguas com êste pretexto fazem, porque como é notório, quando vêm ao registo, fazem dizer a um índio, com medo, tudo o que querem e faz a seu propósito. E assim também porque todos confessam que na polícia cristã não está em uso pai vender filho, ainda que seja com extrema necessidade. E pois Sua Alteza pretende converter o Brasil de seus errores e fazê-lo político nos costumes, não vejo rezão pera se dever introduzir antre êles costume que nunca êles, sendo tão bárbaros como são, a

lei natural do amor que têm aos filhos, lhe permitiu praticar, senão depois que a perversa cobiça entrou na terra (58).

SEGUNDA PROPOSIÇÃO: SE UM SE PODE VENDER A SI MESMO

Na outra proposição, se um se pode vender a si mesmo, sendo maior de vinte anos, irei falando sobre o que se aponta e depois resolverei as conclusões e ilações, que fazem a nosso propósito, que agora estão *in contingentia facti* em todo o Brasil.

Ao pressuposto, que o homem livre é senhor de sua liberdade, respondo que ora seja senhor de sua liberdade ou não, todos os textos, e doutores todos, contrariam a maneira como se vendem os da Baía a si-mesmos depois que foram sujeitos e é uma das maiores semjustiças que no mundo se fez; e não se apegue tanto a dizer o que diz Navarro (*no cap. 17,* n. 88) que as leis que mandam não se poder vender homem livre, se entendam que não seja compelido, mas por sua livre vontade que poderá, porque, além de só Navarro o dizer, esta livre vontade não se acha no nosso caso, nem Navarro se pode entender senão no caso de que vem falando, e segundo as alegações que alega, como tudo abaixo se verá; e se um é senhor de sua liberdade nem por isso a pode, sem causa, perder.

---

(58) "Muito ajudam a isto as palavras da auth. ut nullus iudicum, tomo 9º, § quia vero, colat. 9ª, as quais são estas: quia vero et huiusmodi iniquitatem in diversis locis nostrae resp. Cognovimus admitti quia creditores filios debitorum praesumunt retinere autori pignus omnibus perhibemus, contra a qual lei e a razão natural, sobre que se funda, se pratica agora nesta terra depois que o gentio se começou de sujeitar." (*No texto*).

Achará V.ª R.ª que todos os textos e doutores e glosas falam indistintamente, sem pôrem excepção, nem limitação, de quando por sua vontade ou contra vontade se vendem, porque, claro está que quem se vende ou consente vender-se, por sua vontade é, e todavia as leis o não permitem.

> [Segue-se a discussão dos Autores clássicos sobre êste assunto, Santo Tomaz, Panormitano, Soto, Navarro, Nicolau de Lira, Gabriel, discussão puramente doutrinária, que prova a dialética robusta de Nóbrega, digna duma cátedra universitária, mas sem nada que se refira ao Brasil, directamente. Concluído o arrazoado, continua Nóbrega]:

Pregunto eu agora se o ladrão pode levar com boa consciência o que faz prometer a um com medo da morte, e, se disser que sim, da mesma maneira dirá que, com boa consciência podem os moradores do Brasil levar a liberdade dos índios, que assás *stulte et fatue* lha dão, já que livremente lha dessem, pois Soto ambos êstes casos compara. E, posto que eu não vi outros sentenciários, parece que devem todos, pouco mais ou menos, levar êste caminho. O que digo pera que V.ª R.ª não tenha tão certas as autoridades que alega no que diz; nem a ilação, que V.ª R.ª quer tirar, que não é necessário ser de vinte anos pera um se poder vender, mas, porque assim vem determinado da Mesa da Consciência, diz que o direito humano defende que se não faça senão desta maneira. No que parece dizer duas cousas: uma que foi lei a tal determinação da consciência, e a outra que, se esta lei não fora, ainda que fora menor de vinte anos, se pudera vender. Ambas estas me parecem sem fundamento, porque dizer que os Senhores da Consciência quiseram promulgar lei nova, nenhuma palavra vejo pera se isso presumir, mas so-

mente falam como Soto, à letra, e todos me parece, *si fas est dicere,* que se enlearam nas alegações, como já apontei no pressuposto do primeiro apontamento, que também com êste, torno a mandar a V.ª R.ª. A outra conclusão parece-me tal qual o fundamento sobre que se funda.

Destruído pois todo o fundamento de V.ª R.ª e, resolvendo a matéria, digo que, como a liberdade seja de lei natural, não se pode perder, senão quando a rezão, fundada em lei natural, o permitir; mas, quando se presume não haver liberdade de vontade, ou outro modo de tirania ou não ha causa justa pera se vender, não pode ser escravo, e peca pecado de injustiça e é obrigado a restituição; e todos aqueles, a cujas mãos vêm, têm a mesma obrigação, porque, como cousa furtada, sempre passa com seu encargo. Desta conclusão tiro os seguintes corolários *in contingentia facti*:

VENDAS INJUSTAS NA BAÍA E NO ESPÍRITO SANTO

O primeiro, que todos os que se venderam na Baía e na Capitania do Espírito Santo, desde o ano de 60 por diante, ou se consentiram vender, por seus parentes, não podem ser escravos.

Êste corolário me convém provar e não irei preguntar às línguas do Brasil, a quem V.ª R.ª me remete, porque essas são as que têm feito todo o mal, mas preguntá-lo-ei a V.ª R.ª e aos mais Padres e irmãos, que também são línguas, e viram e vêem polos olhos tudo o que se faz, se as chagas que esta dor causou em seus peitos e se as lágrimas, que por seus olhos saíram puderam falar, abastaram pera prova suficientíssima, mas já que pera com os homens não ha cousa que abaste, veja Deus, do alto e ponha remédio a tantas desordens.

Bem deve V.ª R.ª saber, pois o sabe tôda a terra, que, desque o Governador Mem de Sá sujeitou o gentio da Comarca da Baía e os fêz meter em ordem de vida, dando-lhe com tôda moderação o jugo de Cristo, e desque abaixou a soberba do gentio de Paraguaçu, começou logo a tirania dos injustos cristãos; e, como o gentio estava medroso e sujeito, tiveram entrada para roubarem e assolarem tôda terra, depois de lhe haverem primeiro tomado as terras e os haverem lançado delas; e começaram, depois de dada a sentença contra os Caetés, a qual, posto que durou pouco tempo, êles a executaram tão bravamente, que destruíram a maior parte da Comarca da Baía, fazendo [escravos] a[os] Caetés, ainda aos que o não eram, os quais êles, nem sua geração, tinham culpa na morte do Bispo, em cuja vingança se deu a tal sentença, e Deus Nosso Senhor permitiu tão bravo castigo.

Depois de acabados os Caetés, começaram a roubar e saltear; e, pera escaparem à justiça, tiveram boa escápula em saberem que se permitia poderem-se vender como passassem de 20 anos por participar do preço; e, com lhes fazerem dizer por medo uma de duas, ou que seus pais os venderam ou êles se venderam de sua vontade, escaparam do registo. Dos quais castigos ficaram todos tão desassossegados, que, uns fugiram pera seus inimigos e foram muitos mortos, outros pelos matos, outros deixavam-se perecer à fome, não tendo mãos pera fazerem seus mantimentos, donde, por esta causa, os que ficaram em fome tinham os maus liberdade pera usarem com êles de todos seus enganos, à sua vontade, porque dantes dêste tempo nunca se viu em tôda a costa um vender-se a si mesmo nem suas necessidades a isso obrigavam. E depois que se isto praticou na Baía, se aceitou também na Capitania do Espírito Santo,

principalmente com a geração que chamam dos do Gato, por estarem mais sujeitos em os quais se fizeram muitas deshumanidades, e fazem neste dia, e o mesmo se pratica onde o gentio tem qualquer sujeição ou obediência aos cristãos.

Pressuposta esta informação e o mais que se pode tomar, que todos sabem, provo êste corolário desta maneira.

Todos os resgatados neste tempo se deve presumir serem mal resgatados. Por argumento do que, nota Navarro no comento das *Usuras,* n.º 87 e 88, tratando da presunção da Usura, por se pôr censo sôbre pessoa livre; e da presunção da usura, quando uma cousa se vende por menos preço, com pacto de retro-vendido, se naqueles casos se presume sem justiça. Quem não vê haver neste nosso caso mil evidências para se tal presumir, scilicet, considerando a perseguição passada, o medo e temor do gentio, a qualidade da gente tão bárbara, e ver que em nenhuma outra parte, onde cessam estas causas, se não vende nenhum a si-mesmo, e ver quantos enganos e modos ensinou a cobiça aos homens do Brasil!

E se isto não abasta, digam os nossos Padres línguas com quantos toparam, em confissões ou fora dela, que livremente, sem temor, nem outro injusto respeito, se hajam vendido; e pois sòmente em terra, onde o gentio está sujeito, se vendem a si-mesmos, rezão é de presumir ser a tal venda injusta e por tal condenada, maiormente, quando não houvesse fome extrema, a que a tirania não haja dado causa como abaixo se dirá.

Faz mais em favor dêste corolário a rezão da lei, que manda não valer a venda do que consente por participar do preço, sendo menor de vinte anos, a qual rezão não pode ser outra por se presumir que sendo de

menor idade poderá ser fàcilmente enganado; e como neste caso se tenha experiência de quão fáceis sejam êstes gentios, pera se enganarem quando têm sujeição e mêdo, justamente se deve presumir engano em as tais vendas de si-mesmo. Favorecem também muito as palavras de Soto, acima alegadas: *servitus si debet esse justa et principatus eius non tiranicus etc.*, com tudo o mais, que acima notávamos, de S. Thomaz, scilicet, que, quando a rezão pera proveito da vida humana falta, não se pode perder a liberdade, com tudo o mais acima dito.

E dêste corolário infiro o mesmo se dever dizer da venda, que fazem os pais de seus filhos, depois de serem sujeitos, por haver a mesma rezão e presunção contra as tais vendas.

2.º Corolário. Os que na Baía se venderam, por fome ou venderam seus filhos ou consentiram em as tais vendas, não podem ser escravos, se a tal fome foi causada da sem rezão sobredita, mas os que se venderam nos Pitiguares, com fome, sem intervir engano se devem ter por legítimos escravos, porque nenhuma rezão ha de presumir engano, pois é notório sua fome, de que os cristãos não podiam ser causa, por êles não terem sujeição alguma.

3.º Corolário. Os que por fugirem da tal sem rezão, se foram pelos matos e eram achados e tomados daqueles que eram seus contrários, antes de uns e outros serem sujeitos ao Governador, não podem ser escravos legítimos, assim por terem já paz e sujeição, e se ajuntarem em povoações e igrejas, pera serem ensinados, desistindo uns e outros das guerras, que antes tinham, como também pela tirania ser causa de todo o seu mal, e por conseguinte todos os que os cristãos haviam indu-

zido aos que antes eram seus contrários que os fôssem sem injustiça e sem rezão, e não pudessem ser escravos.

4.º Corolário. Não podem ser escravos os que fugiram das igrejas, ainda depois de cristãos, por fugirem assim por mêdo, vendo que nem os Padres a muitos puderam valer, e por fugirem à sujeição da doutrina e quererem viver livres em seus costumes passados, nem outrossim podem ser escravos os que, por fugirem a tal sujeição da doutrina, se fazem escravos dos cristãos, por verem que os tais escravos os deixam seus senhores viver em seus costumes passados; nem outrossim os que se fazem escravos, dizendo que os escravos são temerosos e têm medo o gentio deles, por serem com seus senhores justamente executores da tirania, e sem rezão, passada e presente, porque as tais rezões, e tôdas as semelhantes, não são justas, para um perder sua liberdade; e o mesmo digo dos que se vendem, movidos do vício carnal e pecados, que com as escravas dos cristãos cometem, as quais servem de anzolo pera prender e cativar os pobres índios.

QUESTÃO PRÁTICA, DE CONSCIÊNCIA

5.º Corolário. Errarem os confessores que absolvem aos que tais escravos possuem, se os não põem em sua liberdade perfecta e lhes pagam seu serviço, [a] arbítrio de bom varão, ainda que êles não sejam os que os mal cativaram, antes lhes custaram seu dinheiro na mão de outros cristãos.

Pois, diz Soto e também os Senhores da Consciência e todo o direito, que sempre vai o mal havido com seu encarrego nem vejo rezão para escusar os tais confes-

sores com pretexto de ignorância nem ainda com dizer que o fazem por ordem do seu Prelado, porque em caso que, por lei natural e divina, é defeso, não vejo escusa, ao menos que escuse de tôda a culpa, porque, assim êles como os penitentes devem e são obrigados a saber e examinar bem a maneira como foram feitos escravos os que compram, pois geralmente os mais são injustamente havidos.

II

CARTAS AVULSAS

Não incluimos aqui todas as cartas inéditas dos Jesuitas do Brasil no século XVI. Multiplicaríamos os livros. Ficam, de fora, à espera de vez, nomes como êstes: Cristóvão de Gouveia, visitador e legislador, Fernão Cardim, o elegante autor dos "Tratados da Terra e Gente do Brasil", Quirício Caxa, a quem se deve a primeira biografia de José de Anchieta, Pero Rodrigues, excelente humanista, biógrafo também do mesmo apóstolo, e cuja epistolografia é vasta, António da Rocha e Martim da Rocha, Amaro Gonçalves, Luiz da Fonseca, Marçal Beliarte, Inácio Tolosa, Gregório Serrão, Pedro de Toledo, Simão Travassos, o escritor do "Sumario das Armadas", Manuel de Oliveira, Henrique Gomes, Manuel Fernandes, António de Araujo, de quem já publicamos dois "roteiros"; e, entre êstes e outros, os Procuradores das missões ultramarinas em Lisboa, cujas cartas de matéria económica, tratam muitas delas assuntos do Brasil e levam algumas a asinatura de Amador Rebclo, clássico da lingua.

Reunem-se apenas seis cartas, que nem sequer podemos chamar selecção. E' inegavel porém que além da curiosa carta dos meninos da Baía, estas seis pertencem à fase heroica da formação do Brasil: Leonardo Nunes, o primeiro apóstolo de S. Paulo, João de Azpilcueta Navarro, o da entrada a Minas, Pero Correia, o mártir dos Carijós, e Luiz da Grã, o colateral e sucessor de Nóbrega.

Não se dão à estampa, agora, todas as cartas de Grã, nem reproduzimos aqui a de Gonçalo de Oliveira sobre os primeiros dias do Rio de Janeiro, a de António Rodrigues, sobre a sua odisseia através do Rio da Prata, Grão-Chaco e Mato Grosso, nem a breve e pessoal de Anchieta. Impressas

em livro nosso (Páginas de História do Brasil) *encontram-se já em suficiente condição de publicidade. A mesma razão vale para as cartas insertas no texto ou apêndices da* História, *como, entre outras, uma de Francisco Pinto, mártir de Ibiapaba. De Anchieta existe ainda uma carta inédita. Sendo em latim, deixamo-la para ser recolhida um dia na edição crítica das suas obras.*

A-par-destas seis cartas, sai um documento importante sobre Pernambuco e o "caso" de Melchior Cordeiro; e, também, aquela extraordinária relação de Jerónimo Rodrigues — época de transição, tão pouco estudada ainda, entre o século XVI e o século XVII — que fala de terras do actual Estado do Rio Grande do Sul, as primeiras referencias jesuiticas do ciclo brasileiro. As noticias que se costumam citar sobre êsse Estado são muito posteriores, e não pertencem ao ciclo português e portanto brasileiro, mas a outro ciclo que às vezes foi anti-brasileiro, o ciclo paraguaio.

O titulo de "Cartas Avulsas" não nos pertence. Adoptamo-lo do II volume das Cartas Jesuiticas *da edição da Academia, que por sua vez respeitou a designação que teve dentro dos "Materiaes e achêgas para a Historia e Geographia do Brasil", publicadas por ordem do Ministério da Fazenda, em 1887, na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro. O volume da Academia é todo, notas e prefácios, de Afrânio Peixoto. E diz:* "As Cartas Avulsas *dos Jesuitas servem ao conhecimento e à gratidão dos Brasileiros aos seus primeiros amigos, aos seus primeiros mestres, nossos guias, consolo e remédio, de tanto tempo, nesse áspero, apertado e precário, transe da Civilização".*

Irmãs gêmeas das mais, estas novas cartas podem, ampliando o quadro, prestar idêntico serviço.

1.

Carta do P. Leonardo Nunes ao P. Manuel da Nóbrega

De S. Vicente, 29 de Junho de 1552 (59).

HOMENS VINDOS DO PARAGUAI E PERU — CLERO — IMORALIDADE — CAMINHOS DO PARAGUAI — CARIJÓS — FERVOR DOS GUARANIS CRISTÃOS — REVERENCIA À CRUZ — BARCACLIU — PROJECTO DE IDA AO PARAGUAI.

Pax Christi. Depois de ter escrito a V. R. falei com uns castelhanos que aqui estão, e vieram do Peru até aqui por terra, e depois dêstes chegaram outros do Paraguai onde têm uma grande povoação como lá verá nas cartas, os quais me contaram a grande perdição das

---

(59) *Bras. 3(1)*, 88-89. Cópia, em castelhano. A data desta carta tem no manuscrito uma correcção que sugere um problema. Estava primeiro 1552 e alguém riscou o 2 escrevendo por cima 3. O problema é este: sendo 1552, como se refere à chegada dos homens do Paraguai e Perú que se costuma datar de 1553? Mas sendo 1553, como escreve Leonardo Nunes a Nóbrega que estava consigo em S. Vicente? Esta segunda consideração prevalece para nós e conservamos a data primitiva de 1552. Mas então temos que admitir que já em 1552 vinha gente do Paraguai e que era frequente a comunicação entre as duas colónias, portuguesa e espanhola. Talvez mesmo, por a achar demasiado frequente é que Tomé de Sousa mandou fechar as fronteiras ou, como se dizia então, o caminho. Cf. supra, Carta de Nóbrega, de 15 de Junho de 1553. Leonardo Nunes é o primeiro apóstolo da Capitania de S. Vicente.

almas que lá há e juntamente me disseram mil bens daqueles gentios adonde estam que são os Carijós e a disposição que têm para serem bons cristãos. Isto me trouxe grandes desejos de ir lá e quasi me determinei fazê-lo, todavia descjando nisto aceitar e fazer o que Deus for mais servido como continuamente lhe peço nas minhas orações. Assim também isto particularmente lhe encomendei e fiz encomendar aos irmãos, para em tudo o que fizesse se cumprisse sua santíssima vontade, e o que a êles lhes parece é que eu devia de ir, eu também assim o sinto, ainda que fico confuso quando penso que não sei se será esta a vontade de V. R. a qual creio será a dc Deus, e ainda que de outra parte penso que se V. R. aqui estivera e ouvisse as cousas que eu oiço que ainda que sua má disposição corporal o impedira a caridade o forçara a pôr em execução o que eu não ouso determinar-me de todo, porque me dizem que há ali dez sacerdotes e destes só dois ou três não têm sete ou oito filhos como os outros têm, e estes todavia têm cinco ou seis índias dentro de sua casa, as quais os servem dando muito má suspeita de má vida, e algum há dêles que não celebra, há já dez anos, e outro há três ou quatro e aos outros mais lhe valia não celebrar. Há alí segundo dizem setecentos ou oitocentos homens e todos repartidos em cinco bandos contrários e cada um tem ao menos dez índias e alguns até sessenta e setenta. Há quem tem mãe e filha, e de ambas filhos e outros que têm duas irmãs e tias, e sobrinhas e da mesma maneira que têm dumas e de outras filhos, e muitos, o qual todos têm muitas parentas como primas-irmãs e em outros graus de afinidade, e acha-se que estes todos entre filhos e filhas são quatro mil e todos de catorze a quinze anos para baixo. Todos estes segundo seus pecados parece que não tem senão o nome de cristãos,

e se houvesse de contar a V. R. os grandíssimos excessos que têm em seus vicios, nunca acabaria e o que eu sinto também pela muita informação que tenho de lá é que segundo a opinião que êles têm da Companhia pelo que de nós ouvem dizer em mui pouco tempo se acabará entre êles muito com a ajuda de Nosso Senhor, e ajudará nisto que estam já esperando que os ha de ir a socorrer algum da Companhia e com dizer um homem que daqui foi o que nós fazemos, ficaram muito confusos e com lhes dizer que eu havia de ir lá andavam já todos assim sacerdotes como os outros despedindo-se de seus vícios para que quando fosse não os achasse envoltos em tantos pecados. O tempo que lá poderei estar querendo Nosso Senhor serão dois mêses e na ida se gastará um mês ou quando muito mês e meio, e a vinda por ser por rios acima será em três mêses. De maneira que ao todo será até 7 mêses e por tão pouco tempo não me parece bem deixar de acudir a tanta perdição de almas ainda que tão grande emprêsa como esta mais pertence a outro que seja mais servo de Deus que não a mim. Mas todavia se assim Nosso Senhor me fizer sentir e os irmãos e a gente virtuosa e de respeito desta Capitania me aconselharem, determino ir e será depressa com a ajuda de Nosso Senhor por me parecer que esta será a vontade de Deus e de V. R. Até agora falei de minha vida desejando escrever a V. R. grandes minas de almas que Nosso Senhor tem descobertas mui dispostas para se cumprir sua santíssima fé nelas. Ainda que por carta não poderei dizer-lhe tudo o que sei e é que os castelhanos que tornaram do Paraguai antes que eu lhes perguntasse nada andavam por estas povoações dizendo cousas daquela gentilidade dos Carijós que eram muito para espantar e louvar a Nosso Senhor. Eu depois soube de pessoas

de muito crédito o mesmo e espantar-se-á V. R. como ouvindo isto não parti logo com todos os irmãos para doutrinar aquela gente tão sedenta e disposta para receber nossa santa fé, por que certifico a V. R. que se grande espanto e fervor em mim causam as coisas que Nosso Senhor pelos da Companhia obra nas Indias, Ormuz, Japão & causa o que eu disser destes gentios Carijós do qual escreverei um pouco a V. R. Primeiramente são já batizados cerca de vinte mil e os cristãos vivem castamente, nem têm mais que uma mulher, guardam muito bem os domingos e dias de festa, veem de oito e dez leguas cada domingo à missa, e há lá doutrina cristã que um padre dêles faz, e cada aldeia tem uma cruz, e logo de manhã se levanta o principal e ajunta tôda a gente cada um em sua aldeia e o que melhor sabe as orações as ensina aos outros, e acabado isto cada um adora a cruz e vai-se ocupar nos seus trabalhos, se acontece passar por as aldeias algum padre que saibam que leva cruz vão uma légua e duas atrás dêle para que lha deixem beijar, e se algum cristão vai por aldeia onde não há cruz dão-lhe quanto têm para que lhes faça alguma. Em derredor da povoação, vinte e trinta léguas, não há homem que coma carne humana nem mate escravo. Muitas vezes veem muitos índios com grandes presentes de veados e galinhas, peixes, cera, e mel aos sacerdotes a pedir-lhes que os batizem e lhes façam saber a doutrina cristã, e lhes ensinem os bons costumes dos cristãos, e se algum passa pelas aldeias é mui importunado por êles que lhes ensine as orações e muitos os perseguem que os façam cristãos, e lhes digam algumas coisas de Deus, e assim acontece ir um sacerdote para entre êles, a terra tôda se move com êle e lhe vão sempre fazendo o caminho e se quisesse que o levassem às costas o levariam. Todas

estas coisas e outras que não escrevo por o portador estar com pressa, eu as tenho por mui certas porque me informei de todos estes homens que de lá vieram, e todos a-cêrca disto me falam de uma mesma maneira, e certo que ainda que lá não possa fazer o fruto que espero, todavia me pareceria conveniente ir ver aquela gente para trazer a V. R. novas certas do que deseja que saibamos s. em qual terra dêstes gentios se poderá obrar mais por nosso meio na conversão dêles, e certo quanto ao de fora que parece ser estes Carijós porque sendo como V. R. sabe estes gentios desta Capitania bons todos estes homens que vêm dos outros dizem serem estes perversos e maus em respeito dos outros os quais são mansos de maneira que anda um cristão cem léguas entre êles apartados dos cristãos, e se algum índio não lhe faz sua vontade mata-o sem haver quem ouse contradizê-lo, nem levantar os olhos para o cristão só porque é cristão, o que não têm estes daqui não bebem vinho até se emborracharem como estes, antes uma aldeia bebe um só cântaro ou dois de vinho, e isto raramente, o que é grande coisa porque o muito beber dêstes é causa de muitos males como já V. R. terá experimentado. Têm também outras boas partes para se fazer nêles notavel fruto, que estes não têm. Já tenho determinado de ir lá e agora me disse um homem que veio de lá, que um mancebo mui virtuoso que sabe mui bem a língua está esperando por mim para deixar o mundo, e ser meu companheiro o que será grande ajuda para os gentios porque sua língua é mui diferente da dêstes. Aqui deixo todo o colégio ordenado, e ficam alguns irmãos em algumas aldeias aqui em derredor para lhes ensinar a doutrina, e outros envio a uma aldeia que há muito que me pedem que os envie a ensinar e fazer cristãos. A minha partida se Nosso Senhor

for servido de eu ir, será no primeiro dia de Agôsto e hei de levar vinho, porque doze ou treze anos que não levaram vinho aquela gente, e um pouco que guardaram numa botija, lhes durou até agora, estando miraculosamente sem nunca se estragar, e não deitavam mais vinho no cális, de quanto coubesse numa casca de avelã e ainda não tanto. Creio que será grande serviço de Deus levar-lhes vinho para poderem dizer missa mas eu não o tenho de dar a ninguem enquanto de todo se não apartem de suas índias e se emendem de suas más vidas. Disse-me um homem que de lá veio que uma das coisas em que mais consolava os Carijós era com dizer-lhes que vinha buscar-me e lá chamam-me *Barcacliu* que quere dizer padre santo verdadeiro, e que para poder vir seguro por entre estes gentios daqui dizia que era meu filho e que eu o enviara chamar e que por isso o ajudavam e lhe faziam honra de maneira que pela vontade de Deus têm todos estes gentios muito crédito e amôr aos da Companhia, tendo já algum conhecimento dêles como de melhor gente ainda que em mim se enganam. Nosso Senhor moveu cá milagrosamente a um homem casado e sua mulher os quais sendo meus devotos com muitas lágrimas e consolação espiritual fizerão voto de castidade e êle de entrar na nossa Companhia se o recebessem, e se isto não alcançar estão determinados assim êle como ela de servirem em hospitais aos enfermos, vivendo de esmolas, e ambos são nobres (60). Deus seja louvado por tudo! Encomendo-me na benção e orações de V. Reverência. Dêste S. Vicente, hoje vinte e nove de Junho de 1552.

---

(60) Nóbrega desvendou, na carta de 12 de Fevereiro de 1553, o nome dêles: Luiz de Gois e sua mulher.

2.

Carta dos Meninos do Colégio de Jesus da Baía ao P. Pedro Domenech

Da Baía, 5 de Agosto de 1552 (61).

EXORTAÇÃO — PROCISSÃO ÀS ALDEIAS — CANTARES — CATEQUESE — ROMARIA ÀS PÈGADAS — ANTROPOFAGIA — JANGADAS — ALDEIA DO GRILO — POLIGAMIA — ADORAÇÃO À CRUZ — BATISMO — DANÇAS — INSTRUMENTOS MÚSICOS — TAQUARAS E MARACÁS — P. NÓBREGA — FALTA DE PADRES — VISITA ÀS ALDEIAS — OFERENDAS DOS ÍNDIOS — PERIGOS — RESPONSO DE S. ANTONIO DE LISBOA — MATUIM — LIMOAIS — LINGUA TUPÍ.

A paz de Cristo. A graça e amor de Cristo more sempre em nossas almas. Amen. Meu Carissimo Padre. Quem pudesse escrever-lhe conforme ao amor com que o amo em Jesus Cristo crucificado, o qual ensina

---

(61) *Bras. 3(1)*, 64-67. "Treslado de una carta del Brasil q scriven a Pero Domenec sobre las cosas q Nro S.or obra por los ninnos de la doctrina en aqueles gentiles". Em castelhano. Esta carta, encantadora nas suas noticias e até nas suas confusões, umas vezes fala por palavras dos meninos na 1ª pessoa do plural, outras fala deles na 3ª pessoa, e outras ainda na 1ª pessoa do singular, de alguém que redigisse pessoalmente a carta, talvez o próprio Nóbrega, que estava então na Baía à frente de tudo, depois que voltou de Pernambuco. Diz-se a certa altura da carta, referindo-se à cura de uma filha do principal Grilo: "Trouxe-a para que lhe déssemos saúde, a qual um, *que tinha mais fé do que eu,*

a amar em suas entranhas, mormente como V. Rev. nos mostra daí [que] bem parece ser alumiado e encendido, pois que o seu fogo nos aquece e conserva até ao Brasil.

Confio no mesmo Senhor que será para muito aumento da santa fé católica, como vai ordenado e Nosso Senhor o guia. Prazerá a Nosso Senhor que aos fundadores, os tomará por moradores da Sua Santa Cidade de Jerusalém, e a quem dará muita vida para que gozem do que plantaram.

Peço-lhe em Nosso Senhor que rogue por nós e por esta gentilidade, que parece que se vem chegando muito a messe para dar fruto, e que Nosso Senhor nos dê que alcancemos o fruto da sua árvore, padecendo com êle neste serviço [em] que andamos; e que nos dê da Sua Caridade, por aquela com que baixou dos céus e viveu, até chegar à Cruz, onde com a voz rouca pediu perdão para os que o crucificaram, desculpando-os; e

---

lha prometeu, e, com orações dos meninos, daí a poucos dias estava boa". Este *eu* é evidentemente o autor da carta e é modo de falar de Nóbrega, quando toca em si-mesmo. Mas pode bem ser que seja autor o P. Francisco Pires que escrevendo aos Irmãos de Portugal se refere expressamente a esta carta (*Cartas Avulsas*, 130). Tratando do fervor dos meninos da terra e do fruto que fazem nas suas peregrinações, acrescenta: "o que eu não escreverei, porque o Padre [Nóbrega] lhes mandou que escrevessem aos meninos de Lisboa, e porque poderá ser que suas cartas as vejais, o não escreverei". Entre Nóbrega e Francisco Pires, e este com mais probabilidade, se terá que repartir a autoria ou inspiração da carta dos meninos. Vicente Rodrigues fica excluido porque ele é o Irmão que abaixo se diz, sem se nomear que ficou a fundar a casa na Aldeia, junto às pègádas. E os Padres e Irmãos Luiz da Grã, Anchieta, Blasques, Braz Lourenço e Gregório Serrão, que também escreveram cartas, só chegaram ao Brasil no ano seguinte.

nos dê da sua sêde, dando-nos aqui da água que ele anunciava e prometeu à Samaritana, com as migalhas que pedia a Cananeia e das que sobraram dos pães, que repartiu no deserto aos que o acompanhavam, nestes nossos cestinhos. E o que é verdadeiro Samaritano nos cure e ponha no seu santo jumento, pagando bem aos da sua estalagem, e a nós farte aqui do seu pão de lagrimas, para que repartamos bem com estes gentios.

O' Padre meu, ó irmãos meus, quem fôsse tão bem-aventurado que da sua alma não se apartasse Jesus Crucificado, e aquela sua fome e sêde, e juntamente viesse entre estes indios famintos buscando o reino de Deus e a sua justiça, porque Êle nos fartaria, por que Êle diz serem bem-aventurados os tais; e Nossa Senhora, que aos famintos encheu de bens!

Aqui com os odores das suas romarias e peregrinações, nos encendemos em Jesus Cristo, e fizemos uma romaria e uma peregrinação pela terra adentro, armando-nos contra êles com a Cruz de Cristo e com as suas palavras. A Cruz foi sempre levantada, e os meninos adiante, de dois em dois ou de três em três, prègando, uns adiante dos outros por um espaço, prègando a Cristo a grandes vozes, ser ele verdadeiro Deus que fez os céus e a terra e todas as coisas para nós, para que o conhecêssemos e servissemos, e nós, a quem Êle fez de terra e deu tudo, não o queremos conhecer, nem crer, obedecendo a seus feiticeiros e maus costumes, e que dali em diante não teriam escusa, pois Deus lhes enviava a verdadeira santidade, que é a cruz, e aquelas palavras e cantares, e que Deus tinha vida para os que creem, lá onde Êle está, mostrando-lhes a formosura dos céus, nomeando-lhes os elementos com seus frutos, e como de lá vinha o Sol, chuva, dia, e noite, e outras muitas coisas; e daqui corrigíamos as

suas faltas e feiticeiros, e mostrando-lhes os seus enganos muito claros, do que ficavam espantados saberem tanto os meninos, porque lhes falavam do inferno e do diabo, de quem êles têm mêdo, de tudo o qual os meninos linguas andam muito ensinados.

Êstes são os que nos dias de festa pregam na Igreja e declaram o evangélho, e vão nos dias santos pela cidade e aldeias antes de amanhecer que são as horas em que eles pregam ou lhe dizem a solenidade do dia, chamando-os ao conhecimento de Deus e ao que hão-de fazer. Os quais ouvindo, vão a seus senhores dizer o que ouviram e pedir-lhes licença, e os da Aldeia, cristãos fôrros, veem às cidades às tais festas. Falando dos negros, de que falávamos, com o que lhes diziamos mostraram grandes sinais de crer. E vinham pedir-nos saúde; outros nos rogavam lhes não deitassemos a morte, com mêdo de nós, porque a eles parecia-lhes que lançávamos a morte. Nalgumas casas das aldeias, para que não fôssemos lá, faziam fôgo, e queimavam sal e pimenta, para que, com a força e fedor, não passássemos; e nós contudo visitávamos as casas todas com a Cruz levantada. E nós, entrando, iamos com cantares de Nosso Senhor, de maneira que tudo lhes era de consolação porque lhes díziamos a verdade e que tudo o que levavamos era vida e que os ruins eram os que morriam porque não queriam as coisas de Deus.

As casas de cá são como as de aí, e muito compridas, todas cobertas de palmeira desde o chão até cima, onde ficávamos e passávamos durante o dia, e de noite éramos muito bem hospedados, e davam-nos do que tinham, em abundancia. Bem parece que não falta nada aos que buscam a Cristo. Aos principais, em entrando falávamos-lhes todos; depois levantavam-se de uma rêde ou leito, em que pela mór parte estão, e fala-

vam cada um de por si, dizendo-nos *Ereiupe* que quere dizer: vinde em boa hora, e nós diziamos: *Paa* que quere dizer *sim,* como é seu costume.

Quanto à romaria das pègádas, da Aldeia, onde paramos, é um tiro de besta (62). A maior parte da noite tivemos grandes cumprimentos com o principal que estava ao presente [...] (63). Disséram-nos que morássemos ali, e que nós, que sabiamos, os ensinariamos, e eles nos fariam uma casa nas pègadas do bem-aventurado santo; com os quais, de manhã, partimos, depois de práticas e prègações pelas casas e cantares, para as pègadas com a ladaínha nossa companheira e eles todos com *ora pro nobis.* Ao chegar, era meia maré baixa, e vimos as pègadas, que as cobre a maré cheia, que estão em pedra muito dura, e as pègádas marcadas como de homem que fugindo, resvalava, e a pedra deu lugar a seus pés, como se fôsse barro, assim se abaixou e humilhou. Estando nós aí um pedaço dando louvores a Nosso Senhor por aquêle misterio, porque Nosso Senhor não permite nada debalde, senão para aviso e exemplos deles, e nosso, e para sinal do que Nosso Senhor faz pelos seus. Logo dalí, foram-nos êles cortar paus compridos e fizeram uma cruz grande entre muitas pedras ao pé.

Vindo para outras aldeias, chegamos a outra, onde havia grande quantidade de vinho e carne dos contrários; onde prègando pelas casas, aquele dia não a comeram por nossa chegada; e a sua festa cessou de tal ma-

---

(62) Pègádas na rocha perto da Baía, que a lenda atribuia a um vago heroi, Zumé, e que os Portugueses, antes dos Jesuitas, referiam a S. Tomé.

(63) Breve espaço em branco, destinado de-certo ao nome do principal indio, que no traslado se não preencheu.

neira que eles mesmos fizeram calar os seus que cantavam. Os meninos, enquanto aí estiveram, foram bem acolhidos e lhes varreram as ruas como a santos, e os meninos fizeram jogos, falando por meio de lingua. E ao outro dia partimos, onde não houve, com suas festas e vinhos, quem nos passasse um rio muito grande. De modo que Nosso Senhor fez milagres connosco, de tantos como eramos não nos acontecer perigo, segundo dêle nos contaram. A nosso pouco saber, ajudou Nosso Senhor, por que passamos a gente por varias vezes com uns paus de jangadas (barcos) que ajuntamos e atamos com as cordas dos leitos que levamos para dormir, e assim passamos a bôca de um rio que entra no mar, que mais era mar do que rio, ao presente muito perigoso, segundo nos contaram depois, que aconteciam muitos desastres. Êsse dia chegamos onde estava o Padre Nóbrega, aonde chegamos na vespera de Ano Velho; onde passámos muitas outras coisas de louvor de Nosso Senhor. E êste caminho foi de sete léguas por terra adentro.

E fizemos outra peregrinação, na semana de Lázaro, de oito léguas, aonde chamam o Grilo, que é um negro muito nomeado e temido entre êles, por muitas aldeias, da mesma maneira que acima disse andámos. Êste feznos bom acolhimento. E' negro muito grave; dizia-nos que ali tinhamos muita caça que nos mandaria matar, e que fizéssemos ali uma casa que eles a fariam, e que tinham porcos e pescado e caça; o qual e os demais ouviam a palavra de Deus mostrando da sua parte grande disposição para cristãos, salvo que as muitas mulheres, que teem, os impedem, das quais teem filhos. Chamam-nos muitas vezes para que lhes falemos de Deus. E êste dizia que se tinha por coitado — palavra de que se correm, — porque nos não entendia quantas vezes nos ouvia, e que, além disto, estava longe de nós e não

tinha quem o ensinasse. E' negro para muito e amigo dos cristãos. Tem em sua casa livro muito bom para quem quiser ler, e cartas de jogar para quando lá vai alguem lhe dar prazer. Tem duas rêdes ou leitos armados para os hospedes, na sua aldeia.

Pusemos uma cruz, e dissemos-lhe o que era, e foi, logo que lho disseram, e, com os seus, fizeram um caminho por uma verêda desde a sua aldeia até entrar nuns caminhos onde a pusemos. Para a levar fizemos uma procissão com grinaldas na cabeça, com os negros dizendo *ora pro nobis.* E levava a cruz um Padre e um homem que foi na companhia, descalços, e a cruz dos meninos adiante, que, chegados e posta na terra levantada, aproximou-se um menino e prégou na sua lingua os oprobrios de Cristo, dando-lhe Nosso Senhor lagrimas e chorou o principal. O qual acabado, apartando-nos da cruz um bocado, pusemo-nos de joelhos e assim fomos a adorá-la, o que fez aquele principal, assim de joelhos, o que é para eles de muita dor e afronta, que o demónio põe: a quem faz como nós chamam-lhe mulher dos cristãos.

Este tinha uma filha muito doente, do que ele tinha muita pena pela grande enfermidade. Trouxe-a para que lhe déssemos saúde, a qual, um que tinha mais fé do que eu, lha prometeu, e com orações dos meninos daí a poucos dias estava boa. Donde partimos com muito carinho dele, e deu-nos um filho muito bonito para que o ensinássemos, ao qual baptizamos dia de Páscoa, e aprende bem; prazerá a Nosso Senhor que seja para sua gloria. Nesta aldeia houve muitas festas dos meninos. Cantaram e folgaram muito e de noite, levantaram-se ao modo deles e cantaram e tocaram com taquaras, que são umas canas grossas com que dão no chão e com o som que fazem cantam, e com maracás que são de umas frutas uns cascos como côcos, e furados, com uns paus,

por onde deitam pedrinhas dentro, o qual tocam. E logo os meninos cantando, de noite (como é costume dos negros) se levantavam das suas rêdes (são leitos em que eles dormem) e andavam espantados atrás-de nós. Parece-me, segundo eles são amigos de coisas músicas, que nós tocando e cantando entre eles os ganharíamos. Pouca diferença ha do que eles fazem ao que nós fazemos e fariamos, se V. Rev. nos fizesse prover de alguns instrumentos para que aqui os toquemos (enviando alguns meninos que saibam tocar) como são flautas, e gaitas e nésperas e uns ferrinhos com umas argolinhas dentro, as quais tocam dando com um ferro no outro, e um par de pandeiros com soalhas. Se viesse cá algum tamborileiro e gaiteiro, parece-me que não haveria principal que não desse os seus filhos para que lhos ensinassem. E junto com isto, como o Padre Nobrega determina ir longe pela terra adentro, iriam seguros com isto, porque os negros a seus contrarios (aos quais querem muito mal, tanto que se comem uns aos outros) os deixam entrar em suas terras e casas se lhes levam músicas e cantos, e assim os chamam santidades, e lhes dão quanto teem porque lhes dizem muitas coisas falsas e mentiras que o demónio seu pai lhes ensina.

Pois se isto, o que os negros [índios] sabem que são mentiras e enganos e assim o confessam, os atrai, que farão se com música que nunca ouviram, lhes pregarmos a verdade do mesmo Deus exercitada em nossas almas, quem terá dúvida de que tremerão os demonios e seus poderios como enevoados diante do sol? Isto diz o Padre Nobrega e tem-no por muito certo, porque os meninos têem muitos sermões estudados, e tocando e cantando ao modo deles, o que folgam de ouvir. E quando os meninos vão tocando e cantando pelas suas aldeias, vem os velhos (que costumam ter mêdo de

nós e escondem os seus filhos) a bailar sem descançar e até mesmo as velhas, por cujo conselho se regem assim velhos como moços. E os meninos andam atrás-de nós, esperando quando havemos de tocar ou cantar, pedindo-nos que os ensinemos e dizendo-nos alguns, que querem vir connosco e assim o desejam; mas não ousam fiar-se de todo, pelos enganos e males que até aqui receberam dos cristãos passados.

Nosso Senhor agora lhes abre os olhos e confessam a nossa verdade muitos deles e conhecem os seus enganos. Para o que é mister sermos muitos, e ser ajudados por muitos padres e meninos que cantem, acompanhados de virtude para que possam ensinar aos outros, trazendo consigo as coisas que lhes temos pedido e encomendado, e muitos sinos para quando se repartirem pelas aldeias, com que chamar a doutrina, do que temos cá muita falta, porque os Padres e os meninos estão repartidos pelas Capitanias, e hão mister muitas campainhas quando forem pelas aldeias.

Depois voltaram os meninos pela terra adentro, aonde foi o Padre Nobrega e outro padre e dois irmãos, dia do Anjo Custodio. E acabada a procissão, e, depois de comermos em casa, com a cruz toda pintada de pluma da terra e muito formosa, e com o menino Jesus no cimo da cruz, com vestido de anjo e uma espada pequena na mão, assim fomos, com a cruz levantada, pelas aldeias, cantando em cada uma delas e tocando ao modo dos negros e com seus mesmos sons e cantares, mudadas as palavras em louvôres de Deus. Fomos naquela noite a uma aldeia, e todos diziam que não tinham nada para comer senão alguma farinha que dentre muitos ajuntaram. Quis Nosso Senhor que aquele dia que partimos de casa, nos dessem com que comessem os meninos com aquela farinha.

Daí partimos ao outro dia pela manhã e fomos a outra aldeia onde achámos de almoçar, sem nos faltar nada do necessário. Na outra em que primeiro dormimos tivemos nossos sermões e falas de Nosso Senhor, dizendo-lhes o Padre que aquela era verdadeira santidade, (santidade chamam aos seus musicos e tocadores) e dizendo aos principais que se aparelhassem para as coisas de Nosso Senhor, de parte do Bispo, que era o verdadeiro Pagé-Guaçu, que quere dizer Padre grande e que se aparelhassem para ser cristãos, não como os seus antepassados que se tinham feito cristãos por camisas, e não por amor de Deus, e por isso tinham morrido os mais deles, trazendo-lhes a muitos como exemplos, e os seus males passados, e lhes traziamos exemplos de outros que fôram bons cristãos, e que eram nossos amigos, e não morriam, porque criam na verdadeira santidade, que nós levavamos, e cumpriam as coisas de Deus, que lhe ensinávamos, as quais davam para sempre vida nos céus, e que os maus, que morriam, iam para o inferno a arder com os diabos, o que lhes metia grande mêdo e espanto. Depois disto tangiamos e cantávamos do que alguns tinham mêdo, porque pensavam que o nosso cantar lhes daria a morte, outros pelo contrario folgavam muito, e vinham ao nosso tanger, a cantar e bailar, onde vinham velhos e velhas, o que era para espantar, sendo estas por quem eles se regem. Desta maneira, atravessando pela terra adentro, achávamos muita diferença de negros, porque em muitas aldeias não nos queriam vêr e fugiam de nós escondendo-se com seus filhos, pensando que logo haviam de morrer, com o grande mêdo que tinham de nós; e noutras partes queimavam pimenta que dá um cheiro muito forte e fumo que parece que afoga.

E assim passamos pelas demais aldeias e caminhos, salvo naquelas em que nos era necessario comer e des-

cansar, onde Nosso Senhor queria que não nos faltasse nada do que haviamos mister, com muita alegria e muita vontade. E nestas aldeias, em que isto achavamos, que era carne ou peixe, segundo tinhamos necessidade, diziam-nos que nos outros dias passados não tinham tido coisa alguma senão aquele dia em que nós chegamos.

Numa aldeia, em que nós entramos uma tarde, foram adiante dar a nova como iamos, e vieram logo muitos negros carregados de peixe, de que comemos muito bem, e ainda levamos peixe cozido. Quando chegamos à aldeia do Grilo onde havia dias que não morria nada, aquele dia em que estivemos morreu um veado de que comeram os meninos e levaram para o caminho. Noutra deram-nos muita farinha, peixe cozido e assado e muitos camarões, de que comemos com abundancia, e levaram para o caminho; de maneira que onde quer que íamos achavamos por pouco que fôsse abastança até que chegamos às pègádas de S. Tomé; onde achamos uma aldeia na qual havia dias que não morria peixe, e quando nós lá chegámos não faltou o necessario, mostrando bem Nosso Senhor que ia em nossa companhia.

Trabalhos de caminhos passamos muitos, passando muitos rios e aguas, porque era então tempo delas. Andámos um dia inteiro quando chegamos às pègadas por debaixo de grandes arvoredos, sempre por água, sem acertar com o caminho, até que ao fim fomos dar a uma baixa de trás de um rio Matuim onde nos atolávamos até aos joelhos, e tudo, por onde andámos, cheio de ostras, o que bastaria para cortar-nos as pernas se Deus não estivesse connôsco. Alí andámos muito porque não sabiamos se íamos para o mar, ou para a terra; mas lembrando-se um de Santo Antonio, chamou os meninos e todos disseram um responso, e o bem-aventurado Santo Antonio pôs-nos em caminho.

Andámos com muito trabalho de quedas até chegar às pègadas, onde encontramos os negros tão bons que teve de ficar alí um irmão com dois meninos para os ensinar e fazer uma casas nas pègadas onde se recolham meninos, e depois tenhamos alí bom acolhimento, (64) porque por um filho seu nos mandou chamar para sua casa o principal, onde recebemos tanta consolação que foi maior que os trabalhos que passámos e nesta mesma aldeia bailámos e cantamos a seu modo e os cantares na sua lingua; e a mulher do principal levantou-se a bailar connôsco. E outro dia pela manhã foi-nos mostrar um limoal onde os meninos tomaram limões. Daí nós partimos para as pègadas com cantares de Nosso Senhor e os gentios da aldeia iam connôsco, e cantamos nas pègadas um hino do Espirito Santo. E daí nos separamos dos irmãos os quais ficaram muito desejosos de nós. Fomos pela praia, onde achamos outro limoal que nos deu muito trabalho principalmente aos meninos pelos muitos mosquitos que nos mordiam, e desta maneira fomos até chegar a uma bôca de um rio que passámos numa canôa que está agora em casa.

Não dizemos mais e encomendamo-nos em vossas orações. Desta Casa do Colégio dos Meninos de Jesus, hoje, a 5 de Agosto de 1552 anos.

De vossos irmãos *Diogo Topinamba Peribira Mongeta Quatia.*

P. S. (65) Depois desta recebemos outras de dez ou doze meninos filhos [...] (66) convertidos e baptizados. Escrevem como teem já feito quatro casas de

---

(64) Irmão Vicente Rodrigues (Cf. *Cartas Avulsas*, 130).

(65) Não se diz expressamente, mas este P. S. deve ser de Pedro Doménech, fundador da Casa dos Orfãos, de Lisboa, remetente desta carta para Roma.

(66) Duas ou tres palavras ilegiveis. Cf. Supra, nota 63.

meninos e Igrejas e Ermidas entre os gentios e um menino escrevem que fugiu da sua mãe e veio para a casa dos meninos; e depois de instruido na fé foi pregar a sua mãe a fé de Cristo, e achou que tinha uma cabeça e pedaços de carne humana dependurada ao fumo para comer. Fugiu logo, e depois, por obediencia, tornou e repreendeu-a dos seus maus costumes.

A ordem que teem é esta; que alta noite, os Padres que teem cargo deles, lhes dão meditações da morte, juizo, ou semelhantes coisas, e pela manhã madrugam e vão pelas casas dos negros e gentios, e acham-nos na cama e ali lhes praticam da morte e inferno e da paixão de Nosso Senhor e algumas vezes dançam e cantam, e assim os ajuntam. Depois disto, que os teem ajuntados, assim dançando e cantando, dizem-lhes a Paixão de Nosso Senhor, Mandamentos, *Pater Noster, Credo e Salve Regina,* na sua lingua. De maneira que os meninos na sua lingua ensinam a seus pais, e os pais vão com as mãos juntas atrás-de seus filhos, cantando *Santa Maria,* e eles respondendo *ora pro nobis*...

Louvado seja Jesus Cristo para sempre!

3.

Carta do P. João de Azpilcueta Navarro aos Irmãos de Coimbra

De Porto Seguro, 19 de Setembro de 1553 (67).

ENDEREÇO DE CARIDADE E HUMILDADE — CORSÁRIOS FRANCESES — MANUEL DA NÓBREGA — S. VICENTE — LEONARDO NUNES — CAPITANIA DE PORTO SEGURO — INCENDIÁRIOS — SACRILÉGIO EUCARÍSTICO — PROCISSÃO DE DESAGRAVO — P. AMBRÓSIO PIRES — IR. ANTÓNIO BLASQUES — ENTRADA AO SERTÃO — ESPERANÇAS DE MINAS E DE MELHOR GENTIO — PRECES — LINGUA TUPI — DOUTOR MARTIM DE AZPILCUETA.

A graça e amor de Jesus Cristo seja sempre em nossas Almas, amen. Quando meu fraco entendimento se põe a pensar em vós Carissimos, recebe tanto esforço e tanta consolação, quanta Deus sabe, e se ainda tem alguma virtude ou fortaleza é com vossa memória que o Senhor Deus sustenta nas águas e perigos espirituais e corporais destas partes, onde andamos espargidos *in eodem spiritu*, debaixo da bandeira da santa obediência, semeando a palavra de Cristo Jesus Nosso Mestre, a qual em partes vai em acrescentamento, posto que eu sou, por meus pecados, o que menos trabalha, e por quem o Senhor menos obra por minha pouca habilidade; e, havendo disposição nas criaturas, e querer e desejo

(67) *Bras. 3(1)*, 100-101. Em castelhano.

no Criador, de salvar a todos, não obstante que há muitos espinhos que afogam o que outros semeam, que por mim julgo, a semente, que nesse santo colégio recebeu minha alma, acho muitas vezes afogada dos espinhos do mundo, diabo e carne, espero Padres e Irmãos dessas partes, renovar ao menos esta minha velha casa, fundada em fracos cimentos e combatida de muitos ventos, que, mediante vossas orações, é sustentada pelo Senhor. O' carissimos, quão diferente é falar das virtudes e tê-las, e falar do martírio e pô-lo por obra!

A letra, que por essas partes me parecia clara, cá se me torna obscura, não sei se será de andar entre gentes que continuamente se comem uns aos outros e andarem envoltos em sangue humano. Se minha alma fosse clara e limpa, Carissimos Irmãos, as lágrimas achara por consolação, os trabalhos doces, por Jesus Cristo. Mas, a êste corpo mau e sensualidade, o bom lhe parece mau, o doce amargoso. Supra, pois, o bendito Jesus minhas fraquezas, por sua bondade e misericórdia, e dê-me graça em sua companhia e dê virtudes às criaturas que o conheçam e sirvam como o Criador e Redentor, com que seu sangue seja acatado e a fé exaltada para glória de todos, amen.

No ano passado de 1552 vos escrevi, Caríssimos, novas destas partes, das cousas que o Senhor obrava e obra por meio da Companhia, como por outras vias sabereis mais extensamente, posto que as que eu mandei, o navio, em que iam, os Francêses tomaram, e por conseguinte papéis e cartas se perderam segundo cá me disseram, os quais esta me escusaram, que depois cá não se me ofereceram senão ocupações comuns: s. pregar, confessar e fazer amizades; sòmente vos darei em breve conta da minha chegada e estada nesta Capitania de cristãos, na qual me deixou o Padre Manuel da Nóbrega,

quando passou por aqui a S. Vicente, onde o Padre Leonardo Nunes trabalha no Senhor, e tem feito muito fruto, como por outras de lá serão informados. Fiquei aqui sòmente por falta de Padres e pela necessidade que havia na terra de despertar a gente que estavam e estão no sono do pecado sòmente com nome de cristãos embebidos em malquerenças, metidos em demandas, envoltos em torpezas e sujidades publicamente, o que tudo me causava uma tibieza e pouca fé e esperança de poder-se fazer fruto, contudo meti-me a apalpar, quis Nosso Senhor que alguns se apartaram dos pecados uns tirando de si, outros casando-se, muitos cediam das demandas e libelos condescendendo a meus rogos, e outros, que me ajudavam, e desta maneira se reconciliavam muitos.

E neste comenos começou-se um ruido noutra povoação e vila, desta mesma Capitania, de muitos ódios e malquerenças, até virem em bandos sem os poder aplacar de nenhuma maneira, e tudo prosseguindo sem nenhuma emenda, saltou o fogo, sem se saber donde e de quem, e queimou a maior parte do lugar com muita fazenda de moradores; e achou-se uma rapariga queimada o que mais se sentiu. Depois disse-me uma mulher de crédito que, estando em sua casa dentro, ouvira umas vozes como de meninos gritando, e que saíra a ver e não vira nada, sòmente o fogo que começava a arder. E tudo foi num instante, sem poder acudir ninguem. O que tudo me aproveitou depois para pregar noutra villa principal, onde eu maior trabalho tinha, com os provocar a penitencia por temor, já que não queriam por amôr. E êles, como obstinados no pecado, com confiança da misericordia de Deus, sem querer apartar-se veio sua ira sôbre êles, pelo mesmo modo que aos outros. Saltou o fogo subitamente e queimou quàsi

tôda a vila dos muros adentro, sem poder valer a casa, nem fazendas, que se queimou em muita quantidade, e as casas contaram cinqúenta e tantas, entre as quais escapou uma de um homem, que tinha fama de rico de mau título, e público amancebado, o qual depois andava gabando-se pelas casas e ruas que ali viam não ser verdade o que dêle diziam, pois sua casa não se queimara. Quis Deus ou permitiu ao demonio que no dia seguinte se lhe pôs fogo no cume de sua casa e se queimou toda e o que tinha nela.

Finalmente, Carissimos, não há pecado sem castigo tarde ou cedo, rogai a Nosso Senhor que o meu não seja no inferno, pois dissimula tantos que cometo cada dia com Êle sem dêles haver castigo. Praza a sua misericórdia me tenha de sua mão, pois são tão incompreensiveis seus juizos, *ó altitudo divitiarum existimabam ut cognoscerem hoc est labor ante me donec intrem in sanctuarium Dei et intelligam in novissimis eorum* (68).

Neste comenos nos veio a nova do luterano que desonrou o corpo de Cristo Nosso Redentor, nas festas e palácios del Rei Dom João, o que pôs espanto e asco nos corações dos cristãos. E mostrando tristeza e sentimento de tal maneira que um homem honrado desta Capitania saiu subitamente de sua casa, bradando à maneira de exclamações a Deus pelas ruas, como quando quem está fora de si, e assim, falando com Deus, veiu à nossa igreja, que é um bom pedaço da vila e, entrando na igreja, disse tantas cousas que encendeu minha tibieza com que fizemos uma procissão geral com disciplinas; e fazendo outras obras pias para glória do Senhor.

---

(68) Ps. 72, 16-17.

E daí a poucos dias chegou o Padre Ambrósio Pires com quem me consolei muito no Senhor e todos os devotos nossos desta Capitania por sua virtude, prudencia e saber. Fica ao presente em Porto Seguro com o irmão Blasques com muita edificação da gente e ocupam-se já em ensinar cristãos e indios, espero farão fruto. Tambem me trouxeram uma carta do Governador, com outra dos Padres, em que me escreviam que quisesse ir com uns homens que, por El-Rei, vão descobrir terra pelo sertão, e nós por haver palpado êste gentio e não se fazer fruto quererá Nosso Senhor descubra agora e ache algum gentio melhor (69). Para o ano, se não nos comerem os negros, vos escreverei mais largamente de tudo, se Deus for servido. *Interim*, encomendai-me muito ao Senhor, Caríssimos, e porque nunca me achei em tanta necessidade, como agora, por ir só entre leigos de diversas *mais* (70) por terras cubertas e gentes bárbaras que se comem que com lágrimas vos quisera escrever não a ida, senão meu pouco espírito para tão grande emprêsa.

Portanto, torno-vos outra vez, Caríssimos, a pedir que nas vossas meditações façais suspiros a Deus Padre pondo diante seu filho digo seus merecimentos, com os da Virgem Nossa Senhora e santos, juntamente com os da Companhia, que Deus por sua misericórdia nos acompanhe e abra caminho a mim e a êles, com que se descubra alguma coisa para que, povoando-se mais depressa venham estes gentios ao verdadeiro conhecimento *formidine penoe,* pois não quere *virtutis amore,* e para ajuda disto peço aos de missa outras tantas missas, a

---

(69) É a célebre entrada a minas, em que tomou parte e de que foi o cronista (Cf. *Hist. da C. de J. no Brasil,* II, 173-175).

(70) *Mais,* sic: De diversas *mãis?* De diversas *nações?...*

cada um, de Nossa Senhora e Espírito Santo, e aos que não são outros tantos rosários de Nossa Senhora, que Ela seja intercessora com os que vivemos neste mundo num espírito, nos ajunte no outro em sua companhia, hoje 19 de Setembro, 1553, de Porto Seguro.

Deixo ao Padre Ambrósio Pires e ao irmão Blasques todas as orações em lingua do Brasil, com os mandamentos e pecados mortais, etc. com uma confissão geral, princípio do mundo, incarnação e do juizo, e fim do mundo para se mandar lá. Quanto a modo de Arte, não alcanço ainda para se fazer, nem me parece têm se não certos vocábulos que servem em geral, que para outro tempo deixo que esteja com mais vagar, que agora ando de caminho, que por esta causa tambem não lhe escrevo ao Doutor meu tio, Martim de Azpilcueta, de quem recebi uma em que me consolava no Senhor, com saber também a devoção que tem a esta casa como pai e irmão dela que para mim é mui grande consolação e esperança que o Senhor me haja de ajudar nestes fracos trabalhos. E praza a Nosso Senhor me faça tão bom como êle deseja e assim lhe peço o que aos irmãos tenho pedido, e ainda com mais eficácia, pois tem maior obrigação de amôr e caridade, e esta terá por sua. *Valete.*

Vester minimus

Johanes de Azpilcueta

4.

Carta do P. Luiz da Grã a Santo Inácio

Da Baía, 27 de Dezembro de 1553 (71).

MANUEL DA NÓBREGA — LEONARDO NUNES — JOÃO GONÇALVES — MENINOS — ELOGIO DO BRASIL — MANTIMENTOS — POVOAMENTO — MINAS — ALDEIAS — COSTUMES DOS INDIOS — INCONSTANCIA — SACRAMENTOS — FUGAS — CASTIGOS — DIFICULDADES DA CATEQUESE — ANTONIO PIRES — AMBRÓSIO PIRES — S. VICENTE — COLEGIO DA BAÍA — ANTONIO BLASQUES — PERO DE GOIS.

† Jesus. — Muito Reverendo em Cristo Padre: A graça e paz de Cristo seja sempre em nossas almas. Até agora não se escreveu desta Capitania da Baía, aonde chegamos a 13 de Julho de 1553, porque não partiu daqui navio algum, e os que partiram dos Ilhéus, em que iam as cartas desta Capitania, arribaram com tempo; nem

---

(71) *Bras. 3(1)*, 140-143v. Autógrafo, em castelhano. Lê-se nele 1555, não havendo diferença entre os três cincos. Mas pelo contexto (diz que ainda não tinha saido da Baía...) e pelo confronto com as cartas seguintes (em dezembro de 1555 já estava no sul...), aquele último 5 deve ser equivoco. 1554 já seria aceitavel. Rectifique-se qualquer informação a que a leitura óbvia de 1555 tivesse dado lugar, nos nossos anteriores escritos, como por exemplo a entrada de Pero Góis na Companhia.

Note-se nesta carta o louvor à terra do Brasil, à sua bondade e fertilidade. Pode-se comparar com as melhores de Nóbrega, Anchieta, Rui Pereira e Fernão Cardim.

vi o P. Manuel da Nóbrega que está noutra Capitania, que é longe daqui 240 léguas, que se chama S. Vicente, e por causa das monções não tive recado dele, senão este Outubro passado, em que me mandou que escrevesse a V. Paternidade. E, porque eu não passei desta Capitania, direi que exercicios temos os que aqui somos.

Depois que o P. Leonardo Nunes veio por mandado do P. Manuel da Nóbrega visitar as casas, que estão por estas partes, da Companhia, e levou os Padres e Irmãos que puderam ir, deixou-me aqui com um Irmão, que também veio do Reino, que se diz João Gonçalves, cujas ocupações eram ensinar os meninos, que temos a cargo, e ter cuidado de dar ordem ao que era mister para a sustentação dos meninos, que é farto trabalho para a sua disposição, que por graça do Senhor foi sempre em notavel aumento, vindo ele do Reino sem remedio humano de saude, porque não puderam fazer tanto os muitos que se lhe procuraram no Reino, quanto fez a terra com tão bons ares, como tem, que sem dúvida os velhos e de fraca compleição a sentem muito a propósito para a sua saúde corporal; e de todas as partes do Brasil se diz o mesmo.

As águas geralmente são muito boas. Os mantimentos próprios da terra, ainda que húmidos, quasi todos, são em abundancia. O pescado é muito gostoso e sanissimo. As carnes não as havia entre os Indios senão de mato que eles caçavam com suas frechas e laços e agora também com cãis que obtiveram dos cristãos. Mas todo o género de gado se cria em abundancia, porque os cristãos têm muitos porcos, bois, cabras, galinhas, patos, etc. Pão de trigo não o têm senão de Portugal, ainda que em S. Vicente se semeia e colhe muito formoso, mas nem ali nem nas outras Capitanias se trabalhou pelo semear, porque este mantimento da terra, de

raizes de árvores, a que chamam mandioca, aipim, carimã, é suficientemente bom; e ainda que a mandioca é peçonha se se bebe a sua água, contudo a farinha que dela se faz não faz mal à saúde. O aipim come-se cru, como muitas outras raizes de que usamos, e desta farinha se faz pão de muitas maneiras. Há contudo muito milho e arroz muito bom e em muita quantidade.

As frutas próprias da terra são de muitas diferenças e muito estranhas. Tem-se experiencia que quasi todas as que há no Reino se dariam aqui muito bem; e se não fora a destruição que faz a formiga nas árvores, já houvera todo o genero de plantas. Vinho fez-se nesta Baía, que eu vi.

Terra é esta, certamente, em que se faria muito, se houvesse muitos moradores; nem parece humanamente que a coisa da cristandade e conversão dos infieis terá o aumento desejado senão com haver tanta gente nestas partes que sintam eles sujeição. E bemdito o Senhor, assim o parece dispor o Senhor, pois havendo tanto tempo que estas Capitanias são povoadas, nunca procuraram, nem mediocremente, saber o que se poderia dar bem na terra, nem se havia metais nela: e, de certos meses a esta parte, quis Deus descobrir juntamente quasi em todas as Capitanias muitos metais de ferro, prata e segundo se afirma, de ouro, tão sem diligencia humana para isso e tão sem custa por ser dentro das mesmas povoações, que bem parece dá-lo Deus Nosso Senhor por instrumento ou meio deste seu serviço, que tanto se deseja, que é a sujeição de tanta infinidade de povos a sua santa fé, que tão entenebrecidos estão em suas brutalidades, que quasi de todo parecem ter absorto o lume da razão, de cuja fereza se se houvesse de escrever seria muito longo.

E o que mais os tem cegos é o insaciavel apetite que têm de vingança, em que consiste sua honra; e, com isto, o muito vinho que bebem, feito de raizes ou de frutas, que tudo ha-de ser mastigado por suas filhas e outras moças, que somente delas, emquanto são virgens, usam para este oficio. Nem sei outra melhor traça do inferno que ver uma multidão deles, quando bebem, porque para isso convidam de muito longe, e isto principalmente quando têm de matar algum ou comer alguma carne que eles trazem de moquém.

A honestidade não é conhecida entre eles, se não é um tanto mais nas mulheres casadas.

Dos meninos temos muita esperança, porque têm habilidade e engenho, e tomados antes que vão à guerra, aonde vão e até as mulheres, e antes que bebam e tratem de desonestidades.

E assim o meu exercicio comumente, além das confissões que ouvia, dos Portugueses homens e mulheres, ainda que não tantas como procurava que houvesse, porque toda a gente anda ocupada ou nos seus oficios ou no seu trabalho, e das costumadas prègações que em casa e noutra povoação fazia, onde também fiz a doutrina, por muitos dias ia pelas Aldeias dos Indios, algumas vezes com os meninos, às que estavam perto, e com algum lingua às mais distantes, procurando falar aos infieis o que parecia para seu ensino e atrair os filhos, mas o demónio tem tanto de sua mão àqueles cegos, que tanto que lhes falamos de suas almas ou coisas que os interrompia de suas longas mentiras, que costumam contar, de suas valentias, logo se retiram, e as mulheres tomam seus filhos ainda que não tão meninos e os vão esconder nos matos, e muitas me procuravam estorvar com cantigas que elas cantam muito alto, para que seus filhos não ouvissem. E isto fazem com

dizer que, fazendo-se *caraibas*, que assim chamam aos cristãos, hão-de morrer logo, porque os dias passados permitiu Deus que os meninos baptizados morressem pouco a pouco. Porventura que aqueles eram os que desta terra estavam determinados para o céu; e antes que a malicia os mudasse os levou o Senhor.

Para os que não faltaram os seus feiticeiros (que eu penso serem somente mentirosos e enganadores e que não têm comunicação com o demónio, apesar dos antigos da terra dizerem que têm e que muitas vezes lhes aparece e lhes dá com paus e que por essa causa trazem sempre fogo de noite e bem sei eu que lhes têm muito grande medo) esses lhes persuadiram que no baptismo lhes deitavamos a morte e que naquele nomear a Jesus e benzer era o sinal, e que bem o viam quando estava algum doente, que morria, com o benzer e nomear-lhe o nome de Jesus. Mas o bemdito Jesus lhes dava por outra parte a conhecer a verdade, como foi uma vez que indo muitos à guerra, com suas mulheres e meninos, sossobraram as canoas em que iam e todos os infieis se afundaram e só os cristãos se salvaram. E destes temos um moço em casa, de muito bom engenho, que entre os outros Indios muitas vezes conta aquilo, com testificar que o baptismo foi causa disso.

São eles muito inconstantes e muito afeiçoados à vida dos seus pais, principalmente à pescaria, que é o maior contentamento e solaz que têm, porque homens e mulheres até de mui tenra idade, sabem nadar muito bem, e o lugar mais a proposito que eu achava para os recolher era a beira do mar. E de lá trouxe eu muitos moços por diversas vezes, a uns com os atrair com afagos e promessas e outros com muito poucas mostras de vontade, porque, pois, não perseveram nem na boa vontade,

se com ela veem, nem na contrária, por sua condição esperava que a má vontade ou pouca que tinham, por força se tornaria em boa, como experimento, desde que se vejam entre outros meninos. E a estes, se não tinham pais, não havia quem tivesse que ver com isso, que as mãis, se vinham chorando, com vestir o filho de alguma roupa, se contentavam e se iam embora; se tinham pais ou irmãos, mandava-lhes dizer que tinha em casa seu filho ou irmão, que descansasse, que o fosse ver quando pudesse e que ele iria também lá outro dia. Isto bastava para ficarem contentes, porque eles em extremo são afeiçoados aos filhos e não podem acabar consigo dá-los, mas se desta ou de outra maneira se alcançavam, não se importavam mais e é por demais custoso have-los directamente da mão do pai. Alguns contudo os havia dos pais, falando-lhes com todos os meninos juntos, de maneira que o pai ria-se importunado dos meninos, e assim, suspenso, nem sabendo resistir a tantos, se ia embora quando lhe tiravam o filho diante de si.

Andam pelas Aldeias muitos que eram cristãos e moravam numa Aldeia que estava aqui junto da cidade, entre os quais os Padres, que aqui estiveram ao principio, tinham casa e ermida e aí os ensinavam a grandes e pequenos, homens e mulheres e, como o seu costume seja mudarem-se muito amiude, que não têm mais que, por qualquer pretexto, queimar o lanço em que moram e ninguém lhes vai à mão ainda que hajam de queimar toda a Aldeia, mudaram-se muitos e finalmente toda a Aldeia se mudou. Por estes trabalhava eu mais, mas de todo estão sem sinal de cristãos nos costumes, que na fé não têm eles em que a mudar, e deixam esquecer tudo.

Contudo o sacramento do Baptismo tem tanta força que a todo o tempo ajuda, porque me aconteceu algumas vezes, por os mamalucos que levava por linguas serem muito vagarosos como é seu costume e frios, falar-lhes em português, sem eles entenderem coisa alguma, com saberem somente que aquilo devia de ser sobre o seu mau viver, pararam muito envergonhados, e, sem me resistirem nem responderem, lhes dizia *vamos,* tomando-lhes a mão, vinham para casa comigo. Quatro vieram sem ninguém os ir buscar. Um houve que veio e tornou, depois fugiu, levando dois consigo. Este era já de alguns vinte anos, ia e vinha, até que veio uma vez, da qual adoeceu muito mal e foi necessário baptizá-lo e daí em diante ficou muito firme ao que parece. Destes moços, pus a aprender oficios quatro ou cinco e isto se há-de fazer com outros, mas não há oficios que lhes armem; e são eles de tal condição que se lhes der mestres ir-se-ão logo embora, que em casa temos muito trabalho acerca de seu castigo, porque sem castigo não se fará coisa e se os castigam ha-de ser com pressupor que se vão embora, porque os indios do Brasil nunca batem nos filhos por nenhuma coisa, e nenhuma coisa sentem mais que bater ou falar alto, que é quando muito o seu castigar a filhos ou mulheres; e o pior é que só o ver dar uma palmatoada a um dos mamalucos basta a um para ir-se embora. E destes, que assim vieram, tornaram a suas Aldeias a maior parte segundo penso, e voltarão, porque entre eles nenhuma razão há senão o que quere a vontade, e quando algum diz não *a i potar* que quere dizer não tenho vontade, nenhuma coisa lha fará fazer.

Esta gente, Padre, não se converte com lhe falar das coisas da fé, nem com razões nem palavras de prega-

ção. Somente conhecem que Deus criou todas as coisas e em nomear as coisas que Deus criou gastam muito grande prática. O falar da morte é para eles muito odioso, porque têm para si que lha deitam e este pensamento basta para morrerem de imaginação, e muitas vezes me pediram que não lha deitasse.

O modo de conversão dos brancos é alegar comodidades temporais sem noticia alguma de coisas da fé. A estes declaro-lhes as coisas que hão-de crer. A hora certa, com interprete, e a maneira de diálogo, faço-as preguntar uns aos outros e responder. Destes se confessam alguns por interprete e penso que lhes será proveitoso e se sente assim muito. Também faço confissões por interprete assim de pessoas indias como de mamalucas.

De Pernambuco veio para aqui o P. Antonio Pires, que haverá bem dois anos e meio que o chamava o P. Manuel da Nóbrega sem nunca poder vir por falta de embarcação; e este domingo primeiro do advento fez um ano que está aqui esperando por embarcação para S. Vicente sem a poder achar. Já não irá, porque eu estou de caminho, que me manda o Provincial ir; e que deixasse aqui ao P. Ambrosio Pires, que está em Porto Seguro, para que tenha cargo desta casa. Escreveu-me que sua determinação era não nos dividirmos por tantos lugares, mas ter esta casa, por ser cabeça, e a de S. Vicente, porque é a entrada para um gentio em que se espera mais fruto que neste.

Agora numa nau que veio do Reino vieram duas cartas de El-Rei uma para o Governador e outra para o Bispo, encomendando-lhes que dêem ordem a que se faça nesta cidade um Colegio ao modo do de Lisboa. Não se tomou por ora determinação nisso por esperar pelo P.

Manuel da Nóbrega. E conforme a isto ficará combinado que o P. Ambrosio Pires, com ter cuidado desta casa e ser Reitor dela e seu colateral o Ir. João Gonçalves, lerá uma lição de casos de consciencia e o Ir. Blasques outra de latim.

E assim, ficam aqui da Companhia o P. Ambrósio Pires e o P. Antonio Pires, os Irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques e Pero de Gois, que aqui se recebeu e fez os Exercicios e se determinou pela Companhia. E' mancebo de 18 anos, de muito bom engenho e muito bom sujeito, filho dum fidalgo, grande devoto da casa que aqui estava no Brasil, sabe a lingua muito bem.

Não me ocorre agora que mais escreva, senão pedir a V. P. que como é certo nos tem presentes diante do Senhor, nos deite sua benção a todos; e se não me persuadira serem tais minhas imperfeições, que lá estarão doendo a V. P., segundo aquela paternal caridade que eu, indignissimo e ingrato, sempre conheci de V. P., mais largamente suplicara a V. P. o que com toda a protestação e instancia peço, por aquele piissimo Senhor que lhe deu cargo de todos nós, se informe de meus pecados, imperfeições e misérias, e se condôe de mim, mandando-me exercitar naquelas coisas de que mais necessidade tenho, e em que a minha alma mais se purifique de tanta escória como tem, que não sei declarar com quanta confusão e vergonha recebi a grande caridade com que V. P. se dignou de receber à profissão a quem a própria consciencia não sofre presumir ser digno dela. O P. Provincial me escreveu que se o Bispo não tivesse de ir a S. Vicente, que a podia eu fazer aqui, em mão do Bispo, e ele a faria lá quando eu fosse. Não a fiz, porque se diz que vai o Bispo ainda que não é certo,

e porque assim escreveu o P. Mirão que depois a faria, escrevendo-lhe também [a Nóbrega] como Suas Altezas queriam que em toda a maneira ele viesse para residir aqui. Praza ao Senhor fazer-me tal, qual convém ser, quem nestas partes anda, da Companhia. Desta Baía de Todos os Santos, 27 de Dezembro de 1555. (71a)

Inutilissimo filho de V. P.

Luiz da Grã

(71a) Cf. nota 71.

5.

Carta de Pero Correia

De S. Vicente, 18 de Julho de 1554 (72).

VALOR DA CORRESPONDENCIA — MISSÕES AO SERTÃO — CÊNA DE ANTROPOFAGIA — BATISMOS DISSIMULADOS — ESPANHOIS DO PARAGUAI — CARIJÓS — TUPINAQUINS — MATANÇAS NO CAMINHO DO PARAGUAI — S. PAULO DE PIRATININGA — OFÍCIOS DIVINOS — ESCOLA — MINA DE FERRO — EPIDEMIA — PROCISSÕES — GREGORIO SERRÃO — JOSÉ DE ANCHIETA — LEONARDO NUNES — VIAGEM AO REINO — NÓBREGA — SIMÃO GONÇALVES.

Meus Carissimo Padre em Jesus Cristo:

Pax Christi: Tenho experimentado as cartas dos Irmãos serem um pão de muita substancia e um fogo, que muito aquece aos frioreutos e causa muito animo e confiança aos desconfiados, e têm outras muitas virtudes. E isto tenho por muito averiguado, porque já me aconteceu achar em cartas brasas vivas, não esperando achá-las nelas, e pois que nelas se acha tanto bem,

---

(72) *Bras. 3(1)*, 112-114. Em castelhano. Enviada para o Superior da casa, em que morava o Ir. Simão Gonçalves, a quem o Ir. Correia, no fim, se recomenda. Provavelmente para a Baía, ao P. Luiz da Grã. Esta carta do Martir dos Carijós encontra-se já nas *Cartas Avulsas*, 137-139, suprimidos porém vários trechos dela, importantes. Aí se podem ver as notas de fina observação que lhe apôs Afrânio Peixoto.

não deveríamos faltar com elas uns aos outros. Vós nesta, Padre meu, quanto é pela minha parte, achareis muita frialdade, mas, se ela vos esfriar, aquecer-vos-á a virtude da obediência que ma mandou escrever, e nela vos darei notícias de algumas coisas das que cá nesta terra aconteceram, depois que o Padre Leonardo Nunes partiu dêste S. Vicente para essas Capitanias.

Primeiramente, o nosso Padre Nóbrega mandou um Irmão, que sabe alguma coisa da língua, por seu precursor pelo sertão dentro a pregar a palavra do Senhor, o qual Irmão, temos por averiguado o demónio querê-lo matar pelo caminho, porque de uma vez lhe derribou dois paus de trinta a quarenta palmos de comprido e grossura de uma perna em cima da cabeça que todos os que o viram julgaram por morto. Curaram-no, e como quer que ia pela obediência outro dia ficou tão são, como se não tivesse nada, fazendo-lhe os paus uma grande ferida e julgaram todos que tinha a cabeça quebrada, e logo depois desta ferida veio-lhe uma dor de olhos mui grande que os queria quebrar. Socorreu-se das orações dos Padres e Irmãos, logo no mesmo dia ficou são, saindo-lhe a dôr dos olhos nesta terra tão perigosa que poucas vêm que não façam algum dano. Muitos outros contrastes teve que eu aqui não escrevo para abreviar.

Depois dêste Irmão ter entrado pelo sertão dentro algumas cinquenta ou sessenta léguas, foi o Padre Nóbrega com um irmão grande consigo e com quatro ou cinco Irmãos pequenos, e em sua peregrinação tinham êste estilo, que, quando entravam em algum lugar, um dos meninos levava uma cruz pequena alevantada e iam cantando as ladainhas por uma certa maneira muito boa e logo os meninos dos lugares se ajuntavam com eles e tôda a gente se maravilhava muito de coisa tão nova. Recebiam-nos por onde iam muito bem e, quan-

do partiam dos lugares, também saíam cantando as ladainhas e alguns dos meninos deixavam os seus pais e mães e iam com êles. Foram-se todos ajuntar num lugar onde estava ordenada uma grande matança de escravos. Trabalharam para ver se a podiam impedir. Escusaram-se os índios com dizer que não podia ser, por estarem já os convidados todos juntos e terem já todos os gastos feitos e fornos e outras cousas. Pregaram aos escravos que fossem cristãos, em pouco tempo os converteram, mas os índios nunca quiseram consentir que os baptizassem, dizendo que, se os matassem depois de baptizados, que todos os que os matassem e os que comessem daquela carne morreriam, e que êles por isto não haviam de consentir nele e não valiam razões. Vigiavam-nos muito bem mas pouco lhes aproveitou porque, com um lenço molhado em água benta, mui secretamente foram todos baptizados, e na hora da morte mandaram os que haviam de padecer pedir ao Padre que se pusesse em parte onde o pudessem ver, e os encomendasse muito a Nosso Senhor; e um Irmão naquela conjunção lhes andava prègando assim aos cordeiros como aos carniceiros. E em presença do Padre e Irmãos, que com êle estavam, os mataram. O primeiro, que começaram, pôs-se de joelhos com as mãos alevantadas chamando pelo nome de Jesus e deram certas pancadas com a espada na cabeça que o derribavam no chão, mas logo se tornava a levantar e pôr de joelhos com os olhos no céu e no Padre, chamando sempre pelo nome de Jesus e com esta voz expirou; e, depois, todos os outros. Desta vez mataram três inocentinhos meninos pequeninos, de maneira que naquele dia foram, mártires e inocentes, à gloria. Bendito seja o Senhor para sempre! Depois disto aconteceu que vinham uns espanhois do Paraguai, que é um braço do Rio da Prata,

que pode estar dêste mar por o sertão, dentro algumas duzentas léguas ou mais, segundo dizem, e, vindo êstes, vinham muitos Carijós com êles à fama dos Padres e Irmãos para receber o baptismo, os quais desejavam ser cristãos. O número dêstes dizem que seriam alguns duzentos e, vindo pelo caminho, entraram num lugar dêstes índios Tupinaquins e alí mataram os mais dêles às frechadas e à espada.

O' grande glória de Deus, que diz que diziam, quando os matavam: "matai, carniceiros, que minha carne hedionda podeis matar, mas as nossas almas irão hoje ver o seu Criador!"

Grande baptismo foi o dêstes bem-aventurados. O' Padre meu, quantas lágrimas derramaram todos os Padres e Irmãos quando souberam estas novas, e ainda agora quási que, com elas, não podia escrever êste passo. E à volta disto, também mataram um espanhol.

Não tardou muito que por outro caminho veio outra soma de Carijós, ouvi dizer que seriam cinquenta ou sessenta em companhia de três espanhois, e, como entraram neste gentio, outro tanto lhes fizeram, que os mataram; mas dos dois espanhois um fugiu [pelos rios] e veio aportar com o Padre e Irmãos.

Desta vez mandou o Padre socorrer dois espanhois que escaparam da primeira matança, os quais estavam em poder de uns índios, muito ruins e muito alevantados, os quais diziam que haviam de matar quantos cristãos apanhassem. Foi o Irmão, que o Padre mandou, algumas cem léguas mais além de onde o Padre estava e favoreceu-nos o Senhor de tal maneira que trouxe os cristãos e deixou pacificado tudo (73). Desta vez es-

(73) O libertador e pacificador foi o próprio Pero Correia, que o P. Nóbrega tinha enviado adiante. É ele também o Irmão precursor, de que se trata no começo da

teve a terra para se levantar, e parece-me que se levantaria se os Padres e Irmãos não se achassem entre eles que lhes pregavam e os desviavam de seus ruins propósitos.

Estas e outras muitas coisas de glória de Nosso Senhor aconteceram nesta peregrinação, que poderia escrever se tivesse tempo. Temos agora um lugar de Índios convertidos dez léguas pela terra dentro onde temos igreja e estão sempre dois padres e muitos Irmãos (74). Neste lugar tivemos muitos combates do demónio e ainda agora temos. A gente dêle tôda vai à igreja ouvir missa todos os domingos e dias santos: têm sempre sermão e estação assim como fazem em qualquer paróquia em Portugal. Acabada a estação vão todos à oferenda e saem os catecúmenos e vão-se para suas casas e os cristãos ficam ouvindo missa inteira. Todos os dias da semana têm doutrina duas vezes na igreja e no mesmo lugar há escola de meninos. Um irmão tem cuidado de ensina-los a lêr e escrever e alguns dêles a cantar e quando algum é preguiçoso e não quer vir à escola o Irmão que tem o cargo deles o manda buscar pelos outros os quais o trazem preso e o tomam às costas com muita alegria. Os seus pais e suas mães folgam muito com isto, e são alguns dêstes moços tão vivos e tão bons e tão atrevidos que quebram as talhas cheias de vinho aos seus, para que não bebam. Vai a coisa muito bem principiada. Glória a Nosso Senhor.

Estes dias passados, quando lhes começaram a pregar a fé, davam-lhe certeza que se acreditassem em Deus que não sómente lhes daria Nosso Senhor as grandes

---

carta (Cf. supra, Carta de Nóbrega de 31 de Agosto de 1553).

(74) S. Paulo de Piratininga.

coisas celestiais que para os seus tinha, mas que neste mundo em suas terras e lugares lhes daria muitas coisas que estavam escondidas que eles traziam debaixo dos pés, as quais Deus não queria que eles conhecessem, porque não conheciam ao Criador delas, e que também não as mostrava aos cristãos, porque ofendiam o Criador, mas que se eles cressem em Deus que Deus lhas daria. Ora sucede que, depois de começarem a ser cristãos, deu Nosso Senhor mina de ferro na sua terra e eles mesmos assim o pregam uns aos outros.

Com estes que fizemos cristãos saltou a morte de maneira que nos matou três principais e muitos outros índios e índias e alguns deles (foram dous) que não queriam crer e outros também que eram muito bons quasi cada dia nos morriam (já andavam, entre os ruíns, murmurações). Fizemos nove procissões aos nove coros dos anjos contra todo o inferno e logo a morte cessou. Esta procissão faziamo-la a uma cruz que temos metida em uma certa parte, ali iam os meninos sòmente dos índios, disciplinando-se, e os índios e índias com candeias acêsas, dizendo *ora pro nobis,* e preguntavam as diferenças das ladainhas que queriam dizer.

Pela terra dentro algumas cinquenta léguas ou mais também há já princípio noutro lugar onde estão dois Padres e Irmãos (75) e o Irmão Gregório com escola de gramática e José também está, com certos estudantes, noutro lugar de que já acima falei (76) e ali fazemos ao presente maior fundamento, até que as coisas venham, de Portugal e de Roma, tôdas muito bem declaradas, de como em tudo nos havemos mui bem de haver, que haverá pouco mais de um mês que o Padre

---

(75) Maniçoba.
(76) Piratininga.

Leonardo Nunes partiu para o Reino. Para lá quisera levar muitos meninos consigo e não lhos deixaram levar. Todavia um se escondeu debaixo da coberta, sem êle nem ninguem saber, e lá vai. Hão-de ficar maravilhados quando lá pelo mar saír de baixo. Alguns principais morriam por mandar seus filhos com êle, mas como já digo o Ouvidor não o consentiu.

Temos grandissimas amostras e mui grandes princípios. E' necessário, Padre meu, V. R. encomendar todas estas coisas a Nosso Senhor em seus sacrifícios e orações e assim todos os mais Padres e Irmãos, quantos há pela costa, e pedir socorro a todos os das outras partes, porque onde intervierem sacrifícios e orações de tão santos varões, como são os da nossa Companhia por todo o mundo, as forças do demónio hão de enfraquecer.

O nosso Padre Nóbrega veiu a êste S. Vicente negociar certas cousas de importância e eu vim após ele, e agora estamos de caminho para tornarmos para o Campo, e a mim, estando escrevendo esta carta, pediram-ma muitas vezes, porque quem havia de a levar estava de caminho, e fico desconsolado por não lhe dar conta de tudo e por miudo, como desejei, assim das coisas acima ditas como de outras muitas que, pela dita causa, lhe não escrevo.

Encomende-me a Nosso Senhor. Nas orações de meu muito amado Irmão Simão Gonçalves me encomendo. Desejo muito vê-lo. Espero no Senhor que será depressa. De S. Vicente, a 18 de Julho de 1554.

Pauperrimus virtutum

Pedro Correia (77)

---

(77) Assim, *Pedro*, na versão castelhana. Em português escrevia-se geralmente *Pero* Correia.

6.

Carta do P. Luiz da Grã

Do Espirito Santo, 24 de Abril de 1555 (78).

CHEGADA AO ESPÍRITO SANTO — P. BRAZ LOURENÇO — ASSALTO DOS TAMÓIOS — ACHADO DE METAIS — MINAS — VASCO FERNANDES COUTINHO — POVOAMENTO — DOENÇAS — MANUEL DA NÓBREGA — A VIAGEM DE LEONARDO NUNES — ÓRFÃOS — RIO DE JANEIRO — MARACAJAGUAÇÚ PEDE SOCORRO — CONTRA OS TAMOIOS — FRANCESES — MARACAJAGUAÇÚ ESTABELECE-SE NO ESPÍRITO SANTO — OS MÁRTIRES DOS CARIJÓS.

† Jesus. — A graça e amor de Cristo Jesus seja em nossas almas. Eu parti da Baía pera São Vicente a derradeira oitava do Natal, e porque não houve outro navio em que pudesse ir, senão este que vai fazendo as detenças pelos portos dos Índios, que costumam fazer os navios que vão a resgatar, não pudemos chegar mais que a esta Capitania do Espirito Santo, onde estive todo este tempo, pregando e ouvindo as confissões da Coresma, e ajudando ao P. Braz Lourenço que aquí achei com um Irmão, que se aqui recebeu. Tem ele aqui mui bem exercitado seu oficio e com muito fruito nos moradores desta terra e enxergada mudança na mais da gente.

---

(78) *Bras. 3(1)*, 137-137v. Cópia, em português. Enviada para Portugal, a algum Superior, pois lhe pede a benção. Talvez ao P. Mirão, a quem se refere na carta de 27 de Dezembro de 1555. De Lisboa foi mandada cópia para Roma, e tem a seguinte nota: "pª mostrar al enbax.or"

Com os Índios não se pôde até agora assim fazer, porque estão mui apartados e muito mais fora de quererem dar seus filhos, como é em todas as Capitanias que até aqui vi. Creio eu que o causa a grande cubiça que têm cá os brancos de lhos haverem por escravos. Com os escravos se tinha aqui mui boa ordem em os ensinar, até o tempo que eu aqui cheguei, onde se começou a guerra por que já dantes estavam esperando; porque, daí a sete ou oito dias, fizeram os Tamóios um salto, em que levaram sete pessoas, ainda que nenhum era algum dos brancos senão um moço mamaluco. Parece que permitiu Deus aquele desastre pera se aperceberem e tirarem do descuido em que estavam. Até agora estiveram esperando por eles. Estorve-lhes Deus sua vinda. Ainda que no Brasil o mais forte da guerra, segundo eles dizem, é este sobressalto em que estão, com que não ousam ir às suas roças, nem a pescar.

E' esta terra mui fertil dos mantimentos da terra, onde melhor se poderiam manter os meninos dos gentios que em nenhuma outra Capitania. Estão os moradores mui contentes, porque além do metal, que se na mesma vila achou, que se cá tem por prata, e muito ferro, mandou o Capitão Vasco Fernandes Coutinho descobrir, pelo sertão, e acharam ouro e certas pedras, que dizem que serão de preço, e que dum e doutro há muita cópia. Cousa é porque devemos dar muitas graças a Deus, porque, além de ser bem comum, temos cá todos por mui averiguado que o fruito neste gentio ha-de ser o vir tanta gente a estas terras que os possam sugiguar.

No principio da Coresma acertamos de adoecer o P. Lourenço Braz e eu e fomos sangrados, cada um, seu par de vezes; e agora, depois que com o tempo e muita agua tornamos a arribar, tornei a adoecer: parece que ficará em terçãs.

Dizem-me que será maravilha poder lá chegar, porque são acabados os nordestes e são já entrados os suduestes, que hão-de durar seis meses; e contudo, assim como estou, me embarcarei, segundo me mandaram recado hoje ou amanhã, porque, além de mo ter já escrito o P. Manuel da Nóbrega, depois que arribei chegaram a este porto dois navios, que de São Vicente partiram em diversos dias, e em ambos me escreve que em toda a maneira vá e assim é necessario pera ele vir à Baía como V. R. escreve. Eu lhe levo a carta, porque depois que sou no Brasil só um navio foi da Baía pera São Vicente, em que foram os Irmãos com o P. Leonardo Nunes, a quem Deus leve mais a salvamento do que se cá diz, porque há nova que o navio, em que ia, fora tomado dos franceses (79).

Em um dos navios vinha um Irmão pera esta Capitania e outro que é portador desta, do qual fará relação o Padre, nas cartas que com esta vão, que eu nunca o vi senão agora e dele saberá mais particulares novas dos que estão em S. Vicente. Com ele vai outro, que se chama Luiz, que de lá veio de Lisboa, da Casa dos Orfãos, porque escreveu Pascoal que o pedia sua mãe.

Fica agora o P. Braz Lourenço com uma nova ocupação, de que temos confiança em o Senhor que se diga mais certo fruto do que sinto em nenhuma outra parte, que eu tenha visto, do Brasil, porque depois que eu tornei a arribar a esta Capitania, chegou aqui um prin-

---

(79) O P. Grã chegou à Baía a 13 de Julho de 1553. Até à Quaresma de 1555 só um navio para S. Vicente! Leonardo Nunes não foi tomado dos Franceses, mas à data em que escreve o P. Grã, fazia já 10 meses que ele tinha morrido, náufrago, a caminho de Portugal († 30 de Junho de 1554). Exemplo flagrante do mundo ignorado que era o Brasil e das suas imensas distancias, que a morosidade de comunicações tornava ainda maiores.

cipal, que chamam *Maracaiaguaçu,* que quer dizer *Gato Grande,* que é mui conhecido dos cristãos e mui temido entre os gentios e o mais aparentado entre eles. Este vivia no Rio de Janeiro e há muitos anos que tem guerra com os Tamóios, e, tendo dantes muitas vitórias deles, por derradeiro vieram-no pôr em tanto aperto, com cercas que puseram sobre a sua Aldeia e dos seus, que foi constrangido a mandar um filho seu, a esta Capitania, a pedir que lhe mandassem embarcação pera se vir pelo aperto grande em que estava, porque ele e sua mulher e seus filhos e os mais dos seus se queriam fazer cristãos. Moveu isto a piedade aos moradores, por saberem quanta bondade e bom tratamento e fidelidade usara sempre com os cristãos, e que os mesmos cristãos, que então vieram dessa parte, afirmavam a extrema necessidade e lhes parecia que daí a mui poucos dias seriam comidos dos contrários, e que aquela vontade de ser cristão tinha ele dito, muito havia, a muitas pessoas, e assim o dissera a Tomé de Sousa. Mas não ousaram a fazê-lo por ser ele de Capitania alheia, que é São Vicente a quem ele não mandou pedir esse socorro, por serem seus contrarios também os Indios de São Vicente. E assim se tornou seu filho sem ajuda. E, depois que chegou Vasco Fernandes Coutinho, parece que sabendo, tornou-se outra vez do caminho a pedir-lhe este socorro. Pedimos-lhe então muitas pessoas que sendo certa a extrema necessidade em que diziam estar, pois assim como assim haviam de ser comidos dos contrários, que mandassem por eles porque com isso salvar-se-iam aquelas almas e principalmente os filhos pequenos e cumpririam os cristãos com o que deviam a tão boa amizade como sempre nele tiveram. Tirou Vasco Fernandes Coutinho sobre isso testemunhas e mandou 4 navios, pera que fossem seguros dos Franceses, que sempre há naquele Rio, e que lhe dessem todo favor, com

artilharia e mantimento que levaram, mas que não os trouxessem se não estivessem em extrema necessidade. Chegando lá os navios, estando já com casas e fato queimado, dentro em dia e meio se embarcaram com tanta pressa, que havia pais que deixavam na praia seus filhos, e dois que ficavam na praia pera expirar, já de fome, baptizaram logo, e no-los deram.

Estes fazem sua aldeia apegada com esta vila. Fazia eu de conta, se estivesse aqui, de ir morar entre eles, mas o P. Braz Lourenço se ocupará com eles, e espero no Senhor Deus que se farão cristãos e que daí ajuntaremos alguns mininos e que serão mais fieis do que eles acostumam ser.

Lá creio que saberá V. R. da morte dos nossos dois Irmãos que os Carijós mataram. Queira Nosso Senhor fundar ali uma nova Igreja, que por ali começou nas outras partes. (80).

V.ª R.ª, por amor do Senhor, tenha ante ele memória deste seu tão indigno filho e me lance sua santa benção. Em as orações dos meus Carissimos Padres e Irmãos me encomendo intimamente. Não lhes escrevo, ainda que sempre tive esta manha ruim, porque já que não posso a todos, não ouso a alguns, nem ao presente posso aos dilectissimos Irmãos meus que me escreveram. Deus lhes dê a perfeição que lhes eu desejo. Desta Capitania do Espirito Santo, hoje, 24 de Abril de 1555.

Inutilissimo filho de V. R.

Luiz da Grã

---

(80) Irs. Pero Correia e João de Sousa. Grã alude aqui directamente a ser martirio a sua morte, na frase pressuposta de *sanguis martyrum, semen christianorum*: sangue de mártires, semente de cristãos. Assim foi na fundação da Igreja, em toda a parte...

7.

Carta do P. Luiz da Grã a Santo Inácio

De Piratininga, 7 de Abril de 1557 (81).

ALDEIA DE PIRATININGA — MUDANÇAS DOS ÍNDIOS — NÓBREGA — NAUFRÁGIO DO BISPO — IDA AO PARAGUAI — IMPEDIMENTOS DO CAMINHO — GUERRAS — PRESTES PARA A IDA.

† Jesus. A suma graça e eterno amor de Cristo Jesus seja sempre em nossas almas. Pelos navios do ano passado escrevi a V. P. o que se ofereceu escrever desta Capitania de S. Vicente, onde residi até agora. Os Irmãos estão bem e procedem diligentemente nos exercícios que lhes são mandados. O P. Nóbrega, quando daqui foi, deixou esta Aldeia, em que está esta casa de Piratininga, povoada de Indios, dos quais muitos eram já cristãos e catecúmenos. Mas eles são tão acostumados a mudarem-se, quando as suas casas são velhas, que, cada tres ou quatro anos que elas duram, se mudam; e, que é pior, não vão juntos. E por esta causa se perde em muito pouco tempo, quanto com eles se

---

(81) Arch. S. I. Roman., *Goa, 8(1)*, 113-114. Autógrafa, em castelhano. Incluida, por equivoco do classificador do Arquivo num códice da India Oriental, talvez por sugestão da palavra *índios*, lida nas primeiras linhas da carta. Comunicou-nos a existencia daquele equivoco o prestimoso Ir. Luiz Gonzaga Ferreira Leão, amanuense, em Roma, de *Monumenta Historica S. I.*

trabalha em muitos anos, como nos aconteceu noutros lugares deste Brasil. Assim foi nesta Aldeia, que só uma casa ficou, em que haverá cinco ou seis homens casados: mudar-se-ão quando a sua casa cair, por isso não se pode colher fruto algum. Outro lugar, que está perto, duas leguas e meia, também está quasi dividido, que ainda que queiramos ficar a maior parte, não há aí comodidade.

Tudo nestas partes é mais toleravel que estas mudanças, com que tudo se perde. Pelo quê, temos muito receio de baptizar, como tenho escrito largamente a V. P. e o P. Nóbrega, da Baía, me escreve o mesmo. Contudo, bemdito seja o Senhor, muitos inocentes que morrem baptizados povoarão o céu.

Tem esta terra tantas coisas que precisam de quem as determine, tomando os pulsos à terra, que não basta informação sem que venham de lá tais pessoas que o façam, principalmente para que as coisas da Companhia procedam *uniformiter* e ao exemplar das Constituições. Bem o deseja o P. Manuel da Nóbrega, que penso sobre isso escreverá a V. Paternidade. Ele está na Baía.

E porque ele pensava dar Ordens a alguns Irmãos, e não pôde ser, por ter já partido o Bispo para Portugal, em cuja viagem fez naufragio, na costa da Baía, a nau em que ia, e foram mortos e comidos pelos Indios todos os que iam na nau, ficando não sei quantos que deram a noticia, determinou pedir licença ao Governador para irem os Irmãos tomá-las ao Paraguai, que é uma cidade de Castelhanos, pelo Rio da Prata acima, que já tem Bispo. Não lha deu o Governador, por estar aquele caminho fechado pelo Governador passado, por seus respeitos temporais, dando-lhe esperança que El-Rei o mandaria abrir para todos.

O Padre escreveu-me que desse parte disto aos Padres, e parecendo, fosse *in nomine Domini.* Eu a dei. E depois de o encomendar a Nosso Senhor, comungando e dizendo missas a essa intenção, concordaram todos que fosse, do que deram seus escritos, que mando ao P. Provincial; e por isso estou de caminho para lá.

Este caminho me mandou fazer o Padre logo que cheguei a esta Capitania, e assim estivemos de caminho 15 dias, ao fim dos quais quis o Padre saber de mim, além da prontidão devida à obediencia, o meu parecer. Algumas razões lhe dei, para não ser então, que lhe pareceram bem, por onde cessou a ida. Depois, quando queria ir para a Baía, me tornou a preguntar. E porque ainda havia as mesmas causas, lhe respondi que não tinha mais que aquelas razões. E como Deus Nosso Senhor o movia com tais desejos a que enviasse obreiros àquela gente, que segundo fama está mais disposta, comunicando com os Irmãos, e conformando-me com as cartas de Portugal, mo escreveu na forma que disse. E assim estou prestes para aquele caminho, esperando que cesse um impedimento que sucedeu estes dias.

Os Castelhanos fazem guerra a estes Indios e assolaram tres lugares grandes deles, pelo qual estão muito maus para passar por entre eles, que a todos nos têm pelos mesmos; e, já antes que o P. Provincial fosse daqui tinham eles morto muitos destes Índios noutra parte. Pelo qual estes Indios mataram dois escravos dos Portugueses, e agora, por isto que fizeram no caminho do Paraguai, estes Indios roubaram seis Portugueses em diversos lugares do caminho e mataram um. A noticia é recente, não sei o que se fará sobre este assunto.

Espero em Nosso Senhor que, pois tantos desejos deu ao Padre e a todos os Irmãos que se fizesse este caminho, o dirigirá para seu serviço e que, pois por esta via me elegeu para isso, me fará idóneo. Resta que V. P. lho ofereça e encomende com a costumada caridade e se digne de me enviar o modo que tenho de guardar, tanto com os Castelhanos como com os Indios, porque, certo, muita necessidade há nesta costa do Brasil de instrução de V.ª P. para que não procedamos sempre na incerteza de agradar a V. P. ou não.

Algumas coisas escrevi o ano passado, de que é muito necessario a resposta de V. P.; em cuja santa benção faço este caminho e a peço humildemente com a memória que sei tem de seus filhos quaisquer que sejam.

Deste (sic) Piratininga, a 7 de Abril de 1557.

Inutilissimo filho de Vossa Paternidade.

Luiz da Grã

8.

Instrumento público e defesa do Padre Belchior Cordeiro

Pernambuco, 1577 (82).

Saibam quantos êste instrumento púbrico, com o treslado de uma petição e ditos de testemunhas dado por mandado e autoridade de justiça virem, como no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e setenta e sete anos, aos onze dias do

---

(82) Roma, Archivio della Postulazione Generale, Sezione IV, nº 109, *Processo Informativo do P. Melchior Cordeiro.* Este manuscrito, todo em letra tabelioa, está fora do seu lugar, que seria o Arquivo Geral. A palavra "processo" deve ter sido a causa do extravio. Os organizadores dos Arquivos, de-certo pouco familiarizados com a lingua portuguesa, supondo nele possiveis referencias a virtudes e causa canónica dum Padre, acharam que seria o seu lugar próprio o Arquivo da Postulação, onde se guardam os documentos relativos aos homens da Companhia eminentes em santidade e virtudes. Ora, na realidade, trata-se do processo que o próprio Belchior Cordeiro, contra todos os estilos da vida religiosa, organisou no foro civil, ao ser legitimamente removido do cargo de reitor de Pernambuco. O contrário, precisamente, do caminho da santidade...

Publicamo-lo:

Primeiro, porque esclarece o que escrevemos sôbre o mesmo Padre, na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, 461-463.

Segundo, como amostra de que a Companhia, acima do zêlo externo e administrativo, coloca a humildade e o bom nome moral dos seus filhos e de si mesma. (Parece-nos vis-

mês de Janeiro do dito ano, nesta vila de Olinda da Nova Lusitania, partes do Brasil, Capitania de Pernambuco, de que é capitão e governador o Senhor Duarte Coelho de Albuquerque por El-Rei nosso senhor etc., por um requerimento do Padre Belchior Cordeiro, reitor que foi da igreja de Nossa Senhora da Graça, desta vila de Olinda, me foi dada a petição, adiante escrita, com um despacho ao pé dela do Senhor Jorge Camelo, ouvidor com alçada nesta Capitania, para por ela se perguntarem testemunhas, a qual petição e despacho e ditos de testemunhas tudo é o que ao diante se segue.

Jorge Gonçalves, tabelião que o escrevi.

Senhor, diz o Padre Belchior Cordeiro, superior que foi da casa de Nossa Senhora da Graça, da Companhia

---

lumbrar pelo menos indiscrição e imprudência no vezo de Belchior Cordeiro se arvorar tão insistentemente em casamenteiro de mulheres erradas e degredadas, — sem falar da demasiada suficiência com que se refere a si, em confronto com os mais Padres e Irmãos).

Terceiro, emfim, porque o documento tem valor, independente do seu objectivo pessoal, para melhor conhecimento do Brasil do século XVI em geral e em particular de Pernambuco: além de outras noticias, é uma verificação positiva da quantidade e qualidade da sua gente fidalga.

O Instrumento consta de uma petição de Belchior Cordeiro com treze itens e as respostas. A primeira testemunha é o Governador de Pernambuco, Jerónimo de Albuquerque. Publica-se tudo na íntegra até o fim deste primeiro depoimento. Aí abrimos cancelos para anotar os restantes depoentes, com os respectivos titulos, expressamente indicados. Não transcrevemos os seus testemunhos, por nimiamente longos; e porque, na verdade como os capítulos são sempre os mesmos, e todos respondem mais ou menos no mesmo sentido, reproduzido o de uma testemunha, ficam conhecidos os mais no seu sentido geral.

de Jesus desta Capitania de Pernambuco, que a êle é necessário, por testemunhos de sua vida e costumes conforme a seu hábito, fazer certo por testemunhas o sobredito, digo seguinte:

1) Item. Como é verdade que foi superior na casa, desde o ano de setenta e três até agora, que foram em três anos pouco mais ou menos, e de como em todo êste tempo trabalhou para aumentar a dita Companhia, assim no temporal como no espiritual, em muita avantagem de todos quantos até agora na dita casa foram superiores.

2) Item. Como é verdade que, quando entrou na dita casa, estava sem aposentos dos Padres, nem outras casas necessárias, e êle fez, com bois e carros e serventias, as casas e os repairos de muitas obras, e fez outras de novo, e hoje em dia estão feitos como são aposentos e cubículos para os Padres e outras obras de muita perfeição como cumpre à religião, e estão agora dos bons aposentos que há em toda a Companhia, e tudo por sua indústria, esmola e ajuda dos fiéis cristãos.

3) Item. Como é verdade que, por sua indústria, houve para a dita igreja muitos ornamentos de sedas e damascos, e ora tem mandado ao Reino buscar muitas peças de prata convem a saber: cruz, turíbulo e galhetas e custódia e cousas para a casa, tudo havido por sua indústria e esmolas que tirava por seus devotos.

4) Item. Como é verdade que, em todo o tempo que esteve na dita casa, esteve muito quieta e pacífica sem haver inimizades nenhumas, e na terra evitou com suas pregações e doutrina muitos juramentos e jogos, que publicamente se jogavam nas ruas e praças, e agora não há.

5) Item. Como é verdade que, em todo o tempo que foi superior, fez com os provedores e irmãos da Santa Misericórdia e com as esmolas dos fiéis cristãos ca-

sar orfãs, mais de quarenta, e mulheres erradas que estão casadas, tudo por sua indústria.

6) Item. Como é verdade que em todo tempo, que há que está na terra, nunca pessoa alguma se agravou dêle, mas antes eram todos muito seus devotos e frequentavam com êle as confissões e acudiam a suas pregações, por sua doutrina ser muito suave de todos mais que em nenhum tempo atrás.

7) Item. Como é verdade que em seu tempo um devoto seu deixou à casa de esmola de sua terça, digo, fazenda, que importou dous mil e quinhentos cruzados e tudo por ser muito aceito a êle supricante e a sua doutrina e bons conselhos e costumes que dêle tivera recebidos e tudo por sua contemplação.

8) Item. Como é verdade que veio a esta terra o Padre Tolosa, Provincial da dita Ordem, e quando se foi para a Baía o quisera levar consigo, e a pedimento de muitos homens nobres, do povo e da camara e do governador da terra, o deixou nela ficar, por todos em geral lho pedirem, por causa de sua boa doutrina e exemplos e vida honesta.

9) Item. Como é verdade que nesta terra houve alguns homens casados, que se haviam mal com suas mulheres e se queriam apartar delas, êle supricante com seu conselho e repreensões os concertou e fez amigos e conformes como estão e vivem a serviço de Deus.

10) Item. Como é verdade que em seu tempo mandaram muitas esmolas à dita casa, e assim pessoas da terra como de fora, até de Angola, e lhe mandaram para serviço da casa dez peças, e houve, do capitão e governador da terra, de esmola para a casa, uma légua de terra, que importou mais de dous mil cruza-

dos, tudo por sua contemplação e indústria e por sua boa vida e exemplo.

11) Item. Como é verdade que um Irmão da dita casa, por nome Gaspar Dias, por contemplação de Amador de Alpoim, que dizia ser seu parente, por êle supricante o repreender a êle, dito Amador de Alpoim, de seus vicios e carnalidades, e trabalhar por que casasse com uma mulher de quem tinha filhos, lhe criou tamanho odio pelas repreensões, que vieram ambos a fulminar cartas falsas difamatorias contra êle suplicante, dizendo dêle cousas que não há nem se presumiram nunca dêle, difamando-o em público e em secreto, tudo a fim de o lançarem fóra da terra, por ficarem à sua vontade em suas carnalidades.

12) Item. Como é verdade que sendo o Senhor Bispo informado das falsidades, da má vida do dito Amador de Alpoim e o achar culpado por casos enormes o mandou preso ao Reino.

13) Item. Como é verdade que, depois de êle suplicante se querer ir mostrar sem culpa diante de seu Prelado, os Padres da dita Companhia ficaram uma cousa com o povo e fizeram outra como foi botarem-no fóra da casa e terra, sendo tão bemquisto nela, por verem que todo o povo ia chamar a êle supricante em suas necessidades que subcedia para o bem comum, por ser êle muito para isso, e o fazer sempre mui perfeitamente, e, por verem que os não ocupavam nas tais cousas, determinaram lançá-lo fóra, como dito é.

Pelo quê pede a Vossa Mercê, pelos capítulos atrás, lhe mande perguntar às testemunhas que êle apresentar e com seus ditos passar instrumentos por vias para por êles constar de sua vida e costumes, no que receberá justiça e mercê.

DESPACHO DO OUVIDOR.

Perguntem-se as testemunhas, que o supricante apresentar, pelo conteúdo nesta petição, e com o dito delas lhe passem os instrumentos que pedir em modo que façam fé.

Jorge Camelo

E logo, no dito dia mês e ano atrás escrito, nesta vila de Olinda, Jorge Camelo ouvidor com alçada nesta capitania, comigo tabelião, fomos às pousadas do Senhor Jerónimo de Albuquerque capitão e governador, e perguntamos e tiramos as testemunhas, ao diante escritas, e seus ditos são os seguintes:

Jorge Gonçalves, tabelião, que o escrevi.

Jerónimo de Albuquerque, fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor e capitão e governador desta capitania de Olinda, por seu sobrinho Duarte Coelho de Albuquerque, por El-Rei nosso senhor, morador na dita vila, testemunha jurado, aos santos evangelhos, que pelo dito senhor ouvidor lhe foram dados, em que pôs sua mão, prometeu dizer verdade. E perguntado pelo costume, disse nada.

Perguntado êle testemunha pelo conteúdo na petição do supricante, disse êle testemunha que é verdade que o supricante foi superior da casa de Nossa Senhora da Graça três anos pouco mais ou menos, e que é verdade que nêste tempo sempre aumentou a dita casa, assim no temporal como no espiritual, com muita mais avantagem do que os outros fizeram antes dêle; e al não disse do dito artigo.

E do segundo disse êle testemunha que é verdade que o supricante fez muitos aposentos na dita casa, e outras muitas cousas necessárias nelas, e as fez muitas de novo, com carros que êle supricante houve por sua indústria, que hoje em dia estão feitas, como são aposentos com cubículos para os Padres; e que é verdade que fez fazer outras muitas obras, de muita perfeição, como cumpria à sua religião, e estão agora muito avantajadas do que estavam, e que tudo o dito supricante fizera por sua indústria, com esmolas dos fiéis cristãos; e al não disse do dito artigo.

E do terceiro item disse êle testemunha que é verdade que o supricante houve por sua indústria, para a dita igreja, muitos ornamentos de sedas, damascos, e que sabe que tem mandado vir muitas peças de prata para a dita casa, de esmolas que adquiriu, por sua indústria, de seus devotos; e al não disse do dito item.

E, do quarto item disse êle testemunha que é verdade que em todo o tempo que o supricante esteve nesta dita terra, na dita casa, esteve muito quieta e pacífica, sem haver inimizades nenhumas, e que é verdade que nêste tempo evitou nela com suas pregações muitos juramentos e jogos, que nela havia, os quais os outros que nela estiveram nunca evitaram; e al não disse do dito artigo.

E do quinto item disse êle testemunha que é verdade que, nêste dito tempo que o supricante esteve na dita casa de Nossa Senhora da Graça por superior, fez com os irmãos da Misericórdia e com outros muitos devotos seus com que casaram muitas orfãs e mulheres casadas, e sempre nisso trabalhou como pertencia a seu cargo muito bem; e al não disse do dito item.

E do sexto artigo disse êle testemunha que é verdade que o supricante, emquanto esteve nesta terra,

nunca nenhuma pessoa se agravou dêle, mas antes eram todos muito seus devotos e se frequentavam com êle supricante as suas confissões e as suas pregações, por sua boa doutrina ser muito suave a todos, que a ouviam, muito mais que em nenhum tempo atrás; e al não disse do dito item.

E do sétimo item disse êle testemunha que é verdade que, em o tempo que o supricante serviu de reitor, deixou Pero Fernandes aqui morador nesta Capitania, à casa, por contemplação do dito supricante, por lhe ser [aceitas] as suas doutrinas e bons conselhos, que dêle tinha recebidos, dous mil e quinhentos cruzados; e al não disse do dito artigo.

E do oitavo item disse êle testemunha que é verdade que veio a esta terra o Padre Tolosa, Provincial da dita Ordem, e quando se tornou para a Baía o quisera levar consigo, e por rôgo dêle testemunha, como governador da terra que é, e de homens nobres dela e dos vereadores da camara, o deixou a êle supricante ficar nela por caso da sua boa doutrina e exemplos e vida honesta que nêle havia; e al não disse do dito item.

E do nono item disse êle testemunha que é verdade, que nesta terra houve muitos homens casados, que se haviam mal com suas mulheres, e se queriam apartar delas e êle supricante acudia logo a isso e com seus conselhos e repreensões os concertava logo e os fazia amigos e muito conformes como ora estão e vivem muito bem em serviço de Deus, o que êle testemunha viu a muito poucos superiores da dita ordem ou a nenhum, sòmente ao supricante; e al não disse do dito item.

E do décimo item disse êle testemunha que é verdade que de Angola mandaram peças, de Guiné, de Angola e outras da terra, de esmola à dita casa de Nossa Senhora da Graça, e que assim é verdade que a Senho-

ra Dona Briatiz de Albuquerque, que então servia por capitoa e governadora da dita terra, dera à dita casa uma legua de terra de esmola que valeria dous mil cruzados e vale, e isto tudo por indústria e contemplações do supricante e de sua boa vida e exemplo; e al não disse do dito item.

E do onzeno item disse êle testemunha que é verdade que êle ouviu geralmente nesta terra que um Irmão da casa, que se chama Gaspar Dias, por contemplação de Amador de Alpoim que diziam que era seu parente, por êle supricante repreender o dito Amador de Alpoim, de seus vicios e carnalidades, e trabalhar para que vivesse em serviço de Deus com uma mulher, de que tinha filhos, lhe criaram odio pelas ditas repreensões de meneira que vieram ambos a fulminar cartas um ao outro contra êle supricante, dizendo dêle cousas, que nêle não há nem nunca as houve, por êle supricante ser muito bom religioso e amigo de pôr todos com suas pregações e santidades com Cristo; e al não disse.

E do dozeno item disse êle testemunha que é verdade que sabe que o Bispo Dom António Barreiros, destas partes mandou preso Amador de Alpoim, por culpas que dêle achou graves, e ouvira dizer que Amador de Alpoim fora parte das emburilhadas que com o supricante houve (83) e al não disse do dito artigo, digo, item que todos lhe foram lidos e declarados pelo dito ouvidor.

Jorge Gonçalves, tabelião que o escrevi.
Jeronimo de Albuquerque
Jorge Camelo

---

(83) Note-se, de passagem, a contradição destas "embrulhadas" com as afirmações anteriores de que fora sempre bemquisto de todos; e prova-se concretamente com este caso público que o seu vezo de casamenteiro não era isento de descréditos e embrulhadas...

[E assim como êste seguem-se:

Alvaro Fragoso, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor, morador nesta vila.

Simão Falcão, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor e morador nesta vila de Olinda.

Manuel de Azevedo, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei, nosso senhor, morador nesta vila.

Lopo Gonçalves, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor e morador nesta vila.

Gaspar Dias de Taíde, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor e morador nesta vila de Olinda.

Guiomar Rodrigues, dona viuva, moradora nesta vila.

Dona Beatriz de Albuquerque, capitoa e governadora que foi nesta vila de Olinda por seu filho Duarte Coelho de Albuquerque, capitão e governador por El-Rei nosso senhor.

Afonso Rodrigues Bacelar, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor e provedor de sua fazenda na capitania de Tamaraca, morador nesta vila.

Domingos Borges de Sousa, cavaleiro fidalgo da casa de El-Rei nosso senhor, estante nesta vila.

Salvador de Araujo, morador nesta vila.

Antonio Martins, vigario da igreja matriz do Salvador da vila de Olinda.

E termina com os requisitos legais e os reconhecimentos e sinais públicos de vários tabeliães e notários].

9.

A Missão dos Carijós — 1605-1607

Relação do P. Jerónimo Rodrigues (84).

A missão dos Carijós, já desde o tempo do P. Nóbrega e do P. Luís da Grã, foi muito desejada, e por vezes tentada, assim pelo P. Nóbrega, como por nossos Irmãos João de Sousa e Pero Correia, que, indo-lhes prégar o Evangelho, foram mortos por eles, cujo sangue parece estar até agora pedindo misericórdia pera quem tanto bem lhes fez alcançar. Mas, com a ida do Padre Provincial Fernão Cardim a Roma, nosso R. Padre Geral Cláudio Aquaviva lhe ordenou e encomendou, muito esta missão, por ser de muito serviço de

---

(84) *Bras. 15*, 73-100v. *Notitiae Missionum Brasiliensium*. Original, em português. O autor, que não vem assinado, é o P. Jerónimo Rodrigues, companheiro do P. João Lobato, nesta missão. O P. Lobato e *eu*... Ambos grandes sertanistas. O primeiro, natural de Cucanha, tinha vindo para o Brasil em 1572 e faleceu em Reritiba, octogenário, em 1631 (*Lus. 19*, 65; *Lus. 58*, 20). O P. João Lobato, de Lisboa, entrou na Baía, em 1563, e foi tido por santo ainda em vida. Faleceu no Rio, a 29 de Janeiro de 1629 (*Bras. 13*, 13; Simão de Vasconcelos, *Vida do P. João de Almeida*, 38-39). Já na *História*, I, 330, nos referimos a esta relação (de que publicamos alguns passos), e a outras cartas de Jerónimo Rodrigues, insertas na *Relação Anual*, de Fernão Guerreiro (II, 419-424). Publicamo-la agora na íntegra. Jerónimo Rodrigues não diz a quem se dirige. Infere-se do contexto que foi a um Padre, de S. Vicente para cima: os

Deus Nosso Senhor, e salvação das almas. O que, logo que chegou ao Brasil, pôs por obra, tomando por princípio e boa ocasião, escrever-lhe Bastião Pedroso, ouvidor e irmão de Pero Vaz, capitão de S. Vicente, em que lhe pedia Padres pera virem com ele a pousar no Rio de S. Francisco, que está naquela paragem, aonde os Carijós mataram nossos Irmãos, pera o que o Padre Provincial escolheu ao P. João Lobato, por superior da missão, e ao P. Jerónimo Rodrigues por seu companheiro, trazendo-os consigo até Santos. Mas, arrependendo-se Bastião Pedroso, e faltando com o que tinha pedido ao Padre, permitindo-o assim Deus Nosso Senhor (porque me disseram haverem-lhe dito, se levais Padres convosco não heis de fazer nada), o Padre Provincial, vendo-se enganado, movido com o zêlo da honra de Deus e salvação das almas, e juntamente porque, chegando-se a festa da Páscoa, a pobre gente da Cananeia, que estava sem vigario pudessem ter alguma consolação e remédio para se confessarem e comun-

---

bichos dos pés, *de cá,* são mais miudos que os de *lá;* cem indios, *de cá,* fazem menos matinada que quatro dos de *lá.* Portanto, de uma terra, onde havia indios e bichos de pé, para outra onde também os havia: do Brasil para o Brasil. Importavam aos Padres os costumes dos Indios e as possibilidades de estabelecer lá uma missão. Daqui o cuidado do escritor em anotar as dificuldades da alimentação e do viver. A história e a conivencia dos irmãos *Tubarões,* na escravatura, é elucidativa... Toda esta Relação está escrita num estilo desenfastiado e contem preciosas informações sobre a etnografia e vida social daquela gente, e por um escritor, que não escrevia por ouvir dizer, mas via com os seus próprios olhos: "não há uma hora que umas meninas foram à fonte, que está aqui pegada com o nosso tejupar"...

Dada a extensão desta Informação, em vez de indicar, no princípio, os parágrafos, como temos feito, preferimos inseri-los no decurso dela, para mais distinção dos assuntos.

garem, *in nomine Domini* nos mandou, não deixando tambem de cuidar, poderia Diogo de Medina, Capitão da Canancia, ter algum navio que nos pudesse pôr na terra dos Carijós.

DE SANTOS A CANANEIA POR TERRA

Recebida pois a benção do Padre Provincial, que foi aos 25 de Março, dia da Anunciação de Nossa Senhora, que foi a uma sexta-feira, o Padre se partiu pera o Rio. E logo ao domingo seguinte, que foram 27 do mesmo mês, nos partimos o Padre João Lobato e eu, com sete índios de S. Bernabé, scilicet, três, que connosco vieram do Rio, e quatro que o Padre tomou em Santos, de uma canôa que alí tinha vindo. E com outros três carijós e outro, com sua mulher, que, por todos, fazíamos 14, nos partimos, não levando connosco mais que um círio de farinha e o ornamento da igreja, porque todo o mais fato deixamos em Santos até que na Cananeia houvesse remédio para vir por êle.

Partindo, pois, como digo, aos 27 de Março, que era *Dominica in Passione,* ainda que traziamos *sacculum, peram et calceamenta,* contudo não faltava o desejo de tudo isto. E bem se podia dizer não trazermos nada disto, pois os mandados por obediência nada levam consigo. E assim na primeira casa em que entramos, sendo já noite, depois de darmos paz aos presentes, soubemos não estarem em casa os senhores dela, por serem idos a S. Vicente. E assim não [houve] quem nos agasalhasse; mas logo o Senhor nos quis consolar com alguns Carijós, que alí estavam, nos pedirem que os confessássemos, o que fizemos de muito boamente. E nisso passamos parte da noite, fazendo o mesmo com todos

os que dalí até a Cananeia de nosso ministério se quiseram servir, graças a Deus.

Ao segundo dia chegamos a nossa Senhora da Conceição (85) aonde dissemos Missa, e o Padre João Lobato entregou ao mordomo de Nossa Senhora, esmola de azeite, e uma guarda rica, com um rosairo de cristal, cujos extremos e cruz eram de ouro, que lhe mandava um João de Alvarenga. E foi o mordomo de tal condição que por mais que lhe pedimos pusesse aquele rosairo ao pescoço da Senhora, pera nossa consolação, e pera testemunhas de lhe ser oferecido, nunca o pudemos acabar com ele; e mais trazendo o Padre Provincial esta esmola a seu carrego, que, por nós virmos por alí, e ele estar de pressa, a não trouxe. Dalí fizemos nosso caminho, despedindo-nos da Senhora. E fomos dormir dalí a cinco léguas. E tão mal tratados dos pés, da práia, que não podiamos dar passada. E, com ser já noite, estávamos em jejum, mas tivemos muito boa pousada em casa de Pero Guedes, sobrinho do Padre Diogo Nunes, que como vinha connosco de Itanhaém estando lá fazendo o sepulcro (86) não nos pôde fazer tudo o que desejava. Contudo, achamos farinha fresca e umas piquiras salgadas, que, pera quem estava como nós estávamos, muito menos bastara, que era a rêde de que mais necessidade tínhamos.

Ao terceiro dia, subimos por uma serra, não muito ingreme, que dizem ser da casa de Santos na qual serra me parece haver mais de 15 águas fermosíssimas e excelentíssimas. E como eu vinha muito suado e sequioso, da sêde grande que o dia atrás passado padeci, por não haver água naquela práia (e as piquiras salgadas aju-

(85) Nossa Senhora da Conceição, de Itanhaém.

(86) Para a cerimónia liturgica do enterro de Jesus, sexta-feira santa.

daram também), meti-me naquelas águas em jejum; e de tal maneira me perturbaram, que fazia das tripas coração, como dizem. Mas como o Padre, que ia diante desapareceu, desmaiei, caindo no chão, e totalmente parece que desfalecia. Aquí, nesta serra, ao descer da outra banda, com o grande suor, me cairam os óculos do nariz, com que via ao longe e ao perto, que me tinha mandado o P. Cristóvão de Gouveia, do Reino (87). E, quebrando-se ambos os vidros, por mais que fiz nunca pude achar todos os pedaços. E assim estou cego sem eles. E, pera mais ajuda, assim o Padre como eu, com as muitas areias e ventos que cá ha, e com comermos ordinariamente legumes, temos perdido muita vista.

Chegados a um rio, que se chama Acaraiim, não achando canôa, mandou o Padre buscar uma daí a duas outras léguas. E no espaço, que fizeram, em ir e vir, que foram quasi dous dias, além de haver pouco que comer, foram tantos os mosquitos, que nem de dia nem de noite se podia homem valer, nem bastava passear pola práia. Mas, vindo a canôa, eu só me fui nela com algum fato. E o Padre se foi por terra a outro rio, aonde sendo já noite, e não tendo canôa, cheguei eu, deixando a em que ia, indo só por uns matos ficando os moços em guarda do fato, com assaz de perigo dalguma onça. E chegando ao Padre, achei-o de noite sem fogo, e molhado, e eu não muito enxuto, mas, vendo não termos canôa, às apalpadelas e quasi na lama nos agasalhamos. Mas não tardou muito Nosso Senhor com o socorro de uma canôa, na qual, embarcados, fomos ter a uma povoaçãozinha de brancos, que nos agasalharam muito bem. E depois de confessarmos alguns, ao outro dia nos partimos, encontrando, neste dia, Diogo de Medina com alguns outros brancos que se vinham con-

(87) Visitador do Brasil, de 1583 a 1589.

fessar pola obrigação, o qual sumamente se alegrou com nossa chegada. E, posto que sua mulher e filhas, que tinham ido diante estavam já em Itanhaém, dalí mesmo se tornou connosco. E todo o tempo, que estivemos na Cananeia que passaram de três meses, mostrou bem o amor que a toda a Companhia tem. Mas a pobreza faz muitas vezes não poderem os amigos fazer quanto desejam a seus amigos.

Passada esta noite, na qual Diogo de Medina nunca quis dormir em rede, por voto de todas as sextas-feiras não dormir nela nem em cama, subimos por uma ladeira, tão íngreme, qual eu me não lembro ver semelhante, muito mais que Paraná-Peacaba, mas não tão comprida. E aquí me quebraram os moços um cabaço de óleo de cupaíba que muito estimava, indo-se-lhe pola ladeira abaixo. Mas como Nosso Senhor de tal maneira dá os trabalhos, que sempre ficam temperados, ordenou que no pico desta serra estivesse uma ribeira de água excelentíssima; e muitas, por toda a serra adiante.

Neste dia, que foi véspora de Ramos, me quis fazer valente, tomando ocasião de vir o Padre falando com Diogo de Medina. E indo diante só, pola práia, depois de ter andado algumas duas léguas, e, enfadado por não achar o porto aonde estava a canôa, e diziam ser perto, fui dar no cabo da práia em um rio sem canôa, aonde depois de me despir e enxugar do suor, passante bom espaço de tempo, vendo não vir ninguem, tornei pera trás; e, não vendo os companheiros, entendi vir errado. E atravessando por uns campos, ao longo do rio, fui dar com eles no porto das canôas. E, se me não adiantara e viera com eles, não me acontecera este trabalho, que não foi pequeno e perigoso de onças, que não faltam por alí. Indo por este rio abaixo, chegaríamos a outro rio mui grande, e, com a maré que

vazava, corria muito, e juntamente, pegados com a barra e a canôa pequena corremos muito risco de nos virarmos. Mas livrou-nos Nosso Senhor. E ao luar rezamos parte das horas por não haver fogo.

Ao outro dia, que foi domingo de Ramos, acabada a missa, nos fomos por um rio abaixo até a Cananeia, que são doze léguas, ficando da banda do mar esta ilha, de doze léguas, muito baixa. E, contudo, de dentro dela sai um rio de água doce ao mar cousa maravilhosa. Muitas cousas deixo por contar nestas 40 léguas, que ha de Santos até a Cananéa por terra (que por mar dizem serem 30), por não ser comprido. E entre elas foi de uma mulher grave que se queixou muito ao Padre, por virmos aos Carijós tomar-lhe os escravos que houveram de ser seus. E a um dos da Companhia disse:

— *Não hei-de dar nenhuma esmola aos Padres, e mais não me falta farinha.*

E já neste tempo a gente comia milho cozido que o Padre mercou no caminho.

EM CANANEIA

Chegados a Cananeia, que foram aos 4 d'Abril de 605, não se pode bem escrever a alegria que aquela pobre gente sentiu com nossa chegada, o amor que todos geralmente nos mostraram, por haver muito tempo que se não tinham confessado, assim por não terem a quem, como por alguns deles andaram homisiados por algumas mortes. E a todos, com o favor divino, consolamos, confessamos e comungamos, dia da Páscoa, e todo o tempo que alí estivemos. Mas, não achando alí barco em que pudéssemos ir nosso caminho, por se estar um fazendo muito de vagar, por falta de peça e o necessário, fomos informados como, daí a umas quatro ou

cinco léguas, estava uma canôa grande, enterrada na práia que do Rio de Janeiro viera alí fugida. E assim, acabadas as oitavas, fomos lá. E, com muito trabalho e muita fome, por não termos farinha e comermos sómente milho cozido com peixe, a tiramos de baixo da areia, que, como estivesse fendida, por uma ilharga e quebrada, foi necessário cortar-lhe um pedaço da popa e outros benefícios, em que gastamos alguns dias, em um dos quais fomos os moços e eu aos araçases (88) da outra banda do rio, metendo-nos por um riacho aonde diziam andarem capivaras. E vindo à tarde carregados de araçases, pera passar com eles os seguintes dias, e, com uma capivara, andava a barra do riacho tão folioa, que, por mais que fizemos, não pudemos escapar-lhe e do primeiro encontro nos alagou a canôa até às bordas, saltando os moços no mar, e os araçases juntamente com eles. Mas eu, pegando da capivara, posto que as ondas, da popa até a prôa da canôa, faziam seu ofício, nunca a larguei, que como era na barra, e não muito alto, e a maré enchia, não houve mais perigo que molharmo-nos, ainda que a perda dos araçases em tal tempo foi sentida. No consertar desta canôa tivemos muito trabalho, botando-a ao mar pola costa brava, mas quis Nosso Senhor que saisse bem e sem perigo dos moços, por então. Levada pois a Cananeia, estando-a consertando o Padre, chegaram uma soma de brancos, que se perderam na paragem da Ilha de Santa Caterina, em uma nau almirante de uma armada que levou soldadesca pera Chile. E, com ajuda deles, foi a canôa mui bem calafetada e breada e aparelhada, no que o Padre teve por bem empregada alguma marmelada e um pedaço de queijo, que trazíamos, e uma botija de

(88) Araçás, fruto do araçá, da familia das mirtácias (C. de F.).

vinho que deram em Santos ao Padre. O qual negociado a mandou o Padre a Itanhaém em busca do nosso fato, que tínhamos em casa do P. Vigairo, António Fernandez, *olim* da Companhia, mas como a tardança fosse muita, e estívessemos assaz de enfadados, por não virem, arreceando lhe acontecesse algum desastre, em uma oitava do Espírito Santo chegaram uns Indios, com novas [de] terem dado à costa, e com a canôa em pedaços, vindo já com o fato. E posto que no naufrágio houvesse algumas avarias como é costume, com os moços não perigarem ficamos alegres; mas logo sobrevieram outras novas de pouca consolação, scilicet que na casa do Padre Vigairo nos tinham furtado parte do fato. Graças a Deus foi logo o Padre, a toda a pressa com alguma gente, algumas 20 léguas atrás donde estávamos; e com muito trabalho trouxeram o fato por terra, e sem terem que comer, assim o Padre que foi em busca do fato, como eu que fiquei, porque, sendo a derradeira oitava, quatro têmporas, não tiveram os moradores da Cananeia que me dar, pera jantar, mais que um nanás, sem peixe, nem farinha; e ainda esse queria um carijó que lhe desse; mas sua muita cobiça e minha pouca virtude e mortificação, foi causa de ficar sem ele.

E por aqui poderão julgar qual seria a fome que, passante de três meses, alí tivemos. E se me perguntam a causa, respondo, que por não haver mantimentos e estarem os moradores em grandíssima fome, por causa dos ratos que tudo lhe tinham destruido. E até as cascas de alguma raizinha de mandioca comiam os pobres, deixando-o muitas vezes de comer e de dar a seus filhinhos por no-lo dar. Deus Nosso Senhor lhes pague quanta caridade alí nos fizeram.

Neste caminho aonde o Padre tornou, estava um branco (jeito tinha de ser da minha terra) (89) em cuja casa estavam duas varas de milho de Pero Guedes, o qual tinha dito aos moços que no-lo trouxessem. Confiado nesta palavra, o Padre pediu este milho á sogra deste branco, por ele não estar aí, a qual como lhe não quisesse dar, arreceando pelajarem com ela, o Padre lhe deixou um caixão de três alqueires de sal, dizendo que daquele sal se pagasse, quando não quisesse dar crédito ao que seu dono tinha dito. E assim trouxe o Padre o milho, pola grande necessidade que dele tinha, pera nossa matalotagem e remédio, que foram vinte e cinco mãos. E escrevendo a Cristóvão de Aguiar lhe contou o negócio, e que lhe arrecadasse o sal, do que bem zombou quem já o tinha em seu poder, mostrando estar muito agravado de nós, e dizendo o que quis. E assim, perdemos três alqueires de sal, que custaram seis patacas no Rio. E diz que valia então o alqueire a dez em S. Vicente ou no Campo. E ele o tomou todo, por valia de uma pataca, quando muito. Seja Deus louvado que com água do mar temperava o Padre o comer, por não termos sal, que com nos ficar ainda um alqueire em um panacu, também no-lo tomaram na Cananeia. E assim ficamos sem uma pedra de sal.

Em caso do Padre Vigairo de Itanhaem nos abriram e quebraram os ferros de três canastras. E tomaram o que lhes pareceu bem, scilicet, 80 facas carniceiras, toalhas, sabão, caixas de marmelada, anzóis, sal, e outras cousas, que o Padre não sabe. E juntamente nos beberam meia piroleira do vinho, que trazíamos pera as

---

(89) Cucanha, diocese de Lamego (*Bras. 5*, 40v).

missas. Pode ser que tivessem necessidade, Deus lhes perdôe; mas só na repartição das caixas de marmelada não usaram bem connosco, porque, não se contentando com as que tomaram inteiras, as que deixaram, solapando-as, em lugar do que comeram meteram areia. E sem o Padre saber esta malícia, deu algumas aos Framengos. E por aqui o viemos a saber.

Com esta perda da canôa e fato, foi forçado ao Padre, pera se tornar a refazer e aparelhar pera irmos por diante com nossa missão, desfazer-se o Padre de algumas cousas que lhe ficaram, scilicet, camisas, ferramentas, as caixas de marmelada, até a sua própria rede em que dormia, não lhe ficando outra, cuidando que, em chegando, logo tivesse rede e estes nem pera si as têm.

Com os moços da canôa, que deu à costa, vieram seis Tupinaquins pera irem connosco dous deles velhos, muito bons homens, e muito bons pilotos desta costa. E estes inculcaram ao Padre um pau de *ibiracuí,* de que em uma semana fizeram uma canôa de cinco palmos de boca e de 50 e tantos de comprido, mas de pau que a pique se vai ao fundo, que todas as vezes que nisso cuidava estremecia. E mais sendo os mares de cá do sul mui diferentes dos do norte. Feita esta canoa, nos aparelhamos e despedimos da gente da Cananeia, de quem recebemos muitas caridades, principalmente do Senhor Diogo de Medina, que de todos é tido por um homem mui honrado, mas está mui pobre; e Jorge Ramos, o mais antigo morador da Cananeia, tambem mui honrado velho, e este era o que nos sustentava, todo o tempo que alí estivemos, por estar junto da Igreja, na povoação, que Medina está em uma ilha, dalí a uma légua, deixando os frios grandíssimos, que aquí passamos, por nos ficarem os cobertores em Santos, que eram

insofriveis, e a fome tão grande, que passaram muitos dias que não metíamos farinha nem beijú na boca, e sómente passávamos com milho cozido e algum peixe.

DE CANANEIA A PARANAGUÁ

Contudo o Senhor nos favoreceu sempre pera que fizéssemos nossa viagem, como fizemos, partindo, como disse, da Cananeia aos 10 de Julho de 605 com determinação de pousarmos detrás da ilha, por ser já tarde. Como o tempo, e mar estivessem bons, pareceu bem a alguns que fôssemos diante, mas outros tiveram outro parecer; seguindo pois nossa viagem, pera irmos dormir a Paranaguá, que é uma enseada muito grande e mui fermosa e farta de muita caça, mel, marisco, e muito infindo peixe, e tem muito maior circúito que o Rio de Janeiro, com três barras, na qual enseada estava uma Urca de Framengos, que tinha ido a levar soldados a Chile, em companhia da almirante que deu a costa em Santa Caterina, e, como fizesse muita água, parecendo ao piloto que entrava polo Rio de Janeiro, entrou pola barra da Paranaguá e de prepósito encalhou na areia, aonde ficou sepultada pera sempre. Os mais dos Framengos desta urca ficavam na Cananeia negociando um barco pera se irem nele para o Rio; e por esta causa deixamos parte de nosso fato em casa de Diogo de Medina, que diziam viriam dalí a três ou quatro dias após nós, mas tardaram três somanas; e em todo este tempo não dissemos missa por nos ficar o ornamento na Cananeia.

Indo pois nossa viagem, da Cananeia pera Paranaguá, sem matalotagem, nem água, e com alguns moços doentes de um grande catarro, que na Cananeia houve, de que também o Padre esteve bem mal, acalman-

do-nos o vento, e chegando-se a noite, sem sabermos aonde estávamos, posto que era perto já de Paranaguá, eis que pola prôa da canôa, quanto a vista podia enxergar, por ser já quási Ave-Marias, vimos uns lançóis mui brancos e que botavam muito ao mar, que nos não causou pequeno enfadamento, por não sabermos o que era e a tais horas, em canôa, que a pique se houvera de ir ao fundo, se se alagara. Cerrada a noite desapareceram os lançóis brancos, seguindo-se os da escuridade da noite. Indo já neste tempo os moços cansadíssimos e fracos, das fomes de três meses e meio que na Cananeia estivemos, demos de súbito com aqueles lançóis, que era uma das barras de Paranaguá, scilicet, a primeira da banda do norte, que por nenhum caso se entra por ela, por ser mui ruim e botar umas sororocas muito ao mar, ao longo das quais e de seu estrondo e arruido, fomos na volta do mar. E, parecendo-nos que as tínhamos já passadas, viramos na volta da terra, e em breve espaço nos achamos no meio delas, as quais nos alevantavam a canôa tão alta, e depois a faziam ir tão baixa, que pareciam umas serras. Mas quis Nosso Senhor que fosse arrebentar diante da canôa. Tornamos com toda a pressa, e não sei com que cores, que era já alta noite, a dar volta ao mar o qual andava quieto. E, tornando a segunda vez a virar pera a terra, em busca da barra grande, que é a do meio e está junto desta ruim, tornamo-nos a achar no meio doutras sororocas, e aqui digo eu a V. R. que houve bem de trabalho, mêdo e actos de contrição, mas de todas elas nos livrou Nosso Senhor, e o bom govêrno do Padre, e os bons pilotos Tupinaquins, que trazíamos. E assim, fazendo a terceira vez volta ao mar, deu-nos Nosso Senhor vista de um ilhote, que estava junto da barra grande, que, conhecido dos pilotos, guiado por ele e por uma estrela, mui clara, que,

encima dêle e da barra estava, seguimos nossa viagem. E já neste tempo, da banda do léste pera o sueste, nos estava ameaçando uma trave, bem escura e medonha, com a qual acalmou todo o vento, e, ficando o mar leite, entramos pola barra dentro, como quem entra por um rio morto, ao longo da práia, mas como não sabíamos aonde estava a Urca, e enfadados do mar, e apertados da sede, saimos em terra muito perto da urca, que, como fazia grande escuridão, não se via. Saidos em terra, e começando a fazer fogo, começa uma tempestade do sul, tão brava, que deu com a canôa na areia. E foi forçado ao Padre com muito trabalho dormir nela. E aquí se viu bem as mercês de Nosso Senhor, e quanto desêjo tinha de esta missão ir por diante pera se salvarem alguns destes pobres; porque se esta tempestade nos tomara meia hora antes de entrarmos, só Deus Nosso Senhor sabe o que de nós seria.

EM PARANAGUÁ

Vindo a menhã, vimos diante de nós a Urca, junto da qual saimos, e fomos mui bem recebidos de quatro Framengos, que nela estavam, os quais em vendo de noite os nossos fogos, cuidando sermos contrairos, estiveram pera meter um saco de munição em um tiro e dispararem em nós, que estávamos juntos ao fogo, e mostraram-nos o saco de munição. E tambem a nós e a eles, nos guardou Nosso Senhor deste perigo. E já pode ser que o deixarem de o fazer foi por estarem cada dia esperando pelos companheiros que em uma chalupa estavam na Cananeia, e cuidariam sermos eles.

Aquí fizemos junto da Urca, em terra, nosso *tejupar*. E estivemos três somanas sem dizer missa, por

nos ficar o necessário pera ela na Cananeia. Os Framengos o fizeram mui honradamente connosco, dando-nos todos os dias de jantar e cear em abastança, alegrando-se muito com nossa vinda. Todos mostravam serem Cristãos de Alemanha, e sobre as sepulturas de dous mortos tinham postas duas Cruzes, que sumamente nos alegraram. Deus Nosso Senhor lhes pague quanto agasalhado nos fizeram.

Chegados os companheiros em o barco, em que vinha nosso fato, que foi o derradeiro dia de Julho de 605, dia de nosso Bemaventurado Padre S. Inácio de Loiola, como estávamos já enfadados e os tempos nestas partes já muito fortes, logo ao primeiro de Agosto nos partimos, estando o mar muito quieto e o dia sereno. Mas em o Padre começando a embarcar o fato, o demónio, inimigo da salvação das almas, permitindo-lho assim Deus, vendo que aquele dia determinávamos entrar na terra dos Carijós, ou pera melhor dizer, havíamos de entrar com uns poucos, que de sua terra tinham vindo ao rio de S. Francisco, aos pássaros e airis, e alguns dos quais se haviam de salvar com nossa vinda, subitamente ao meio dia, pouco mais ou menos, ordena, da banda do norte, uma tempestade sem chuva, mas grandíssimos relâmpagos e trovões e com vento grandíssimo, que muito nos enfadou e atropelou, e fez a enseada tão brava que punha espanto. E os brancos, espantados da nossa determinação, me disseram que não partíssemos que era tentar a Deus. Mas, como já tínhamos tudo embarcado, e os mares eram mui grossos, teve o Padre por melhor darmos à vela e começarmos nossa viagem *in nomine Domini*. E assim atravessamos, pola bolina, Paranaguá, pera sairmos pela terceira barra do sul. E aquí me disse o Padre:

— *Pode ser que não terá V. R. outros tais mares em todo o caminho.*

Mas foi temeridade grande partirmos então.

E bem creio que as orações de alguns Portugueses, que alí estavam, nos ajudaram muito, porque qualquer mar grande que nos entrara não havia remédio humano de salvação, por andarem os mares grossíssimos, e o vento parece que falava, e a canôa ser de pau, que a pique se vai ao fundo enquanto não é seca. Mas Nosso Senhor nos guardou desta como da passada.

Passada esta travessa, e chegando-se a noite, pareceu bem tomarmos porto junto a outra barra, dormindo um pedaço na práia à claridade dos relâmpagos, que eram tantos, e tão contínuos que alcançavam uns aos outros. E isto toda a noite, sem chuva. À meia noite, pouco mais ou menos, cuidando o Padre ser já perto da menhã, começamos a acometer a barra, a qual estava tão peçonhenta, que um velho tupinaquim piloto me disse:

— *Pai, esta barra está mui temerosa e não é tempo de sair por ela.*

E dizendo-lhe eu que o dissesse ao Padre, me respondeu que lhe não havia de dar crédito. Mas, avisando eu ao Padre lhe pareceu bem virarmos. E este é o lugar em que maior mêdo tive em toda a jornada, porque estava a barra, de banda a banda, toda em frol, com sororocas. E sem dúvida nenhuma não pudéramos escapar da morte, senão fôra milagrosamente; porque ao outro dia, tendo já o vento acalmado, se não podia sair por ela; e assim saimos por outro lugar entre dous ilhotes com muito perigo. E só olhar pera a barra metia mêdo, e é ocasião de dar graças a Nosso Senhor, de nos livrar. E nesta barra se perderam os moços quando

tornaram pera o Rio, mas, como a canôa estava já seca, não se foi ao fundo. Nesta mesma se alagaram uns Brancos.

DE PARANAGUÁ AO PORTO DE DOM RODRIGO

Saidos pois de Paranaguá, fizemos nossa viagem com mares mui grossos, e sempre a remos. E, chegando de fronte da barra de um rio, que se chama Guaratiba, não achamos remédio pera nele podermos entrar, e botar muitos escarceus ao mar. E assim nos foi forçado (ainda que era já quasi noite) irmos, por diante, ao Rio de S. Francisco, que estava dalí a quatro ou cinco léguas, no qual entramos perto da meia noite, como se entráramos por um rio morto, por ter uma barra mui fermosa, grande e funda. Só dos pobres moços tínhamos lástima, por já não poderem consigo, com haverem remado sem descançar, desde pela manhã até aquelas horas; mas quis-nos o Senhor logo consolar com acharmos alí uma canôa de Carijós, que logo pela menhã nos vieram visitar, prègando um deles, e mostrando alegria com nossa vinda; mas, depois, não foi qual nos cuidávamos que fôsse. Este foi um dos que o P. Custódio Pires e o P. Agostinho de Matos tinham trazido de S. Vicente aos Patos (90). E assim logo disse ao

---

(90) O P. Custodio Pires, de Almeirim, foi o primeiro mestre-escola do Rio de Janeiro, onde morreu a 16 de Fevereiro de 1630, com 82 anos de idade e 60 de Companhia (*Bras. 8*, 416).

O P. Agostinho de Matos, natural de Lisboa, veio em 1572, missionou em diversas partes do Brasil e faleceu no Rio em 1615, segundo o catálogo da Vitt. Em., f. fes. 3492/1363, n.º 6; mas a noticia da sua morte vem na ánua de 1616-1617 (*Bras. 8*, 218-220).

Padre que désse facas a todos os que alí tinha consigo, sem nos oferecer nem sequer uma talhada de carne de moquém da muita que tinha.

E assim nos fomos logo, por dentro do rio, sete ou oito léguas, pera sairmos por outra barra que pera a banda do sul tem, que só em cuidar nela faz estremecer; mas dizem que, quando está o tempo muito bom, está bôa; mas toda sua bondade se pode escusar, senão fôr por amor de Deus. Junto dela chegamos aos 4 de Agosto, já de noite, com um bom tempo e mostrava andar quieta; mas tanto que veiu a madrugada começou a andar perturbada, mas eu me aparelhei o melhor que pude. E me confessei. E cometendo-a pela menhã, dia da Bemaventurada Virgem das Neves, da banda de dentro andava o rio tão perturbado, que parecia andarem alí visivelmente os demónios, que alí fervia em pulos pera o céu, que punha espanto; o que passado, chegamos à barra. E aquí creio dar algum enfadamento ao Padre com lhe dizer parecer-me não ser aquele tempo pera sair, mas o ânimo do Padre venceu minha pusilanimidade e arreceio. Mas bem creio que se viera qualquer outra pessôa que não-na cometera então, porque, de banda, a atravessavam umas sororocas tão grandes, que não havia aí senão pasmar, uma após outras, e todas quebravam que cada uma delas bastava pera quebrar um navio. Mas, como era pela menhã e os moços estavam descansados, puxaram de maneira, conforme a ordem que o Padre lhes deu, tomando ele o leme, que, em passando uma com toda a destreza, nas costas dela antes que a outra chegasse, pela misericórdia do Senhor, passamos, sem nos entrar água alguma, posto que nos alevantou bem alto, e depois nos fez descer bem baixo. E esta barra creio ter feito muito proveito ao Padre, quando andar em canôa. E nesta mesma se perderam os

moços a primeira vez, quando de cá foram, com irem no verão; e nela perderam algumas das cousas que levavam. Depois de saidos, fomos muito bem, ainda, que uma baleia nos foi seguindo, sendo cousa de chegarmos mais de pressa a um bom porto, aonde logo nos entrou um sul que nos fez estar alí alguns dias.

Aos 8 dias partimos, com bom tempo, e fomos dormir em uma práia, ao sereno, e com grande frio, que naquele tempo cá é mui grande, mas não faltou peixe pera cear e, no lugar aonde dormimos, estava parte de um peixe fresco que uma onça parece havia pouco tinha levado.

Aos nove dias nos partimos com bom tempo, ainda que com mares mui grossos, por irmos ao longo de umas rochas. E chegando a vista de Santa Caterina, aonde estão diversas ilhas, não sei que entre os pilotos e alguns dos nossos houve, que, perguntando nós por onde havíamos de ir, diziam que não sabiam, com o saberem muito bem e estarmos à vista dela.

Por remate de tudo disseram: *aquela é a ilha de Santa Caterina.* Na qual entramos véspora do Bemaventurado S. Lourenço, com assás de nordeste e mares grossos. Mas como eram vento à popa em breve espaço de tempo andamos muitas léguas. E se aquele dia não entráramos, tivéramos algum enfadamento com um sul que entrou com muita chuva, mas durou pouco.

Aos 11 partimos, e chegando à vista do porto de D. Rodrigo aonde havíamos de desembarcar, por ser a primeira terra dos Patos, o demónio, *qui tanquam leo rugiens, circuit quarens quem devoret,* vendo que em todo o caminho, por mais artes que buscou pera nos impedir a viagem o não pode fazer e o fruito que dela se havia de seguir, se meteu em uma baleia, e tão bravamente nos seguiu pola esteira da canôa, que nos en-

fadou assaz, e tão perto chegou de nós, que parecia que doutro mergulho surgiria debaixo da canôa, e isto por muito espaço; e se, polo bom remar dos moços, e o furtar-lhe a volta se afastava de nós, logo tornava a voltar e seguir-nos; e de uma vez chegou tão perto de nós, com o corpo e cabeça descoberta, que eu me parecia seria tão longe da canôa como do altar mór, do Rio, às grades, mas o mêdo faz muitas vezes as cousas diferentes do que são. Eu, contudo, quando a vi tão perto e que trazia diante de si uma serra de água, lancei-lhe um pequeno *Agnus Dei.* E quis Nosso Senhor que com isso, e com o Padre mandar governar pera outro bordo, se apartasse de nós.

NA LAGUNA, ENTRE OS CARIJÓS

E assim chegamos à terra dos Carijós, aos 11 de Agosto de 605, dando muitas graças ao Senhor e alevantando logo uma Cruz. E o Padre mandou logo recado a umas quatro, ou cinco Aldeias que alí estavam perto. E a cabo de três dias vieram ter connosco, entre grandes e pequenos, dezasseis, ou 17 pessôas com seus pelejos, e elas com suas tipóias, com as mãos vazias, estando nós esperando que nos trouxessem alguma cousa pera comermos, por virmos já mui coitados, mas muito mais o ficáramos se o Padre mandara coser um pequeno de arrôs, que ainda trazíamos, que, por querer fazer festa aos moços, o quisera mandar coser todo, mas depois nos foi vida.

Logo nos partimos, com estes poucos que vieram, e algum tanto enfadados, que parece que a natureza estava adivinhando o que nos havia de suceder, ainda que os índios mostravam alegrarem-se com nossa vinda, mas toda sua alegria, segundo o que depois soubemos e

vimos, e assaz experimentamos, era por lhes parecer que com nossa vinda haviam de ficar ricos e cheios de resgate.

Antes de chegar à primeira aldeia, que pode ser légua e meia, aonde ficava a nossa canôa, está uma alagôa grande, e, em um esteiro dela, estavam duas canôas, em uma das quais, com ser mais pequena, permitindo-o assim Deus nos embarcamos com o baúl do ornamento, e o meu retábulo das relíquias, e uma piroleira de vinho. Todo o mais fato se embarcou em uma canôa grande, que pudera levar seis tantos, mas como o demonio sentisse tanto o entrarmos nós em terra, de que tantos anos havia estava apossado, ordenou, permitindo-lhe assim Deus Nosso Senhor, que avolumassem o fato de tal maneira, sem lastro, e que todos os Indios entrassem de romaria. E, assim, virando-se a canôa, tudo se foi ao fundo, em um tujuco, e bem fundo, donde com assaz de trabalho tiraram tudo molhado e danado; e algumas cousas ficaram ali que se não puderam achar, por ser já noite. O meu caixão, como era mais leve, se foi pela água abaixo; mas, depois de tudo recolhido, o foram buscar; e assim desta maneira nos fomos, com bem de arreceio que tornasse a canôa outra vez a fazer outro naufrágio. Chegados ao porto da aldeia, que estaria dela um quarto de légua, tudo atoleiros, e nós todos molhados, sujos, mortos de fome e com grandíssimo frio, que então fazia, esperando pela canôa grande, a qual em chegando, mal e sujamente, nos fomos para a aldeia. E, como fosse já alta noite, não foi possivel bulir no fato, que todo estava feito papas. Seja Deus louvado! E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma

casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de tres moradores, ou para melhor dizer tres casais com tres ou quatro filhos. De boa entrada, não ceamos com virmos assaz necessitados, por no-lo não darem, ou não terem. E assim, com assaz de frio, estivemos toda aquela noite, até vir a manhã, para vermos se havia alguma cousa que se não molhasse, porque de noite não foi possivel. E achamos tudo danado e molhado, e cuidando eu veria o meu fato com alguma melhoria, por vir breado, achei tudo perdido sem, em passante de 20 mãos de papel, haver uma folha que pudesse servir, com quantos livros e cartapácios e outras couzinhas, até um gibão novo vinha podre, e o breviario e diurnal. E o caso foi que ficando-me tudo na Cananéa, aonde estive tres semanas, quando veio o barco, arribou, e choveu-lhe muita água e lá se molhou tudo, e por este respeito se perdeu tudo, graças a Deus. Mas não deixamos de dar muitas graças ao Senhor, porque vindo, entre os cartapacios e cousas que se perderão e botei por aí, algumas cousas e escritos de nosso bom padre Joseph, de boa memoria, só suas cousas se não danaram, com que muito nos consolamos.

Aos 15 de agosto nos vieram chamar para uma criança que estava para morrer, dali a uma légua; e já pode ser que por terem para si sermos feiticeiros, a qual estando mal batizei, pondo-lhe nome Fernão Cardim, por ser o primeiro, e esta missão ser do Padre Fernão Cardim, Provincial que então era, mas logo avisei ao pai, que é o mais honrado índio que cá vimos, que olhasse não no fizesse chupar a seus feiticeiros, contando-lhe a historia de S. Basílio com o imperador Valente: que indo o santo visitar e ver um seu filho doente, logo se achou melhor, mas em se o santo indo, mandou chamar os Arrianos e logo morreu. O mesmo aconteceu a

este índio, que, acabando de nós nos irmos, o filhinho se achou bem; mas depois, comendo alguns carvões e achando-se mal, foram chamar uma feiticeira e morreu, indo-se ao céu por premícias desta nossa missão. Podia ser dum ano e meio pouco mais ou menos. E assim sabe Nosso Senhor consolar os seus ; e eu me achei por tão ditoso caber-me esta sorte, e fazer-me o Padre esta caridade de mo deixar batizar, que ainda aos Carijós não viera para mais, me tivera por bemaventurado. O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, e uns pequenos de feijões, bem sujos e escuros, que os não enxergávamos, que certifico a todos os que isto lerem que não sei se manjar branco soubera tão bem.

Dali nos tornamos, em busca do fato. E nos fomos à quarta aldeia, que tinha duas cazinhas, com alguns 9 ou 10 moradores. E nesta fizemos nossa morada e igreja, por ser maior, e haver nela alguns Cristãos antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vicios e desventuras. E todos estavam amancebados e cheios de filhos, com diversas mulheres. E posto que o Padre, logo em desembarcando, mandou a esta aldeia uns índios que conosco vinham, que nela tem seus parentes, para nos fazerem algum recolhimento em que nos metêssemos, zombaram muito disso, por ser gente qual adiante direi. E assim, chegados a ela, e não achando em que nos agasalhar, havendo já cinco ou seis dias, que tinhamos mandado recado diante, nos foi forçado a metermo-nos em uma casa dos índios, aonde o que passamos de fome, frio, pulgas, grilos, baratas e outras imundícias só Deus Nosso Senhor sabe. E se me perguntarem a causa desta

fome, dizem os índios que foi lagarta, e andarem juntamente escondidos e metidos pelos matos, com medo dos brancos, mas eu ajunto a isto sua muita preguiça, e ser gente, que com qualquer cousa se contenta como seja de comer, e tal que diz o Padre dela que são peiores que os tapuias, e que, em todo o descoberto, a peior gente. E eu, pelo menos, digo não ter visto outra semelhante, o que pelo que adiante contar se poderá bem e facilmente julgar.

Mandou logo o Padre recado a 20 e 30 léguas aos índios, que entre estes e os brancos, tem algum nome, não de virtude, senão de ladrões, tiranos e vendedores de seus parentes, que principais, nenhum há entre estes Carijós dos Patos, para que soubessem como éramos chegados e ao para quê. E, entretanto, por não termos que fazer e os moços não estarem ociosos e terem em que espalhar malventuras, e se esquecerem da fome, fizemos aqui junto da igreja, uma capixaba para milho, e alguma mandioca por não sabermos o que ao diante sucederia, como sucedeu. Neste tempo o demónio fazia que dormia, com nos ver andar ocupados com a capixaba e os pobres moços mortos de fome, porque em todo dia não comíamos mais que uma vez. E o que onze comíamos não bastava bem para um; porque mandava o Padre cozer um prato pequeno de arrôz com alguns palmitos e sem sal, pelo não termos, e com isto passávamos todo o dia; e, quando muito, um pequeno de milho cozido, emquanto nos durou, que farinha, nem por imaginação. E desta maneira andamos algum ano. E assim podemos dizer que em todo um ano, nos não levantámos um dia da mesa abastados de farinha, com passar muitas vezes semana inteira que a não provávamos. E mais, pela bondade do Senhor, sãos e salvos. Somente os moços nos maguavam; os índios neste tempo

comiam gesaras com peixe e mixilhõis. E o que tinha algumas folhas de mandiiba, e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer.

PRIMEIRAS MISSAS

Mas como o Demonio via que tinhamos igreja, e que dia do Bemaventurado S. Bertolameu se haviam de dizer as primeiras missas e celebrar os divinos ofícios e tomar posse, de parte de Deus, de gente que ele tantos mil anos tinha em seu poder, estando o tempo mui sereno e o dia claro e bonançoso, em o ponto que começamos a tirar o ornamento e consertar o altar para ao outro dia dizermos missa, não pôde sofrer o desaventurado, e ordenando uma tempestade de relâmpagos, trovões, vento e chuva, parece que visivelmente que andavam os demonios, e que bem mostravam o sentimento que tinham com nossa vinda, e foi tão grande que, com estar a igreja mui bem coberta e de boa cobertura, nos molhou o ornamento, e frontal, e deu com a imagem de Nossa Senhora, do altar no chão, parece pera ver se lhe podia quebrar a vidraça e nem bastou cobrir o Padre o altar com peles.

Acabado isto, cessou a trovoada, mas não a malícia do demónio, porque ao dia do Bemaventurado S. Bertolameu, no tempo da missa, foram tantas as moscas em todo o altar e sobre o Padre, que foi cousa pasmosa. E passado aquele dia, em dous anos que alí estivemos, nunca mais houve aquelas moscas nem aquelas tempestades, posto que não faltaram saoiases que nos comiam as toalhas do altar e o frontal. Mas pera tudo Deus Nosso Senhor deu remédio, com fazer um frontal de papel e umas cortinas com seu sobrecéu, e com metermos as toalhas, acabante as missas, no baúl.

Neste mesmo dia começamos a fazer nossas doutrinas, às quais, como quer que, *omnia nova placent*, acudiam bem, mas eram tão poucos, e tão mal avenidos, que causavam pouco gosto. E desta maneira estivemos, passante de mês e meio, sem nos vir recado das outras aldeias, aonde o Padre tinha mandado, por onde pareceu irmos nós lá em pessoa não levando o ornamento por nos terem dito os Brancos serem tão cobiçosos que corria risco lançarem mão dele; mas eu creio que o não fizeram. E assim, dia do Bemaventurado S. Francisco de 605 [4 Outubro], partimos daquí pera Ararunguá, que estará daqui a algumas 20 léguas, levando conosco os nossos moços todos e alguns índios dos daquí. Dos enfadamentos do caminho e do grandíssimo frio, e outros muitos descontos, anexos a semelhantes viagens, não falo. O que muito sentíamos, por aqueles campos e práias, eram os grandíssimos ventos e areias que nos cegavam, mas em tudo parece achar homem gôsto com as esperanças que tínhamos de se salvarem alguns, como salvaram.

NO RIO ARARUNGABA. O ÍNDIO TUBARÃO

Chegados a Ararungaba, que um [é] rio, aonde os brancos vão fazer seus resgates, e aonde estavam os principais índios com que haviámos de falar, ao sol e ao vento, em um areal, falou o Padre com eles, declarando-lhes ao que vínhamos. Todos mostraram folgarem com nossa vinda, porque todos esperavam havermos nós de dar roupas, contas e ferramentas; e assim, tão desenvergonhadamente pediam quanto viam, como se de foro lhe fora devido. Neste caminho, um dos honrados índios que cá vimos, nosso companheiro nesta viagem, pediu ao Padre os sapatos pera os levar calçados, e que

fôsse o Padre descalço. Uma índia me pediu com muita instância a minha roupeta preta pera a vestir. E dizendo-lhe eu que não tinha outra me respondeu, que mandasse eu vir outra em lugar daquela.

E porque o mais afamado índio que cá há, que é um grande ladrão, salteador de brancos, e grande vendedor de seus parentes, estava dali a cinco ou seis léguas, que havia vindo doutro rio, que chamam Boipitiba (91), ao caminho, a um seu irmão, tambem ladrão como ele, que foi um dos que trouxe o Padre Custódio Pires, e a quem o Padre + (92) deu uma vara de meirinho (não sei com que ordem), com a qual faz muitos males, e vende seus parentes, foi-nos forçado irmos lá, por areais, que fervia o sol neles, e com tão grandíssima sede, por não haver águas em todas aquelas seis léguas, que não havia aí senão esmaiar. E já neste tempo êste índio esperava por nós, por lhe haverem dito como nós íamos.

Este índio é o afamado Tubarão, o qual não é principal, nem tem gente, mas tem grande fama entre estes por ser feiticeiro e ter três ou quatro irmãos, todos feiticeiros, e todos eles são grandíssimos tiranos e vendedores, e de quem os brancos fazem muito caso, porque estes lhes enchem os navios de peças, como adiante direi. Chegados pois, aonde este índio estava, que era junto a uma alagoa, aonde com grande perigo passávamos, entramos em um tejupar, aonde estavam tres ou quatro redes armadas. E ele, como raposo,

---

(91) Mampituba.

(92) O Padre + (sic) é o P. António da Cruz, vindo de Portugal em 1572. Bom língua, trabalhou na Capitania de S. Vicente, e faleceu na do Espirito Santo em Agosto de 1641, com mais de 80 anos de idade e 68 de Companhia (Cat. da Bibl. Vitt. Emm., f. ges. 3492/1363, n.º 6; *Bras. 8*, 533v).

vestido em uma marlota azul, pele de algum pobre índio, coberto com uma manta listrada, e com um chapeu na cabeça, com grande gravidade, sem fazer caso algum de nós, começou logo a falar com um índio, que connosco ia, mui devagar. E depois falou outro pedaço com outro, convidando-os a seu modo, com certa beberagem, que imagino ser o sumo do betele da India, conforme as virtudes que dizem ter. E nós, como Joanianes, ouvindo-lhe suas patranhas. Depois acudiu com seu *ereiupe* ao Padre e a mim. O Padre que já estava enfadado, e com rezão, e quasi se quisera erguer da rede, e o fizera se fora outra gente, em breve lhe disse ao que éramos vindos. E se quisessem ser filhos de Deus, e terem igreja, e Padres em suas terras, que se haviam de ajuntar, e deixar suas vendas, e suas matanças, por ser ofensa de Deus; e que os tapuias podiam vender em troco de suas cousas. Neste comenos, veio-lhe vontade de ourinar. E assim o fez na mesma rede, em que estava assentado, junto ao Padre, muito de seu vagar, não deixando por isso sua prática, e de beber, de quando em quando, de sua beberagem, que uma de suas mulheres lhes estava dando.

Mas tão pouco saber não é de espantar em gente que nenhum parece que tem. E assim muitas vezes me lembra um dito do Padre Paiva, que Nosso Senhor tem, que ainda que o dizia zombando, parece quadrar em alguma maneira a estes (93). E pode passar por entremez. O qual dizia que havia alguma [gente] que Deus Nosso Senhor fizera; outra que mandara fazer; e outra que deixara recado que se fizesse...

Querendo-nos despedir, disse ele ao Padre que folgava com nossa vinda, que faria primeiro duas guerras,

(93) O P. Manuel de Paiva, um dos fundadores de S. Paulo e seu primeiro Superior.

e que depois se ajuntaria conosco, em um lugar que ele nomeou, que era junto da *Laguna dos Patos.* E perguntando-lhe o Padre se era seu filho um menino, que ali estava, respondeu-lhe:

— *Sim para vós-outros o açoitardes.*

Isto é dito de escravos de brancos, que pera cá fogem. E eles tinham alguns em seu poder, sem os querer dar, dizendo serem seus escravos.

Isto é o que passamos com o Senhor Tubarão, do qual diz o Padre que nunca no Brasil viu índio tão soberbo, nem que tanto o mostrasse, com não ser principal. E Cristóvão de Aguiar confessa que ele o fez principal e o assentara naquela cadeira, que agora tem, scilicet, de ser estimado dos brancos, mas isto por ele ser um grande ladrão de índios pera os brancos.

Seria véspora, sem termos comido alguma cousa, nem termos quê, nem haver índio nem índia que nos desse um punhado de farinha, não faltando ela alí. E com batatas fizemos a festa, que, por contas ou pentes, as deram. E pedindo o Padre umas pequenas de pevides pera prantarmos na nossa capixaba, algumas índias trouxeram algumas, cuidando por elas lhes havia o Padre de dar algumas contas. E algumas, vendo que o Padre as não pagava, tornaram-nas a levar, porque é gente que nada há-de dar sem trôco, ainda que seja uma vez de água. E a uns moços dos nossos deu uma índia um pequeno de não sei quê, como mingau, e logo lhe pediu um fio de contas em paga.

E assim ao outro dia nos partimos, sem a gente de duas casas, que alí estavam, que eram parentas e uma delas irmã verdadeira de Lázaro, que connosco viera do Rio, nos darem pera o caminho que pudéssemos jantar, salvo uma índia que nos deu uma pouca de farinha,

a qual o Padre pagou. E assim nos tornamos outra vez pera a *Laguna,* onde se ajuntaram alguns connosco pera roçarem, mas não teve efeito por estarem longe uns dos outros, e não se quererem ajuntar. E já neste tempo quatro índios tupinaquis de Itanhaém, que connosco vieram, eram já partidos, pera sua terra, por não poderem sofrer a fome. E já sabemos chegarem a salvamento, graças a Deus.

NO EMBITIBA

Aquí, neste *porto de D. Rodrigo,* que se chama o *Embitiba,* estivemos estes dous anos pola bondade do Senhor com saude, que não foi pequena mercê do Senhor pera quem estava da maneira que nós estávamos, scilicet, sós, sem termos nem quem nos fosse buscar uma pouca de água; e, se algum de nós adoecera, não havia nenhum remédio humano de cura, porque nem sal tínhamos pera temperar a panela, mas com água do mar se temperava, açucre de nenhuma calidade, que um pequeno que em um cabaço trazíamos, parece que a fome deu licença aos moços pera o comerem todo. Pois cousa de especiaria muito menos e de tudo o mais. Mas tivemos sempre a Deus de nossa parte. E assim não nos faltou nada. Verdade é que tivemos muita falta de um menino pera nos ajudar à missa, ajudando-nos um ao outro, mas algumas vezes estava o Padre com algumas dores, e eu sentia o muito trabalho que ele levava, mas sua muita caridade podia com tudo. Mas dir-me-á alguem: — *E como não ensinavam algum menino?*

Dizia nosso bom pai Joseph Anchieta em uma trova:

Doi-me a Dios con el gentil
Habla de la trinidad.
Si, que es hombre mui sutil,
Y aun pudiera ser abbad,
Si no fuera del Brasil.

Outro tanto digo destes, que se não foram Carijós bem se puderam ensinar, mas a experiência nos tem bem mostrado não se poder fazer nada com estes, em sua terra, porque são criados com tanto mimo que diversas vezes os vi dar nos pais e nas mãis, e atirar-lhe às pedradas, sem por isso seus pais dizerem nada. E porque eu uma vez disse a um menino, na Igreja, que estava inquieto, que se mudasse pera outra parte, e o obrigar, de palavra sómente, a que fôsse, fugiu pola porta da Igreja, e por mais que seu pai nem seus irmãos fizeram [não] quis tornar muitos tempos, dizendo:
— *Não quero lá ir que pelajará o Padre comigo.*

E outra menina, por se não querer benzer, nem falar palavra ao que lhe ensinava, pelejei de palavra com ela, um seu tio lhe disse:

— *Não tornas mais à Igreja.*

E até os meninos, que tínhamos em casa, podia o Padre fazer que se benzessem e falassem como jalofos, até que tínhamos por melhor deixá-los, por nos não pormos a risco dalgum enfadamento. Os meninos de cinco, seis anos, e daí por diante, bailam e bebem com os índios, de dia e de noite, e seus pais revêm-se nisso; e às vezes dormem por onde querem sem seus pais saberem parte disso. E em tudo fazem sua vontade, e se os mandávamos a algum recado, diziam que tinham preguiça, e não iam, e, se iam, não tornavam. E o

mesmo fazem os grandes que claramente diziam: *tenho preguiça, não quero.*

E com tal gente não se pode fazer nada. E mais gente que, quando cuidáveis que estavam na Aldeia, estavam daí a muitas léguas, e vinham à doutrina se queriam vir, e se não, zombavam de nós, o que não fizeram, se tiveram algum mêdo, e se nós tivéramos força, com que os poder domar.

A fome foi tanto por diante e os frios, que eram insofriveis, e pague Deus Nosso Senhor a caridade ao Padre Provincial Fernão Cardim, de dous cobertores que nos deu, que, se isso não fôra, muito trabalho tivéramos, porque, com dormirmos vestidos, com camisa, gibão forrado, jaqueta forrada, calções, roupeta, calças, roupão, e metidos no cobertor, feitos um novelo, que quasi ficava aleijado, quando me levantava; e, com tudo isto, não podíamos sofrer o frio. E dia de S. Mateus e de S. Maurício, foi tão grande a geada, que uma milharada, que estava junto das casas, se queimou, como se lhe puseram o fogo. E as mesmas ervas e àrvorezinhas do campo se secaram. E neste tempo o fogo era o principal remédio. Só na missa sentíamos muito trabalho e perigo, porque não sentia homem o calix, nem a hóstia. E por estes respeitos e por serem casados se determinou o Padre a mandar os moços por haver já algum milho novo, posto que eu sempre fui de parecer que não fossem todos. E que pelo menos ficassem um par pera nos ajudarem à missa, e terem cuidado de nós. E ainda disse ao Padre, não haver de tomar bem o Padre Provincial, mandá-los todos. Mas o Padre, movido de compaixão dêles, e lembrando-se de suas mulheres e filhos, e movido da sua muita caridade, quis antes cortar por si, que por êles.

E assim, depois de negociados de mantimento, e algumas couzinhas, os fomos embarcar ao porto de Dom Rodrigo aonde estava a canôa, em que viemos, e eles mesmos fizeram na Cananeia. E, despedidos de nós, com muitas lágrimas, se partiram aos 14 de dezembro de 605. E na barra de S. Francisco, da banda do sul (que só em cuidar nela espanta) se perderam, alagando-se a canôa e perdendo parte do que levavam. O mesmo lhes aconteceu na barra de Paranaguá, aonde nós, se saíramos como começávamos a sair, à meia noite, sem falta nos houvéramos de perder, mas emfim, ajudados do Senhor, chegaram ao Rio a salvamento graças a Deus. E nós ficamos sós neste desterro, por amor de Deus, até que dalí a um ano e meio, pouco menos, nos mandaram dous meninos do Rio. E assim dous anos inteiros estivemos junto da Laguna dos Patos.

COSTUMES DOS ÍNDIOS

Nosso exercício, logo em nos alevantando pela menhã, era termos nossa oração, fazermos nossas doutrinas, dizermos nossas missas; e dalí até o exame tudo era matar pulgas e tirar bichos, sofrer descontos de Carijós; e o mesmo fazíamos às tardes, tirando algum tempo que tomávamos pera rezarmos algumas Ave-Marias, passeando ao longo da casa e de um quintalzinho, que tínhamos, sem nunca sairmos, nem irmos espairecer a nenhuma parte, estando em um campo, que sòmente víamos o céu e uns montes, que pera quem tivesse muito amor de Deus, não lhe faltaria em que contemplar. As casas dos índios eram por todas cinco, depois de se ajuntarem alguns connosco; passavam meses e meses, que não entrávamos nelas, por não ser necessário.

A terra em sí não é má. Pode ter em comprimento, desde Santa Caterina até Taramiandiba (94), que está além de Boipitiba, aonde os brancos tambem vão resgatar, 40 ou 50 léguas, ao longo do mar, e ao longo de umas serras, que estarão do mar, meia légua, uma légua, até duas, em algumas partes; e dalí por diante começam os Arachãs, parentes destes, mas temo-los por melhor gente, não na cobiça, mas na simplicidade (95). Estes, daqui dos Patos, são já muito poucos, e parece não durarão muito, conforme a pressa que os brancos lhes dão. Estes são parentes verdadeiros dos do campo, aonde morreram nossos Irmãos (96), e parece virem antigoamente pera o mar, onde se comunicavam uns com os outros; mas, de poucos anos pera cá, se perdeu esta comunicação, não se sabe o porquê; mas suspeitamos que estes lhes fizeram algum agravo, e por isso não vieram mais. E como os que de lá vieram são já todos mortos, os que deles procederam não sabem dar notícia, nem é gente que tenha saber pera nada. É gente comumente de maior estatura que os de lá; andam cobertos com pelejos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via de honestidade, senão por causa dos muitos frios, e dos grandissimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-nos às costas, e a dianteira descoberta. Quando não faz tanto frio andam nús. As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipóias (97); e ainda que algumas vezes andam

---

(94) Barra de Tramandaí, no Rio Grande do Sul.

(95) Teschauer, no seu mapa (*História do Rio Grande do Sul*, I) coloca os Arachãs entre Porto-Alegre e Pelotas, na terra firme.

(96) Irs. Pero Correia e João de Sousa.

(97) Camisa sem mangas feita de entrecasco de árvores (C. de F.).

nuas, contudo, diante de nós, nem à igreja, vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos. É a mais pobre gente que cuido há no mundo, falo dêste daquí, porque ele não tem cousa alguma, scilicet, não tem algodão, nem peles, nem redes, nem tipóias, nem fio, nem arcos, nem frechas, tudo isto lhes trazem os Arachãs; e daquí lhes vem serem a mais preguiçosa gente que se pode achar, porque desde pola menhã até noite, e toda a vida, não têm ocupação alguma: tudo é buscar de comer, estarem deitados nas redes. Em todas estas 50 léguas não [há] terra preta, nem vermelha, nem cá a vi, tudo são areais e de areia mui miuda. E ainda que há algumas serras e oiteiros, tambem são de areia, mas dá tudo o que lhe prantam. E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera a mandiiba; mas com o cabo de cunha, com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e alí metem o pau da mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e, assim machucado e ferido, o mete.

Tem o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho, outros três favas e abóboras, outros três alguma mandioca, e os outros três comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria. E tudo isto lhes nasce de pura preguiça, e de se contentarem com comerem quanta sujidade há. As abóboras, aipís, batatas, comem com tripas, pevides e casca, e tudo quentíssimo. E por nenhuma via se lhes há-de perder cousa que no chão lhes cáia, ainda que seja um grão de milho, ou feijão, ou grão de farinha: tudo hão-de alevantar e comer, quer seja seu, quer alheio. Nenhum comer comem por gôsto, senão por en-

cher a barriga. E assim todos têm dentes danados por comer tudo queutíssimo e cheio de areia. Não comem mingau, nem pimentas, nem juquifaia, nem sal, com estarem junto do mar, e se lho dão do reino, comem-no. O peixe e a carne comem mal-cozido; cozem o peixe sem escamar, e sem-no lavarem, cosido em água chilra. E é o peixe de cá ordinariamente tão magro que se o lançarem a uma parede pegara. Os pássaros, mal depenados, abrem-nos polas costas, e sem os lavarem os poem sobre as brasas. E assim os comem. Há muita caça, mas de preguiça a não vão matar. Os dias passados indo à caça pelo campo, mataram duas antas; e logo lá, cada um por onde pode corta; e pedindo-lhe um índio um pedaço pera nós, respondeu-lhe o senhor da carne:

— *Tambem eu tenho boca como os Padres.*

E não-na deu.

VIDA SOCIAL

De nenhuma qualidade convidam uns aos outros, nem ainda aos que vêm de fóra. E assim quem há-de caminhar há mister que leve com que compre o que há-de comer, porque nem aos próprios parentes e da sua casa hão de dar nada sem trôco. E dizem:

— *Vão-nos eles buscar.*

Não se ajudam uns aos outros; e bem pode um estar com um pau às costas, arrebentando, sem nenhum o ajudar, antes se estão rindo. E se lhes dizeis:

— *Vai ajudar aquele.*

Dizem-vos:

— *Tenho preguiça.*

Os dias passados estava um índio fazendo uma canôa com assaz de trabalho, por ser só. Dizendo eu

a um seu irmão, porque não vais ajudar a teu irmão, respondeu:

— *Porque tenho preguiça.*

Dizendo-lhe eu que me não parecia bem, respondeu:

— *A mim parece muito bem.*

Tornando-lhe a dizer:

— *Pois a Deus não parece isso bem.*

Respondeu:

— *Ixebo* [*ixabo?*] *iporanga tueta tecatunha.*

No vício da carne são sujíssimos, scilicet, têm muitas mulheres, têm as sobrinhas por mulheres, duas irmãs suas madrastas, as filhas das mulheres, suas anteadas, têm tambem por mulheres, as netas, filhas de suas verdadeiras filhas, e alguns têm por mulheres as próprias filhas. E o que mais espanta [é] haver índia que têm dous maridos, e destas muitas; e ambos estão juntos com elas. E porque um destes se apartou de uma pera casar com outra, o consorte teve mão nele pera que a mulher lhe desse umas poucas já que se apartava dela pera tomar outra. Outros há que deixam andar as mulheres por onde e com quem elas querem. Dizem que são angaturamas. E por isso não fazem *nherana*. E outros que têm as próprias filhas, que fizeram, por mulheres.

FALTA DE LIMPEZA

Em todas as cousas são sujíssimos. Na própria fonte, donde bebem, lavam os pés, lavam peixe e as redes. E não há uma hora que umas meninas foram à fonte, que está aquí pegada com o nosso tejupar; e, vendo-as eu tornar sem água, por curiosidade fui ver a fonte, e estava cheia com uma sujíssima tipóia. E

por aquí podem ver suas limpezas. Suas roupas, redes e tipóias lavam desta maneira: botam tudo no chão ou em cima de alguma pedra; e em cima uma pouca de cinza. E com água fria molham o que querem levar. E com os pés pisam muito bem, nem mais nem menos, do que pisam as uvas em Portugal e mais depressa. E depois a deitam a enxugar cheia de cinza. O seu fazer da farinha é ainda mais sujo; e se o não víramos com os olhos, muitas vezes, não-no crêramos, posto que nesta matéria de sujidade tudo se pode crer destes. E assim diz o Padre que são muito peiores que os tapuias.

Não comem farinha relada, nem tem espremedores, nem *tatapecoabas*, nem o sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma cova na areia, do tamanho de meio barril, fóra da casa, põe-lhe umas folhas debaixo e alí a botam; e toda a que cai na areia com a mesma areia a botam com a outra; e quando cansam põem o pilão na areia; tornando a socar leva uma boa cantidade de areia, com outras sujidades que não são pera escrever; e coberta com umas folhas e com areia a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e, pisando-a em um pilão, a desfazem e põem em uma *urupema* ao sol; e depois a cozem, mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crús, que parecem *minocurueras;* e com tanta areia, que se não fôsse a necessidade, ou se houvera outra, ainda que não tão bôa, se não comera.

Há muito pouco mel; e pelo mesmo caso não há cera nem nós dizemos nunca missa com duas candeias, salvo nas festas; e essas de Portugal. E aos brancos que estavam em *Ararunguape* mandava o Padre pedir alguma cera.

ESCRAVIDÃO E ANTROPOFAGIA

E' esta gente atreiçoada, e de dous rostos, porque o que dizem à noite, ao outro dia fazem o contrairo, e não se pode fiar deles; quando entram em casa a nada estão atentos do que se lhes diz; tudo é olhar e dar fé de quanto está em casa, e quanto vêem tudo pedem ainda que lhes não sirva pera nada. E parece que as lágrimas lhes saem pelos olhos com o desêjo daquilo que vêem. E se lhes dizemos que já não temos anzóis, facas, dizem: *sim tendes, ou ainda tendes mais.* E como em tudo nunca falam verdade e são a mesma mentira, a nada dão crédito. Um moço de Boipitiba entrou em nossa casa dizendo ao Padre:

— *Mande-me abrir aquelas canastras.*

E dizendo-lhe o Padre:

— *E tu pera que queres ver?*

Respondeu:

— *Quero ver o que vem nelas pera lá o dizer a meu principal.*

E tudo isto lhes nasce de serem cobiçosíssimos. E poucos dias havia antes que nós aquí chegássemos que um índio, que vinha com um branco a trazer-lhe um pouco de resgate até o navio, estando ele dormindo lhe deu uma bôa com uma fouce pola cabeça por lhe tomar o resgate que trazia. E a cada passo roubam aos brancos, e os ameaçam. Mas a cobiça lhes faz logo esquecer tudo. E daquí vem a venderem-se uns aos outros com tanta crueldade, sem terem respeito às pessoas, que vendem, serem suas parentas ou não. E assim vendem a varejo quantos podem, scilicet, sobrinhos, sobrinhas e até alguns rapazes de menos de 15 anos têm ousadia pera venderem. Depois que aquí chegamos, té houve índios que venderam seus próprios

enteados, a própria mulher, outros vendem as verdadeiras sobrinhas porque não querem andar com elas, outro por se contentar de uma mulher casada, pera a haver, vendeu-lhe o marido. Outro pobre moço, estando pescando, vem outro por detrás e dá com ele no navio. Outro, senhor de uma casa e de bois, vindo vender um, foi alí vendido doutro. E o pobre, diz que chorava, dizendo muitas lástimas; e uma delas era que sendo principal de uma casa e tendo muitos criados, se via assim vendido. Isto me contou um branco que se achou presente. E está um branco vendo isto e não tem piedade!

Mas Nosso Senhor que é justo juiz permitiu que vindo este pola práia, ainda que amarrado, quebrasse as cordas e se lhe acolhesse. Outro está ou outros estão aquí, que venderam suas próprias madrastas, mãis de seus irmãos, estando ainda seus pais vivos. E que haja brancos que ousem a dizer ser lícito este resgate, que digo brancos: que haja religiosos que prèguem no púlpito que são os Patos gordos, e que bem se podem comer, e que haja Prelado que mande cá navio a tal resgate, mêdo tenho que hão-de achar alguma hora assaz de magros os Patos, que agora acham gordos! E permita Deus não lhes aconteça o que, em Almeirim, aconteceu a um que, mandando-lhe o médico que comesse dieta zombou disso, mandando concertar um pato, o qual comido, sarou. Mas perguntando o médico como se achara tão depressa bem, sabendo a causa disse à mulher:

— *Senhora, vosso marido comendo um pato sarou; pois olhai não coma outro, porque não morra.*

E assim foi, que tornando a recair, disse à mulher:

— *Mulher, já sei como esta minha enfermidade se cura; matai-me vós um pato, e crede-me.*

E assim o fez, e morreu.

E assim tenho mêdo aconteça a muitos dos que cá vêm...

Nós estamos espantados de se não pôr algum remédio nisto. E é de crer que se Sua Santidade e Sua Majestade isto soubessem que dariam algum, por se não fazerem tantas ofensas a Deus, porque, que razão há pera que se diga serem estes resgates lícitos, que poder tem ninguem pera me vender, e que poder tem o branco pera me comprar, de quem me não pode vender? Aquí não há senão pôr olhos no céu, e aos pés juntos crer o que crê a Santa Madre Igreja!

Já se venderam estes quantos tapuias tomam e comem, ainda que não são escravos, pelos livrarem da morte tiveram alguma desculpa! Digo, ainda que não são escravos, porque dizem estes: nós somos os que andamos aos saltos e à guerra a eles, que eles nunca vem a nós; mas é esta tão má gente que pelos comer, antes vendem seus parentes; e assim no comer carne humana são peiores que cães. E nem abasta tratarem com os brancos, nem serem muitos deles trazidos polos nossos Padres, nem terem já notícia das cousas de Deus pera se quererem apartar de a comer. E como os tapuias não estarão mais de 9 ou 10 léguas destes, todo ano e toda a vida andam aos saltos a eles, porque todos os meses vão a eles. Mas não há muitos dias que os tapuias os tomaram em uma cilada e mataram uma bôa soma deles.

Bem trabalhamos pelos tirar de tal trato. Parece não ser ainda chegada sua hora ou que tem alguns grandes pecados por onde não merecem ser ouvidos do Senhor, porque quem vende sua própria madrasta que o criou e está comendo tapuia, que pudera vender, para fartar parte de sua cobiça, não parece estar capaz pera ser ouvido do Senhor, quanto mais quem vendeu sua própria mãe!

CASAS E INSECTOS

As casas dos índios, como não haja terra, são todas de *jeçara* a pique. E da mesma maneira a nossa casa e igreja, que depois de seca, fica a casa tão clara, que não tem necessidade de abrir as portas. E assim dizíamos muitas vezes missa com a porta fechada, e comíamos sem abrir a porta, vendo da mesa quantos passavam e o mesmo nos viam de fóra. E como os ventos cá são grandíssimos de dia nem noite estávamos sem ele.

Há nesta terra grandíssimo número de imundícias, scilicet, bichos dos pés e muito mais pequenos que os de lá, de que todos andam cheios. E alguns meninos trazem os dedinhos das mãos, que é uma piedade, sem haver quem lhos tire. E um dia destes disse o Padre a uma índia que tirasse os bichos a uma sua filha. Respondeu: *çocoateim cece*. E não lhos tirou. E nós tambem que estes dous anos bem os sentimos. Pulgas não se pode crer, se se não experimentar, como nós experimentamos estes dous anos, assim no verão, como no inverno, porque grande parte do dia, se nos ia em matar pulgas. E elas foram a perdição de nossas camisas e ceroulas, que pareciam as pintas do sangue delas como pele de lixa. E a mim me aconteceu, por curiosidade, contar as que em uma noite tomei em mim, às apalpadelas, e chegarem a um cento, e pela menhã, ao sol, matar no cobertor trezentas e sessenta e tantas, com cada dia as matar. Agora vejam que podiam fazer 460 e tantas pulgas, afóra as muitas que fugiam. E daquí vinha a dizer o Padre, que não havíamos de adoecer, polas muitas sangrias que as pulgas nos davam; mas eu, pelo contrairo, dizia que elas tiravam o

sangue bom, deixando o mau; mas não é de espantar haver tanta imundícia por tudo serem campos e areais, e haver infinidade de cães, de que estes são mui amigos, e principalmente da sujidade destes Carijós, os quais aonde a vontade de oirinar os toma, aí o fazem, scilicet, na rede, onde estão comendo, na porta, dentro em nossa casa, falando com homem, e muitas vezes nos nossos pés com as mãos e braços encruzados sem atentarem o que fazem nem se darem por achados de tal sujidade. E o que neste particular mais espanta é, que vem de sua casa pera a doutrina, e vêm oirinar a porta da igreja; vêm do mar, ou de buscar lenha, e vêm oirinar no lumiar da porta; e vêm de sua casa pera falar conosco, e vêm-nos oirinar à porta. E esta é a causa de haver tanta imundícia.

Além desta, há outra praga de grilos que nos destruiram os vestidos e livros, e são tantos, que matando cada dia grandíssima multidão, um dia por curiosidade quis contar os que tomamos e contei quinhentos e tantos; e ao outro dia creio foram mais, e se queria tomar 40 ou 50, às apalpadelas logo os tomava.

Mas sobre tudo isto, as baratas, que havia, não se pode crer, porque o altar, a mesa, a comida, e tudo, era cheio delas. E o Padre todos os dias tomava na sua carapuça um monte delas e com armadilhas todos os dias tomávamos milhares e parece que sempre cresciam, até que chegou seu santiagó, que foi dia de Nossa Senhora da Visitação que queimamos a igreja e assim pagaram.

QUALIDADES BOAS

Mas porque não seja tudo contar manqueiras e costumes de gente que não tem fé, quero agora também contar algumas cousas de edificação que entre eles

vimos. Primeiramente é gente boa de contentar, nem se toma de lhe darem menos que a outros. Não são ladrões, (98) que pera gente tão cobiçosa, é cousa mui notavel, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos de vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que cem destes não fazem a matinada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheias deles, bebendo, parece que não está alí ninguem. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando; quando vêm de fóra, que hão de beber, já de lá vêm todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritas, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho. E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cúia, e um índio anda com uma cuiaba cheia de vinho, e, com outra pequena, vai lançando nas cuias, que eles têm na mão, cantidade de um ovo; e assim nunca se embebedam. As índias não bebem, que é a melhor cousa que cá vimos. São naturalmente acanhados, gente pera pouco, maviosa, afeminada, fóra de todo gênero de trabalho. Se tiverem mêdo far-se-á muito com eles pera as cousas de Deus.

ADORNOS

Todas suas riquezas e felicidade é terem muitos cabaços e muitas cuias, e assim entrar em suas casas é entrar em uma tenda, mas de cabaços, terem muita conta-

---

(98) Não há contradição. Quando antes se dizia que eram ladrões, tratava-se de saltos, para *se venderem* uns aos outros; aqui diz-se que não são ladrões, isto é que não roubam *as coisas* uns dos outros.

ria, e, assim, em suas festas, andam carregados delas. As mulheres as trazem nos pés e nos colos das mãos, e nos buchos dos braços, e ao pescoço, e às vezes tantas que as faz andar com o pescoço baixo com pêso; e por dous, três fiinhos de contas dão uma tipóia, e por um anzol uma galinha, a qual estimam mais que a saude de suas mulheres e filhos. Aquí aconteceu estar uma mocinha de parto e já muito mal, que cuidamos que não escapasse. Nunca o Padre pode acabar com seu marido que lhe matasse uma galinha pera ter força e botar a criança, dizendo: *Açauçub xerenbaba,* a qual dá por um anzol.

E assim mal e por má cabo lhe cozeu um ovo, em uma panela tão grande, que bem cabia alí dizer-se, grão de milho em boca de asno.

Estimam muito os moumas, que levam pera Angola, e outras que são como canudinhos que deita o mar fóra. E vão-nos buscar daquí a mais de 70 léguas. E com estas contas hão quanto querem dos Arachãs.

No comer da carne humana não há que falar, pois, que pola comer, vendem seus parentes, e são nisso peiores que as mesmas onças; no matar dos tapuias são crudelíssimos. E nos que trazem vivos a suas aldeias neles fazem seus filhos cavaleiros, scilicet, um índio grande lhe dá a primeira no toutuço, derribando-o. E isto com muitas festas, e muitas ceremónias. E depois de caido no chão, todos os meninos de seis, 7, 8, 9 anos, às pancadas, com a espada, lhe estão quebrando e machucando a cabeça e tomando nome. O que acabado sarrafam os pobres moços, mártires do diabo, e os escalam desde o pescoço, até as nadegas, com grandíssima crueldade. E dalí a um ano, pouco mais ou menos, jejuam todos os dias, não comendo carne, nem peixe, nem passáros senão alguns legumes, sem cortar o cabelo, o que acabado, com grandes festas e ajuntamentos, enfeitam aos moços, carregam-nos

de contas. E fazem seus vinhos. E dalí por diante ficam cavaleiros e desobrigados do jejum. Os Arachãs trazem o cabelo comprido como mulheres, e as mulheres trazem corôa como clérigos de missa, e algumas maiores. E deixando crescer o cabelo, como o de mais é comprido pera o chão, o círculo da corôa vai pera o céu. Vejam agora o que parecerão.

SUPERSTIÇÕES

Não costumam a fazerem caminhos, como os tapuias. São emperradíssimos: e se querem querem, e senão acabou-se. Quando matam algum dos seus, tiram-lhe as tripas pera que lhes não venha mal, metendo-as em um tujuco. Se algum toma algum tapuia e outro dos seus lho pede pera lhe quebrar a cabeça, por este benefício, que lhe faz em lho deixar matar, se obriga a lhe obedecer e a servir dalí por diante em tudo o que o quiser ocupar, ainda que seja vendê-lo, que tanto é o desêjo que têm de matar. Se lhes vem a vontade, tomam as mulheres uns aos outros, e largam as suas, quando querem. Têm muitas feitiçarias e agouros, e, todas as vezes que hão de ir muitos a alguma parte, hão de levar feiticeiro consigo.

Têm um a que chamam *yeroquig*, que dizem ser um anjo, que veio do céu. E a este dão grande crédito. E este é o da sua santidade. Aqui tinha um índio cristão uns dous ou três maracás, mui guardados, que eram de muitos anos, em que parece lhes falava o demónio, os quais, havendo-os o Padre à mão, seu dono vinha depois perguntar que era o que lhe falaram os maracás. Mas eles, sem falarem, foram ao fogo.

Muito papel houvera mister se me pusera a escrever de-propósito as cousas destes Carijós. Mas basta sa-

ber, conforme ao que diz o Padre, que tem mais experiência dos índios, que não se tem achado tão ruim gente no Brasil. E se os brancos dizem serem os Carijós bons, é porque se lhes vendem. E até os mesmos Carijós estão dizendo: — *porque lhes vendemos nossos parentes dizem que somos bons.* E um índio Cristão, que connosco veiu, dizendo sempre mal de seus parentes, dizia que, estando lá entre os brancos, eram bons. E isto mesmo experimentamos nós neste cristão, que depois que cá se viu entre seus parentes foi mui diferente do que ao princípio mostrou. E se querem saber que gente são os Carijós, este mesmo índio cristão, antigo entre os brancos, tinha, e tem cá um irmão cristão. E em espaço de dous anos nos não disse ser o irmão cristão; senão depois que o Padre o soube de outros, confessou ser cristão, e nunca foi homem pera dizer ao Padre procurasse a salvação de seu irmão, e com ir algumas vezes a sua casa, que não estava de nós muitas léguas, nunca o trouxe pera ouvir a palavra de Deus; antes dizem que o irmão lhe dera um pouco de milho e feijões, porque o não descobrisse. Eis aqui quais são os Carijós.

E na mesma Aldeia estavam tambem dous ou três cristãos sem se quererem descobrir havendo mais dum ano que entravam na igreja, e ouviam falar em ser cristão e um era cunhado deste mesmo.

O MODO QUE TEM OS BRANCOS EM SEUS RESGATES

O lugar, aonde os brancos vão resgatar, são dous rios que estão além da Laguna dos Patos, scilicet, Ararunguaba, e Boipitiba. Entrando pois os navios na Laguna, que é boa barra e segura pera qualquer negócio que suceder, mandam logo recado ao Tubarão, ou qual-

quer de seus irmãos, que são por todos quatro ou cinco. E nenhum deles é principal, nem no há em todo êste distrito, mas todos eles são feiticeiros, e por isso temidos dos outros. Estes Tubarões são todos tiranos, ladrões, e grandíssimos vendedores de seus parentes, e como os brancos não pertendam deles mais que venderem-lhe seus parentes, ou sejam causa de outros lhos venderem, a estes tem por seu ninho de guincho, e destes sós fazem caso, e a estes dão suas dádivas. E que dádivas! Roupetas e calções de damasco, raxetas, meias de agulha, camisas, chapeus forrados, aneis, cadeias de tiracolo de alquimia e todo género de ferramentas, contarias e resgates. E a estes não querem eles levar, nem ainda agravar em nada, antes os favorecem. E por causa destes não vieram os Arachães ter connosco, temendo que os vendessem, como continuamente fazem.

Isto presuposto, tanto que vai recado dos brancos, logo vem algum dos Tubarões, ou seu recado. E logo, por sua via, vão correios ao sertão dar novas de como estão navios na barra e que trazem muitas ferramentas, vestidos, e resgate, que tragam muita gente. E estão tão longe os Arachãs, aonde vai este recado, que as vezes põem, em ir e vir, três, quatro meses. E entretanto, os brancos trabalham por haver alguns dos tapijaras, e algumas redes e tipóias, que quanto é o aviarem-se depende dos que hão de vir do sertão, porque em vindo, em sete, oito dias se aviam porque não há mais que pôr alí o resgate e embarcar a peça. E se me perguntarem quanto dão por cada peça, a isso respondo, que não sei se chega a valia de mil e quinhentos reis. E como de feito não chega já.

O MODO QUE TEM OS ÍNDIOS EM VENDER

Tanto que chegam os correios ao sertão, de haver navio na barra, logo mandam recado polas Aldeias pera virem ao resgate. E pera isso trazem a mais desobrigada gente que podem, scilicet, moços e moças órfãs, algumas sobrinhas, e parentes, que não querem estar com eles ou que os não querem servir, não lhe tendo essa obrigação; a outros trazem enganados, dizendo que lhe farão e acontecerão e que levarão muitas cousas; e outros muitos vêm por sua própria vontade, com suas peles, redes, e tipóias, pera resgatarem com seus parentes o que tem necessidade. E a estes tais em pago de lhes trazerem de tão longe (que muitas vezes com a fome e cansaço morrem) o fio, redes, tipóias, e pelejos, vendem os Tubarões aos brancos. E os que vêm, apelidados pelos outros tanto que chegam ao navio, qual de baixo, qual de cima, o que menos pode dão com ele no navio. E assim vendem aos pobres com tão grandíssima crueldade sem lhe terem obrigação alguma. E podendo vender os tapuias, que tomam, antes os querem comer, e vender seus parentes. Depois que nós aquí chegamos houve algumas vendas lastimosas, scilicet, um mocinho estava pescando pera sua mãi, que vai agora connosco, veiu por de trás um destes Tubarões e tomou-o, e foi vendê-lo; outro pediu um moço emprestado pera lhe trazer um carrêgo ao navio, e, em pago disso, vendeu-o; outro vendeu dous filhos de sua mulher, que o mantinham e o serviam. E a pobre da mãi, quando isto viu, foi-se meter tambem no navio. Outro contentou-se de uma índia casada, e pera a tomar pera sua mulher, vendeu-lhe o marido. E destes a cada passo. Outro moço vindo aquí, aonde nós estávamos, vestido em uma camisa, perguntan-

do-lhe quem lha dera, respondeu que vindo polo navio dera por ela e por alguma ferramenta um seu irmão; outros venderam as próprias madrastas, que os criaram, e mais estando os pais vivos. E aquí nos contou um homem branco uma cousa lastimosa, que passou diante dele, e foi, que trazendo um índio, honrado senhor de uma casa e muitos bois, uma peça a vender, estando-a vendendo, veiu outro e ferra dele, e vende-o aos brancos; e o pobre diz que estava chorando e dizendo mil lástimas com se ver amarrado e vendido, sendo ele senhor de uma casa e estimado, e os brancos que tal consentiam. Por isso eu digo que os Patos que agora parecem gordos e que dizem poderem-se comer, virá tempo em que serão bem magros e bem amargosos. Este índio permitiu Deus que no caminho quebrasse as cordas com que vinha amarrado e se acolhesse.

Este é o modo que se cá tem no comprar e vender almas, que custaram o sangue de Cristo. E estas são as consciências dos brancos que cá vêm. Mas de que nos espantamos? pois os religiosos e vigairos e administrador e governador do Rio etc. mandam cá e com esta capa se defendem os que cá vêm, dizendo que têm mulher e filhos, e que, se os sobreditos cá mandam, quanto mais eles!...

E por esta causa nos pareceu *in Domino* não se poder fazer nada com estes, assim pola pouca ajuda que dos brancos temos, antes muita desajuda, como por estes estarem tão metidos nestas vendas e cobiças, e não termos força para os podermos sujeitar à lei de Deus, o que se pudera facilmente fazer se tiveram de quem haver medo, por ser gente coitada e acanhada.

Agora tivemos novas que um principal Arachã se desconcertara com os brancos, acerca do resgate, que parece que um Tapijara lhe fez algum agravo, ao qual man-

dou queimar a casa e tomar-lhes as mulheres, e ele acolheu-se como dizem a unha de cavalo. E este principal disse aos brancos que se não espantassem se ele fizesse algum agravo àqueles Tapijaras, porque eles eram causa de ele nos não ver. E por diversas vezes soubemos como os Arachãs desejavam vir ver-nos, mas com mêdo daqueles Tubarões, que têm tapado aquele caminho não vinham, nem há outro lugar por onde possam passar pera cá (99).

---

(99) Termina aqui o manuscrito. Seguem-se umas breves notas ou lembranças do autor, para futuro desenvolvimento, que se não fez:

"Do que aconteceu com cª etc.

Não quiseram trazer cobertura pera a igreja sem paga, nem pera nossa casa

Do que aconteceu com Itacuruba

Do caso de Jaroaroba

Anhangari que o fossemos lá bautizar etc."

III

CARTAS DE VIEIRA

Em lingua portuguesa não há cartas que despertem tanto interêsse como as do P. António Vieira. Muito por inclinação natural, um pouco por dever de oficio, achamos o seu nome ligado, durante mais de meio século, a todas as grandes questões da época. O seu génio soube enunciá-las num estilo tão puro, que fazem das suas cartas, não só objecto de história, mas principalmente de literatura, e da mais alta.

As cartas de Vieira publicaram-se repetidas vezes, algumas ainda em vida do autor. Fêz a história delas, em breve compêndio, Lúcio de Azevedo, na Introdução aos 3 volumes de Cartas do Padre António Vieira, *estampadas na Imprensa da Universidade de Coimbra, 1925-1928. São êstes volumes o grande fundo da epistolografia vieirense, onde se concentraram todas as cartas conhecidas ou acessiveis ao compilador. A esta obra, utilíssima, trouxe valiosa contribuição Clado Ribeiro de Lessa com as suas* Cartas inéditas do Padre António Vieira, *opúsculo onde arquivou uma carta totalmente inédita de Vieira, outra parcialmente, dirigidas ambas a D. João IV. Francisco Rodrigues, ilustre historiador da Companhia de Jesus em Portugal, indicou já a existencia de outras cartas, no estudo* O P. António Vieira — contradições e aplausos, *com que criticou a* História de António Vieira, *de Lúcio de Azevedo. Temos fundada esperança de que êle se encarregue de desvendar e publicar um dia as que porventura encontre, referentes a Portugal.*

Por nossa vez, e pelo que toca ao nosso campo de estudos, o Brasil, pudemos até hoje descobrir e identificar, como pertencendo-lhe, 26 cartas. Destas cartas inéditas de Vieira, nove são em português, uma em castelhano e as restantes em latim. Na sua maioria as cartas latinas são do periodo em

que êle ocupou o cargo de Visitador do Brasil (1688-1691). Sumamente úteis para o conhecimento da vida interna da Companhia e de Vieira, nêsse periodo, carecem naturalmente, pois são em latim, do encanto linguístico das portuguesas. Uma delas contudo, queremos anotar, desde já, datada da Baía, a 12 de Julho de 1697 (Bras. 4, *31-31v*). *Moribundo, que não abatido, Vieira fala ainda de projectos, e elogia o P. António Maria Bonucci, seu auxiliar na* Clavis Prophetarum. *Seis dias depois o remetente da carta deixava de existir. Foi a última. Dentro dela escreveram*: obiit eodem mense die 18 Iulii Bahyae (*"faleceu no mesmo mês, dia 18 de Julho, na Baía"). Em Roma, o memorial resumido, que habitualmente se faz para o Padre Geral, tem estas simples palavras, a indicar um pensamento supremo:* Semi-mortuus nutui voluntatis P. V. obtemperabit *("meio-morto seguirá o aceno da vontade de V. P.") — digno remate religioso, bem expressivo e comovente, dum Jesuita, que verdadeiramente o era, sem deixar de ser também português — e o mais ilustre do seu tempo.*

As cartas de Vieira, em vernáculo, as que agora mais nos interessam, são nove. Possuimos a fotocópia de sete. A guerra na Europa, retardando o serviço do Arquivo Geral da Companhia, *impediu que recebêssemos até agora duas. Imprimimos as sete, não suceda que, sob pretexto de esperar que o regalo aumente, vá a gente passando fome entretanto, privando-nos do que já possuimos, que também é regalo.*

Das duas cartas de Vieira, ausentes, conhecemos o conteudo genérico:

1.ª, da Baía, a 27 de Junho de 1685, ao P. Assistente em Roma. Informações sobre diversos Padres, etc. (Bras. 3 (2), *208-209*).

2.ª, da Baía, a 8 de Julho de 1690, ao P. Geral. Vieira pede que António Navarro seja admitido no Seminario dos Ibernios ou Irlandeses, de Lisboa (Ib., *288-288v*).

Serão autografas? As três primeiras cartas, com a assinatura de Vieira, são os próprios originais enviados a Roma. Nas quatro últimas não há assinaturas. Devem ser rascunhos ou cópias, tão limpas são. Autógrafas também? Peritos, a quem consultamos, pronunciaram-se mais pela afirmativa. Permanece ainda assim uma dúvida. Aquela carta de Vieira, escrita seis dias antes de morrer, apresenta ares tão parecidos com as restantes, apesar de permearem 35 anos, ou mais, entre si, que nos preguntamos se não serão também elas do seu secretário o P. José Soares, como esta certamente é. Por outro lado, na Relação dos Sucessos do Maranhão, *achamos o V grande, ali escrito, tão igual, no corte, ao da assinatura de Vicira, que renunciamos, por emquanto, a uma solução definitiva. Sirva-nos de consolo o facto de Lúcio de Azevedo ter sentido a mesma dificuldade. Do seu exame aos originais concluiu que nem todos são do punho de Vieira, "não sc podendo seguramente descriminar se escreveu êle as missivas, as ditou ou deu a outrem o rascunho para pôr a limpo"* (Cartas, *I, p. X.). Não se infirma com isto a autenticidade das cartas, sabendo-se, por outras vias, que Vieira usava habitualmente de amanuense e que José Soares foi, desde 1661, seu secretário perpétuo e fiel.*

Das cartas do grande escritor, umas tratam unicamente de Portugal e da Europa, outras do Brasil. Neste livro só as últimas caberiam. Por fortuna, com flagrante homogeneidade, vcrsam todas sôbre o período mais brasileiro da vida de P. António Vieira, quando êle, nas terras do Nordeste e Grão-Pará, ia criando uma civilização, defendia a liberdade, sonhava com o "Encoberto" e revelava ao mundo, por meio da sua pena maravilhosa, as maravilhas da Serra de Ibiapaba, da Ilha de Joanes ou do Rio Tocantins. E ao mesmo tempo (é o que nos dirão estas cartas...) ia lutando com ardor e padecendo também as contrariedades inerentes a todas as grandes obras e a todos os grandes homcns...

1.

Ao Provincial do Brasil

Do Maranhão, 1 de Junho de 1656 (100).

VIAGEM DE LISBOA AO MARANHÃO — ARRIBADA — P. LUIZ FIGUERA — MISSÃO DO MARANHÃO — DO AMAZONAS AO CEARÁ — DESCIDA DE TUPINAMBÁS — SUPERIOR E VISITADOR — UNIÃO COM A PROVINCIA DO BRASIL — ENTRADAS — EXCELÊNCIA DA MISSÃO — CATECISMO TUPÍ — COLÉGIOS, CASAS, ENGENHOS E CURRAIS DO BRASIL — NECESSIDADE URGENTE DE PADRES — MEIOS DE SUSTENTAÇÃO.

Pax Christi: Parti de Lisbôa para tomar a Ilha da Madeira e daí dar conta a V.ª R.ª do sucesso dos negócios a que tinha ido, mas, na primeira noite perdemos vista da frota, e não foi possivel tomar a Ilha. Chegado a este Maranhão, mandei logo um correio por terra, com o mesmo aviso e do estado em que ficava a missão e execução, que se tinha dado às ordens de S. Magestade. Pela tardança e contingência do correio, e pelas duvidas de haver chegado, e outras causas de grande importância, pareceu a todos os Padres que, assim como eu tinha ido a Portugal, fosse tambem à Província, a informar plenariamente a V.ª R.ª e ajustar muitas

---

(100) *Bras. 26*, 6-7 v. O Padre Vieira não sabia quem era o Provincial, a quem escrevia. É êle proprio quem o diz, mais abaixo. Tinha sido o P. Francisco Gonçalves, que pouco depois foi Visitador do Maranhão; e era já, à data desta carta, Provincial do Brasil, Simão de Vasconcelos — o cronista.

cousas, que de longe se não podiam dispôr como convem; mas não foi Deus servido que esta viagem tivesse efeito, porque a cabo de sete semanas tornei a arribar, por faltarem este ano monções, que nesta costa são ordinárias. E assim é força dizer a V.ª R.ª por escrito, alguma parte do que havia de representar em presença, sentido de que haja de ser o intérprete de nossas necessidades, e solicitador de seu remédio um papel que, sobre dizer pouco, não sabe responder ao que lhe perguntam, nem satisfazer ao que lhe replicam. O estado da missão, em suma, é ser ella a maior em número de almas, e a mais disposta a receber os meios da salvação, de quantas hoje tem a Igreja. A cultura de toda esta grande messe nos está encarregada por S. Majestade não sem grande sentimento e emulação de outras Religiões; e nós a procuramos, e aceitamos toda, porque assim se supôs ao princípio, e assim o fez o Padre Luiz Figueira, (101) e assim pareceu a toda esta missão, *nemine discrepante*, depois de nos mostrar a experiência, que doutra sorte não se podia conseguir o fim a que tinhamos vindo.

Na conformidade desta resolução, estamos hoje de posse de todas as Aldeias de Indios já cristãos ou confederados com os Portugueses desde o Rio das Amazonas até o Rio da Cruz, ou Camuci, que é perto do Ceará, aonde tambem partiu um Padre a tomar posse daquelas cristandades, e, por arribar o barco, não teve efeito, posto que já estamos reconhecidos por cartas dos Principais daquelas Aldeas, e indios, que a isto enviaram.

---

(101) Luiz Figueira naufragou, como é sabido, na costa da Ilha de Marajó, sendo devorado pelos indios, em Julho de 1643. Jesuita português, célebre como missionário e como escritor. A "Arte de Grammatica da Lingua Brasilica" e algumas das suas relações andam impressas. Mas ainda se conservam alguns escritos seus, inéditos. Foi o primeiro missionário do Rio Xingú (*Bras. 8*, 501-504).

Estão estas Aldeas em distância de quatrocentas léguas por costa, em 8 Capitanias diferentes, e posto que as distâncias sejam tão grandes, e nós tão poucos, foi força dividirmo-nos logo a tomar posse de tudo, porque havia Religiões que se queriam intrometer a entrar em algumas das ditas Aldeias, de que se seguiam gravissimos inconvenientes aos progressos e conversão da missão, os quais pareceu que se deviam atalhar, à custa de qualquer trabalho, como se fez. Afora estas Aldeias, descemos este mesmo ano, por ocasião tambem forçosa, mais de mil almas de Tupinambás, que são os principais indios de toda esta costa; e com eles, e por outras partes, vieram muitos Principais, de outras mui populosas nações, uns a pedir Padres para as suas terras, outros a oferecer-se a descer para nós, os quais todos imos entretendo até haver com que lhes acudir.

O de que ao presente necessitamos, com necessidade extrema, é primeiramente de um Superior de virtude, letras, experiência, e exemplo, o qual venha visitar esta missão e tomar inteira notícia dela, e dar-lhe a forma que mais convenha. E ha de vir este Superior da Província, e não fazer-se dos que cá estão. O P. Manuel Nunes, ainda que tem muitas e boas partes juntas, entendem quasi todos e os melhores desta missão, que lhe faltam algumas mais essenciais para ela se fundar com o espírito, que lhes é necessário. (102) E os demais por falta de idade, letras, e experiência, estão ainda muito verdes para saberem mandar, e folgarem os outros de lhes obedecer.

---

(102) Manuel Nunes, apesar disso, veio a ser Superior da Missão do Maranhão, em 1665, cargo aliás para que estava destinado, desde o começo, se não tivesse chegado Vieira, de Lisboa (*Bras. 26*, 2). Lente de prima de Teologia, em Portugal, diz o mesmo Vieira (Lucio de Azevedo, *Cartas*, I, 554-555), prestou relevantes serviços no norte do

A segunda cousa de que necessitamos igualmente, e em certo modo ainda mais, é de um grande número de bons sujeitos, que venham assistir com estes indios, os quais sem assistência não podem ser governados, nem ainda doutrinados como convem, e, sendo assistidos dos Padres, é grandíssimo o fruto que se faz em suas almas, com que não só eles se salvam, mas se fazem instrumentos aptos para por seu meio reduzirmos muitos outros, e só nesta forma se grangeia com eles o amôr e fidelidade, sem a qual não é bem que nos metamos tresentas, e quatrocentas léguas pelo Sertão, sem outra defensa mais que a de sua companhia, nem outro seguro mais que o de sua verdade.

Não gasto mais palavras em encarecer estas necessidades, porque elas por si se encarecem e recomendam; temo-me porem muito que as da Província, por estarem mais perto, nos levem a bençam, e que, por se acudir a elas, deixemos nós de ser socorridos, e que não falte quem assim o julgue por justo e conveniente. Contudo espero em Deus que o não hão de entender assim os mais zelosos de seu serviço, e glória, e os que considerarem neste caso as forçosíssimas razões, que estão pela nossa parte, das quais eu só quero apontar quatro, não porque pareçam necessárias, mas para satisfazer à obrigação de quem requere com justiça.

A primeira é que se deve supôr na Província que a missão do Maranhão é parte tão sua, como todas as ou-

---

Brasil, fazendo várias entradas, nomeadamente ao Rio Tocantins. Compôs também um catecismo dos Nheengaibas. Manuel Nunes "o velho", para se distinguir doutro Padre de igual nome, mais novo, morreu afogado, junto à Aldeia de Maracanã (Pará), no fim de Novembro de 1676. Cf. *Livro dos óbitos do Colégio de S. Alexandre*, Bibl. Nac. de Lisboa, Col. Pomb., 4, f. 3; *Hist. Soc. 49*, 63v; Bettendorff, *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (Rio 1909) 309-312.

tras, de que ela se compõe, tanto assim que suspeitando-se que o Padre Luiz Figueira a queria desunir, pelos impedimentos das guerras de Pernambuco, a Província acudiu a isso em Roma e não o consentiu; e suposto que o Maranhão é tão parte da Província como S. Paulo, Espírito Santo, Ilhéus, Pernambuco, Rio de Janeiro e como a mesma Baía, porque se não ha de acudir ao provimento destas casas, destas Aldeias, e destas Missões, como ao das outras missões, das outras casas, e das outras Aldeias? E porque havemos de estar, como estamos, ha mais de tres anos sem ser visitados da Província, nem ela se lembrar de nós, como se não fôramos seus filhos, nem lhe pertencêramos?

A segunda consideração, que se deve fazer sobre as necessidades, e as da Província, é que este ano lhe acresceram à Província 23 ou 24 sujeitos, sem os quais se conservou e sustentou, todo o ano antecedente; e se a Província se sustentou com 24 menos, tambem se sustentará ainda que desse número parta connosco a metade, remediando-se neste caso como se remedeiam as outras Províncias, quando a morte lhes tira ou a enfermidade lhes impede os mesmos sujeitos, que lhes eram necessários. É esta obra de tanta caridade obrigará a Deus a que lhe sustente aos demais, e lhe dê outros em seu lugar.

Quanto mais (e seja esta a terceira consideração) que na Província ha muitos sujeitos, que fazem pouco e cá podem servir muito; e sem lá se sentir a sua falta podemos nós ter deles remédio.

Finalmente ainda que na Província entendo, diante de Deus, que neste caso se devia contudo acudir antes ao Maranhão que aos ditos lugares, ou, quando menos, se havia de acudir a eles, com menos sujeitos, por socorrer o Maranhão com mais. E esta tenho pela mais viva razão e pela mais forte e eficaz consideração de

todas as que a V.ª R.ª e aos mais Padres da Província represento, a qual tenho por evidente, e manifesta por muitos princípios, que tambem quero pôr aquí.

1.º porque a obrigação de nosso instituto é viver aonde se espera maior serviço de Deus e ajuda das almas, e ninguem pode duvidar que no Maranhão não só se esperam, mas se estão experimentando maiores serviços de Deus, e maiores proveitos das almas, do que em todos os outros lugares do Brasil. E se neste caso houvéramos de seguir os grandes exemplos, que se lêm nas crónicas da Companhia, não se havia de entrar em dúvida se havia de ser o Maranhão socorrido, mas a questão havia de ser se seria bem deixar alguns lugares do Brasil para socorrer, com sujeitos deles, ao Maranhão.

2.º porque muitos dos ministérios, em que nos ocupamos no Brasil, são os comuns de todas as Religiões, como confessar, prègar e que elas tambem fazem, e podem fazer; mas os ministérios, em que trabalham os que estão no Maranhão, são os próprios e particulares da Companhia, para cujo fim especial Deus a instituiu, como são catequizar, bautizar, converter gentios, dilatar, e propagar a fé, e conhecimento de Cristo entre nações bárbaras, e estas ações, como tão especiais e singulares nossas, devem preferir às comuns, para que em toda a parte tem Deus tantos outros ministros.

3.º porque a Província do Brasil ha muitos anos, que está fundada, acreditada e conhecida, e, ainda que tire de si alguns sujeitos, pode-o fazer sem dano de crédito, nem da reputação, tão necessária para o bom efeito dos mesmos ministérios, que professamos. Pelo contrário, a missão do Maranhão está agora em seus princípios, e no fervor de suas perseguições, exposta aos olhos de todos, e muito mais arriscada a perder o crédito, e se perder, se não tiver sujeitos, com que acudir a suas

obrigações, ou se houver de ocupar nelas os que não tiverem suficiência, como ordinariamente acontece onde ha poucos, e nós já imos experimentando com grande dôr nossa.

4.º porque tendo-nos El-Rei encomendado estas Cristandades, e nós aceitado e tomado à nossa conta o cuidado delas, corremos obrigação de justiça de curarmos suas almas e acudirmos ao bem e remédio espiritual delas, sob pena de encarregarmos gravíssimamente as nossas. E estes encargos não concorrem em muitos dos ministérios, em que se ocupa a maior parte dos sujeitos da Província, a qual obrigação se deve muito ponderar pelo pêso dela, e eu, como tal, a represento a V.ª R.ª

5.º porque quando não tivéramos a obrigação de justiça, é certo a meu fraco entender, que temos, assim os desta missão, como os dessa Província a obrigação de caridade; porque a necessidade, em que todas estas nações estão, é conhecidamente extrema, e a mais extrema, que se pode imaginar, em matéria tão grave, como a da salvação; e se neste caso (posto que o não havíamos praticado) nos não obriga a caridade a antepôr o remédio e salvação destas almas a qualquer outro interesse temporal e ainda espiritual nosso, nenhum caso e nenhuma cirunstância ha no mundo, em que a tal lei de caridade obrigue; e a Teologia, que nessa Província aprendi, não me ensinou solução a este argumento, o qual fica ainda mais apertado, se se considerar o conhecimento desta necessidade, que em nós é maior, e se a este conhecimento se ajuntarem as obrigações de nosso Instituto, e ainda os fins, com que foram fundados e aceitados os Colégios dessa Província.

6.º porque se olharmos para a glória ainda humana, e honra da mesma Província, não ha dúvida que muito maior lha grangeiarão para com Deus, e para

com os homens os sujeitos, que mandar ao Maranhão, que muitos dos que sustenta e ocupa no Brasil; porque o ler um curso ou o fazer quatro sermões, não é o que nos honra, singulariza, ilustra, senão as conquistas da fé, e as almas convertidas a Deus, que é a matéria, que ha tanto tempo tem faltado à nossa Província e pela qual me perguntaram muitas vezes os Padres das nações, por onde passei, espantando-se de ouvirem tantas relações do Japão, da India, da China, do Paraguai, do Chile e das outras Províncias da América, e só do Brasil não se escrever nada; e pois esta Província ha tantos anos está na Companhia como emmudecida, por falta de matéria e não de quem trabalhe gloriosamente, hoje que Deus lhe tem metido em casa a maior empresa que teve a Companhia e por ventura a mesma Igreja, onde só o nome e número das nações bastaram para assombrar o mundo, porque não fará muito caso dela? Porque a não socorrerá com grande número de sujeitos, porque se não mandará visitar, alentar e formar? E porque não será este o seu maior cuidado e emprêgo, pois é o mais digno de todos?

Entendeu isto tanto assim a mesma Província, ainda quando o Maranhão só era conhecido por fama, que a esse fim principalmente mandou imprimir o Catecismo, como se diz no prólogo dele, e nem a morte do Padre Francisco Pinto, (103) nem a do Padre Diogo

---

(103) Natural dos Açores, primeiro missionário do Ceará, onde foi morto pelos Indios, na Serra de Ibiapaba, a 11 de Janeiro de 1611 (*Bras. 13*, 7 v; Lus. *58*, 18). Nome popular em todo o Nordeste do Brasil e dele tratam os historiadores e cronistas, que se referem àquela região e àqueles tempos. Do P. Francisco Pinto publicamos uma carta, datada de 19 de Maio de 1599, por onde se vê a parte eficaz que tomou na pacificação dos Potiguares da Paraíba e Rio Grande do Norte (*História da C. de J. no Brasil*, I, 521-525).

Nunes muito depois (104), nem o ruim sucesso do Padre Manuel Gomes (105) bastou para que desistisse da empresa, mandando o Padre Luiz Figueira, e o santo Padre Benedito Amodei (106) e depois outros companheiros, que todos acabaram com grande crédito da Companhia; e se a causa de se desistir destes socorros foi a guerra de Pernambuco, e o impedimento da costa, hoje que cessam estas causas, e ha tantas outras de tanto pêso, porque não veremos continuado ou ressuscitado este antigo conceito, e cuidado dos primeiros Superiores, que mandaram fundar esta missão? Porque a tratará a Província como cousa não sua, e aos que cá estamos como filhos alheios?

Basta, Padre Provincial (e folgo muito de não saber neste lugar com quem falo), basta, Padre Provincial, que ha de haver sujeitos para um Colégio no Espírito Santo, e sujeitos para outro Colégio em Santos, só porque houve quem nos desse alí de comer? E que ha de haver sujeitos para uma Aldeia de 20 casais, e

---

(104) O P. Diogo Nunes era natural de S. Vicente. Fundador, com o P. Manuel Gomes, da Missão do Maranhão. Voltando a Pernambuco, arribaram ambos às Antilhas, onde Diogo Nunes faleceu, na Ilha de São Domingos, em 1619 (Cf. *ib.*, II, 160-161).

(105) Manuel Gomes era português. A arribada forçada às Antilhas com o seu companheiro Diogo Nunes deve ser o "ruim sucesso", a que se refere Vieira. Das Antilhas passou a Lisboa, donde voltou ao Brasil. Temos dele algumas cartas inéditas sobre a viagem e o estado moral daquelas Ilhas. A 8 de Maio de 1639 era Superior de Santos (Gesú, *Coll. 20*, f. 29v-30). Faleceu no Rio em 1648.

(106) Siciliano, que embarcou em Lisboa, para a Baía, em 1609. Indo para o Maranhão com o P. Luiz Figueira, aí chegou em Março de 1622 e aí trabalhou e morreu, com fama de santo, a 5 de Novembro de 1647 (*Hist. Soc.* 47, 11v). Outro Catálogo (Roma, Bibl. Vitt. Em. fondo gesuitico, 3492/1363, n.º 6) dá o dia 10 do mesmo mês e ano.

que ha de haver sujeitos para os currais das vacas, e para as pescarias do Camamu, e que ha de haver sujeitos para um engenho na Pitanga, e para outro engenho em Cirizipe, e que se Deus nos der outro, tambem ha de haver sujeitos para ele (como é muito justo e muito conveniente que os haja), e que só para a missão do Maranhão, e para tantas e tão populosas Aldeias, e para tantas nações de gentios, que nos desejam, que nos chamam, que nos vem a buscar, não ha de haver sujeitos? E que quando não faltam colonos da Companhia às nossas fazendas, faltem à vinha e património de Jesus Christo comprado com seu sangue?

Não temo que V.ª R.ª me estranhe o falar assim, porque antes o temêra se dissera o contrário, como se degenerasse do zêlo, e dos ditames, que nessa Província me ensinaram, de que tudo o que digo não é mais que uma repetição, e como tal espero que seja de V.ª R.ª muito bem aceita, e interpretada com o mesmo animo e coração com que eu a represento, e com que amo os aumentos da minha Província sobre todas as cousas desta vida, como em muitas ocasiões da minha o tenho mostrado, servindo-a em mais negócios e de maior importância do que ela sabe, nem cuida; mas basta-me que o saibam vivos e mortos, que eu não trato de alegar serviços meus, senão procurar que o de Deus se não perca como sem dúvida se perderá, se V.ª R.ª logo logo nos não socorre com um competente número de bons companheiros, lembrando a V.ª R.ª que os poucos que cá estamos ainda somos menos no efeito do que parecemos no número, porque nem todos ajudam, e queira Deus que alguns não estorvem, como V.ª R.ª verá, por outras que vão com esta.

Só vejo que se pode perguntar o que hão de comer estes sujeitos, se vierem, e que se El-Rei deu renda para dez, porque havemos nós de ser mais de vinte?

Respondo que hão de comer o que nós comemos; e que ainda que venham muitos todos se sustentarão, como nós nos sustentamos; porque Deus dá para todos e o Rei o dará tambem, como mo tem prometido, dizendome por muitas vezes que venhamos e obremos, e então peçamos, e se nos dará tudo o que houvermos mister. Isto me disse El-Rei, e isto lhe disseram seus ministros. E verdadeiramente diante de Deus e dos homens o pedir, depois de estar servindo, obriga, e o pedir de-antemão ofende; e ninguem haverá que ame a Companhia e sua honra, que haja de intentar semelhante modo de requerimento, se conhecer o conceito que em todos os Tribunais do Reino se tem de nós nesta parte. Sendo pelo contrário certo, e certíssimo pelo conhecimento, que tenho, que se nos mostrarmos desinteressados, e verdadeiramente pobres de espírito (quais devem ser os que professam ir às missões, ainda sem pedir viático) os mesmos ministros, e tribunais, que hoje encontram as rendas à Companhia, hão de ser os que nô-las procurem e solicitem. Assim que este ponto do sustento não lhe dê a V.ª R.ª cuidado, porque eu o tomo por minha conta, e o seguro; e quando esta minha palavra por ser minha, faltasse, a de Deus nunca pode faltar; e ainda com o pouco que temos, feitas bem as contas, pode a missão sustentar até sessenta sujeitos, e cada vez poderá melhor, porque está provida, e se vai provendo de cousas, que lhe hão de durar muitos anos.

Mas vai sendo já mui grande este capítulo para a matéria de que trata. A dos outros encomendamos todos a V.ª R.ª com todo o afecto de nossas almas para que se não perca em tantas o preço do sangue de Jesu Cristo, que em pobreza as veiu remir e em pobreza as mandou salvar. A bênção, e santos sacrifícios

de V.ª R.ª e de todos os Padres dessa Santa Província pedimos todos.

Maranhão, em o primeiro de Junho de 1656.

De V.ª R.ª filho em o Senhor

António Vieira

2.

Ao P. Geral, Gosvínio Nickel

Maranhão, 10 de Setembro de 1658 (107).

RELAÇÃO DO MARANHÃO — MAPA DA MISSÃO — ORGANIZAÇÃO EM COLÓNIAS — DOTAÇÃO REAL — "IRMANDADE" DA PROPAGAÇÃO DA FÉ — NECESSIDADE DE MISSIONÁRIOS — PADRES LÍNGUAS — NATURAIS DA TERRA, FILHOS DE PORTUGUESES — LEIS E DECRETOS DE EL-REI — "TRIBUNAIS" DA PROPAGAÇÃO DA FÉ — RELIGIOSOS — O GOVERNADOR D. PEDRO DE MELO — NOVICIADO NA MISSÃO.

Muito Reverendo Padre Nosso:

Pax Christi: Em data de 10 de Fevereiro de 1657, que recebi em 17 de Junho de 1658, me ordena V. Paternidade que com a maior brevidade, que possa ser, remeta uma relação deste novo mundo, e cristandades do Maranhão, que temos a nossa conta, para que, traduzida em diversas línguas, se mande às Províncias da Companhia, que a desejam, podendo-se esperar que por este meio chame Deus e afeiçôe muitos sujeitos a esta missão. Não foi possivel fazer-se esta relação, para ir nesta primeira via, por serem infinitas as ocupações (além das ordinárias), que com a chegada dos navios do Reino e novo Governador do Estado, e Capitães mores das Capitanias, carregaram sobre mim, e não se achar ao presente nesta Casa do Maranhão sujeito su-

(107) *Bras. 9*, 65-67v.

ficiente, a quem encomendar este cuidado. Trabalharei muito que possa ir para os navios de 2.ª via, que partirão por todo este ano.

Entretanto vai com esta um mapa de todas as terras e rios, por onde até agora estamos entendidos, e das casas, residências, e mais Cristandades, que temos à nossa conta, as quais todas têm já Igreja, segundo a pobreza da terra, e muitas estão tambem com a casa feita, esperando sómente pelos sujeitos da Companhia, que as venham habitar, por quem suspiram (108).

Deste mapa, e da disposição dos sítios e casas dele, se entenderá facilmente a ideia de toda a missão, que segundo a tenho delineada desde o princípio é a seguinte: Que toda a missão se divida em colónias, em que possa ser melhor governada, suposta a grande distância da missão, em que se não pode recorrer ao Superior de toda ela.

Que cada uma destas missões conste de oito, dez, ou mais residências, conforme a necessidade ou comodidade dela, e que estas residências estejam todas em distância (quando mais) de oitenta léguas de extremo a extremo: a qual distância não é grande, nem dificultosa por ser toda, pela maior parte, por rios de água doce, e com grande comodidade de canoas.

Que no meio de cada colónia, e como no coração destas residências, esteja uma casa maior, na qual resida uma pessôa de autoridade e espírito, que seja Superior de todos os que assistem nas residências particulares, e a quem recorram para tudo.

---

(108) Existirá este mapa? Até agora não se nos deparou nas nossas pesquisas, que ainda aliás não concluimos. O mapa, que Lucio de Azevedo publicou em *Os Jesuitas no Grão-Pará* (1.ª ed.), é datado de 1753, quasi um século mais tarde. Samuel Fritz também é posterior a Vieira.

Que este Superior (além da visita geral de toda a missão) visite, nos outros seis meses, as residências da sua colónia. E que na casa, onde residir o dito Superior se ajuntem ao menos cada dous meses todos os missionários das residências em um dia assinalado, no qual terão uma prática espiritual, e uma conferência dos casos, que se lhe tiverem oferecido, ou de outros, e juntamente darão conta ao Superior do que for conveniente assim à direção espiritual dos nossos como das Cristandades.

Que nas residências ordinárias assistirão sempre dous dos nossos, não se admitindo de nenhum modo estar sem companheiro, e na casa, onde residir o Superior da colónia, haverá quanto for possivel quatro até seis sujeitos, para que os das residências possam ser sustituidos nas doenças, e quando forem a casa tomar exercícios espirituais, e todas as outras vezes, que ao Superior parecer. E nesta mesma casa se ajuntarão a renovar os votos.

Esta é a Ideia da missão em comum, e dos intentos com que foi empreendida, e começada, e havendo de crescer à grandeza, que promete a largueza destas terras, e a multidão das gentes, que habitam o interior delas, não parece, que se pode dispor noutra forma, para poder ser governada e alimentada, como convem, e para que entre a cabeça e os membros, e nos mesmos membros entre si, possa haver a união e comunicação, sem a qual se não pode conservar, nem aumentar, e assim o aprovam todos os que estão nesta missão, que desejam seu aumento, e só o tem por impraticavel alguns poucos, que se contentam com o pouco, que a missão hoje é, e ainda com menos, guiados em tudo pelos estilos da Província do Brasil. Mas o que fica apontado em algumas cousas é conforme o que se usa na mesma Província, e o demais quasi tudo é imitado de

outras Províncias, em que senão tem feito menos serviço a Deus, e fruto nas almas. E quando em muitas cousas houvera diferença ou novidade, a mesma diferença das terras, dos rios, das nações, e de outras circunstâncias faz que sejam melhor, e mais conveniente em umas partes o que em outras o não é tanto; e a experiência o mostrará, e vai já mostrando.

O sustento temporal dos sujeitos, que houverem de assistir nestas colónias e residências, não é dificultoso, nem necessita de grandes rendas. Porque as igrejas e as casas fazem-nas os mesmos índios gratuitamente, e com muita vontade. O vestido é pano de algodão, tinto de preto, que dá a terra, e tambem dá o calçado. O mantimento tambem nô-lo dão os índios, porque eles nos vão pescar, e caçar, e partem connosco abundantemente de tudo o que têm nas suas lavouras e a quem não vem cá buscar regalos, nenhuma cousa lhe falta, nenhuma cousa lhe falta, para passar a vida. Só para algumas cousas, que forçosamente hão de vir do Reino, necessitamos de alguma renda, mas para essa temos já os 350 mil réis, que nos deu El-Rei defunto, (109) situados nos dízimos do Brasil, e de novo me mandou escrever a Rainha (110), que a avisasse do que era necessário, para a missão, com que espero, que alcançaremos, quando menos algumas ordinárias, para cada uma das Igrejas; e como houver mais sossêgo das guerras, será tempo de pedir, e alcançar mais. Tambem neste Maranhão tivemos agora uma herança, que ha de render cada ano duzentos mil réis, ou melhor deles, se vencermos certa demanda, em que não ha dúvida.

---

(109) D. João IV.

(110) D. Luisa de Gusmão.

Da Irmandade de S. Francisco Xavier, novamente instituida em S. Roque, para a propagação da Fé se nos avisa, que seremos socorridos, e se nos pede rol do que havemos mister; e doutras partes espero outras boas esmolas, com que no particular do temporal se porá a missão em forma, que não padeça necessidades. E para que a V. Paternidade lhes conste, quanto não é dificultoso sustentarmo-nos nestas terras sem grandes rendas, três anos há, que não recebemos do Reino provimento algum, por falta de navios, ou de procuradores, e com tudo passamos os 25, que somos nesta missão, sem experimentar mais necessidades, que a da farinha de trigo, para as missas, que já no fim ia faltando. E se nas Aldeias tivéramos quem residisse, havia de ser muito mais facil o sustento, e muito menores gastos, porque agora é força que os façam as casas, e sempre no princípio são maiores, porque é fazer de novo. Assim que o temporal nesta missão quasi se deve supor.

O de que muito, e muito necessitamos é de sujeitos, e mais sujeitos, para informar o corpo, que já corre por nossa conta, e para ir introduzindo a mesma forma nos membros próximos a estes, que estão com toda a disposição, de que são capazes para a receberem. Bem conhecemos a falta, que toda a Companhia padece de sujeitos, pelo impedimento passado dos noviciados, e pelas partes de Itália, e pelo novo acrescentamento da Província de Veneza, de cuja felice restituição damos todos o parabem a V. Paternidade. Mas com se tirarem poucos sujeitos de muitas partes, pode esta missão ter os socorros, que ao presente lhe são necessários.

Por horas estamos esperando, e com grandes alvoroços, os doze Padres e Irmãos coadjutores de Flan-

des, que V. Paternidade nos faz caridade prometer, que mandaria expedir por todo o ano passado.

Além dos Padres extranjeiros, cujo espírito, e talento nos pode ajudar muito, são tambem necessários alguns sujeitos das Províncias de Portugal, por rezão da língua, e porque o seu natural é mais acomodado a estes climas, e havendo tantos, para a Índia, China e Japão, rezão é que esta missão, que não é menos nossa, e está tanto à porta, seja menos assistida.

O P. Mateus de Figueiredo me escreve de Coimbra, com grandíssimos afetos de vir para esta missão, e me pede com grande sinceridade lhe diga se será impedimento para os ministérios dela a falta de vista com que se sente. Julgo em o Senhor (e assim lhe respondo) que será de grande efeito a sua vinda para esta missão, na qual com suas letras, espírito, e talento, pode promover muito e ajudar a tudo; e semelhantes colunas, são as sobre que se devem fundar as fábricas, de que se espera tanto serviço de Deus, e glória Sua. Vindo o P. Mateus de Figueiredo, pode trazer consigo uma missão de muito escolhidos sujeitos do Colégio de Coimbra, semelhantes aos dous, que vieram comigo, de que se tem toda a satisfação. (111)

Tambem me aponta o P. Francisco Soares, de Évora (112), e o mesmo vi em carta do P. António Barradas (113), escrita de Coimbra ao P. Ricardo Ca-

---

(111) O P. Mateus de Figueiredo não nos consta que viesse.

(112) Francisco Soares, célebre filósofo, dito Francisco Soares *Lusitano*, para se distinguir de outro, também célebre, Francisco Soares *Granatense*.

(113) António Barradas, Provincial de Portugal.

reu (114), que seria meio de haver muitos sujeitos feitos em pouco tempo, receber a título desta missão alguns clérigos das congregações de S. Inácio, homens de conhecida virtude, os quais com algum tempo de noviciado, que podem ter em Lisboa, Évora e Coimbra, repartidamente, se podem depois embarcar para o Maranhão, onde acabem o mesmo noviciado, começando nos últimos meses dele a tomar uma lição de língua da terra, que é o que só hão mister, para servirem as Cristandades. Comuniquei isto com o P. Francisco Gonçalves (115), e com o P. Superior da Casa, e a ambos pareceu, que era meio mui conveniente, e que se escrevesse sobre ele aos Padres Provinciais de ambas as Províncias, e assim o faço (116). Só receio, que queiram os Padres reitores dos Colégios, que se lhes pague a porção dos ditos noviços no tempo, que lá estiverem, como já se fez no noviciado de Lisbôa alguma vez; mas isto, nem a missão o pode pagar, nem parece que se deve esperar dela, quando para todas as outras missões se dão sujeitos feitos, que as Províncias sustentaram e fizeram em muitos anos; e quan-

---

(114) Ricardo Careu, irlandês de nação (e não holandês, como se lê em Bettendorff, *Chrónica*, 87), chegou este ano do Brasil ao Maranhão. Era superior da casa desta cidade quando se deu o motim de 1661. Embarcando para Lisboa, com os mais Padres, não voltou à missão (Bettendorff, *ib.* 165, 222).

(115) Francisco Gonçalves entrou na Companhia no Colégio da Baía, com 16 anos de idade. Foi mestre de Teologia e de noviços, Procurador a Roma, Provincial do Brasil e Visitador do Maranhão. Acabada a visita, ficou, e foi missionário insigne do Amazonas e Rio Negro. Faleceu em Cametá, a 24 de Junho de 1660 (*Livro dos Óbitos do Pará*, BNL, Col. Pomb., 4, f. 1-2).

(116) Portugal estava dividido então em duas provincias da Companhia: Portugal e Alentejo.

do nas portarias dão os Colégios tantas reções aos pobres, justo parece, que nos façam esmola destas. Do que V. Paternidade neste ponto resolver, peço mande V. Paternidade avisar os Superiores das Províncias, e o Procurador do Brasil, para que se execute com a maior brevidade.

Sujeitos do Brasil práticos na língua tambem nos são mui necessários alguns, porque, logo em chegando, podem entrar a ter cuidado de algumas residências, e por mais, que o P. Provincial os dificulte, é certo, que bem pode conceder alguns, principalmente se de Europa, como lá se espera, forem outros, os quais para servirem na dita Província não tem necessidade de nenhuma outra preparação, ou disposição, porque hoje os Colégios do Brasil são em tudo como os de Europa, e os Índios e as missões estão lá quasi acabados, e os sujeitos, que ha práticos, e ainda insignes na língua são muitos, e alguns deles pedem com eficácia esta missão. Com esta remeto uma lista dos mais antigos, que eu conheço, e depois destes ha outros, que tambem podem vir (117).

Ultimamente como já outras vezes representei a V. Paternidade se não devem deixar perder alguns sujeitos, filhos dos Portugueses desta terra, que por serem de muito bom natural, e habilidades, e inclina-

---

(117) "Lista dos Padres da Provincia do Brasil práticos na lingua que podem vir ao Maranhão: P. Francisco Pais, opt.; P. Francisco Madeira, opt.; P. Francisco de Avelar, pediu esta missão; P. Manuel Ribeiro; P. Francisco de Morais, opt.; P. Manuel Pedroso, opt.; P. António de Mariz, opt.; P. Paulo da Costa, pediu; P. Francisco Ribeiro, pediu muitas vezes; P. Domingos de Abreu, pediu, opt.; P. João Pereira, pediu, opt.; P. Gaspar de Araujo. Além destes há muitos outros mais modernos". Lista do próprio P. Vieira anexa a esta carta. *Opt.* abreviatura de *optat,* deseja.

dos à virtude, e criados neste clima, e costumados aos rigores dele, e por ser este um meio de unirmos a nós os ânimos de seus pais e parentes, parece muito conveniente, e necessário que V. Paternidade mande licença, para que possam ser admitidos à Companhia.

Respondendo V. Paternidade a este ponto, em carta de 10 de Fevereiro de 1657, me ordena V. Paternidade que dalí a um ano torne a propôr a mesma matéria com nova informação do estado da missão, para V. Paternidade resolver, o que for mais conveniente. A missão, muito Reverendo Padre Nosso, está hoje, a Deus graças, firme, e estabelecida, porque todas as oposições, que tinha assim de eclesiásticos, como seculares, se revolveram, ou venceram por nossa parte, mandando El-Rei passar decreto, que, sobre a lei e regimento acerca das missões e dos Indios assim gentios, como cristãos, se não mude nem altere cousa alguma, nem ainda se admita requerimento em contrário, cominando graves penas aos que o intentarem. Este decreto me remeteu El-Rei, para que eu cá o desse ao Governador, e já está aceitado, e obedecido, e resistado em todas as Càmaras do Estado, e juntamente me mandou S. Majestade cartas, para se darem aos Prelados de todas as Religiões, (que eram os que maior guerra nos faziam) em que lhes encarrega muito a obediência da dita lei; e regimento e que assim o préguem, aconselhem, e pratiquem, sopena de ser lançada do Estado a Religião, que o contrário fizer. E em Lisboa, no Tribunal da Propagação da Fé, fizeram termo disto os Religiosos do Carmo, e das Mercês, que para cá vieram este ano, o qual assinaram eles e seus Prelados, e o mesmo termo me mandou o secretário da Junta, Pedro Fernandes Monteiro. Sobre tudo veiu esta matéria grandemente recomendada pela Rainha ao nosso Governador D. Pedro de Mello, irmão do Ir. José de Mello, que

está na Índia, o qual professa connosco grandíssima amizade (118), e, com a sua vinda e as últimas ordens del-Rei, todos estão obedientes, e desenganados, e tudo quieto.

Suposto isto, a missão com o favor de Deus ha de ir em aumento e parece que não pode crescer, nem aumentar-se, sem ter noviciado, como o tiveram logo desde seus princípios as missões da Índia, do Brasil, e todas as outras. As rezões são as que ficam apontadas, e a mais forçosa de todas é a necessidade de se aprenderem as línguas, que nos anos maiores dificultosíssimamente se aprendem, e na idade dos moços ficam como naturais, e os que cá nascem, e se criaram, ou as sabem já, ou tem grandes princípios delas. E não só desta terra, senão de Portugal podem vir alguns moços, de partes, para cá serem recebidos e criados, como o foram os que vieram com a primeira missão, os quais sem terem as comodidades exteriores de noviciado, tem mostrado a experiência, que lhe não fazem ventagem os que se criaram nos noviciados do Reino, antes eles lhes fazem alguma na dureza e sofrimento dos trabalhos, calidade tão necessária para as missões. Os que vêm de lá é necessário serem noviços de novo, porque acham uma vida totalmente nova, que talvez até os mais fervorosos extranham, e hão mister muitos dias, para se costumarem e acomodarem a ela, e aos comeres, à Aldeia, à canoa, e a tudo o mais, e os que cá se criam começam logo a aprender, e a acostumar-se ao que hão de exercitar toda a vida. Em fim havendo comodidade, casa, e suficiência de mestre,

---

(118) Cremos que D. Pedro de Melo fosse sincero na sua amizade e deu provas dela; mas o seu carácter frouxo não lhe permitiu firmeza, como adiante se verá.

parece, que não é necessário acumular rezões, para persuadir a conveniência de haver noviciado.

A casa não falta, nem faltará, porque nesta do Maranhão ficamos dando princípio a um lanço de corredor mui capaz de um bom noviciado. E na residência de S. José (119), que dista seis léguas desta casa, em espaço de um mês se podem acrescentar os cubículos, que bastem, a se fazer lá, porque se fazem de taipa facil como os do noviciado de Onhate, de S. Francisco de Borja. Para mestre de noviços temos o Padre Francisco Gonçalves, o Padre Ricardo Careu, e se vier o Padre Mateus de Figueiredo, e outros que V. Paternidade pode mandar vir. E tambem o Padre Salvador do Vale é religioso de muita virtude, e tem acabado seus estudos, e sido superior da Casa do Pará (120).

Assim que não falta para o noviciado mais que a licença de V. Paternidade a qual V. Paternidade podia mandar com limitação de seis até outo noviços, nos quais se fizesse segunda experiência, para a última resolução de V. Paternidade. E neste mesmo noviciado viriam acabar seu tempo os Clérigos, que tivessem feito o primeiro ano de noviciado no Reino, como apontam os Padres Antonio Barradas, Francisco Soares e Mateus de Figuciredo. E resolvendo V. Paternidade como esperamos, que o noviciado se comece, ao menos com a limitação de número, que digo, importa muito, que a licença venha com a maior brevi-

(119) S. José de Ribamar, na Ilha do Maranhão.

(120) Salvador do Vale tinha sido antes missionário no sul e possuimos uma carta sua, datada da Aldeia de S. Pedro do Cabo Frio (1648); no Maranhão ocupou diversos cargos e foi o primeiro mestre de Teologia que houve na missão. Homem de verdade e virtude. Faleceu a 25 de Junho de 1676 (*Livro dos Óbitos do Pará*, f. 3).

dade, porque os sujeitos, que temos para receber, estão naquela idade, em que podem perder muito se estiverem fora, posto que os imos conservando em todos os bons exercícios e seria tambem grande desconsolação para seus pais, que são pessoas muito beneméritas nossas, a quem se tinham dado estas esperanças, antes de haver a proibição. Por tudo convem, que V. Paternidade nos mande deferir.

A Bênção e Santos Sacrifícios de V. Paternidade pedimos todos.

Maranhão, 10 de Setembro de 1658.

Filho indigno de V. Paternidade

António Vieira

3.

Ao P. Geral, Gosvínio Nickel

Do Maranhão, 11 de Fevereiro de 1660 (121).

FALTA DE MISSIONÁRIOS — QUALIDADES — NOVICIADO — LINGUAS — VIGÁRIO DO PARÁ — JURISDIÇÃO DO SUPERIOR — PRIVILÉGIOS E INDULGÊNCIAS — PADRES DA EUROPA.

Muito Reverendo Padre Nosso:

Pax Christi: As cousas necessárias para a conservação, e aumento desta missão, resumidas todas a este papel, são as seguintes:

Primeiramente que V. Paternidade mande prover esta missão de bom número de sujeitos, o qual número não só é necessário para a conversão, e doutrina dos Índios, senão tambem para a observância, e edificação dos nossos, e para se conservarem no espírito da Companhia; porque sendo poucos, e as ocupações tantas e tão forçosas, é força que falte a quietação, e socego tão necessário à vida espiritual, e que o mesmo espírito se afogue. Tambem por esta falta de sujeitos não podem os superiores mudar um súbdito, ou retirá-lo e recolhê-lo, ou mudar-lhe o companheiro, ou não lhe fiar algumas ocupações, como muitas vezes pede o bem govêrno. E esta mesma impossibilidade causa certo género de presunção nos súbditos, com que cuidam que os

---

(121) *Bras. 9*, 140-140v.

superiores dependem deles, porque os hão mister, como verdadeiramente sucede, dissimulando-se por esta causa o que não era bem que se dissimulasse, e outros muitos inconvenientes, dos quais se estão padecendo, e devorando alguns, que fora melhor atalharem-se nestes princípios e não ficarem em exemplo para depois. Assim que, por todas estas causas, e por infinitas outras, além da geral de tantas almas, que se estão perdendo, é necessário omninamente que esta missão seja socorrida com um grande número de sujeitos.

A qualidade dos sujeitos que particularmente se hão mister, são alguns homens feitos de virtude, e experiência, que possam governar as colónias, e toda a missão. Irmãos coadjutores oficiais, principalmente pintores, alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros; e todos os Irmãos coadjutores que vierem, tendo boa idade, e saude para trabalhar, e sendo virtuosos, serão muito proveitosos à missão, porque em muitas partes podem suprir o lugar de um sacerdote, e talvez servem mais que os mesmos sacerdotes, sendo seus companheiros, porque fazem o que os sacerdotes não podem fazer.

Sobre haver noviciado nesta missão, e sobre as grandes conveniências e razões que ha para V. Paternidade o conceder, não repito nada, por haver escrito a V. Paternidade por vias, e saber que algumas chegaram a Roma, posto que nos faltam as respostas, e particularmente sobre este ponto com grande sentimento nosso, e perda de alguns bons sujeitos, que puderam servir a Companhia, e, desesperados, aplicam a vocação a outras Religiões.

Para virem muitos sujeitos do Brasil, práticos na língua da terra, representei já a V. Paternidade o meio que se me oferecia com grande utilidade daquela Pro-

víncia. E porque o navio, em que ia este papel foi tomado, o tórno a remeter com esta por duas vias.

Por ocasião de uma grande perseguição que levantou contra nós o Vigário do Pará (122), pretendendo que os nossos Padres que tem cuidado das Aldeias, fossem seus súbditos, em quanto a cura das almas, e pondo lhe preceitos sobre esta matéria com penas de excomunhão etc. e por outros inconvenientes, e controvérsias, que ao diante se podem temer, pareceu a todos os Padres que visto termos hoje Pontífice tão propício, se representasse a V. Paternidade quanto importaria para a quietação desta missão que o Superior de toda ela por breve de S. Santidade, fosse tambem ordinário de todos os Índios das nossas freguesias e doutrinas. E para isto se persuadir, e facilitar, temos as rezões seguintes:

1.ª porque em todo este Bispado, que é o do Brasil, sempre os Padres tiveram toda a jurisdição espiritual sobre os Indios, *ex consuetudine* de mais de cem anos, sem haver nunca Bispo, nem administrador, nem outro algum ordinário, que visitasse as Aldeias ou doutrinas dos Padres, nem que exercesse neles acto algum outro de jurisdição ou o intentasse.

2.ª porque muitos dos Indios que bautizamos e doutrinamos, estão em terras de gentios *extra dioecesim et extra territorium.*

3.ª porque são diferentes línguas, e não conhecidas, com que os Ordinários portugueses se não sabem, nem podem entender.

4.ª porque uma das principais rezões com que se persuadem estes Indios a querer aceitar a sujeição da

---

(122) Clérigo Pedro Vidal, que Vieira nomeia expressamente na carta de 1 de Dezembro de 1659 (Cf. Lúcio de Azevedo, *Cartas*, I, 548; II, 726).

Igreja, é com se lhes prometer que não hão de ser governados no espiritual, (nem ainda no temporal) senão pelos Padres da Companhia.

5.ª porque do contrário se seguirão grandes inconvenientes a esta nova Igreja, que deve ser favorecida e alentada com particular proteção da Sé Apostólica.

Tambem se tem reparado muito que havendo 45 anos que ha Cristandade neste Estado do Maranhão, nunca até hoje se administrou em todo ele o Sacramento da Confirmação, sendo tão próprio dos novamente converidos, e para gente naturalmente inconstante tão necessário. E da mesma maneira pareceu representar-se a V. Paternidade que seria conveniente pedir a S. Santidade que o Superior destas missões tivesse poder para administrar este Sacramento porque no mesmo tempo em que visita as Cristandades pode ir crismando os bautizados delas, que forem capazes. Quando assim se conceda, será necessário vir declarado o modo com que se ha de administrar o dito Sacramento se com insígnias ou sem elas.

Mais pareceu que se pedissem a V. Paternidade indulgências particulares para as Igrejas dos Indios, e se julgaram por convenientes as que se seguem: Indulgência plenária para a morte a todo o Indio que morrer com os Sacramentos ou não os podendo receber, tiver contrição de seus pecados.

2.º o dia do Orago, indulgência plenária aos que, confessados, e comungados, visitarem a Igreja.

No Natal, Páscoa, Espírito Santo, Corpus Christi, Assunção de Nossa Senhora. Indulgência plenária, que dure por todos os oitavários, visto serem poucos os confessores, e muitos os Indios.

Que o Altar-mór das Igrejas das Aldeias seja privelegiado.

A todo o que assistir à doutrina do catecismo, por cada vez, a indulgência que parecer, e isto assim aos Indios, como aos Portugueses.

Item aos Portugueses a mesma indulgência, por cada vez que ensinarem a doutrina cristã a seus escravos.

E, aos que a ensinarem todos os dias, indulgência plenária na hora da morte. A tudo esperamos que V. Paternidade nos mande defirir, e aos pontos da primeira proposta, em que se pedem sujeitos com a maior brevidade. Ao P. Procurador, que reside em Lisboa, faço aviso, para que tenha prontos os viáticos em todas as partes de Europa, donde V. Paternidade os mandar vir.

Maranhão, 11 de Fevereiro de 1660.

De V. Paternidade filho indigno

António Vieira

4.

Ao Geral, Gosvínio Nickel

Rio das Almazonas, 18 de Março de 1661 (123).

DECRETOS REAIS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DAS ALDEIAS — TRATO COM OS SECULARES — CASAMENTOS — O GOVERNADOR — O CAPITÃO-MÓR DO AMAZONAS — MANUEL NUNES — RICARDO CAREU — O BEM DA MISSÃO — O COLÉGIO DO MARANHÃO — EDIFÍCIOS.

Muito Reverendo Padre Nosso:

Pax Christi: Nesta respondo a uma que recebi de V. Paternidade escrita em 18 de Fevereiro de 660, a qual li não sem grande admiração, e não farei mais que dizer sobre os três pontos, ou advertências dela o que há em cada uma:

Quanto ao primeiro — os despachos de El-Rei porque temos a administração das Aldeias, e Indios de todo o Estado, é uma lei passada no ano de 655 e o Regimento dos mesmos Governadores, e uma provisão, em forma de carta, escrita a nós. E são tão autênticos todos estes papeis, que em virtude deles foram metidos de posse da dita administração pelos Ouvidores de todas as Capitanias, da qual posse se fez auto em cada uma das Aldeias: e a lei em particular é tão autêntica, que foi publicada com tambores em todos os lugares públicos do Estado,

(123) *Bras. 26,* 3a-3bv. Lê-se, ao lado: "Resposta sobre três pontos de que foi N. R. P. mal informado".

como é costume, e está resistada em todas as Câmaras. Nem houve entre nós quem pusesse dúvida a ser a lei autêntica mais que o P. Ricardo Careu, fundando-se em se dizer no fim dela, que a dita lei fosse obedecida, e tivesse seu vigor, posto que não fosse passada pela Chancelaria, sem embargo de tal capítulo das ordenações do Reino etc., que é estilo que se guarda em todas as leis ou provisões daquela calidade. E como o Padre Ricardo é estranjeiro, e pouco versado nestes estilos do Reino, ele me escreveu sobre este ponto, haverá dous anos, estando eu no Pará, e lhe respondi o mesmo que aquí tenho dito. Deste reparo do P. Ricardo Careu, que foi mui celebrado, e zombado dos nossos, devia de nascer a notícia que chegou a V. Paternidade, podendo já então dizer quem isto escreveu, que estava de novo tão estabelecida e confirmada a nossa administração dos Indios, que passou El-Rei um decreto (o qual tambem está resistado nas Câmaras) que contra este ponto, ou cousa pertencente a ele, não só se não possa obrar cousa alguma, mas nem ainda admitir-se requerimento em contrário.

Quanto ao segundo, de os nossos se meterem em negócios seculares, e alheios do nosso instituto, como com os Governadores, casamentos e cousas semelhantes, direi tambem o que disto sei. O P. Ricardo Careu foi tomado por terceiro do casamento de uma viuva mulher de um capitão Irlandês, por ser da sua nação, e o que o Padre nisto fez foi escrever-lhe um escrito sobre a matéria, por estar distante muitas léguas, e nas circunstâncias do caso, me parece era obra de muita caridade. O P. Manuel Nunes enterveio tambem noutro casamento de um capitão para remédio de uma viuva, e cinco orfãs. Eu tive tambem alguma parte no casamento do Capitão-mór do Gurupí, pessoa a mais benemérita da Companhia que ha em todo o Estado, por ele mo pedir; mas fí-lo tanto de fóra, e com tanta cautela, que disse à pessôa, que tra-

tava as condições do casamento, as mandasse em um papel fechado, porque eu me não havia de meter em tal cousa, e que só faria por amor do Capitão-mór encarregarme de lhe entregar o tal escrito em mão própria, por ser em ocasião em que partia para o Pará, e havia de passar por aquela Capitania. E' verdade que de baixo daquele escrito se traçou um engano de que depois nasceram desgostos, mas em nada disso tivemos parte. Isto quanto a casamentos.

Com os governadores têm sómente trato os Superiores do Maranhão, e Pará, que é o P. Manuel Nunes e o P. Ricardo Careu, e o P. José Soares, com quem o Governador se confessa (124), mas não vejo cousa neste trato que se deva estranhar. Comigo têm o Governador mais confiança, e tanta, que vindo ao Pará, me deu folhas de papel assinadas em branco, para que eu emendasse as suas ordens, em caso que tivessem alguma cousa contrária ao serviço de Deus e de El-Rei; e assim o aceitei, e fiz, mas sómente nas cousas tocantes à Missão, pelo grande e irreparavel dano, que se podia seguir

---

(124) O P. José Soares era clérigo dos de S. Inácio, em Portugal, quando entrou na Companhia. Chamava-se José *Mena.* Dando-se a coincidencia de este apelido português ser tambem tupi e significar *marido*, para evitar inconvenientes, adoptou o nome de Soares, diz Vieira (Lucio de Azevedo, *Cartas*, I, 277). Depois do motim de 1661 embarcou para a Europa, não voltando ao Maranhão, sendo daí em diante, em Portugal, Roma e Brasil, dedicado companheiro e secretário de Vieira. José Soares sobreviveu quasi dois anos ao seu amigo e mestre, falecendo na Baía a 16 de Maio de 1699 (*Hist. Soc. 49*, 166). Andreoni escreveu, logo no dia seguinte relatando a sua morte, uma carta que se encontra publicada nos *Anais da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, XIX, 161-163. Afrânio Peixoto dedicou seu livro, *Os melhores sermões de Vieira* (Rio 1931), "à veneravel memoria do Padre José Soares", por se ter consagrado "ao serviço e à gloria do seu grande irmão em Cristo".

do contrário, e para que as nossas jurdições se guardassem, e se estabelecessem como convem. Tambem por esta mesma causa procurei com o Governador e com El-Rei, que fosse provido por Capitão-mór do Rio das Almasonas uma pessôa benemérita da Missão, e de que eu estou certo que naquele lugar há-de pôr em ordem, e estabelecer o que convem ao progresso das Cristandades contra o que até agora obraram todos. No de mais me não meto em cousa alguma grande nem pequena, e o guardo assim não só no Maranhão, se não em Portugal, e no Brasil, onde ainda tenho Pais, e Irmãos, aos quais não escreví depois que vim para o Maranhão, nem escrevo, nem respondo a carta de pessôa alguma, exceto sómente em negócio da Missão: e se em presença ou ausência trato algum que pareça diferente, é porque verdadeiramente pertence à Missão ou a alguma dependência dela. Digo isto a V. Paternidade para que V. Paternidade esteja muito seguro nesta parte, e tenha entendido que com os seculares se trata, e se contemporiza sómente quanto é necessário para promover o fim da Missão, que como tão encontrada dos interesses humanos, tem grandes dependências dos homens. Noutros negócios seculares, como em dar pareceres sobre demandas, só era notado o P. Manuel Nunes no Maranhão, donde me disse o P. Francisco Gonçalves o tirava por essa causa, e agora está em parte onde totalmente fica livre de semelhantes ocasiões.

Quanto ao terceiro, tudo o que V. Paternidade me encomenda acerca do edifício do Maranhão fiz antes de se começar, e o consultei com todos os Padres na junta que se fez para a forma que se deu à missão.

Perguntei primeiro se era bem que nesta missão houvesse uma casa maior que fosse como de criação, da qual saissem e à qual se recolhessem os que andavam pelas Missões, e na qual se conservasse tudo o que é

necessário para elas? E responderam todos uniformemente que sim.

Perguntei, segundo, em que lugar era bem que estivesse esta casa? E, tirado o P. Francisco Veloso (125), que foi de voto que estivesse em algum Aldeia onde houvesse boa comodidade de mantimentos, todos os mais disseram, que era bem que estivesse no Maranhão.

Perguntei 3.º se esta casa se havia de fazer toda de novo, ou se havia de continuar com as paredes das casas velhas? Responderam que se continuasse com as paredes das casas velhas.

Com esta resolução, comunicando a traça com o P. Francisco da Veiga, (126) e com o Irmão Simão Luiz (127), que são inteligentes, fiz dous rascunhos. E preguntei 4.º se aprovavam alguma daquelas traças,

---

(125) O P. Francisco Veloso, natural de Famalicão, nasceu em 1619 e entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1640. Grande missionário nos Estados do Maranhão, Pará e Amazonas, chegando ao Rio Negro. Foi operário nas Aldeias, Reitor dos Colégios do Maranhão e do Pará. Sabia com perfeição a lingua tupi e era insigne pregador; tanto que dizia o Governador do Maranhão, em 1674, que não tinha semelhante nem entre os pregadores da Capela Real (*Bras. 26*, 36). Pena foi que não deixasse escritos os seus sermões para os confrontarmos com os Vieira, um desses pregadores... Faleceu no Pará, a 27 de Julho de 1679, pelas 10 horas da manhã, escreve António Pereira (*Bras. 26*, 70).

(126) O P. Francisco da Veiga, depois de missionar na Aldeia de Mortigura, foi preso no Pará em 1661. Remetido para Lisboa estudou Teologia em Coimbra e passou à India, onde trabalhou nas entradas do Reino de Sião. Em 1671 estava em Macau. Sabia a lingua tupi e foi para o Oriente induzido por outrem, não por iniciativa sua, explica êle proprio mais tarde (*Bras. 26*, 27; cf. Bettendorff, *Chrónica*), 227-228).

(127) O Ir. Simão Luiz era "oficial de carpinteiro, homem de muito bons costumes e préstimo", escreve o mesmo Vieira (Lucio de Azevedo, *Cartas*, I, 277). Expulso da

ou se ocorria outra, porquanto na terra não há arquitetos? Responderam tambem todos, que aprovavam uma das duas.

Perguntei último, quando seria bem que se fizesse a obra, dizendo o aparêlho que havia para ela? E responderam da mesma maneira todos, que logo, alegando a estreiteza e incomodidade da casa, em que viviamos no Maranhão, e como se perdiam as cousas que nos vinham do Reino, por não haver onde as guardar; porque a casa constava de um corredor com quatro cubículos por baixo e seis por cima, dos quais um era livraria, outro rouparia, outro botica, outro adega, outro tinha as cousas da sacristia, outro outros despejos de casa, com que apenas ficavam quatro livres para morar e tomar exercícios, sendo às vezes dezesseis os que alí se ajuntavam, e não havendo outro lugar em que receber as visitas dos seculares senão o mesmo corredor.

Por estas razões foram de voto todos que a obra se começasse logo, havendo com quê, só o P. Ricardo Careu, que estava ausente, replicou que não era conveniente, alegando grandes impossibilidades; mas como estas fossem nascidas mais de estreiteza de coração, e pouco talento para obras, que da falta do necessário, resolvi que a obra se fizesse, e assistindo eu a ela, se fez dentro em cinco meses, sem parar uma só hora, nem ficar à casa um real de dívida. E com a miudeza e distinção, com que consultei esta matéria, costumo consultar todas. Na execução da obra ordenei que se seguisse em tudo o que dissesse o mestre pedreiro, e assim se fez pontual-

missão no motim de 1661, voltou de Portugal ao Maranhão com o Visitador Manuel Juzarte e com êle tornou à metrópole. Tornou terceira vez à sua Missão, em 1674, falecendo em Caeté (Bragança) em 1678 (*Bras. 26*, 54), ou logo no ano seguinte, segundo o Catálogo da Bibl. Vittorio Em., de Roma, f. gesuitico, 3492-1363, n.º 6.

mente exceto só o alicerce de um canto, o qual mandou fazer o P. Ricardo Careu, estando eu ausente; e dizendo o mestre pedreiro que era necessário ser mais fundo, e mais largo, o Padre, seguindo o parecer de um carpinteiro, quis que tivesse menos fundo, e menos largura: e este é só o defeito ou escrúpulo que se acha naquela obra, sendo no de mais tão bem traçada, e obrada como os bons Colégios da Europa.

Isto é o que passou acerca destes três pontos, referido com toda a sinceridade, e verdade, como V. Paternidade se pode mandar informar. E poderá ser que ordenasse Deus ir esta resposta na ocasião presente, para que do fundamento destas informações, julgue V. Paternidade qual pode ser o de outras, que agora se mandam, de que trato em papel particular.

A bênção e santos sacrifícios de V. Paternidade pedimos todos.

Rio das Almazonas, 18 de Março de 1661.

5.

Ao P. Geral, Gosvínio Nickel

Rio das Almazonas, 21 de Março de 1661 (128).

NOVICIADO NO MARANHÃO — DIFICULDADE DE COMUNICAÇÕES — NECESSIDADE E CONVENIÊNCIA DE ESTUDOS — NATURAIS DA TERRA — O COLÉGIO — MESTRES — LIVRARIA — FIANDEIRAS — ALDEIA DE ÍNDIOS — ITAQUÍ — PROMESSA REAL — INDIVISIBILIDADE DA MISSÃO.

Muito Reverendo Padre Nosso.

Pax Christi: Vossa Paternidade me ordena responda logo ao ponto do Noviciado, e à objeção de não poder haver estudos no Maranhão, como se supõe: e porque deste segundo depende totalmente a resolução do primeiro, digo, que termos estudos no Maranhão, é *omnino* necessário, é muito conveniente, e não só é possivel, mas facil.

Primeiramente é *omnino* necessário, porque esta Missão não se pode aumentar, nem conservar sem muitos

(128) Roma, Fondo Gesuitico, Piazza del Gesù, Coleg. 20 (Brasile). Escrito fora: "Sobre haver no Maranhão Noviciado e estudo". Publicamo-lo no *Jornal do Commercio"*, do Rio, 24 de Outubro de 1937, com a seguinte nota: "não nos consta que o documento que vamos publicar, fosse conhecido dos investigadores que nos precederam, Lúcio de Azevedo, Barão de Studart, ou mesmo da Companhia de Jesus. A razão deve ter sido por ele se encontrar no Arquivo do Gesù, sem assinatura, nem indicação nenhuma externa, que insinuasse a autoria de Vieira. Só o exame directo, pes-

sujeitos. Sujeitos feitos, e com estudos acabados, não no-los podem dar as Províncias de Portugal, como a experiência tem mostrado: estranjeiros das outras Províncias de Europa, tambem não podem ser quantos havemos mister: 1.º — porque são poucos os que têm esta vocação; 2.º — porque não há cabedal para os excessivos gastos, que fariam se viessem em tanto número; 3.º — porque sempre o número dos Portugueses é necessário que seja muito maior, como de facto é nas missões das outras conquistas, nem os Príncipes permitiriam outra cousa. Segue-se logo que para a Missão ser provida como convem, é força que venham a ela muitos sujeitos, sem os estudos acabados: e tais são todos os que hoje têm à sua conta todas as Cristandades da Missão, exceto somente um.

Nem se pode dizer que os que não tiverem seus estudos acabados os irão acabar ao Brasil, ou a outra parte. Porque quanto ao Brasil ainda que de lá se vem ao Maranhão facilmente, a viagem do Maranhão ao Brasil é hoje quasi impossivel. Exemplo seja que, de oito embarcações que partiram para lá, depois que estamos nesta Missão, só uma chegou a Pernambuco; todas as mais arribaram depois de muitos meses de grandes trabalhos e despesas, e alguma houve que foi derrotada a Indias de Castela. Por terra ainda é mais dificultoso o caminho, porque do Maranhão à Baía, onde estão os

---

soal, do documento daria essa certeza. E esta possuimo-la por três motivos:

a) porque é datado dum tempo e lugar onde então residia o P. Vieira;

b) porque o estilo é seu, inconfundivel;

c) porque o documento, apesar de não estar assinado, é escrito pelo seu próprio punho". Mas sobre esta última alínea remetemos o leitor para o que dissemos na nota preliminar desta terceira secção.

estudos, são quinhentas léguas, e as trezentas delas totalmente desertas, em que necessariamente se ha-de levar o mantimento às costas, com passagens de muitos e mui perigosos rios, e não bastam sessenta pessoas de carga só para levarem dous nossos, que tantos houveram mister os que foram à Missão da Serra, que está somente distante do Maranhão 130 léguas (129). Finalmente este caminho do Maranhão ao Brasil só o fez um Governador de Pernambuco com todo o poder do seu cargo, e com grandes despesas de fazenda. E só em algum caso semelhante se poderia oferecer ocasião em que algum nosso, e esse mui robusto, pudesse empreender esta jornada, a qual não havia de acabar em seis meses. Assim que ir estudar ao Brasil, não é cousa praticavel. Ir a Portugal fôra menos dificultoso, pela comodidade da viagem, e embarcações, mas nem o consentem as despesas, nem os riscos, que são ordinários, caindo muitos navios que vão do Maranhão em mãos de corsários, e alguns deles nas dos Turcos.

E quando não houvera nenhuma destas dificuldades, ainda não convinha de nenhum modo que os que tivessem vindo à Missão fossem estudar ao Brasil, ou a Portugal, porque é certo que havia de ficar lá a maior parte deles, porque os estudos naturalmente esfriam a vocação, e é necessário espírito muito dobrado para ir duas vezes a uma Missão, e bastava só esta esperança, ou expectativa de tornar a Portugal ou ao Brasil, para se não aplicarem as línguas, de que depende todo o fruto, que se ha de fazer nas Missões, e, por esta causa, está introduzido em todas as Conquistas, de ambas as Indias, que os que lá vão não tornam. Sendo pois certo, que

---

(129) "Missão da Serra" — a serra de Ibiapaba, a que tinham ido os Padres Antonio Ribeiro e Pero de Pedrosa.

não é possivel, que os sujeitos necessários para esta Missão venham todos com os estudos acabados, e sendo da mesma maneira certo que não é possivel, nem conveniente, que vão estudar ao Brasil, nem a outra parte, segue-se que necessariamente deve haver estudos no Maranhão, onde os possam acabar e continuar os que de novo vierem, e os que actualmente estão na Missão sem os terem acabado.

Além de ser necessário, é tambem muito conveniente haver no Maranhão os ditos estudos. Porque de mais da autoridade da Companhia, do fruto do próximo, e do bem espiritual dos seculares, que vierem aos mesmos estudos, que são conveniências gerais, ha muitas próprias, e particulares da Missão, porque convem que os haja.

A primeira é, que haverá muitos sujeitos moços que queiram vir à Missão, a qual idade é a que mais serve, porque se acomodam ao clima, aos mantimentos e aos costumes da terra, aprendem, e tomam as línguas com grande facilidade, e as pronunciam com toda a perfeição, o que raramente fazem os que vem de maior idade, como se tem experimentado na Província do Brasil, em que dos que vieram de Portugal com estudos acabados, nenhum houve que soubesse a língua da terra, sendo homens de grandes habilidades e zêlo. Sobre tudo, os que vem moços e sem estudos, acomodam-se ao govêrno, estilos, e ditames das Missões, e os que vêm com estimação de letras e talento, cuidam que alcançam mais com as suas especulações, que os que cá estão com a experiência, e querem que a missão se acomode a eles e não eles à Missão, em grande prejuizo da obediência, da humildade, da paz, e de toda a harmonia religiosa, como já se vai experimentando, que é razão muito digna de ponderar.

Item havendo estudos haverá o Noviciado que se pretende, e não perderemos, como temos perdido, muitos e bons sujeitos naturais da terra, que sem despesa, e com a língua sabida, podemos receber, provados, e conhecidos no nosso estudo; de que tambem se segue conciliarmos a benevolência dos pais, tão necessária em toda a parte, e muito mais neste Estado, onde entramos com dor de muitos, e contra os interesses de todos.

Haverá tambem onde os mesmos que cá estudam, e os outros que vêm de Europa com os estudos acabados, tenham o terceiro ano.

E finalmente haverá um Colégio de criação, capaz de toda a observância religiosa, que seja não só cabeça de toda a Missão, mas como rosto da Companhia nela, onde se veja a mesma Companhia em toda a sua perfeição e decência, a qual se não pode guardar nas Residências menores, onde se possam recolher a respirados trabalhos exteriores, e a se formar de novo no espírito, e a cobrar novas forças os que se tiverem ocupado por muito tempo nas Aldeias, e Missões, e os que julgarem os Superiores que convem serem retirados delas por algum tempo, o qual retiro é tão necessário, que o P. Inacio de Azevedo de santa memória, sendo visitador do Brasil, ordenou, que os que se ocupavam com as Cristandades, um mês estivessem nas Aldeias, outro no Colégio. Outras muitas conveniências se puderam discorrer, mas estas bastam.

Ultimamente haver estudos no Maranhão não é cousa impossivel, nem dificultosa: bastava para prova desta verdade e promessa, dar por fiador dela a Deus a quem servimos, e os exemplos de todos os Santos, e dos nossos, que só com este cabedal, que é o mais seguro, empreenderam maiores obras; mas porque estamos em tempo em que até os Religiosos confiam mais nos meios humanos que em Deus e porque pode ser que haja nesta

Missão quem se ponha da parte desta desconfiança, direi somente neste ponto o que actualmente temos e o que podemos ter, sem muita indústria, para que Vossa Paternidade conforme esta informação julgue e ordene o que for mais acertado.

Para haver estudos no Maranhão, é necessário Colégio em que vivam os nossos, classes em que estudem, mestres, livros, vestido, mantimento e quinta a que se vão recrear. Colégio, já o temos com vinte cubículos novos, e dez antigos, que este ano se hão de reformar. Para as classes está designado o sitio, e, do dia em que Vossa Paternidade mandar a licença a seis meses, estarão as classes em estado que se possa estudar nelas, e serão muito melhores que as da Baía. Quinta, ou lugar de recreação, já o temos em uma Ilha defronte do Colégio entre a qual, e a nossa cerca se mete só um Rio da largura de um tiro de mosquete (130). Para mestres temos o P. Manuel Nunes, o P. Ricardo Careu, o P. João Filipe (131), o P. João

(130) Ilha de S. Francisco, que o próprio P. Vieira comprara "por um frontal e um missal" (Bettendorff, *Chronica*, 225).

(131) O P. João Filipe Bettendorff foi, depois de Luiz Figueira e de António Vieira, o mais notavel jesuita do Maranhão no século XVII. Ocupou os mais altos cargos: Superior da Missão (duas vezes), Reitor do Pará e do Maranhão (três vezes). Missionário do Rio Tapajoz e outros lugares. Escreveu a *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (Rio 1909) e o *Compendio da Doutrina Christan na lingua Portugueza e Brasilica* (Lisboa 1678). Insinuante e fidalgo no trato, exercia grande ascendencia sobre as pessoas da governança, tanto no Maranhão, como na côrte de Lisboa, onde esteve, de 1684 a 1688, a tratar dos assuntos da missão.

Era natural do Luxemburgo, "alemão", como êle diz de si-próprio, e pertencia, antes de vir para Portugal e o Maranhão, à Provincia Galo-Belga. Interessando a tantas Pro-

Maria (132), o P. Salvador do Vale, e o P. Gaspar Misch (133), e eu tambem posso ler uma lição de qualquer faculdade, e o farei com muito gôsto, alem dos que podem vir. Livraria temos muito boa, e com poucos livros que venham do Reino haverá todos os que se hão mister. Para vestido, que é de algodão tinto (como se usa na India e nesta terra), temos 24 fiandeiras com seus teares, que podem dar pano não só para o vestido, senão para todos os usos de casa com grande abundância. O pano de linho (que é só o que vem do Reino) compra-se

---

vincias, tem sido objeto de estudos diversos. Não obstante ignorava-se até agora o lugar e a data da sua morte. Achamos que faleceu no Colégio do Pará a 5 de Agosto de 1698 (*Livro dos óbitos*, BNL, Col. Pomb., 4, f. 4 v). Conservamse, ainda inéditas, muitas cartas suas.

(132) O P. João Maria Gorzoni, italiano, chegou ao Maranhão em 1659. Missionou em diversas regiões desde S. Luiz do Maranhão ao Baixo-Amazonas, e com boa folha de serviços. Tinha porém as "suas" idéias sobre métodos e missões, e multiplicou os atritos com diversas pessoas de fora e de dentro, sem excluir Vieira, como consta da carta seguinte. O P. Gorzoni estava no Rio Xingu em 1698 e dele escreve Bettendorff que ainda era "teso como se fora moço, sendo de setenta e três anos de idade ou pouco menos disso" (*Chronica*, 223). Não desdisse de tal compleixão, pois só veio a falecer, no Colégio do Pará, a 10 de Outubro de 1711 (*Livro dos óbitos*, BNL, Col. Pomb., 4, f. 7; a *Hist. Soc. 51*, f. 193 e outras fontes, que derivam desta, consignam o dia anterior).

(133) O P. Gaspar Misch, era como Bettendorff, do Luxemburgo. Pertenceu à Provincia do Reno-Inferior (*Bras. 26*, 17 v). Veio para Lisboa e dali para o Maranhão, onde trabalhou com zelo em diversas partes da missão sobretudo no Rio Tocantins. Falecendo um ano antes de Bettendorff, este traça já a biografia do seu compatriota a quem chama "excelente poeta" (*Chronica* 640-643). Mas coloca a data da sua morte a "quatorze" de Abril de 1697, quando foi na realidade dez dias depois, a 24 (*Livro dos óbitos*, BNL, Col. Pomb., 4, f. 4; *Hist. Soc. 49*, 233 v).

lá da nossa renda. Para o mantimento temos uma fazenda com mais de 40 escravos, donde nos vem tudo o que a terra dá de pão, legumes, e frutas. O de mais que se come nesta terra depende totalmente de indústrias, porque não ha de ordinário açougue, nem ribeira (134) e para estas indústrias temos uma Aldeia de Indios dada por El-Rei só para serviço nosso, e temos um sítio chamado Itaquí, que é o mais farto, e abundante de todo o Maranhão, donde nos pode vir muito provimento, e havendo um procurador, como ha em todos os Colégios, que tenha este cuidado, não pode faltar o sustento (135). Temos tambem já boa cópia de gado, posto que não todo o que é necessário, e emquanto o não houver se pode suprir cada ano o que falta com muito menos despesa da que faz um só sujeito dos que vem de Europa ao Maranhão. E nisso não ha dúvida alguma.

Espero que a não haja tambem em nos dar El-Rei para este fim uma boa renda, de que ha muito tenho a promessa, e agora escrevo a S. Majestade sobre o efeito, apontando os meios como se pode tirar sem notavel despesa da fazenda Real: mas quando este despacho, por resão das guerras, se dilate, nem por isso se devem dilatar os estudos, e o tratar logo deles, pois temos, como digo, com que nos remediar.

Contra a verdade e evidência deste papel, não vejo que se pode dizer, salvo se alguem quiser impugnar a suposição dele, dizendo que não tenhamos tanta missão, senão aquela que pudermos sustentar a boamente e que

---

(134) "Açougue nem ribeira", isto é, não há venda pública nem de carne, nem de peixe.

(135) Itaqui, no Rio Pinaré, hoje Pindaré, Estado do Maranhão. Nesta Aldeia viviam, como missionários, em 1654, os Padres Francisco Veloso e José Soares, como se vê doutra carta de Vieira (Lúcio de Azevedo, *Cartas*, I, 395-398, 401).

nos contentemos com parte desta conquista ou Gentilidade, e que a outra parte a deixemos a outros Religiosos, que muito a desejam, e procuram. Mas este ponto já está mui disputado e ventilado na Missão, e ainda na Província, e a todos parece uniformemente que ou havemos de ter tudo, ou nada; porque estão as cousas dos Indios tão complicadas, e dependentes umas das outras, por razão dos rios, das viagens, das conduções, das escalas, das nações, das línguas, dos intérpretes, do respeito, da obediência, da fidelidade, e ainda da mesma Fé e doutrina, que se tudo não estiver debaixo da mesma cabeça, e for governado pela mesma direção, não só se não conseguirá nem em todo, nem em parte o fim que se pretende, mas será tudo uma perpétua confusão, e continua e cruel guerra, com frades, que nesta terra são mais livres, e absolutos, e mais cegos do interesse, que em muitas outras. Por esta causa ordenou tambem El-Rei por seu Regimento que as missões deste Estado as tivesse uma só Religião, e que essa fosse a Companhia. Assim que, ou se ha de deixar toda a Missão, ou se ha de sustentar toda. Conforme a isto, ou sobejam a Vossa Paternidade 32 sujeitos, que aqui somos, que se podem mandar aplicar a outra parte, ou V. Paternidade deve mandar prover a Missão dos sujeitos que ao presente lhe são necessários, e dos meios com que ao diante os ha de vir a ter, porque, não é justo que tenhamos à nossa conta estas almas, e que lhes não acudamos como convem. E com isto hei por desencarregada a minha conciência. A bênção de Vossa Paternidade pedimos todos.

Rio das Almazonas, 21 de Março de 1661.

6.

Ao P. Geral, Gosvínio Nickel

Rio das Almazonas, 24 de Março de 1661 (136).

OPOSIÇÃO DO P. JOÃO MARIA GORZONI — APRENDIZAGEM DA LÍNGUA — JORNADA DOS NHEENGAÍBAS — P. MANUEL NUNES — ALDEIA DOS TUPINAMBÁS — CARTA DO P. FRANCISCO VELOSO — VISITA DO P. VIEIRA — ADMINISTRAÇÃO E REPARTIÇÃO DOS ÍNDIOS — RELAÇÕES COM A PROVÍNCIA DO BRASIL — AVIAMENTO DOS MISSIONÁRIOS — CONFISSÃO DE ÍNDIAS — ESTRANGEIROS — INTERESSES DOS PORTUGUESES — OS ÍNDIOS — A VIDA NAS ALDEIAS — MISSÕES À ITALIANA — DITAMES DO P. GORZONI — O ESPÍRITO DA COMPANHIA — RESOLUÇÕES PRONTAS.

Muito Reverendo Padre Nosso:

Pax Christi: Deus sabe que depois que estou nesta missão, não tive maior ocasião de pena que o indigno assunto desta carta, sendo obrigado a gastar o tempo em apologias de nossas ações, quando V. Paternidade ordena mande relações delas. Já uma estava feita, mas não vai agora por se não encontrar com as do P. João Maria, que por serem em língua italiana, sempre conciliam mais crédito entre os seus naturais. Este Padre e suas

---

(136) *Bras. 26*, 3c-3fv. Nesta carta Vieira previne o P. Geral do estado de espírito do P. João Maria Gorzoni. Devemos estar agradecidos a êste missionário, pois se não fora o seu feitio arrevezado, não teria António Vieira ocasião de descer a tantos pormenores da vida das missões e deixar-nos por conseguinte tantas indicações úteis. Há males que vêm por bem!

cousas é todo assunto desta carta, que por esta causa será impertinente, e prolixa.

Indo do Pará ao Maranhão, em Janeiro do ano passado, achei alí, chegado do Reino, ao P. João Maria Garçoni, e logo me deram informações de que este Padre nos havia de dar desgostos nesta missão. Por esta causa tratei de o ter gostoso, e de lhe fazer a vontade, quanto fosse possivel em tudo.

Entendi dele que o seu desêjo, era ir à conversão da gentilidade, e logo lhe prometi, que o levaria comigo, quando fosse aos Nheengaíbas para o deixar entre eles; assentando que, no entretanto, se ocupasse em aprender a língua, e para isso o pus em uma Aldeia. O que fez o Padre em cumprimento disto, foi levar consigo, e mandar pedir à casa muitos livros de Teologia, e pôr-se a traduzir um livro Italiano em Português, e outro na lingua do Brasil, e, como não sabia nenhuma destas linguas, em nenhum destes livros ha uma só palavra certa. Dei-lhe tambem o método, que havia de seguir, em aprender e estudar a língua, com que se não conformou, e dizendo-me que a razão de não aprender, era a ocupação da Aldeia e não ter mestre (sendo que o melhor mestre é a mesma ocupação, e trato com os Índios), tirei-o da Aldeia, e pu-lo na casa, desocupando-o de tudo, e lhe dei por mestre o Irmão mais perito na língua e na gramática dela. Mas, antes de um mês me disse que já podia aprender por si, e se inclinou a tornar para a Aldeia, e assim o fiz, tirando da Aldeia a outro Padre, a quem a tinha encomendado, não sem sentimento do mesmo Padre e nota dos de mais. Chegando à Aldeia, (137) se aplicou o P. João Maria a fazer umas Salinas,

---

(137) Aldeia de S. Gonçalo, "por outro nome Taiuaçu Coarati, sita dentro da mesma Ilha do Maranhão, para a banda de Itapicurú, à beira-mar", diz Bettendorff, *Chronica*, 145.

em distância de duas léguas, isto por sua devoção, ou curiosidade, sem ninguem lho encomendar, e, chegando o tempo em que, conforme o ajustado, havíamos de partir para os Nheengaíbas, me deu bastantes significações de que ficaria naquela Aldeia, com bôa vontade, a que me não dei por entendido. Em todo este tempo, mostrou grande descontentamento da missão, estranhando muito os estilos, e ditames dela, e fazendo estudo particular de os contradizer e impugnar, dizendo que se o não deixassem fazer o que entendia, que se tornaria para Italia, desconsolando com isto e desanimando aos demais. Chegados que fomos ao Pará, em quanto se negociava a jornada dos Nheengaíbas, o deixei com o P. Manuel Nunes por ser mui pratico na lingua, como ele muito tinha desejado; e como o P. Manuel Nunes, desde o principio, foi pouco afecto aos ditames, com que se começou esta missão, de quem V. P. está largamente informado, foi tanta a amizade e familiaridade que estes dous Padres trataram entre si, que no repouso que tinham ambos, estava o P. Manuel Nunes tomando tabaco de fumo diante dêle, e segundo os ditames que desde este tempo se ouviram ao P. Maria se entende claramente que entre ambos está feita outra união, como a antiga, entre o mesmo P. Manuel Nunes e o P. Manuel de Lima. Será com muito bom zelo, e assim o entendo de ambos. A lingua da terra não se adiantou nada com o novo mestre, porque o P. Maria contra o que lhe aconselhei, todo se aplicou sempre às miudezas da gramatica, e, tendo já perto de ano e meio deste estudo, não sabe falar duas palavras. Por esta causa (ou o que é mais certo por seu natural inconstantíssimo) me significou se seria melhor ficar em uma das Aldeias do Pará, aprendendo e exercitando a lingua, do que ir por então para os Nheengaíbas: resolvi que ficasse embora, e, por que tambem me disse que

a nação dos Tupinambás era mais acomodada, por serem os que melhor falavam a lingua, lhe nomeei a Aldeia dos Tupinambás, para que tivesse cuidado dela (138). Aqui no Pará me tinha já significado que com muito gosto se empregaria com os Portugueses, e que o seu genio era de andar por aqueles engenhos, fazendo grande fruto, por ser este o talento proprio dos italianos, mas que os hão de deixar fazer, como eles entenderem. Partiu enfim o P. João Maria para a Aldeia dos Tupinambás, e foi com ele o P. Francisco Veloso, que tinha cuidado da mesma Aldeia para o instruir no que havia de fazer, e, ao dia seguinte, depois de partidos, me chegou por um proprio um escrito do P. Veloso, que ponho aqui, porque folgara muito de poder fazer toda esta informação por palavras alheias. E é o seguinte: "P. Visitador, eu não sou para ser admonitor, e muito menos de V. R., mas contudo agora *patientiam habe in me.* Espantadíssimo estou de V. R., conhecendo este homem o pôr em Aldeia; menos mal fôra Gurupá, ou Nheengaíbas, e fora melhor um navio para o Reino, ainda que já é tarde este remedio. Hoje, sexta feira, no repouso do jantar, por guardar o que V. R. me encomendou, quis lhe dar alguma luz desta Aldeia. Disse-lhe que de dous em dous meses se haviam de mudar os Indios dos Joannes. Perguntou se bastava quando houvesse o escrito, dá-lo ao Padre para que os desse. Disse-lhe que sim, mas que juntamente havia S.ª R.ª de saber que iam, e fazê-los ir com efeito. Isto bastou para vomitar pela boca o que tinha no coração. Em resolução que não é isto para escrito, nenhuma cousa desta missão lhe parece bem, nenhuma:

(138) A Aldeia dos Tupinambás, na Ilha do Sol, chamou-se depois Aldeia do Anil e Aldeia do Cabu. — José de Morais, *Historia da Companhia de Jesus na extinta Provincia do Maranhão e Pará* (Rio 1860) 318.

tudo, tudo toca, e deve ser a cousa em que tem feito maior estudo, nem admite rezão, porque diz que a todas tem já respondido a V. R., e que a maior caridade que lhe podem fazer, é não lhe dar nenhuma: dá muitas rezões e cuido que não são todas suas. Diz o que quasi todos os do Maranhão dizem, e os do Pará. Chegou a dizer que depois que está no Maranhão, lhe parece que não está na Companhia e que semelhantes cousas, que só por ordem do P. Geral as fará; diz ha de fazer clarear esta missão, mal digo, porque diz que isto não é missão, e que ao P. Geral vai tudo. Isto, e tudo isto que digo não é nada para o que diz: em tudo toca, e impugnando-lhe eu estes disparates, diz que outra cousa me fica no coração, e que a obediencia do P. Geral me fará dizer o que sinto. O P. Pedro Monteiro lhe disse: o diabo por todas as vias trata de impedir esta Missão; não o entendeu, e foi melhor assim. Enfim, o homem diz muito muito que eu deixo para a vista. Espero volte esta canôa até domingo pela manhã, que é a hora em que hei de partir daqui. E ainda que a pressa de V. R. seja muita pareceu-me necessario este aviso para que V. R. disponha como lhe parecer. O homem de nenhum modo me parece pode estar em Aldeia alguma de repartição, e ainda sem repartição, nem pode haver senão destruição onde ele estiver, e totalmente convem retirá-lo dos Brancos, de quem se compadece muito: vexações, violencias, pés sobre a cabeça, etc., etc. Sexta-feira, Ilha do Sol. O que me obriga tambem a mandar esta canôa é que o homem está em voltar comigo para se explicar com V. R. e não me parece, suposto isto, nem levá-lo nem deixá-lo, sem ordem de V. R.".

Até aqui, o escrito do P. Veloso, o qual, com resposta minha, trouxe consigo ao P. João Maria. Perguntei-lhe as causas daquela novidade e de seu descontentamento, e me deu as que porei aqui, que são todas sem

fundamento, nascidas de falta de verdadeira obediencia e humildade, e de grande tenacidade de juizo, e de tentação do Demonio, que, depois de nos perseguir por meio dos de fóra, e se ver vencido, quer agora fazê-lo, com maior astucia, por meio dos de casa.

Diz que o seu intento é fazer a vontade de Deus e que as cousas que se fazem nesta missão entende que não são vontade de Deus, porque entende que o P. Geral as não ha-de aprovar. E traz exemplo de que, sendo ele ministro em tal parte, escrevêra ao P. Geral contra certa cousa que ordenaram os Superiores, e que o P. Geral o emendára, assim como a ele lhe parecia. Contra este ridiculo argumento não aproveita dizer-lhe eu por muitas vezes que dê conta ao Padre Geral do que lhe parecer que não é conforme o nosso Instituto, e que, no entretanto, faça o que os Superiores immediatos lhe ordenarem, porque essa é a vontade do Padre Geral e de S. Inácio e de Deus.

Diz o que a ele lhe parece mal, parece tambem a todos: e isto é falso, porque nenhuma cousa se ordenou nesta missão, que não fosse consultada e aprovada na junta geral, que se fez. E somente sobre se renovarem os votos dia de Jesus, ou em outro, houve discrepância de votos, e bastou isto para eu o não resolver, e avisar, como fiz, a V. Paternidade. Não duvido que algumas cousas, das que se ordenam na visita achem repugnância em alguns menos perfeitos, como me consta que ha algum que repugna a tanta clausura, e algum que quisera maiores larguezas, no que toca à pobreza. Mas isto antes califica a Missão do que a condena.

Diz que não convem que tenhamos a administração das Aldeias, pela inquietação, que daí se segue, e encontros com os Portuguesses; e eu tambem o cuidei e desejei assim, antes de vir ao Maranhão, mas depois que experimentei que sem a dita administração não podia-

mos obrar nada nas Missões e doutrina dos Indios, por parecer de todos quantos havia na missão, *nemine excepto,* fui a Portugal a buscar a dita administração dos Indios; e apertou tanto este ponto o P. Manuel Nunes, que estando eu duvidoso da jornada, me foi intimar ao cubículo que tinha obrigação de o fazer *sub peccato gravi.* Assim o tinha tambem entendido o P. Luis Figueira, que foi buscar, e trazia a dita administração. E assim o entenderam no Brasil tantos Superiores e tantos homens Santos, e o tem confirmado, desde S. Inácio, todos os Padres Gerais. Particularmente condena o modo de repartição, que se faz dos Indios, sendo certo que é o mais comodo para os mesmos Indios, e o mais livre de inconvenientes para nós, de quantos se podem excogitar, como a experiência mostra; e qualquer outro tem sem comparação maiores inconvenientes, os quais o P. João Maria não alcança por falta de experiência e docilidade.

Diz que a Missão está disposta contra o uso do Brasil e contra a mente dos Provinciais, a que é sujeito. É falso, e sem razão; porque esta Missão não se fez por ordem dos Provinciais do Brasil, nem eles me deram instrução alguma do que havia de obrar: fez-se por ordem do P. Geral Francisco Picolomini, e de tudo o que se ordenou até agora, e da ideia da mesma missão dei conta a V. Paternidade, que V. Paternidade tem aprovado. Nem os Provinciais do Brasil reprovaram cousa alguma, antes aprovaram e louvaram todos, depois que foram informados das razões porque se faziam, até retratarem por esta causa algumas disposições suas. No de mais, nos conformamos em tudo com os usos da Província do Brasil, e se em alguma cousa ha nesta Missão diferença, é toda para melhor, ou deminuindo inconvenientes dos que cá se padecem, ou pondo em sua perfeição o que está descaído dela.

Diz que nesta Missão não se dá o necessário aos Padres que estão nas Aldeias, e é falso, porque excepto o vinho, de que direi depois, dá-se muito mais que nas Aldeias do Brasil. Nas Aldeias do Brasil só dão os Colégios, aos que nelas residem, roupa interior e exterior, para suas pessoas, vinho, azeite e farinha para hóstias, e nada mais. No Maranhão dá-se toda a roupa interior e exterior, dá-se vinho e farinha para hóstias, dá-se azeite; e, sobre isto, dá-se a roupa de serviço necessária, e todas as alfáias de Refeitório, Cozinha, e Dispensa, sendo muitas delas de cobre e estanho, que cá vale muito, e todos os anos se dá a cera branca necessária para as festas, e em muitas Aldeias se tem dado todos os ornamentos do Altar, sino etc.. O vinho de beber sempre se deu aos que tiveram necessidade particular; e agora se está já fazendo de nossa lavra aguardente de açucar, que é o vinho da terra (e de que gostam geralmente todos mais que do de Européopa), para se dar ordinária dele; como já se começa a dar nas Aldeias do Pará. As Igrejas, as casas dos Padres e comer ordinário, os mesmos Índios o dão e o fazem, com mui boa vontade. E este é o estilo de todo o Brasil.

Diz que na visita estão muitas cousas impraticaveis, e que se houver de guardar as ditas cousas lhe serão impedimento para maior serviço de Deus. Lá está a visita: ela responderá por si. Mas, examinando estas cousas impraticaveis, vim a achar que são as que pertencem à clausura e cautela, e à sujeição aos Superiores, sendo certo que sem estas, nem no Maranhão haverá Missão, nem Companhia. A culpa destas cousas impraticaveis diz que a tenho eu, porque faço por meu parecer. Mas como V. Paternidade é o que o ha de aprovar ou reprovar, ficará purificada esta queixa. Uma das cousas, em particular, que lhe parecem impra-

ticaveis, é haverem de se ajuntar os Padres na Cabeça da Colónia de dous em dous meses. Nas Aldeias da Índia faz-se isto de mês em mês. E o P. Inácio de Azevedo, de santa memória, sendo visitador do Brasil, ordenou (como noutra digo), que os Padres das Aldeias um mês residissem nelas, outro no Colégio. Nenhuma cousa é mais necessária que a sujeição dos Padres das Aldeias, porque cada uma é um potentado livre. Nas visitas do Brasil se ordena, que quando o Padre confessar índias na Igreja, principalmente em horas que não ha concurso, esteja o companheiro à vista. Isto não se pode guardar, porque na Quaresma gastam-se os dias inteiros no confessionário, e é necessário acudir o companheiro às cousas domésticas. Pera acudir a um e outro inconveniente, tratei que o confessionário fosse na parede da Igreja, de sorte que as índias ficam na Igreja, o Padre dentro em casa, em lugar muito público do claustro, donde vê a portaria, e tudo o que se faz em casa, como V. Paternidade pode ver da planta; nesta forma são os confessionários da nossa Igreja da Baía, e o P. João Maria os abomina, e lhe chama cousa extravagante contra o uso da Companhia e que parece de freiras, como se as cautelas, que se fazem para Religiosas consagradas a Deus aprovadas por toda a Igreja, foram indecentes, entre gente de tão diferentes calidades, e em lugares de tanto perigo. Sobre esta traça espero tambem resolução de V. Paternidade.

Diz mais (e até isto diz) que ouve dizer, que os estranjeiros são mal vistos dos Portugueses, e como dominados deles. E é verdade que se o P. João Maria fora um vidro muito cristalino da sua Província de Veneza, não o tratara eu com maior mimo e resguardo, procurando adivinhar-lhe os pensamentos e cortando pelos Portugueses por amor dele; e assim o faço a todos os Estranjeiros, não só porque o são, mas porque espero

e desejo que eles chamem e tragam outros; o que não farão se não estiverem contentes.

Diz que queremos dominar e meter debaixo dos pés aos Portugueses e impedimos seus interesses e é falsissimo; porque antes os temos ajudado por ventura mais do que convinha. Querem eles que nós, pelos ditos seus interesses, quebremos as leis de El-Rei; e nenhuma injúria lhes fazemos em as guardar, antes pecamos gravemente em fazer o contrário, porque são em matéria gravíssima e obrigam em conciência.

Diz que oprimimos os Índios e lhes fazemos violências e os temos descontentes, e é tanto pelo contrário, que nós somos os seus redentores do cativeiro, e tirania, com que eram tratados, e os pusemos na liberdade cristã e civil, de que hoje gozam, como todos eles conhecem e apregoam; e se algum, em alguma ocasião, se queixa, tambem os Hebreus, que tinham mais entendimento, se queixavam de quem os tirou do Egito.

Finalmente, não houve nunca secular tão émulo e inimigo nosso, que tão miuda e tenazmente fiscalizasse, e acusasse nossas ações, como o P. João Maria, condenando-as nas conversações com Padres e Irmãos, ainda os mais modernos. E, admirando-me eu de como falava assim, particularmente em cousas que não tinha visto, como são as da Província do Brasil, respondeu-me, que de todas se tinha informado, e assim mo tinha já escrito em outra ocasião. De sorte que veio o P. João Maria informar-se e pesquisar das ações da Missão do Maranhão, e das ordens dos Superiores dela: V. Paternidade saberá se lhe deu jurdição para isso, e se a não tem, tambem esperamos ver como V. Paternidade acode a este caso.

Condenando estas cousas, o P. João Maria tambem diz os modos com que se haviam de emendar e fazer melhor: e nisto mostra a pouca experiência e advertên-

cia com que se mete no que não alcança, porque para evitar um pequeno inconveniente, dá em cousas que tem muitos, e muito maiores, e totalmente intoleraveis. E para que se vejam os paradoxos do juizo e espírito deste Padre, porei aquí alguns dos que têm feito, e intentado:

Indo a uma Aldeia, com um Irmão por companheiro, tomou por empresa que em casa não havia de haver fogo, nem cozinha, nem se havia fazer de comer, por ser aquilo cousa corporal, e assim o fez por muitos meses, até que fui avisado, pondo com isto um terrivel tributo aos Principais, que era mandarem todos os dias aos Padres o jantar, e a ceia feita; e por não haver dispensa, nem provimento em nossa casa, se faltava aos pobres e enfermos da Aldeia, com socorro e caridade, que costumamos em todas.

Tambem me disse que não lhe parecia bem, quando iamos nas canôas, levar caixa de matalotagem com roupa, louça e o mais necessário, e que, quando ele fosse à missão, não queria levar nada daquilo, porque não queria outro sustento mais que o que lhe dessem os fieis. Disse-lhe que não era possivel, porque nos lugares, por onde se havia de fazer a dita missão, não ha fieis, e se passam oito, e dez dias de navegação por Rios e matos, sem povoação alguma, com que é forçoso levar nas canôas o provimento: mas nem com tudo isto se convence. A galantaria é que este mesmo Padre não pode passar sem aguardente todos os dias, e assim a mandava pedir quando estava na Aldeia, e no Refeitório come tão bem como todos, e melhor que muitos e até agora não tem dado sinal algum de amar as incomodidades; de as querer evitar todas, sim. A primeira cousa que fez, na sobredita Aldeia, foi confessar por intérprete a todos os homens e mulheres, sem necessidade alguma, e sem saber nem uma só palavra de língua.

Foram os intérpretes dous Irmãos, seus companheiros, e agora quando perguntão aos Índios com quem se confessaram, nomeam aos Irmãos, e não ao Padre.

Obrigava aos mesmos Índios (que são cristãos antigos, e bem instruidos na Fé) que viessem a Igreja não só aos dias santos, mas todos os dias da semana, pela manhã e à tarde para os doutrinar a seu modo; sofrendo muito mal que os Índios houvessem de ir servir aos Portugueses, ou fazer suas lavouras, dizendo, que desta maneira não teria a quem ensinar. Era bastante este estilo, tão alheio do uso da missão e da Igreja, para fazer a doutrina dos Padres odiosa e aborrecivel aos Índios; mas durou pouco, como as mais cousas do Padre Maria. E indo eu visitar esta Aldeia, achei que nem o Padre ensinava a doutrina, nem o Irmão, como é costume, senão um moço da terra, que é outro absurdo.

O seu modo de ensinar aos Índios tambem é extraordinário, não querendo seguir em nada o estilo, que a experiência tem ensinado em tantos anos, desaprovando o catecismo, de que se usa em toda a Missão, feito pelos Padres mais doutos e mais práticos na língua, e tratando ele de fazer outro catecismo; e tudo isto sem saber nem entender uma só palavra da dita língua.

O modo da Missão, que quer fazer, é ir prègando a Fé de Cristo e dando notícias dela, pelos sertões dos Índios, e caminhar por diante: e porque não usamos este modo, diz que não é isto missão.

Mostrei-lhe o inconveniente e absurdo de bautizar homens bárbaros, e deixá-los em suas terras, sem doutrina, nem sacramentos, tão gentios como dantes. Não teve que responder, senão que isso faziam outros: e assim julga por cousa menos digna de missionários da Companhia estar cultivando os cristãos nas suas povoações, como fazemos, e se faz em ambas as Índias. Donde julgo que o espírito deste Padre vai totalmente

errado, e que deseja só ações de nome e aplauso, e não os de trabalho e proveito das almas.

Estando na Aldeia, se foi só algumas vezes a fazer caminhadas por espaço de duas ou três léguas, deixando o companheiro tambem só em casa, que é a cousa de maior inconveniente, nota e escândalo, que se pode fazer nestas terras, assim para os Índios, como muito mais para os Portugueses. Outras vezes mandou ao Irmão que fosse só pela Aldeia a visitar os enfermos, ficando ele em casa; e defendeu esta acção, dizendo que maior serviço de Deus era ficar ele estudando a língua, quieto, no seu cubículo, que ir o Irmão acompanhado. E sobre este ponto de andar sem companheiro, e convir assim, e ser conforme ao espírito da Companhia faz grandes argumentos, e alega exemplos. A mim me propôs que queria ir à missão do Rio das Almazonas sem companheiro, e que bastava levar um moço secular branco ou Índio, e tambem o não convenci, dizendo-lhe tudo o que nisto ha de inconveniente e deformidade.

De nenhum modo se quer acomodar com os Irmãos de casa; e agora no Pará fez grandes instâncias por levar consigo para a Aldeia um moço secular, propondo dous, um branco, outro negro, para os ter das portas a dentro, e se ajudar deles em tudo, dizendo que os Irmãos não ajudam bem.

Reprova que os Superiores da Aldeia ocupem aos Padres moços, que têm em sua companhia em alguma cousa doméstica (o que fazem raríssimamente), e, porque estando ele com o P. Ricardo Careu, Superior do Maranhão, em um destes lugares, lhe encomendou o dito P. Superior certa cousa deste gênero, teve com ele uma grande pendência.

Este é, muito Reverendo Padre nosso, o espírito e os ditames do Padre João Maria, e a perseguição que com ele nos veio a esta missão. E tudo o que aquí

refiro, ou lho ouvi de sua boca, ou mo escreveu o mesmo Padre em dous escritos, dos quais está um em meu poder; e o outro me pediu ele que queimasse logo, como fiz, e todas, ou quasi todas estas cousas, são públicas.

O que agora represento e peço a V. Paternidade, em nome desta missão, são as três cousas seguintes:

1.ª — que sobre o que tiver escrito este Padre, ou qualquer outro, contra a forma que se tem dado à missão, V. Paternidade se sirva de nos dar vista de tudo por itens, com razões de cada cousa em particular, para que V. Paternidade seja informado da verdade delas, e dos motivos que houve para assim se ordenarem, para que com inteira informação possa V. Paternidade resolver o que for de maior serviço de Deus e glória sua, que é o que só pretendo sem afecto, nem empenho particular algum. Isto digo só acerca das cousas que se escreverem contra a Missão, que das que se escreveram contra mim, não quero vista, nem réplica, e as confesso todas por verdadeiras sendo certo que, por muito mal que se diga, sempre é muito menos do que realmente ha em mim, como noutra mais em particular manifestarei a V. Paternidade. A 2.ª cousa, que proponho é, que sobre este caso venha ao menos uma boa repreensão mandada por V. Paternidade em forma que chegue à noticia de todos; na qual se estranhe como convém a ousadia e temeridade de os súbditos se armarem contra as ordens dos Superiores, e as condenarem, e fazerem informações, e buscarem votos contra elas, mandando V. Paternidade declarar que o verdadeiro espírito de Deus e da Companhia e a verdadeira vocação dos missionários é a humildade, sujeição, e obediência, executando, querendo, e tendo por melhor e mais acertado o que os superiores ordenam, e que o contrário, ainda que pareça de grande serviço e gló-

ria de Deus, desagrada ao mesmo Deus, e que só podem os missionários, como os demais súbditos da Companhia, avisar e dar conta aos superiores maiores, do que diante de Deus julgarem o que devem fazer; mas isto com o segredo e resignação que encomendam as nossas regras, e não com publicidade e alterações, que não servem mais que de esfriar a caridade, desconsolar a missão, e impedir o serviço divino, que por meio de tantos trabalhos se veio buscar. E é necessário esta repreensão, e declaração de V. Paternidade porque os espíritos dos moços principalmente com estudos acabados, são mui orgulhosos, e cada um presume que pode governar um mundo, e ha de converter outro, e isto trazem no pensamento onde mais os lisonjeia a fama e aplausos de S. Francisco Xavier, do que os inflama o desêjo de suas virtudes e trabalhos.

A terceira, e última cousa que proponho, e instantíssimamente peço a V. Paternidade, é que estas novas informações, de quem quer que forem, não sejam cousa para dilatar as resoluções de V. Paternidade que é sem dúvida o intento do Demónio, o qual quando não pode impedir, procura dilatar, e, entretanto, perdem-se as ocasiões, acabam-se as vidas, e o serviço de Deus perece, e até os que o procuram com grande zêlo e vontade cansam e desmaiam. Faça-se, em tudo, o que for melhor, mas não se impida o curso do que importa que se faça logo, e se não se fizer logo, não se fará nunca. Assim o espero em Deus e na paterna providência de V. Paternidade e do afecto com que V. Paternidade deseja o estabelecimento e aumento desta missão. A santa benção de V. Paternidade pedimos todos.

Rio das Almazonas, 24 de Março de 661.

7.

Relação dos Sucessos do Maranhão (*139*).

[1662 ?]

A EXPULSÃO — CASTIGOS — O GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA — RESTITUIÇÃO NO MARANHÃO — REVIRAVOLTA DO POVO — D. PEDRO DE MELO — FESTAS — OS DEFENSORES DA COMPANHIA — ARRIBADA DOS PADRES — RESTITUIÇÃO NO PARÁ.

Tomou o Céu tanto por seu, o agravo que no Maranhão se fez aos Religiosos da Companhia de Jesus, em sua injusta e violenta expulsão daquele Estado, que, sem haver Elias, que lhe embargasse as nuvens, teve ele cuidado de negar à terra suas águas, com que se seguiu uma sêca tão universal e terrivel, que nem para beber se achava água nas fontes. E como este castigo, pela generalidade com que alcançava a todos, não singularizava bem a culpa porque se dava, para que ninguem duvidasse desta, começaram a sentir muito em particular o rigôr da Divina Justiça os maiores ini-

---

(139) *Bras. 9*, 69-70. Esta Relação, anónima, foi escrita em Portugal, onde estava o P. António Vieira, expulso do Maranhão, a seguir ao motim de 1661, e a quem informavam do mesmo Maranhão o Vigario Geral, o Governador e o P. Pero Luiz Gonçalves. Aliás, no fim da Relação, indica-se expressamente a sua categoria: "Não esperamos cartas senão as pessoas. E queira Deus dar-lhe a VªRª uma boa esquadra". Estas palavras, dirigidas ao autor da Relação, só se podiam aplicar a quem fosse chefe, como de-facto era Vieira, Superior da Missão.

migos da Companhia, como consta de alguns casos, que em uma carta refere o Vigário geral daquele Estado, e são os que se seguem.

António Mendes, vindo com mulher e filhos, em uma canôa, virando-se esta junto ao pôrto, em parte onde a mulher saiu a pé com uma criança de peito nos braços, morreu ele afogado. O Armeiro, vizinho do Colégio, se foi à porta da Igreja dos Padres, e lhe deu de cutiladas e estocadas, dizendo que os Padres o queriam botar fóra, e que ele os botára primeiro. Não lhe ficou a mão folgada dos golpes, porque, chegando a sua casa, caiu em cama de doença tão mortal, que em breves dias lhe tirou a vida. Um António Leitão, morador na Iuçára (não se sabe se com doudice, ou com que outro acidente), se meteu pelos matos da Tabóca e não apareceu mais até hoje. Em Tapuitapéra uma mulher que foi do Borges, grande inimiga da Companhia, morreu queimada viva dentro em sua casa.

Assim ia Deus acudindo pela injúria feita a seus missionários, e dispondo a pertinácia daquele Povo para um grande arrependimento, quando aos 25 de Março, chegou ao Maranhão o novo Governador Rui Vaz de Siqueira, o qual conciliando primeiro, prudente e dissimuladamente, os ánimos dos moradores, e obrando em tudo conforme as ordens secretas que levava, para que se efeituasse melhor e com menos estrondo o que tanto se desejava, tratou de restituir (como de facto restituiu) os Padres da Companhia a suas casas e missões. As particularidades do sucesso relata o mesmo Governador largamente em uma carta, da qual, por ser mui dilatada, se resumirão as seguintes.

Na primeira oitava do Espírito Santo, dia em que os motins passados mais se acenderam, fez o Governador junta na Misericórdia em que o Secretário leu um papel, que ele dito Governador fizéra à porta da

Igreja, para que ouvissem os de fóra e os de dentro; e logo votaram todos em favôr dos Padres expulsos, para serem admitidos, excepto o Senhor D. Pedro que assim na mesma junta como em todo o tempo antecedente fez notaveis diligências por fazer verdadeiras as suspeitas que os Padres tinham de sua bôa vontade. Vendo pois o dito D. Pedro que todos uniformemente votavam se restituissem os Padres a suas casas, começou a relatar contra eles todos os pretextos com que no caso se tinha procedido, e, dizendo para o novo Governador que os moradores o enganavam, por que eles não queriam Padres da Companhia, se levantou um Cidadão, que o mesmo D. Pedro avaliava pelo mais dificultoso, e disse: sim queremos, Senhor D. Pedro etc.

Socegou o Governadôr esta prática; mas, tornando D. Pedro segunda vez com ela para o Povo, se levantou um deles, e lhe disse publicamente: se os lançamos fóra, foi porque os criados de V. S.ª nos dissé-ram que assim o fizessemos. Com que, irritado, D. Pedro brotou em algumas palavras, a que o Governadôr atalhou, mandando repicar os sinos, como se fez, e levando ao dito D. Pedro para sua casa, dando todos muitos vivas ao novo Governadôr pelo que tinha obrado, e obrigando ao mesmo D. Pedro a que os desse. Sobre a tarde se recolheu D. Pedro à casa de Santo António, fazendo-lhe o Governadôr escolta ao largo, por temer que o descompusesse ainda mais. E o Governadôr fez oração na Igreja do Colégio, que havia um ano estava fechada, e no dia seguinte se disse nela missa cantada, a que assistiu o Governadôr, acompanhado de tudo que havia no Maranhão. Quem cantou a missa foi o Vigário Geral do qual escreve o mesmo Governadôr o muito que o ajudára nesta ação, encarecendo a paixão, zêlo e valôr com que sempre se houve em favôr

dos Padres sem que bastassem nunca a prevertê-lo ainda as maiores violências dos amotinados. Diz mais o dito Governadôr que tambem o ajudára muito o Vigário da Matriz; e, que, finalmente, já todos clamam pelos Padres, contra quem tanto clamaram. Mas, tornando ao Senhor D. Pedro, depois de dificultar sumamente ao Governadôr o negócio da restituição dos Padres, vendo que nada obrava com suas exortações, saiu e se recolheu para a mesma casa de Santo António, donde um daqueles santos Padres saiu a fazer missão pelas casas de alguns moradores, persuadindo-os que lhes não convinha receber outra vez os Padres, maximé que nisso faziam manifesto agravo ao Senhör D. Pedro, em cujo tempo foram expulsados. E como nenhuma das traças, que intentava o dito D. Pedro, lhe sucedesse, vendo por outra parte ao Governador resoluto em restituir os Padres a todo o risco, e que por suas diligências vinha o Povo na restituição, tratou ele D. Pedro de se fazer Autor da dita restituição, indo um dia lêr na Câmara uma carta que lhe escrevêra o Conde de Soure em favor dos Padres, que, tendo recebida e calada havia dous meses, então lhe lembrou sair com ela. Leu mais um papel seu sobre este particular, oferecendo-se à Câmara e Povo, para ser medianeiro da concórdia e perdão. Responderam-lhe que havia dous meses conheciam por seu Governadôr ao Senhor Rui Vaz, e que por sua via haviam de responder. Mandou o Governador lançar um bando, que todo o oficial de justiça e fazenda, presentasse seus provimentos: veiu o Juiz do Povo, e presentou-lhe o seu, dado no princípio do motim. Mandou-lhe arrimar a vara: e ficou degolada a bicha de sete cabeças, com que tanto assombrava o Senhor D. Pedro.

Até aqui a sustância da carta do Governador por suas palavras.

O que sucedeu no Pará consta de um capítulo da carta do Padre Pero Luiz Gonçalle, (140) residente naquela Capitania, em que diz assim:

Aqui estamos outra vez recebidos na posse das nossas casas, e missões desta sua mimosa Conquista, não só rica, mas riquíssima para mim. Aqui estamos com milagre da mão direita de Deus. A segunda oitava do Espírito Santo, com a prudência do Senhor Rui Vaz de Siqueira, desfez todos os nós do motim no Maranhão, apesar de quem os tinha atados tão rijamente, *et, in facien solis huius,* apareceu o negócio traçado nas trevas e venceu o espírito maligno transfigurado em Anjo de Luz meridiana.

Ficou livre o Pedro por lhe cair publicamente das mãos a cadeia da ímpia fidelidade, com que estava amarrado com o Povo. *Verum comprehensus caligis suis.* Quanto apareceu feia a mentira, tanto mais lustrosa se fez a verdade. Logo com mil estrondos de alegria se

---

(140) O P. Luiz Gonçalle ou P. Pero Luiz Gonçalves ou simplesmente P. Pero Luiz, como habitualmente se dizia naqueles bons tempos quando em Portugal e no Brasil se nacionalizavam os nomes estranjeiros, era o P. Pier Luigi Gonsalvi, como assina uma carta sua ao P. Geral, datada a 26 de Setembro de 1661, de Cabo Verde, a meio da viagem de Lisboa ao Maranhão (*Bras. 3* (*2*), f. 1-2v). Foi insigne operário nas Aldeias do Maranhão e nos Rios Amazonas e Xingu. Mas levou estilos já diferentes do P. Vieira. E como Superior, que também foi da Missão, tomou parte na famosa expedição militar, de 1679, com o Capitão-mor Vital Maciel Parente contra os "Tremembés", do Rio Paraguaçu (Parnaiba), que êle próprio descreve em *Bras. 26*, 75-76v (Cf. Carta de Pedro de Pedrosa, *Bras. 9*, 320v). Fez outras entradas, uma das quais às cabeceiras do Rio Pinaré, em 1678, onde a força armada, que o acompanhava, travou combates com os Indios (*Bras. 26*, 63). Faleceu no Pará a 19 de Janeiro de 1684 (*Livro dos óbitos*, BNL, Col. Pomb. 4, f. 3; *Hist. Soc. 49*, f. 214; Bettendorff, *Chronica*, 348-353).

festejou por toda a Cidade do Maranhão com tambores, mosquetes, artilharia, vivas, danças, folias; e na Igreja com missa solene e prégação, tudo obrando o Senhor Vigário Geral Francisco da Costa, em cuja pessôa se tornava a dar a posse aos Padres da Companhia. Isto no Maranhão, quando do Pará chegavam como presos os três nossos defensores, o Ouvidor Geral Diogo de Sousa de Meneses, o Capitão-mór do Gurupá Paulo Martins Garro, e o Cavaleiro Manuel da Vide Soto Maior. Imagine se passou a tragédia em comédia. Com toda a pressa se despachou canôa de aviso para o Pará, e o rebate das novas foi fero, achando ainda no Pará Padres da Companhia, que cuidavam já no mar largo, caminho do Reino; e assim havia de ser, pois o ponto de se fazer a restituição nossa no Maranhão foi o mesmo por este povo para nos embarcar. E a quarta-feira, depois da segunda oitava de Espírito Santo, fomos em duas embarcações, divididos, todos os Padres, pela Ilha do Sol, e nos iamos, na charrúa de Manuel Dias, já pela Barra fóra, e a excessiva água que fazia nos fez tornar para dentro, saindo-se entretanto o pataxo de Simão dos Santos para o Reino, levando nove dos nossos: 2 leigos, um estudante e 6 Sacerdotes (141). Quando chegaram as novas do caso do Maranhão, foi

---

(141) Bettendorff nomeia só oito: Padres Francisco Veloso, Salvador do Vale, João Maria Gorzoni, Tomé Ribeiro e Francisco da Veiga; estudante António Pereira; e os Irs. coadjutores Sebastião Teixeira e Manuel Lopes. Todos voltaram à missão, excepto os Padres Tomé Ribeiro, que ficou em Portugal, fora da Companhia, e o P. Francisco da Veiga, que navegou para o Oriente, como dissemos (supra, nota 126). O Ir. António Pereira, depois de completar os estudos e de se ordenar, veio a acabar, mártir, em 1687 às mãos dos bárbaros do Cabo Norte.

grandíssimo o reboliço. E o Capitão-mór (142) sem pôr tempo em meio, logo mandou publicar os bandos, junto com o perdão geral de S. Majestade. E veiu a casa de Henrique Pestana, onde estavamos presos, para logo nos meter de posse no Colégio ainda que se julgou por melhor diferir alguns dias, estando o nosso Colegio, e Igreja uma lástima. O domingo depois de S. João Bautista, aos 25 de Junho, oito dias depois da publicação, tomamos posse do Colégio com nobre acompanhamento da maior parte dos nossos inimigos, faltando quasi todos os amigos espalhados, recolhidos e fugidos pelas roças e pelos matos: todos os Prelados das Religiões, tirando os do Carmo, que se sairam da junta com escândalo ainda dos seculares, tendo-os obrigado o Padre Superior e eu, com algumas finezas; porém não ficamos de morada no Colégio senão depois de dous dias. Houve muita artilharia, repiques etc. O que deteve pasmado este Povo, para não fazer maiores demonstrações, foi darem-nos posse por força e ordem do Maranhão, tendo eles tanta ocasião de o ter feito tantas vezes, e deixarem-nos na obrigação, em que agora lhe não ficamos. No que remato é que tudo devemos a Deus, e a Rui Vaz. O que agora mais sinto é o *nescio loqui*. Não esperamos cartas senão as pessoas. E queira Deus dar-lhe a V.ª R.ª uma bôa esquadra.

---

(142) Francisco de Seixas Pinto. Bettendorff, que estava presente no Pará, refere-se com menos satisfação à atitude deste Capitão-mor e do próprio Governador Rui Vaz de Siqueira (*Chronica*, 189-194). Assunto complicado. Tanto êle, como o procedimento do Governador anterior, D. Pedro de Melo, de quem se fala com tanta displicencia, requerem explanação mais ampla, que não cabe numa simples nota. Reservamo-la para o seu lugar próprio. O III tômo da *História da Companhia de Jesus no Brasil.*

APÊNDICE

A-pesar da guerra, conseguimos obter do *Archivum S. I. Romanum* as duas cartas de Vieira, em português, a que nos referimos na *Nota Preliminar* desta 3.ª secção.

Regozijamo-nos com ser ainda tempo de se incluirem, junto com as mais, neste volume. O regalo, assim, é completo.

8.

Ao P. António do Rego, assistente de Portugal em Roma

Da Baía, 27 de Junho de 1685 (143)

DOENÇAS — OS SERMÕES DO ROSÁRIO — P. JOÃO LUIZ — P. INÁCIO DE AZEVEDO — ANGOLA — CORSARIOS INGLESES — CATIVEIROS DOS PADRES DO MARANHÃO — MARTÍRIO DUM PADRE — FRADES DE S. BENTO.

Muito Reverendo Padre Assistente:

Pax Christi: — Grande suspensão é que as frotas nos façam anual a correspondência, e muito maior pena e desgosto, quando chegam sem carta, como nesta me aconteceu, tendo escrito a V. R. duas, e alguma bem larga, não podendo duvidar que chegassem a salvamento a Lisboa, nem o podendo atribuir à incerteza dos correios, pois se respondeu de Roma às da mesma companhia. Seja embora o que fôsse, com tanto que V.ª R.ª logre a saúde, que lhe desejo, de que sòmente me deu boas novas o P. Francisco de Matos (144). Eu na minha tenho experimentado grandes variedades, a maior parte

(143) *Bras. 3 (2)*, 209. Autógrafa.

(144) O P. Francisco de Matos, então Procurador do Brasil em Lisboa, foi depois Provincial do Brasil.

do ano enfermo e de uma vez perigosamente. Foi Deus servido dar-me vida ao que creio por intercessão da Virgem Senhora Nossa, em cujo serviço trabalhava aquele ano, e vou ainda trabalhando, em dous tomos do seu *Rosário*, de que agora vai à estampa a primeira parte. E' cumprimento de um voto que não quis dilatar, sendo mais provável não dar a vida lugar a maiores demoras. Em um Repouso que tivemos nessa sala os Padres Bartoli, Grasseti, e eu, nos achamos todos três da mesma idade, e agora ouço que os dous são mortos com dobrado aviso de que me aparelhe. As doenças nesta terra são muitas e graves e com frequentes mortes repentinas, uma das quais levou ao antiquíssimo P. João Luiz, no mesmo dia 6 de Junho, em que ele nomeadamente tinha dito que havia de morrer (145). Também morreu, com poucos de doença, o P. Inácio de Azevedo no nono ano do ministrado dêste Colégio, meu companheiro que foi no Maranhão (146).

Angola arde em peste de bexigas, de que está quasi despovoada. Da Índia e do como esteve Goa quási perdida darão notícias os dous Padres Ciceri e Candone, que aqui chegaram arribados, um missionário da China, outro da Cochichina. O ano passado nos martirizou um

---

(145) O P. João Luiz, da Baía, tinha estado na Armada do Conde da Torre, contra os holandeses em 1639 e foi ao Rio Real em 1640 contra os mesmos holandeses, na expedição de D. Francisco de Moura, conforme atestado passado pelo mesmo general, documento pertencente à biblioteca do Dr. Alberto Lamego, hoje em S. Paulo.

(146) O P. Inácio de Azevedo, pernambucano, foi um dos herois das guerras holandesas. Depois deixou a milícia do século pela do apostolado e prestou relevantes serviços. Faleceu, com 55 anos de idade, no Colégio da Baía, a 14 de Junho de 1685. Bettendorff, *Chronica*, 88), *Hist. Soc. 49*, f. 147 v.

Padre nesta costa um corsário inglês (147); depois nos tomou um pataxo do serviço dêste colégio e com êle cativou o Superior da Missão do Maranhão, com alguns outros, dos expulsos, que, lançados em terra, foram para o Pará. E tornando, outra vez êste ano, na passagem de S. Paulo para o Rio de Janeiro, tomou o nosso navio em que se visita a Província, e nele ao P. Provincial, seu companheiro, e outros, a que também por mercê de Deus deram liberdade. Enfim que em tôda a parte temos em que exercitar a paciência, e até de mim se não ha de livrar desta vez a de V. R. As causas que no memorial incluso aponta êste frade bento são verdadeiras. E havendo-se pedir informação quer que seja antes por via do Ordinário que dos seus frades, em que pode ter oposição por ser pessoa de préstimo, e o quererem das portas a dentro. A razão de me empenhar nesta dispensação é porque temos na Companhia um irmão do mesmo frade, estudante de excelentes partes, e seria grande perda se pelas mesmas causas fôsse êle obrigado a deixar a Companhia; e assim peço muito a V.ª R.ª me faça graça de encomendar êste requerimento a pessoa que o encaminhe de modo que tenha efeito. E o P. Francisco de Matos tem ordem para assistir com a despesa necessária.

---

(147) O P. Domingos Fernandes. O P. Bettendorff faz-se eco da notícia, que então corria, que os piratas antes de matarem a sua vítima, a obrigaram a comer a própria orelha, salgada (*Chronica*, 384). Em *Lus. 58*, f. 18, diz-se que o P. Fernandes foi morto *a belgis calvinistis*, ou holandeses, como lhes chama o catálogo da Bibl. Vitt. Em., fondo gesuitico, 3492-1363, no. 6. Franceses, holandeses, ingleses e alemães andavam então juntos nestas piratarias, como diz o mesmo Bettendorff, referindo-se ao cativeiro do Superior e outros Padres do Maranhão (*Chronica*, 384), saídos daquela Missão no motim de 1684. Vieira refere-se a seguir, nesta mesma carta, a êsse facto.

Perdoe V.ª R.ª a moléstia, e se eu neste destêrro posso servir para alguma cousa, que seja do gôsto de V.ª R.ª, V.ª R.ª mo avise com a sinceridade que a V.ª R.ª mereço, como seu sempre devotíssimo servo, supondo V.ª R.ª que ninguem o fará com maior vontade. A benção e santos sacrifícios, Baía, 27 de Junho de 1685.

humilde e obrigadíssimo servo de V.ª R.ª

António Vieira

9.

Ao P. Geral, Tirso Gonzáles

Da Baía, 8 de Julho de 1690 (148)

BARTOLOMEU NAVARRO — COLÉGIO DOS IBÉRNIOS — DESEMBARGADOR JOÃO DE SOUSA.

Muito Reverendo em Cristo P. Nosso Geral:

Pax Christi: — António Navarro filho de Bartolameu Navarro defunto pretende sua Mãi para melhor sua educação na virtude e letras, ser admitido por porcionista no Seminário dos Ibérnios de Lisboa, como já foi outro seu primo, António de Oliveira, filho de Hierónimo de Oliveira. E solicita êste favor, para que não tem impedimento algum, o Desembargador João de Sousa, que o é nesta Relação da Baía, pessoa a quem devemos muito particular afecto, e ofício de que temos muito frequentes dependências nesta Província; pelo que, em nome dela, peço com todo o encarecimento a V. P. seja V. P. servido de nos conceder esta graça ordenando-o assim ao P. Reitor do dito Seminário. Na benção e ss. sacrifícios de V. P. muito me encomendo. Baía, 8 de Julho de 1690.

De V. P. humilde servo e indigno em Cristo filho

António Vieira

---

(148) *Bras. 3 (2)*, 288. Autógrafa.

ÍNDICE DE NOMES

(Com asterisco: Jesuítas)

ÍNDICE DE MATÉRIAS

II — CARTAS AVULSAS

"B R A S I L I A N A"

5.ª Série da

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

★

Próximas publicações:

CHARLES FREDERICK HARTT: *Geologia e Geografia Fisica do Brasil* — Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Prefacio de Edgard Roquette-Pinto. Notas de Oliveira Roxo.

GUSTAVO BARROSO: *O Brasil na lenda e na cartografia antiga.*

AFONSO DE E. TAUNAY: *Rio de Janeiro de Antanho* — Imp. de Viajant. estrangeiros.

D. P. KIDDER e J. FLETCHER: *O Brasil e os Brasileiros* (Esboço historico e descritivo) — Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti.

FELIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE MELO: *Memorias de um Cavalcanti* — Introdução de Gilberto Freire.

HENRY WALTER BATES: *Um Naturalista no Rio Amazonas* — Edição ilustrada.

KARL VON DEN STEINEN: *O Brasil Central* — Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingú. Edição ilustrada — Tradução de Catarina B. Canabrava.

C. MELLO-LEITÃO: *Historia das Explorações Cientificas no Brasil; Manuel de Arruda Camara — O Sabio e o Patriota.*

DR. MAX SCHMIDT: *Estudos de etnologia brasileira* — Tradução de Catarina B. Canabrava. — Edição ilustrada.

HENRY KOSTER: *Viagens no Nordeste Brasileiro* — Tradução de Luiz da Camara Cascudo.

GEORGE GARDNER: *Viagens no Interior do Brasil* (1836-1841) — Trad. de O. Lessa.

P. M. NETSCHER: *Os Holandeses no Brasil* — Tradução de Mario Sette.

HENRI COUDREAU: *Viagem ao Rio Tapajós* — Anotações de Raimundo Pereira Brasil — Trad. de A. de Miranda Bastos.

ANDRE' THEVET — *Singularidades da França Antartica* — Tradução e Notas de Estevão Pinto.

CEL. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES: *Pelos Sertões do Brasil* — 2.ª edição ilustrada.

WILHELM SCHMIDT: *Etnologia Sul-Americana* — Circulos Culturais e Extratos Culturais na America do Sul — Edição Ilustrada — Tradução de Sergio Buarque de Holanda.

EDIÇÕES DA

Companhia Editora Nacional

SÃO PAULO